

JULIE GARWOOD

Autora best-seller do *The New York Times*

A woman with long, wavy blonde hair is leaning against a rough stone wall. She is wearing a historical-style dress with a white lace bodice and a brown skirt. She is looking off to the side with a slight smile. The background is a blurred outdoor scene with trees.

Um amor para LADY JOHANNA

Uma jovem viúva, um guerreiro sedutor e uma paixão avassaladora

UNIVERSO DOS LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Um Amor Para Lady Johanna

Julie Garwood

Este
Livro
faz

parte
do
Projeto_Romances,
sem
fins
lucrativos
e
de
fãs
para
fãs.
A
comercialização
deste
produto
é
estritamente
proibida.

Indice

[Sinopse](#)

graph-definition>

[Prólogo](#)

graph-definition>

[Capítulo 1](#)

graph-definition>

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

graph-definition>

[Capítulo 5](#)

graph-definition>

[Capítulo 6](#)

graph-definition>

[Capítulo 7](#)

graph-definition>

[Capítulo 8](#)

graph-definition>

[Capítulo 9](#)

graph-definition>

[Capítulo 10](#)

graph-definition>

[Capítulo 11](#)

graph-definition>

[Capítulo 12](#)

graph-definition>

[Capítulo 13](#)

graph-definition>

[Capítulo 14](#)

graph-definition>

[Capítulo 15](#)

graph-definition>

[Capítulo 16](#)

graph-definition>

[Capítulo 17](#)

graph-definition>

[Capítulo 18](#)

graph-definition>

[Capítulo 19](#)

graph-definition>

[Capítulo 20](#)

graph-definition>

Sinopse

Uma jovem viúva. Um guerreiro escocês fascinante. Duas vidas transformadas pelo amor e por uma paixão avassaladora. Quando Lady Johanna soube que estava viúva, ela prometeu que jamais se casaria novamente. Com apenas dezesseis anos, ela já possuía uma força de vontade que impressionava a todos que enxergavam além de sua beleza avassaladora. Contudo, quando o Rei John ordenou que ela se casasse outra vez – e selecionou um noivo para ela – pareceu que a moça deveria se conformar com esse destino. Seu irmão, no entanto, sugere ao Rei um novo pretendente: o belo guerreiro escocês Gabriel MacBain. No início, Johanna estava tímida, mas, conforme Gabriel revelou com ternura os prazeres magníficos a serem compartilhados, ela começou a suspeitar

que estava se apaixonando por seu novo e rude marido. Logo ficou claro para todo o clã das Terras Altas, portanto, que o ríspido e galante lorde rendera completamente seu coração. Porém, a iminência de uma intriga da realeza ameaça separar o casal e destruir o homem que ensinou a Johanna o significado do verdadeiro amor, que a transportou além de seus sonhos mais selvagens.

— Santo bispo Hallwick, poderia nos explicar as hierarquias no Céu e na terra? Quem é mais valioso aos olhos de Deus? — perguntou o estudante.

— Não estão acaso primeiro os apóstolos na Graça de Deus? — perguntou o segundo estudante.

— Não. — respondeu o sábio bispo — O arcanjo Gabriel, protetor das mulheres e das crianças, o defensor dos inocentes, está acima de todos.

— E em seguida, quem? — perguntou o primeiro estudante.

— Todos os outros anjos, é obvio — respondeu o bispo — depois vêm os apóstolos, com Pedro a frente dos doze, depois os profetas e os fazedores de milagres, e os bons professores da palavra de Deus na Terra. Os outros Santos são os últimos na hierarquia do Céu.

— Mas, quem é o mais importante na Terra, bispo Hallwick? Quem é o mais abençoado por Deus aqui?

— O homem. — foi a resposta imediata — E o mais elevado e importante entre os homens é nosso Santo Padre.

Os dois estudantes fizeram gestos afirmativos. Thomas, o mais velho dos dois jovens, encarapitado sobre o muro de pedra, fora do santuário, inclinou-se para frente com expressão de intensa concentração.

— Continuando; no amor de Deus, seguem os cardeais, e logo os outros homens consagrados a Deus — interveio.

— Sim — admitiu o bispo, satisfeito com a dedução do discípulo.

— E quem o segue em importância? — perguntou o segundo jovem.

— Os que governam os reinos terrestres, certamente — explicou o bispo. Sentou-se no centro do banco de madeira, estendeu suas vestes de profusos adornos, e acrescentou — Os mais amados por Deus são aqueles chefes que aumentam os tesouros da Igreja, mais que os que acumulam ouro para seu

próprio benefício.

Outros três jovens se aproximaram para ouvir as palavras do santo líder e se sentaram aos pés do bispo formando um semicírculo.

— Logo estão os homens casados e depois os solteiros? — perguntou Thomas.

— Sim — respondeu o bispo — E estes estão na mesma posição que os mercadores e os comissários, e acima dos servos da gleba.

— E quem os segue, bispo? — perguntou o segundo estudante.

— Os animais, começando pelo cão, o mais leal ao homem — respondeu o bispo — e concluindo com o estúpido boi. E acredito que já lhes enunciei a hierarquia completa, para que a ensinem a seus discípulos quando forem ordenados homens de Deus.

Thomas sacudiu a cabeça.

— Bispo Hallwick, esqueceu-se das mulheres. Onde se situam no amor de Deus?

Refletindo sobre a pergunta, o bispo esfregou a testa.

— Não as esqueci — disse por fim — São as últimas no amor de Deus.

— Abaixo dos torpes bois? — perguntou o segundo estudante.

— Sim, abaixo dos bois.

Os três jovens sentados sobre o chão apressaram-se a assentir.

— Bispo — disse Thomas.

— O que, meu filho?

— O que você enunciou, é a hierarquia de Deus ou a da Igreja?

A pergunta scandalizou o bispo: soou-lhe como blasfêmia.

— É o mesmo, certo?

Muitos dos homens que viviam naqueles tempos estavam

convencidos de que a Igreja interpretava fielmente as idéias de Deus.

Mas algumas mulheres sabiam que não era verdade. Esta é a história de uma delas.

Capítulo 1

Inglaterra. 1206

A notícia a destruiria.

Kelmet, o fiel mordomo, que estava responsável pela casa desde que o barão Raulf Williamson teve que sair às pressas da Inglaterra para ocupar-se dos assuntos pessoais do rei, tinha a responsabilidade de dar a terrível notícia à senhora. O serviçal não demorou a fazê-lo, pois imaginou que lady Johanna gostaria de interrogar os dois mensageiros antes que retornassem a Londres, caso estivesse em condições de falar com alguém depois de saber do ocorrido com seu bem amado esposo.

Sim, tinha que dizer à gentil senhora o quanto antes. Kelmet era muito consciente de seu dever e embora estivesse ansioso para acabar com isso de uma vez, arrastou os pés como se estivesse atolado até os joelhos enquanto se encaminhava para a capela recém construída onde lady Johanna se entregava às preces vespertinas.

O padre Peter MacKechnie, um clérigo que provinha da propriedade MacLaurin, nas Highlands, as terras montanhosas da Escócia, subia pela plataforma do pátio inferior quando Kelmet o viu. O criado soltou um suspiro de alívio e logo elevou a voz para chamar o sacerdote de semblante severo.

— Necessito seus serviços, MacKechnie — gritou Kelmet, para fazer-se ouvir acima do barulho do vento.

O sacerdote assentiu e franziu o cenho. Ainda não tinha perdoado o mordomo pela sua conduta ofensiva de dois dias antes.

— Quer que ouça sua confissão? — gritou o padre, dando um toque zombeteiro a seu pronunciado acento escocês.

— Não, padre.

MacKechnie meneou a cabeça.

— Tem uma alma negra, Kelmet.

Sem dar importância à ironia, Kelmet esperou paciente, que o escocês de cabelo escuro chegasse junto a ele. Percebeu a zombaria nos olhos do sacerdote e compreendeu que o estava provocando.

— Há um assunto muito mais importante que minha confissão. — começou Kelmet — Acabo de saber...

O clérigo não o deixou terminar a explicação.

— Hoje é Sexta-feira Santa. — o interrompeu — Não há nada mais importante que isso. Na manhã de Páscoa não te darei a comunhão se hoje não confessa teus pecados e pede perdão a Deus. Kelmet, poderia começar pelo desagradável pecado da grosseria. Sim, esse seria um bom começo.

Kelmet se conteve.

— Padre, eu pedi perdão, mas vejo que você não me perdoou.

— Com efeito, não o perdoei.

O mordomo franziu o semblante.

— Como já lhe expliquei ontem e antes de ontem, não permiti sua entrada no castelo por ordens explícitas do barão Raulf de não deixar ninguém entrar durante sua ausência. Disse-me que inclusive impedisse a entrada de Nicholas, o irmão de lady Johanna, se viesse visitá-la. Padre, tente compreender-me. Sou o terceiro mordomo aqui em menos de um ano, e o único que pretendo é manter meu posto mais tempo que os outros.

MacKechnie bufou. Ainda não estava satisfeito com as provocações ao mordomo.

— Se lady Johanna não tivesse intercedido, eu ainda estaria esperando lá fora, não é mesmo?

Kelmet assentiu.

— Sim. — admitiu. — A menos que você desistisse e retornasse ao

seu país.

— Não irei a lugar algum até ter falado com o barão Raulf e o ter informado dos estragos que seu vassalo está causando nas terras MacLaurin. Kelmet, ele está matando inocentes e acredito que o barão não tem idéia do malvado e ambicioso de poder que esse homem, Marshall, mostrou ser. Acredito que o barão Raulf é um homem honrado e espero que seja verdade, pois terá que pôr fim a estas atrocidades o mais breve possível. Alguns dos soldados MacLaurin até recorreram ao bastardo MacBain em busca de ajuda. Uma vez que lhe tenham prometido lealdade e o nomearem seu lorde, se desencadeará um inferno. MacBain irá à guerra contra Marshall e contra qualquer outro inglês que pretenda apoderar-se das terras MacLaurin. O guerreiro das Highlands não está alheio à fúria e à vingança, e aposto minha alma de que até a pele do próprio barão Raulf estará em perigo quando MacBain comprovar a devastação que os infíeis enviados pelo barão estão perpetrando às terras MacLaurin.

Embora Kelmet não se visse afetado de forma pessoal pelo conflito dos escoceses, o relato do sacerdote o deteve. Além disso, sem pretender, o clérigo o ajudava a adiar a temida tarefa que lhe aguardava. "Não acontecerá nada se me demoro uns minutos mais", pensou Kelmet.

— Acaso insinua você que esse guerreiro MacBain viria à Inglaterra?

— Não insinuo. — replicou o sacerdote — Afirmo. O barão não terá a menor noção de que chegou até que sinta a lâmina de MacBain no pescoço. Claro que então será tarde.

O mordomo moveu a cabeça.

— Os soldados do barão Raulf o matarão antes que se aproxime da ponte elevadiça.

— Não terão tempo — afirmou MacKechie, convencido.

— Segundo você, esse guerreiro é invencível.

— Acredito que é. Na verdade, nunca conheci outro semelhante. Não o assustarei contando as histórias que escutei a respeito de MacBain; basta dizer que não o agradaria que a fúria desse guerreiro se abatesse sobre esta propriedade.

— Padre, nada disso importa agora — murmurou Kelmet em tom

aflito.

— Oh, claro que importa. — respondeu o sacerdote — Esperarei o tempo que for necessário para ver o barão. O assunto é muito grave para se deixar levar pela impaciência.

O padre MacKechnie fez uma pausa para controlar-se. Sabia que o assunto MacLaurin não dizia respeito ao mordomo, mas assim que começou a explicar, toda a cólera que tinha ocultado em seu interior explodiu e não pôde manter a voz calma. Mudou de assunto, tentando falar em tom mais sereno.

— Kelmet, continua sendo um pecador, com a alma de um macaco velho, mas é honesto, pois tenta cumprir seu dever. Deus recordará isso no Dia do Juízo Final, quando se apresentar diante Dele. Se não quer que ouça sua confissão agora, o que é que necessita de mim?

— Necessito que me ajude com lady Johanna, padre. Acabo de receber uma mensagem do rei John.

— Sim?— insistiu o padre MacKechnie ao ver que Kelmet não continuava com a explicação.

— O barão Raulf morreu.

— Bom Deus do Céu, não pode ser!

— É verdade, padre.

MacKechnie soltou uma exclamação abafada e fez o sinal da cruz. Inclinou a cabeça, uniu as mãos e murmurou uma prece pela alma do barão.

O vento fez esvoaçar a barra da batina negra do padre, mas MacKechnie estava muito concentrado nas preces e não notou. Kelmet ergueu o olhar para o céu. Havia nuvens negras, saturadas, empurradas por um vento persistente que uivava. O som da tormenta que se aproximava era fantasmagórico, ameaçador... enlouquecido.

O sacerdote concluiu a prece, fez o sinal da cruz outra vez e voltou a prestar atenção ao mordomo.

— Por que não me disse isso logo? Por que me deixou continuar falando? Tinha que ter me interrompido. Meu Deus, o que acontecerá agora com MacLaurin?

Kelmet sacudiu a cabeça.

— Padre, não sei o que dizer a respeito das propriedades do barão nas Highlands.

— Tinha que ter me informado imediatamente — repetiu o padre, ainda impressionado pelas notícias sombrias.

— Alguns minutos não mudam nada. — replicou Kelmet — E talvez estivesse tentando adiar minha obrigação enquanto conversava com você. Tenho o dever de informar lady Johanna, e apreciaria muito sua ajuda, sabe? Minha senhora é muito jovem, ignora o que são as traições. Isso destruirá seu coração.

MacKechnie assentiu.

— Faz só dois dias que conheço sua senhora, mas já compreendi que tem um temperamento doce e um coração puro. Contudo, não sei se poderei ser de grande ajuda: acho que a amedronto.

— Teme quase todos os sacerdotes, padre: tem bons motivos.

— Que motivos?

— O bispo Hallwick é seu confessor.

O padre MacKechnie franziu o cenho.

— Não é necessário que acrescente nenhuma palavra. — murmurou, aborrecido — A reputação de malvado de Hallwick é bem conhecida, inclusive nas Highlands. Não me surpreende que a moça o tema. O que me espanta é que tenha vindo em meu socorro e insistido que me permitisse entrar, Kelmet. Agora entendo que precisava coragem para isso... Pobre moça! — acrescentou, suspirando — Não merece a dor de perder seu bem amado esposo em tão tenra idade. Há quanto tempo que estava casada com o barão?

— Mais de três anos. Quando se casou, lady Johanna era pouco mais que uma menina. Padre, por favor, venha comigo à capela.

— É claro.

Os dois homens caminharam juntos. Quando Kelmet voltou a falar, o fez em tom vacilante.

— Sei que não acharei as palavras apropriadas. Não sei muito bem como dizê-lo.

— De maneira direta. — aconselhou o clérigo — A jovem agradecerá. Não a obrigue a adivinhar dando indícios. Talvez fosse útil procurar uma mulher para consolar à senhora. Sem dúvida, lady Johanna necessitará da compaixão de outra mulher, além da nossa.

— Não me ocorre a quem pedir. — admitiu Kelmet —. Um dia antes de partir, o barão Raulf trocou outra vez todos os serviçais da casa. Minha senhora conhece apenas os nomes dos serviçais: houve tantos... Nos últimos tempos, minha senhora se mantém isolada. — acrescentou — É muito bondosa, padre, mas não se aproxima dos serviçais e só confia em si mesma. Para dizer a verdade, não tem ninguém em quem apoiar-se.

— Quanto tempo faz que o barão Raulf partiu?

— Quase seis meses.

— E em todo este tempo lady Johanna não travou relação com ninguém?

— Não, padre. Não confia em ninguém, nem no mordomo — disse Kelmet, indicando a si mesmo. — O barão disse que só ficaria ausente uma ou duas semanas e, em consequência, estivemos esperando sua volta todos os dias.

— Como morreu?

— Pisou em falso e caiu em um precipício. — O mordomo sacudiu a cabeça — Estou certo de que deve haver outra explicação, pois o barão não era um homem inepto. Talvez o rei diga alguma coisa à lady Johanna.

— Então, trata-se de um estranho acidente — concluiu o sacerdote —. Que se cumpra a vontade de Deus — apressou-se a acrescentar.

— Poderia ter sido trabalho do demônio — murmurou Kelmet.

MacKechnie se absteve de fazer comentários a respeito.

— Sem dúvida, lady Johanna voltará a casar-se. — disse, enfatizando a afirmação com um gesto — Receberá uma pródiga herança, não é mesmo?

— A terça parte das terras do marido. Ouvi dizer que são vastas — disse Kelmet.

— É possível que uma delas seja a terra MacLaurin que o rei John arrebatou do rei escocês e entregou ao barão Raulf?

— É possível — admitiu Kelmet.

MacKechnie reservou essa informação para um possível uso no futuro.

— Imagino que todos os barões solteiros da Inglaterra vão querer casar-se com sua senhora, com esses cabelos dourados e esses lindos olhos azuis. É muito bela e, embora seja pecado que eu o diga, confesso que me comovi ao vê-la. Sua aparência poderia subjugar um homem, ainda que não tivesse as propriedades que agora possui.

Chegaram aos estreitos degraus que conduziam às portas da capela no instante em que o sacerdote concluía suas observações.

— Efetivamente, é muito bela. — admitiu o mordomo — Vi homens adultos ficarem de boca aberta ao vê-la. Certamente, os barões vão querê-la — acrescentou — mas não para casar-se com ela.

— Isso é absurdo!

— É estéril — disse Kelmet.

O sacerdote arregalou os olhos.

— Bom Deus! — murmurou.

Baixou a cabeça, fez o sinal da cruz e pronunciou uma prece pela desgraça da jovem dama.

Lady Johanna também rezava. De pé diante do altar, recitava uma oração pedindo orientação.

Estava decidida a fazer o correto. Tinha nas mãos um rolo de pergaminho e quando terminou a prece a Deus, envolveu o rolo em um tecido de linho que já tinha estendido sobre a superfície de mármore.

Pensou uma vez mais em destruir a evidência que condenava o rei, mas fez um gesto negativo com a cabeça. Algum dia, alguém acharia o rolo e embora só um homem conhecesse a verdade sobre o malvado rei que uma vez tinha governado a Inglaterra, então talvez pudesse obter justiça até certo ponto.

Johanna colocou o rolo entre duas placas de mármore, sob a tampa do altar. Certificou-se de que ficasse oculto à vista e protegido de qualquer possível estrago. Logo, elevou outra breve prece, fez uma genuflexão e caminhou pela nave lateral. Abriu a porta para sair.

Imediatamente, a conversa entre o padre MacKechnie e Kelmet se interrompeu.

Ver lady Johanna continuava afetando o sacerdote, e aceitou sem o menor vislumbre de culpa. MacKechnie não achava que estava preso nas garras da luxúria porque admirava o brilho do cabelo da jovem ou contemplava mais do que o necessário esse rosto encantador. Para ele, Johanna era outra das criaturas de Deus, certamente um exemplo magnífico da habilidade do Senhor para criar a perfeição.

Johanna era saxã da cabeça aos pés, com as maçãs do rosto salientes e os cabelos e a tez clara. Era um pouco mais baixa que outras mulheres, pois tinha estatura média, mas parecia alta por sua postura ereta.

"Sim, — pensou o sacerdote — agrada-me a aparência desta jovem e estou certo de que também deve agradar a Deus, pois na verdade possui um coração terno e bondoso".

MacKechnie que era um homem bondoso: sofria pelo golpe cruel que receberia a dama. Naquele reino, uma mulher estéril não tinha utilidade alguma. Tinham-lhe arrebatado o único propósito de sua existência. Com toda certeza, a razão pela qual nunca a viu sorrir era a consciência de sua própria inferioridade.

E estavam a ponto de infringir-lhe outro duro golpe.

— Milady, posso falar algumas palavras a você? — perguntou Kelmet.

O tom do mordomo indicou a jovem que algo ruim acontecia. Nos olhos de Johanna apareceu uma expressão cautelosa, e apertou os punhos na cintura. Assentiu e se voltou com lentidão para entrar outra vez na capela.

Os dois homens a seguiram. Ao chegar ao centro da nave lateral, entre as filas de assentos de madeira, lady Johanna se voltou para enfrentá-los. O altar estava detrás dela. Só quatro velas iluminavam a capela. As chamas tremeluziam dentro dos globos de cristal colocados a distância de um palmo entre si sobre a superfície do altar de mármore.

Lady Johanna ergueu os ombros, juntou as mãos e olhou com firmeza para o mordomo. Era possível observar que se preparava para receber más notícias. Sua voz foi um suave sussurro despojado de toda emoção.

— Acaso meu marido retornou a casa?

— Não, milady — respondeu Kelmet. Lançou um olhar ao sacerdote, recebeu um gesto de incentivo e por fim disse — Acabam de chegar dois mensageiros de Londres. Trazem uma terrível notícia: seu marido morreu.

Depois do anúncio, fez-se um minuto de silêncio. Kelmet começou a retorcer as mãos, esperando que assimilasse a notícia. A senhora não dava sinais de nenhuma reação visível e começou a temer que não tivesse compreendido o que acabava de lhe dizer.

— É verdade, milady. O barão Raulf está morto — repetiu em um sussurro rouco.

Não houve reação. O sacerdote e o criado trocaram um olhar preocupado e em seguida olharam outra vez para lady Johanna.

De repente, os olhos da jovem se encheram de lágrimas e o padre MacKechnie quase deixou escapar um suspiro de alívio: tinha compreendido.

Esperou que chegasse a negação, pois ao longo de muitos anos consolando os parentes, comprovou que a maioria das pessoas tentava enganar-se negando a verdade.

A negação de Johanna foi rápida e violenta:

— Não! — gritou. Sacudiu a cabeça com tanta força que a larga trança ficou sobre o ombro — Não escutarei esta mentira. Não.

— Kelmet disse a verdade — insistiu o padre MacKechnie em voz baixa e serena.

Johanna lhe dirigiu um gesto negativo.

— Deve ser um engano. Não é possível que esteja morto. Kelmet, você tem que averiguar a verdade. Quem disse essa mentira?

O sacerdote se adiantou e rodeou com o braço à angustiada mulher. A angústia que vibrava na voz da jovem lhe deu vontade de chorar também. Não aceitou o consolo. Retrocedeu e, com as mãos apertadas entre si, perguntou:

— É acaso uma brincadeira cruel?

— Não, milady. — respondeu Kelmet — Foi o próprio rei John quem enviou a mensagem. Houve uma testemunha: o barão está morto.

— Que Deus guarde sua alma — falou o sacerdote.

Lady Johanna rompeu a chorar. Os dois homens se aproximaram, mas a jovem voltou a retroceder e deu-lhes as costas. Ajoelhou-se, cruzou os braços sobre o ventre e se dobrou como se tivesse recebido um golpe.

Os soluços de Johanna partiam o coração. Os dois homens deixaram que desse curso a sua desolação durante um longo momento e quando por fim Johanna pôde recuperar-se um pouco e os soluços começaram a diminuir, o clérigo apoiou a mão em seu ombro e murmurou palavras de consolo.

Johanna não lhe afastou a mão e MacKechnie viu como pouco a pouco recuperava a dignidade. Inspirou profundamente para acalmar-se, enxugou o rosto com o lenço de linho que o sacerdote lhe entregou e permitiu que a ajudasse a levantar.

Sem erguer a cabeça, falou-lhes:

— Eu gostaria de ficar sozinha agora. Devo... rezar.

Não esperou que se fossem, mas voltou-se e caminhou até o primeiro banco da capela. Ajoelhou-se sobre o genuflexório forrado de couro e fez o sinal da cruz, indicando o início de suas preces.

O sacerdote saiu primeiro e Kelmet o seguiu. Ia fechar a porta quando a senhora o chamou:

— Jure, Kelmet! Jure sobre o túmulo de seu pai que meu marido está morto.

— Juro, milady.

O mordomo esperou alguns minutos para ver se a senhora queria outra coisa, e em seguida fechou a porta.

Johanna contemplou o altar durante um longo momento. Sua mente era um torvelinho de idéias e emoções.

Estava muito impressionada para pensar com clareza.

— Devo rezar — murmurou —. Meu marido está morto. Tenho que rezar.

Fechou os olhos, uniu as mãos e por fim começou a rezar. Foi uma súplica simples e direta, que lhe saía do coração: — Obrigado, Deus. Obrigado, Deus. Obrigado, Deus.

Capítulo 2

As montanhas de Escócia. 1207

Era evidente que o barão queria morrer e o lorde lhe daria o gosto.

Através de uma intrincada selva de rumores lorde MacBain ouviu dizer que o barão Nicholas Sanders estava cobrindo o último lance das colinas do feudo MacLaurin. O inglês não era um estranho: de fato, tinha lutado junto com MacBain durante a última batalha feroz contra os infiéis ingleses que se apoderaram das terras MacLaurin. Depois da batalha, MacBain se converteu em lorde, chefe tanto de seus próprios seguidores como dos do clã MacLaurin; nesse caráter, decidiu permitir que Nicholas ficasse o tempo suficiente para recuperar-se dos ferimentos graves que sofreu. MacBain observou que tinha sido muito atencioso, muito generoso e por boas razões. Por mais que o barão Nicholas o exasperasse, reconhecia que durante a batalha lhe salvou a vida. O lorde era um homem orgulhoso: era difícil, quase impossível agradecer com palavras e, em consequência, para demonstrar o quanto valorizava que o tivesse salvado de uma espada inglesa apontada a suas costas, MacBain não deixou que Nicholas sangrasse até morrer. Não havia entre eles ninguém com experiência na arte de curar e o próprio MacBain limpou e enfaixou as feridas do barão. A generosidade do lorde não terminou ali, ainda que sentisse que tinha saldado a dívida com

juros. Quando Nicholas estava forte o bastante para viajar, MacBain lhe devolveu seu magnífico cavalo e lhe deu um de seus próprios mantos escoceses de lã com as cores do clã MacBain: usando-o teria caminho livre em sua volta para a Inglaterra. Nenhum outro clã se atreveria a tocar num MacBain, de modo que na verdade o objeto constituía uma proteção melhor que uma armadura.

Sim, certamente que tinha sido hospitaleiro e pelo jeito o barão estava decidido a aproveitar-se de sua generosidade.

Maldição, teria que matar esse homem!

Somente uma idéia brilhante impedia que seu ânimo se azedasse completamente: desta vez, ficaria com o cavalo de Nicholas.

— MacBain, se alimentar um lobo uma vez, voltará cada vez que sinta o cheiro da comida.

O braço direito de MacBain, um guerreiro loiro de ombros largos chamado Calum, foi quem fez o comentário em tom desdenhoso. Mas o brilho de seus olhos mostrava que a chegada do barão o divertia.

— O matará?

MacBain pensou um momento antes de responder.

— Talvez. — Imprimiu a sua voz um tom deliberadamente despreocupado.

Calum riu.

— O barão Nicholas deve ser valente para vir aqui.

— Valente não — corrigiu MacBain — Tolo.

— MacBain, efetivamente, ele está subindo a última colina e está usando seu manto. — anunciou aos berros Keith, o maior dos guerreiros MacLaurin enquanto entrava pavoneando-se pela porta.

— Quer que o traga para dentro? — perguntou Calum.

— Dentro? — soprou Keith — Calum, estamos mais fora que dentro. O teto se incendiou, e só estão em pé três das quatro paredes. Eu diria que já estamos fora.

— Os ingleses fizeram isto. — recordou Calum a seu lorde —
Nicholas...

— Ele veio aqui para livrar o feudo dos MacLaurin dos infieis. —
recordou MacBain a seu soldado — Nicholas não participou da destruição.

— Mesmo assim, é inglês.

— Não me esqueci disso. — afastou-se do suporte da chaminé onde estava apoiado, murmurou um palavrão quando um pedaço de madeira caiu com estrépito sobre o chão e saiu. Calum e Keith o seguiram e se postaram de ambos os lados do líder, ao pé da escada.

MacBain ultrapassava a seus soldados. Era um homem gigantesco, de aspecto e temperamento ferozes, cabelo castanho escuro e olhos cinza. Parecia rude e até sua postura era agressiva: as pernas separadas, os braços cruzados sobre o peito sólido, o semblante sombrio. Assim que seu cavalo chegou ao topo da colina, o barão Nicholas divisou o lorde: MacBain parecia furioso. Nicholas recordou que isso era habitual nele, mas desta vez o semblante era tão hostil para fazer o barão vacilar. "Devo estar louco", murmurou para si. Inspirou profundamente e soltou um assobio agudo como saudação. Por via das dúvidas, sorriu e elevou o punho no ar.

A MacBain não impressionaram os modos do barão. Esperou até que Nicholas chegasse ao centro do pátio deserto e elevou a mão indicando que se detivesse.

— Barão, acreditei ter sido muito claro: disse que não voltasse aqui.

— Sim, certamente, disse-me que não retornasse. — admitiu Nicholas — Lembro-me.

— Também lembra que disse que se voltasse a pôr os pés em minhas terras te mataria?

Nicholas assentiu.

— Tenho boa memória para detalhes, MacBain, lembro dessa ameaça.

— Então, isto é um franco desafio.

— A conclusão é por sua conta — respondeu Nicholas com um

encolhimento de ombros.

MacBain ficou confuso diante do sorriso de Nicholas: acaso pensaria que estavam brincando? Seria imbecil?

Deixou escapar um longo suspiro.

— Nicholas, tire meu manto.

— Por quê?

— Não quero que o manche com seu sangue.

A voz tremia de fúria e Nicholas desejou que fosse somente uma bravata. Considerava-se tão forte e musculoso quanto o lorde e igualmente alto, mas não queria brigar com esse homem. Se o matasse, o plano fracassaria, e se o lorde o matasse, jamais poderia demonstrar o efetivo desse plano até que fosse tarde demais. Além disso, MacBain era muito mais rápido na batalha e também não brigava limpo, coisa que impressionava a Nicholas.

— Sim, o manto é teu. — gritou ao bárbaro — Entretanto, MacBain, agora estas terras pertencem a minha irmã.

A carranca de MacBain se aprofundou: não lhe agradou ouvir a verdade. Deu um passo adiante e tirou a espada da bainha que levava na cintura.

— Demônios! — murmurou Nicholas, passando uma perna por cima do cavalo desmontando — MacBain, com você nada é fácil! Não é?

Não esperava uma resposta e não a obteve. Tirou a túnica que usava dobrada sobre um ombro como uma bandeira, jogou-a sobre a sela do cavalo e pegou sua própria espada. Um dos guerreiros MacLaurin se apressou a afastar o cavalo. Nicholas não lhe deu atenção e tampouco às pessoas que começaram a agrupar-se em um círculo em volta do pátio. Estava completamente concentrado no adversário.

— Foi seu cunhado que destruiu este feudo e a metade do clã MacLaurin! —vociferou MacBain — E já estou farto da sua presença.

Os dois gigantes se mediram com o olhar. Nicholas sacudiu a cabeça.

— Coloquemos as coisas em seu lugar, MacBain: quem enviou o infiel Marshall e a seus seguidores para apropriar-se deste lugar foi o marido de

minha irmã, o barão Raulf; mas quando Raulf morreu e minha irmã ficou livre de seu controle, enviou-me aqui para que livrasse estas terras dos vassalos traidores. Minha irmã é proprietária deste feudo, MacBain. Seu rei, William, o Leão, esqueceu de recuperá-lo das mãos de Ricardo quando esse bom homem foi rei da Inglaterra e precisava com urgência recursos para as cruzadas, mas John nunca esqueceu o acontecido. Outorgou estas terras a Raulf, seu fiel servo, e agora que está morto, Johanna herdou-as. Goste você ou não, estas terras são de minha irmã.

Os dois guerreiros ficaram furiosos ao remexer antigas ofensas. Lançaram-se um sobre o outro como touros: o choque das duas poderosas espadas fez saltar faíscas azuis e o ruído foi ensurdecedor. O eco se propagou pelas colinas, abafando as exclamações de aprovação da multidão.

Nenhum dos dois guerreiros disse uma palavra por pelo menos vinte minutos, pois a briga lhes consumia toda a energia e a concentração que possuíam. Nesta briga, o agressor era MacBain e Nicholas se defendia, detendo as estocadas mortais do adversário.

Tanto os guerreiros MacBain quanto os soldados MacLaurin estavam entusiasmados com o espetáculo. Alguns murmuravam elogios pelos rápidos movimentos do inglês, pois para eles, Nicholas já tinha demonstrado uma destreza incomparável somente pelo feito de manter-se vivo tanto tempo.

De repente, MacBain girou e fez o barão tropeçar. Nicholas caiu para trás, girou e se levantou com a velocidade de um gato, antes que o lorde pudesse aproveitar a vantagem.

— Não é muito hospitaleiro — ofegou Nicholas.

MacBain sorriu. Poderia ter finalizado quando Nicholas caiu para trás, mas na verdade, admitiu para si mesmo, não estava com o coração na briga.

— Nicholas, minha curiosidade salvou tua vida — afirmou MacBain, com o fôlego agitado. Tinha a testa coberta de suor e riscou com a espada um amplo arco para baixo.

Nicholas saiu ao encontro do vigoroso golpe com sua própria espada.

— MacBain, você goste ou não, estaremos aparentados.

O lorde levou um momento para compreender esta última afirmação.

— Barão, como pode ser? — perguntou, sem interromper o ataque.

— Seremos cunhados.

MacBain não tratou de ocultar o assombro que lhe provocou a absurda e louca afirmação. Retrocedeu um passo e baixou lentamente a espada.

— Nicholas, ficou completamente louco?

O barão riu e colocou a espada de lado.

— MacBain, parece que engoliu a espada.

Depois deste comentário, jogou-se de cabeça contra o peito do lorde e sentiu como se tivesse se chocado contra uma parede de pedra. O golpe doeu, mas resultou efetivo. MacBain deixou escapar um grunhido surdo e os dois guerreiros caíram para trás. MacBain soltou a espada. Nicholas caiu escarrapachado sobre o lorde. Estava tão exausto que não podia mover-se e muito dolorido. MacBain o afastou, ficou de joelhos e quando ia voltar a empunhar a espada mudou de idéia e voltou-se com lentidão para Nicholas.

— Casar-me com uma inglesa?

Pareceu horrorizado. Além disso, estava sem fôlego. Isto agradou sobremaneira a Nicholas: assim que ele mesmo recuperasse o fôlego, se gabaria de ter cansado o lorde.

MacBain se levantou e fez Nicholas levantar. Deu-lhe um empurrão para que não acreditasse que tinha tido um gesto amável; cruzou os braços sobre o peito e se dispôs a esperar uma explicação.

— E com quem supõe que me casarei?

— Com minha irmã.

— Está louco.

Nicholas negou com a cabeça.

— Se não casar com ela, o rei John a dará ao barão Williams. É

um filho da mãe. — adicionou em tom alegre — E se isso acontecer, que Deus o ajude, MacBain. Se Williams se casar com minha irmã, os homens que ele enviar farão com que os de Marshall pareçam cordeiros.

O lorde não se alterou. Nicholas esfregou a nuca para aliviar a ardência antes de continuar.

— É provável que mate a qualquer um que Williams envie.

— Certamente o farei — afirmou MacBain.

— E então, Williams se vingará enviando cada vez mais homens. Pode enfrentar uma guerra permanente contra a Inglaterra? Quantos MacLaurin mais morreriam antes que isto terminasse? Olhe ao redor, MacBain: Marshall e seus homens destruíram quase todas as edificações. Os MacLaurin recorreram a você e lhe fizeram seu lorde, dependem de você. Se casar com Johanna, a terra será sua propriedade legal e o rei John o deixará em paz.

— O rei aprova esta união?

— Sim — respondeu Nicholas, com ênfase.

— Por quê?

Nicholas se encolheu de ombros.

— Não sei. Tudo o que sei é que quer que Johanna saia da Inglaterra: disse em repetidas ocasiões. Está impaciente para que se realize este casamento e aceitou lhe dar as terras MacLaurin no dia do casamento. Eu receberei o título de propriedade de minha irmã na Inglaterra.

— Por quê? — voltou a perguntar MacBain.

Nicholas suspirou.

— Acredito que minha irmã sabe por que John deseja que saia do país: o rei diz que este lugar é o fim do mundo. Mas Johanna não me contou o motivo.

— De modo que você também se beneficiaria com o casamento.

— Eu não desejo as terras da Inglaterra. — respondeu o barão — Só representariam mais impostos a cada ano, e já tenho bastante reconstruindo minhas propriedades.

— Então, por que pede que sua irmã...?

Nicholas não o deixou terminar:

— John entende a cobiça. — o interrompeu — Se o rei acreditasse que eu só queria proteger minha irmã do barão Williams, rechaçaria minha sugestão de casá-la com você. É obvio que exigiu uma enorme compensação, mas eu já paguei.

— Barão, se contradiz. Se o rei John não quer que Johanna fique na Inglaterra, por que ia querer casá-la com o barão Williams?

— Porque Williams lhe é muito fiel: é seu cão mulherengo. Teria minha irmã sob controle. — Nicholas sacudiu a cabeça e murmurou—: Minha irmã está inteirada de certa informação secreta, e John não deseja que seus antigos pecados o ameacem. É verdade que Johanna não poderia testemunhar perante uma corte contra nenhum homem, nem sequer contra o rei porque é mulher e, portanto, nenhum juiz a escutaria. Mas há barões dispostos a rebelar-se contra o rei e seria provável que Johanna acendesse a chama da rebelião se dissesse o que sabe. É um enigma, MacBain, mas quanto mais penso, mais me convenço de que o rei na verdade teme essa informação que Johanna possui.

— Se o que supõe é certo, estranho que o rei não a tenha assassinado. Seu rei é muito capaz de semelhante baixaza.

Nicholas compreendeu que nunca obteria a cooperação de MacBain se não fosse completamente sincero com ele. Voltou a assentir.

— É capaz de matar. Eu estava com Johanna quando recebeu a ordem de ir a Londres e vi a reação de minha irmã. Acho que pensou que se dirigia a sua própria execução.

— Não entanto, ainda vive.

— O rei a tem sob vigilância. Tem aposentos privados e não lhe permite receber visitas. Vive em constante temor. Quero tirá-la da Inglaterra e minha solução é casá-la com você.

A sinceridade do barão satisfaz o lorde. Indicou-lhe com um gesto que se aproximasse e caminharam juntos até as ruínas que agora chamava seu lar. MacBain assinalou em tom baixo:

— De modo que este ardiloso plano é seu.

— Sim. — respondeu Nicholas — E me ocorreu bem a tempo. John estava decidido a casá-la com Williams há seis meses, mas minha irmã se atreveu a resistir.

— Como?

Nicholas riu:

— Exigiu que primeiro se fizesse uma anulação.

A surpresa de MacBain foi evidente.

— Por que pediu uma anulação? O marido está morto.

— Foi uma tática de adiamento muito ardilosa. — explicou Nicholas — Apesar de que houve uma testemunha da morte do marido, o corpo nunca foi encontrado. Minha irmã disse ao rei que não se casaria com ninguém enquanto houvesse uma mínima esperança de que Raulf estivesse vivo. Não morreu na Inglaterra, sabe? Quando aconteceu o acidente, estava em uma cidade construída sobre a água, atuando como enviado de John. Claro que não podia rechaçar um pedido do rei, mas, como John tem dificuldades com a Igreja nestes tempos, decidiu seguir as vias corretas. Johanna acaba de receber os documentos de anulação.

— Quem foi testemunha da morte do marido?

— Por que pergunta?

— Só por curiosidade. — respondeu MacBain — Sabe?

— Sim. — respondeu Nicholas — A testemunha foi Williams.

Gabriel guardou essa informação.

— Por que prefere a mim ao barão inglês?

— Porque Williams é um monstro, e não posso suportar a idéia de que minha irmã esteja em suas garras. Você foi o menor de dois males. Eu sei que a tratará bem... se ela o aceitar.

— Que tolice é essa? A decisão não está nas mãos de sua irmã.

— Temo que sim — respondeu Nicholas — Primeiro, Johanna tem que conhecê-lo, e logo decidirá. Era o melhor que eu podia fazer. Na verdade, se

Johanna pudesse continuar entregando ao rei as moedas que exige para deixá-la permanecer solteira, o faria. Ao menos, é o que ela acredita, mas eu sei que não é assim. De qualquer modo, o rei a obrigaria a casar-se.

— Seu rei é um homem ambicioso. — disse MacBain — Ou acaso este é um castigo destinado a forçar a aceitação de sua irmã?

— O imposto? — perguntou Nicholas.

MacBain assentiu.

— Não. — disse Nicholas — John pode obrigar às viúvas de seus latifundiários a voltar a casar-se. Se decidirem permanecer livres ou escolher elas mesmas seus maridos, têm que pagar uma soma adequada todos os anos.

— Disse que já tinha pago o imposto. Isso significa que pensa que Johanna me aceitará?

Nicholas assentiu.

— Minha irmã não sabe que paguei, e pediria que quando a vir não o diga.

MacBain pôs as mãos às costas e entrou. Nicholas o seguiu.

— Tenho que pensar em sua proposta. — anunciou o lorde — A idéia de me casar com uma inglesa é difícil de digerir e, somado ao fato de ser sua irmã, parece-me quase inimaginável.

Nicholas compreendeu que era uma ofensa, mas não se importou. MacBain tinha dado mostras de seu caráter durante a batalha contra Marshall e seus seguidores. Talvez o lorde fosse um homem de maneiras bruscas, mas era valente e honrado.

— Antes de decidir, há outra coisa que tem que levar em conta — disse Nicholas.

— Do que se trata?

— Johanna é estéril.

MacBain assentiu, indicando que tinha ouvido, mas não fez nenhum comentário durante uns momentos.

Logo se encolheu de ombros.

— Eu já tenho um filho.

— Refere a Alex?

— Sim.

— Ouvi dizer que havia ao menos três homens que poderiam ser o pai.

— É verdade. — respondeu MacBain — A mãe era uma acompanhante de acampamento e não pôde dizer quem era o pai de Alex. Morreu ao dar a luz ao menino e eu o reconheci como meu.

— Algum dos outros homens o reclamou?

— Não.

— Johanna não pode te dar filhos. No futuro terá importância que Alex seja ilegítimo?

— Não importará. — afirmou MacBain em tom inflexível — Eu também sou ilegítimo.

Nicholas riu.

— Isso é o que quis dizer quando eu, no calor da batalha contra Marshall, o chamei de bastardo e me respondeu que embora fosse um insulto, era verdade?

MacBain assentiu.

— Nicholas, matei outros homens por me chamar assim: pode se considerar afortunado.

— Você será afortunado se Johanna decidir casar-se com você.

MacBain moveu a cabeça.

— Eu quero o que por direito me pertence. Se apoderar-se das terras significa me casar com essa víbora, o farei.

— Por que acredita que é uma víbora? —perguntou Nicholas, confuso pela conclusão de MacBain.

— Deu-me vários indícios do caráter de sua irmã. — respondeu MacBain — É óbvio que é uma mulher obstinada, pois se negou a confiar em seu irmão quando lhe perguntou que informação tinha contra o rei. Precisa de um homem que a controle: Nicholas, não se surpreenda, pois essas foram suas próprias palavras. E, finalmente, é estéril. Que atraente, não?

— Sim, é atraente.

MacBain zombou:

— Não me regozija meu futuro como marido, mas tem razão: tratarei-a com gentileza. Suponho que encontraremos uma maneira de não incomodar um ao outro. O lorde serviu vinho em duas taças de prata e deu uma a Nicholas. Ambos elevaram as taças em um brinde e esvaziaram o conteúdo. Nicholas compreendia os costumes das Highlands e apressou-se a arrotar. MacBain fez um gesto de aprovação.

— Imagino que isto significa que voltará aqui cada vez que desejar.

Nicholas riu, MacBain parecia aborrecido com essa perspectiva.

— Precisarei levar vários mantos. — disse logo — Não irá querer que aconteça nada a sua prometida, não é?

— Darei-te muitos, Nicholas. —replicou MacBain — Quero que conte com um apoio de trinta homens a cavalo, pelo menos. Ao chegar a Rush Creek os dispensará. Só a você e a sua irmã será permitido entrar nesta terra. Está claro?

— Lorde, estava brincando com relação aos mantos. Posso proteger minha irmã.

— Fará o que ordenei — disse MacBain.

Nicholas se rendeu. Então, o lorde mudou de assunto.

— Quanto tempo Johanna esteve casada?

— Pouco mais de três anos. Minha irmã preferia permanecer solteira. — disse Nicholas — Mas as preferências de Johanna não importam ao rei John. Em Londres a tem cativa. Só me permitiram uma breve visita e John esteve presente o tempo todo. Como disse antes, MacBain, Johanna representa

um fio solto para o rei e quer livrar-se dela.

MacBain franziu o semblante. De repente, Nicholas sorriu.

— O que sente ao ser a resposta às preces do rei John?

A pergunta não divertiu o lorde.

— Consegui as terras. — comentou — Isso é o único que importa.

O gigantesco galgo russo de MacBain fez sua aparição prendendo a atenção de Nicholas. Era um animal de aspecto feroz, de pelagem acastanhada e olhos escuros. Nicholas calculou que devia pesar tanto quanto ele mesmo. O cão o viu quando fazia a curva e descia as escadas e soltou um grunhido baixo e ameaçador que fez arrepiar os cabelos do barão.

MacBain deu uma ordem brusca em gaélico e a enorme mascote postou-se imediatamente junto ao amo.

— MacBain, uma advertência. Esconda este monstro quando eu trazer Johanna aqui. Do contrário, ao primeiro olhar para ti e para o animal, dará meia-volta e retornará a Inglaterra.

MacBain riu.

— Nicholas, recorda o que digo: não me rejeitará. Johanna me aceitará.

Capítulo 3

— Não o quero, Nicholas. Deve estar louco se imagina que posso sequer pensar em me tornar sua esposa.

— Johanna, as aparências enganam. — replicou o irmão — Espere até que estejamos mais perto e sem dúvida perceberá a bondade em seus olhos. MacBain a tratará bem.

Johanna negou com a cabeça. As mãos tremiam tanto que quase deixou escapar as rédeas do cavalo. Segurou-as com força e tratou de não soltar uma exclamação ao ver o enorme guerreiro... e o animal de aspecto monstruoso que estava deitado junto ao homem.

Aproximavam-se do perímetro do desolado castelo. O lorde estava de pé nas escadarias de entrada da propriedade em ruínas e não parecia muito satisfeito em vê-la.

Johanna, por sua vez, estava aterrorizada. Inspirou profundamente tratando de acalmar-se e murmurou:

— Nicholas, de que cor são os olhos?

O irmão não soube lhe responder.

— Viu a bondade em seus olhos, mas não notou a cor?

Tinha-o apanhado: ambos sabiam.

— Nós homens não prestamos atenção nessas bobagens — se defendeu o barão.

— Disse-me que era um homem gentil de voz suave e sorriso fácil. Neste momento não sorri, não é, Nicholas?

— Vamos, Johanna.

— Mentiu-me.

— Não menti. — replicou o barão — MacBain salvou minha vida em duas ocasiões durante a batalha contra Marshall e seus homens, e até se nega

a reconhecê-lo. É um homem orgulhoso, mas honrado. Tem que confiar em mim. Eu não proporia que se casasse com ele se não acreditasse que é uma boa união.

Johanna não respondeu, pois o pânico a invadiu. Seguiu alternando o olhar do enorme guerreiro ao feroz animal.

Nicholas achou que estava a ponto de desmaiar e buscou na mente alguma frase para acalmá-la.

— Johanna, MacBain é o da esquerda.

A brincadeira não divertiu a jovem.

— É um homem muito grande, não?

O irmão deu-lhe palmadinhas na mão.

— Não é maior que eu — replicou.

Johanna afastou a mão: não queria que a consolasse. Tampouco queria que a sentisse tremer de medo e covardia.

— Muitas mulheres desejariam ter um marido forte, capaz de defendê-las. O tamanho de MacBain deveria ser uma tranquilidade para ti e um ponto a seu favor.

Johanna moveu a cabeça.

— É um ponto contra ele — afirmou.

Seguiu olhando fixamente o lorde, que parecia crescer perante seus próprios olhos. Quanto mais se aproximava, maior lhe parecia.

— É charmoso.

O comentário soou como uma acusação.

— Se você acha... — disse Nicholas, decidido a não contradizê-la.

— Esse é outro ponto contra. Não quero me casar com um homem charmoso.

— Isso não tem sentido.

— Não precisa ter sentido, pois já decidi: não o aceitarei. Nicholas, me leve para casa, já.

Nicholas soltou as rédeas para deter o cavalo de Johanna e em seguida a obrigou a olhá-lo. O temor que viu nos olhos da irmã lhe apertou o coração. Só ele sabia o purgatório que Johanna sofreu enquanto esteve casada com Raulf e, embora ela não o dissesse, sabia quais eram seus temores. Disse-lhe em voz baixa e fervorosa:

— Me escute, Johanna: MacBain nunca a machucará.

Johanna não soube se acreditava ou não.

— Jamais permitiria que o fizesse.

A veemência da resposta fez o barão sorrir: Raulf não tinha conseguido abater o espírito de Johanna e Nicholas considerou isso uma bênção.

— Pensa em todos os motivos que tem para casar com ele. — disse — Estará a salvo do rei John e de seus seguidores, e já não lhe perseguirão. Aqui estará em segurança.

— Isso é importante.

— MacBain odeia a Inglaterra e a nosso rei.

Johanna mordeu o lábio inferior.

— Esse é outro ponto importante a favor de MacBain — admitiu.

— Embora agora este lugar pareça horrível, algum dia será um paraíso, e você ajudará a reconstruí-lo. É necessária aqui.

— Sim, poderia ajudar a reconstruí-lo. — disse a jovem — E anseio por um clima temperado. Para falar a verdade, só aceitei vir porque me convenceu de que estas terras estão muito mais perto do sol. Não sei por que não entendi antes. Confesso que é uma grande tentação não ter que usar uma capa protetora mais de um mês ao ano. Disse que era estranho que o tempo estivesse tão fresco nesta época.

Bom Deus! Nicholas tinha esquecido essa pequena mentira. Johanna odiava o frio, não conhecia nada das Highlands e decidiu enganá-la com o propósito de tirá-la da Inglaterra para pô-la a salvo, mas nesse momento se sentiu muito culpado. Também tinha corrompido um homem do clero, pois pediu

ao padre MacKechnie que o ajudasse na mentira.

O clérigo tinha seus próprios motivos para querer que Johanna se casasse com lorde MacBain, e guardava silêncio cada vez que Johanna mencionava o agradável clima morno e ensolarado. Contudo, cada vez que surgia o tema, olhava com severidade para Nicholas.

Nicholas soltou um suspiro. Imaginou que quando Johanna estivesse afundada na neve até os joelhos compreenderia que lhe tinha mentido e esperava que até lá a opinião da irmã a respeito de MacBain tivesse melhorado.

— Nicholas, me deixará tranquila?

— Sim.

— Não contou nada a respeito de meu casamento com Raulf, não é?

— Não, claro que não. Dou minha palavra.

Johanna assentiu.

— E tem certeza de que sabe que não poderei lhe dar filhos?

Tinham falado neste assunto pelo menos uma dúzia de vezes durante o trajeto até as colinas. Nicholas não sabia que mais podia fazer para tranquilizá-la.

— Ele sabe, Johanna.

— E por que não lhe importa?

— Queria as terras. Agora é lorde e sua principal preocupação é o clã. O casamento com você só constitui para ele um modo simples de obter seu propósito.

Era uma resposta fria, mas sincera e Johanna a aceitou.

— O conhecerei. — disse por fim — Mas não prometo que me casarei com ele, de modo que deixe de sorrir, Nicholas.

MacBain estava impacientando-se e começou a descer os degraus ao mesmo tempo em que Johanna avançava com seu cavalo. Ainda não a tinha visto bem, pois estava completamente coberta por uma capa negra com capuz.

Entretanto, surpreendeu-o a pequenez da moça: dada à estatura de Nicholas, esperava uma mulher muito maior.

A aparência da jovem não lhe importava muito: o casamento não era outra coisa além de um acordo prático. Entretanto, imaginou que por ser irmã de Nicholas teria a mesma cor de tez e de cabelo.

Estava enganado. Nicholas apeou primeiro, entregou as rédeas a um dos soldados e se aproximou de Johanna para ajudá-la a desmontar.

Era uma jovem miúda: a cabeça apenas alcançava o ombro do irmão. Nicholas, com as mãos nos braços da irmã, sorria-lhe. Era evidente que a amava muito, embora para o gosto de MacBain esse carinho fraternal fosse um pouco exagerado.

Enquanto Johanna desatava o cordão da capa, os soldados começaram a alinhar-se atrás do chefe. Os homens MacLaurin se agruparam detrás de seu próprio lorde enquanto os guerreiros MacBain se colocavam à direita do chefe. Em poucos segundos, os seis degraus ficaram cheios de curiosos: todos queriam ver a noiva do lorde.

Um instante depois de Johanna tirar a capa e a entregar ao irmão, MacBain ouviu os murmúrios de aprovação. Ele mesmo não estava certo de não ter soltado uma exclamação: a imagem da jovem lhe tirou o fôlego.

Nicholas não disse uma palavra sobre o aspecto de Johanna, e MacBain não teve interesse em perguntar. Nesse momento olhou para o barão e viu que seus olhos tinham uma expressão risonha. "Sabe que estou impressionado", pensou. MacBain ocultou sua surpresa e concentrou a atenção na bela mulher que se aproximava dele.

Por Deus, era uma bela moça! Os cachos dourados que lhe chegavam até a cintura balançavam a cada passo. Pelo jeito, não tinha defeitos. Tinha um punhado de sardas sobre o nariz e isso o agradou. Os olhos eram de um azul intenso, a cútis pura e a boca... Deus querido, essa boca poderia suscitar pensamentos lascivos a um santo! Isso também o agradou.

Alguns dos soldados MacLaurin não controlavam tão bem suas reações quanto MacBain. Os dois homens que estavam detrás de seu lorde soltaram prolongados assobios de aprovação. Mas MacBain não admitiu essa grosseria. Voltou-se, agarrou os homens pelo pescoço e os mandou voando como se fossem os troncos do jogo escocês, para o início da escada. Outros soldados se afastaram do caminho.

Johanna se deteve, olhou para os soldados atirados sobre o chão e em seguida, para o líder. O lorde não parecia sequer ter se movido.

— Esse é um homem gentil? — murmurou a Nicholas — Foi uma mentira, não é?

— Johanna, dê-lhe uma chance. Deve isso a ele, e a mim também.

Johanna olhou com severidade para o irmão e logo se voltou para o lorde.

MacBain se adiantou. O cão caminhou junto com ele e logo se apoiou outra vez contra o amo.

Johanna rogou ter coragem para seguir caminhando. Quando estava a menos de um metro do guerreiro se deteve e executou uma perfeita reverência.

Os joelhos tremiam de tal maneira que se considerou afortunada de não cair de boca no chão.

Enquanto tinha a cabeça inclinada, ouviu um resfolegar e vários rosnados abafados e não soube se significavam aprovação ou rejeição.

O lorde usava capa. Tinha pernas muito musculosas e a moça tratou de não as olhar fixamente.

— Bom dia, lorde MacBain.

A voz lhe tremeu: tinha medo. MacBain não se surpreendeu. Seu aspecto tinha feito mais de uma jovem correr e refugiar-se junto de seu pai. Nunca pensou em mudar essas reações porque não lhe importava.

Mas nesse momento se importou. Se não fizesse algo para acalmar o temor da moça, jamais conseguiria casar-se com ela: Johanna continuava lançando olhares inquietos a ele e ao cão e MacBain imaginou que também temia o galgo.

Nicholas não ajudava muito: limitava-se a ficar ali, sorrindo como um tolo.

MacBain pediu ajuda com o olhar e compreendeu que não devia te-lo feito ao ver que Johanna se apressava a adiantar um passo.

— Fala Galês?

A pergunta de MacBain se dirigiu ao Nicholas, mas a própria Johanna respondeu:

— Estive estudando seu idioma.

Não respondeu em gaélico. Tinha as mãos unidas diante de si e os nódulos estavam brancos pela força com que as apertava.

Ocorreu a MacBain que uma conversa amena a tranquilizaria.

— Quanto tempo estudou nosso idioma?

A mente de Johanna ficou em branco. Claro que era por culpa do guerreiro: o olhar de MacBain era tão intenso e fixo que a jovem não pôde elaborar um só pensamento. Deus querido, nem sequer recordava do que estavam falando!

Com suma paciência, MacBain voltou a perguntar.

— Quase quatro semanas — resmungou Johanna.

O homem não riu. Um dos soldados soltou um bufo de brincadeira, mas o lorde o deteve com um olhar severo.

Nicholas olhava carrancudo à irmã e se perguntou por que não disse a verdade ao lorde: fazia quase quatro meses que o padre MacKechie estava lhe ensinando o idioma gaélico. Mas ao ver a expressão de pânico nos olhos da irmã, compreendeu: estava muito nervosa para pensar com clareza.

MacBain não quis prosseguir diante de testemunhas essa importante conversa.

— Nicholas, espere aqui. Sua irmã e eu iremos conversar lá dentro.

Logo, MacBain se aproximou para pegar Johanna pelo braço e o cão se aproximou. De maneira instintiva, Johanna retrocedeu, mas ao dar-se conta do que tinha feito e de quão covarde o lorde devia considerá-la, adiantou-se outra vez.

O enorme animal grunhiu e MacBain deu uma ordem cortante. Imediatamente, o galgo interrompeu esse grunhido rouco e ameaçador.

Johanna parecia outra vez a ponto de desfalecer. Nicholas soube que precisava de tempo para recobrar a coragem, adiantou-se:

— Por que não permitiu que meus homens e o padre MacKechnie passassem de Rush Creek? — perguntou.

— Acredito que sua irmã e eu entraremos num acordo antes que o padre tenha permissão para chegar aqui. Nicholas, não permitirei que seus homens entrem aqui. Esqueceu minhas condições? A última vez que estive aqui concordamos a respeito dos detalhes.

Nicholas assentiu com um gesto e não lhe ocorreu outra coisa que perguntar.

— O padre MacKechnie se afligiu muito com sua ordem de esperar lá embaixo — disse Johanna.

MacBain não pareceu se preocupar muito com a idéia de manter afastado um homem de Deus: encolheu os ombros. Johanna abriu os olhos de surpresa. Durante os três anos de casamento com Raulf aprendeu a temer os sacerdotes. Os que ela tinha conhecido eram homens poderosos e carentes de piedade. Mas MacKechnie não era como eles. Era um indivíduo de bom coração que tinha arriscado a vida ao ir a Inglaterra suplicar pelos MacLaurin.

Johanna não tolerava que o ofendesse:

— O padre MacKechnie está cansado pela longa viagem, milorde, e sem dúvida precisa comer e beber. Rogo-lhe que lhe demonstre sua hospitalidade.

MacBain assentiu e se voltou para Calum:

— Cuide disso — lhe ordenou.

Pensou que atender ao pedido de Johanna diminuiria o temor da jovem. Afinal de contas, tinha demonstrado ser um homem complacente, mas mesmo assim, Johanna parecia a ponto de correr. Caramba, que moça tão tímida! Continuava lançando olhares assustados ao cão e cada vez que o fazia o galgo rosnava.

MacBain pensou em agarrá-la, colocá-la sobre os ombros e levá-la para dentro, mas mudou de idéia. E embora a idéia o divertisse, não riu. Demonstrando paciência, ofereceu-lhe a mão e se limitou a esperar o que faria.

Pela expressão do lorde, Johanna compreendeu que o homem sabia que o temia e que seu acanhamento o divertia. Inspirou profundamente e apoiou a mão sobre a do guerreiro.

Tudo nele era grande. A mão era o dobro do tamanho da de Johanna e sem dúvida a sentiria tremer. Apesar disso, era um lorde e jamais teria chegado a essa posição sem adquirir certos modos cavalheirescos e, em consequência, não chamaria atenção de Johanna para o lamentável de sua condição.

— Por que treme?

A jovem tentou retirar a mão, mas Gabriel impediu. Agora que a tinha não a deixaria ir.

Antes que Johanna tivesse chance de oferecer uma explicação razoável à pergunta, o homem se voltou e a levou escada acima, ao interior do castelo.

— Este clima é tão pouco habitual — gaguejou a jovem.

— O quê? — Gabriel parecia confuso.

— Não importa, lorde.

— Me explique o que quis dizer — exigiu.

Johanna suspirou.

— Nicholas me explicou que aqui o clima é ameno durante todo o ano... Pensei que havia lhe dito... — Começou a esboçar uma mentira, mas logo desistiu. Talvez o lorde não compreendesse o quanto Johanna tinha achado divertida a absurda invenção do irmão sobre o clima das Highlands.

— Quem disse o quê? — perguntou MacBain, perguntando o porquê do repentino rubor da moça.

— Disse-me que não era habitual que nesta região soprasse um vento tão frio — disse.

MacBain esteve a ponto de romper em gargalhadas, mas se conteve a tempo: o clima era surpreendentemente quente para essa época do ano.

Não sorriu, sequer. A moça demonstrava ser sensível e compreendeu que não conseguiria incliná-la a seu favor se zombasse da ingenuidade de Johanna.

— E você acredita em tudo o que seu irmão diz? — perguntou.

— Certamente — respondeu a jovem, para que soubesse que era decididamente leal ao irmão.

— Compreendo.

— É o frio o que me faz tremer — disse Johanna, a falta de uma mentira mais adequada.

— Não, não é.

— Não?

— Tem medo de mim.

Esperou que voltasse a mentir, mas Johanna o surpreendeu com a verdade:

— Sim. — afirmou — Temo a ti. E também seu cão.

— Sua resposta me satisfaz.

Por fim, Gabriel a soltou. O comentário do homem surpreendeu tanto a Johanna que se esqueceu de soltar a mão.

— Satisfaz saber que o temo?

MacBain sorriu.

— Johanna, eu já sabia que tinha medo de mim. O que me agrada é que tenha admitido: poderia ter mentido.

— Você se daria conta de que mentia.

— Sim.

A resposta soou extremamente arrogante, mas não incomodou Johanna: esperava que um homem tão grande e de aspecto tão feroz como este guerreiro fosse arrogante. Nesse momento observou que continuava de mãos dadas com o homem e soltou. Logo girou para olhar em torno da entrada. À

direita havia uma ampla escada com um corrimão de madeira esculpida. Um corredor conduzia a parte de trás da escada e à esquerda da entrada estava o imenso salão. Estava completamente em ruínas. Johanna se deteve na soleira e contemplou os destroços. As paredes estavam enegrecidas pelo fogo e o pouco que restava do teto pendia em largas faixas, apoiado sobre os cantos também enegrecidos. Ainda se percebia o cheiro de fumaça no ambiente.

Johanna desceu os degraus e atravessou o salão. Abateu-a de tal maneira o aspecto desolado do ambiente que sentiu vontade de chorar.

MacBain observou a mudança que se operava na expressão da jovem enquanto observava o ambiente.

— Os homens de meu marido fizeram isto, não é mesmo?

— Sim.

Johanna se voltou para olhá-lo. A tristeza de sua expressão quase alegrou Gabriel: essa mulher tinha consciência.

— Aqui se cometeu uma tremenda injustiça.

— É verdade. — admitiu o lorde — Mas você não é responsável.

— Poderia tentar persuadir meu marido...

— Não acredito que tivesse escutado. — afirmou Gabriel — Me Diga uma coisa, Johanna. Seu marido sabia que seu vassalo estava causando semelhante devastação ou ignorava?

— Sabia das coisas que Marshall era capaz — respondeu a jovem.

MacBain assentiu. Cruzou as mãos às costas e continuou contemplando Johanna.

— Tentou reparar a injustiça. — assinalou — Depois do ataque de Marshall, enviou seu irmão aqui.

— Esse vassalo de meu marido se transformou em um semideus. Não quis ser informado de que Raulf tinha morrido e de que já não era necessário aqui.

— Nunca foi — disse MacBain, com um matiz áspero na voz.

Johanna fez um gesto de assentimento.

— Sim: nunca foi necessário.

Gabriel deixou escapar um suspiro.

— Marshall teve poder e há poucos homens que possam resistir a isso.

— Você poderia?

A pergunta surpreendeu MacBain. Ia responder que sim, que é obvio poderia, mas a posição de lorde era nova para ele e para ser sincero, não sabia se poderia deixá-la de lado.

— Ainda não passei por essa prova. — admitiu — Pelo bem do clã espero poder fazer tudo o que for necessário, mas não tenho certeza até me encontrar diante de semelhante desafio.

A sinceridade do homem impressionou Johanna e a fez sorrir.

— Nicholas estava zangado com você porque Marshall escapou e você não permitiu que meu irmão o perseguisse. Contou-me que os dois discutiram, que você o golpeou e que, quando abriu os olhos, Marshall estava deitado a seus pés.

MacBain sorriu. Não havia dúvidas de que Nicholas tinha suavizado a história.

— Johanna, se casará comigo.

Disse com ênfase e sem sorrir. Johanna reuniu coragem para enfrentar a fúria do guerreiro e negou lentamente com a cabeça.

— Me explique os motivos de sua hesitação — exigiu.

Johanna voltou a negar com a cabeça. MacBain não estava habituado a ser contrariado, mas tratou de ocultar a impaciência. Sabia que não tinha muita habilidade para conversar com mulheres. Certamente, ignorava como cortejar uma mulher e compreendia que estava complicando a situação.

Em nome de Deus! Em primeiro lugar, por que Johanna tinha a possibilidade de decidir? Nicholas tinha que ter se limitado a dizer que se casaria, e isso seria tudo. Esta discussão era desnecessária. Maldição, já poderia estar

preparando a cerimônia nupcial e ambos estariam trocando os votos conjugais!

— Não me agradam as mulheres tímidas.

Johanna ergueu os ombros.

— Não sou tímida. — afirmou — Aprendi a ser cautelosa, milorde, mas jamais fui tímida.

— Entendo — disse Gabriel, mas não acreditou.

— Eu não gosto de homens grandes, embora sejam atraentes.

— Considera-me atraente?

Como manipulou as palavras da jovem para transformar em um elogio? MacBain também pareceu surpreso, como se nunca tivesse tido consciência de seu próprio atrativo.

— Você me interpreta mal, senhor. — disse Johanna — Sua audácia é um ponto contra. — Não deu importância a expressão cética do homem e repetiu: — E sinto especial aversão pelos homens grandes.

Soube que o que dizia era ridículo, mas não se importou. Não retrocederia. Olhou-o nos olhos, cruzou os braços sobre a cintura e franziu o semblante. Começava a ter câibras no pescoço de olhá-lo no rosto.

— Milorde, o que pensa de minha opinião?

A postura e o olhar de Johanna era todo desafio: demonstrando coragem, Johanna o enfrentava. De repente, MacBain sentiu vontade de ir.

Em troca, suspirou.

— São opiniões tolas — disse, no tom mais seco possível.

— Talvez. — admitiu a jovem — Mas é isso o que penso.

MacBain decidiu que já tinha perdido muito tempo nesta discussão. Já era hora dessa moça entender o que aconteceria.

— De fato, não irá embora daqui. Ficará comigo, Johanna. Amanhã nos casaremos. E de passagem, isso não é uma opinião: é um fato.

— Casará comigo contra minha vontade?

— Sim, o farei.

Demônios, outra vez parecia aterrorizada! Essa reação não lhe agradou e tratou de argumentar com ela para obter sua cooperação. Afinal, não era um ogro, podia ser razoável.

— Por acaso mudou de idéia neste momento e quer retornar a Inglaterra? Nicholas me disse que queria deixar a Inglaterra.

— Não, não mudei de idéia, mas...

— Pode custear o imposto que exige o rei por permanecer solteira?

— Não.

— Trata-se do barão Williams? Nicholas me disse que esse inglês queria casar com você. — Não lhe deu tempo de responder — Não importa. Não te deixarei partir: nenhum outro homem a terá.

— Não quero o barão Williams.

— Por seu tom de desgosto, deduzo que esse barão também é um gigante atraente.

— Milorde, esse homem seria atraente só se porcos fossem atraentes, além disso, é um indivíduo pequeno tanto de estatura quanto de mentalidade. É completamente inaceitável.

— Compreendo. — disse MacBain destacando as palavras — De modo que lhe desagradam tanto os homens grandes quanto os pequenos. Acertei?

— Está zombando de mim.

— Não, zombo de suas estúpidas afirmações. Nicholas é tão grande quanto eu — lembrou.

— Sim, mas meu irmão jamais me machucaria.

A verdade tinha vindo à tona: Johanna soltou as palavras sem poder conter-se e MacBain elevou uma sobrancelha ao ouvir a significativa afirmação.

Johanna se apressou a baixar o olhar, mas antes MacBain viu que

se ruborizou.

— Por favor, lorde, tente compreender. Se um cachorrinho me mordesse, eu teria possibilidades de sobreviver, mas se me mordesse um lobo acredito que não teria a menor chance.

Johanna fazia um esforço comovente para mostrar-se valente, mas não conseguia. MacBain pensou que o terror da moça era real e devia originar-se em experiências passadas.

Passaram alguns minutos de silêncio. MacBain contemplava a jovem e esta mantinha o olhar fixo no chão.

— Acaso seu marido...?

— Não quero falar dele.

Já tinha a resposta. Deu um passo para ela e Johanna não retrocedeu. Gabriel pôs as mãos sobre seus ombros e a obrigou a olhá-lo. Johanna demorou a obedecer.

MacBain falou em um murmúrio rouco:

— Johanna?

— Sim, milorde.

— Eu não mordo.

Capítulo 4

Na tarde seguinte se casaram. MacBain aceitou dar tempo ao padre MacKechnie para que se preparasse para a cerimônia.

Mas era o único em que estava disposto a ceder. Johanna queria retornar ao acampamento para passar a noite ali, em sua própria tenda, com o irmão, o sacerdote e os homens leais a eles, mas lorde MacBain não quis saber de nada. Ordenou-lhe que dormisse em uma das cabanas recém construídas sobre a colina, uma moradia pequena de uma só habitação com uma única janela e lareira de pedra.

Johanna não voltou a ver o lorde até o momento da cerimônia e tampouco viu o irmão até que foi buscá-la. MacBain tinha colocado dois guardas junto à porta e a moça temeu perguntar se estavam ali para impedir que os intrusos entrassem ou que ela saísse.

Não dormiu muito. Sua mente divagava de uma preocupação a outra: e se MacBain fosse como Raulf? Deus bendito! Não poderia sobreviver novamente a semelhante purgatório! A perspectiva de casar-se com outro monstro a fez chorar de autocomiseração. Mas imediatamente envergonhou-se de si mesma. Acaso seria na verdade uma covarde? Raulf tinha tido razão em debochar dela?

"Não, não, sou uma mulher forte. — pensou Johanna — Posso enfrentar qualquer coisa que o destino me reserve. Não me deixarei dominar pelo medo nem alimentarei pensamentos tão baixos a meu respeito. Maldição! Tenho ou não tenho coragem?"

Johanna acreditava ter recuperado a confiança em si mesma depois da morte de Raulf. Pela primeira vez em mais de três anos, vivia sem medo e seus dias transcorriam aprazíveis. Inclusive quando o rei John a obrigou a ir à corte, deixou-a tranqüila em seus próprios aposentos privados. Ninguém a incomodou. Do outro lado da porta havia um jardim e Johanna passou a maior parte do tempo nele.

Mas esse período aprazível tinha terminado e agora a obrigava a contrair um novo casamento. Sem dúvida, decepçionaria o lorde. E então, o que ele faria? Tentaria fazê-la sentir-se ignorante e insignificante? "Por Deus, não permitirei que isso aconteça!" Os ataques de Raulf eram ardilosos e dissimulados e, naquele tempo, Johanna era tão jovem, infantil e ingênua que não compreendeu o que o marido fazia até que era muito tarde. Era um ataque astuto, persistente à sua maneira, e continuou até fazê-la sentir que esse indivíduo tinha apagado toda a luz que havia nela.

Johanna resistiu e foi então que as surras começaram.

Tentou enterrar as lembranças e dormiu desejando um milagre.

Nicholas foi buscá-la ao meio-dia. Observou a palidez no rosto da irmã e moveu a cabeça.

— Acaso tem tão pouca fé no julgamento de seu irmão? Disse a você que MacBain é um homem honrado. — lembrou — Não tem motivos para temer.

Johanna apoiou a mão sobre o braço do irmão e caminhou com ele.

— Tenho fé em seu julgamento — murmurou.

Ainda que faltasse convicção à voz de Johanna, Nicholas não se sentiu ofendido. Imediatamente, a lembrança do rosto machucado de Johanna quando foi visitá-la e Raulf não teve tempo de ocultá-la voltou a enchê-lo de fúria.

— Por favor, Nicholas, não se aborreça. Estou dominando o medo, ficarei bem.

Nicholas sorriu. Parecia-lhe incrível que nesse momento a irmã tentasse consolá-lo.

— Sim, seu casamento se realizará. — disse — Se olhar ao redor, verá sinais do temperamento de seu futuro esposo, sabe? Onde dormiu ontem à noite?

— Você sabe bem onde dormi.

— É uma cabana recém construída, não é?

Não lhe deu tempo de responder.

— Daqui vejo outras três, todas recém construídas. A madeira ainda não sofreu a passagem do tempo.

— Que está tentando me dizer?

— Um sujeito egoísta pensaria primeiro em seu próprio conforto, não é mesmo?

— Sim.

— Vê acaso outra moradia nova?

— Não.

— Johanna, Calum é o comandante dos guerreiros de MacBain e ele me disse que as cabanas são para os mais velhos do clã. Eles têm prioridade, pois são os que mais necessitam o calor do fogo e um teto que os proteja. MacBain deixou a si mesmo por último. Pense nisso, Johanna. Descobri que na

ala leste do castelo há dois dormitórios no piso superior que não foram danificados pelo fogo. Entretanto, MacBain não passou uma só noite neles: dorme fora, com outros soldados. Acaso isso não te diz nada sobre o modo de ser desse homem?

O sorriso de Johanna foi resposta suficiente.

As cores voltaram ao rosto da jovem e Nicholas fez um gesto de satisfação.

Tinham chegado quase ao limite do pátio e se detiveram para contemplar os numerosos homens e mulheres que trabalhavam preparando a cerimônia. Como a capela se incendiou, o casamento se realizaria no pátio, dentro do recinto amuralhado. O altar caseiro consistia em uma tábua lisa de madeira apoiada sobre dois barris vazios de cerveja. Uma mulher estendeu um tecido de linho branco sobre a tábua. O padre MacKechnie esperou até que a toalha estivesse colocada e apoiou no centro um belo cálice de ouro e um prato. Outras duas mulheres estavam ajoelhadas no chão, junto aos barris, colocando galhos de flores diante do altar improvisado.

Johanna começou a caminhar outra vez. Nicholas segurou sua mão e a deteve.

— Há uma coisa que tem que saber — disse.

— O que é?

— Vê o menino sentado sobre o último degrau?

Voltou-se para olhá-lo. Um menininho de não mais que quatro ou cinco verões estava sentado sozinho sobre o degrau superior. Apoiava os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça sobre as mãos. Observava os preparativos e parecia muito infeliz.

— Vejo. — disse Johanna — Parece abandonado, não, Nicholas?

O irmão sorriu.

— Sim.

— Quem é?

— O filho de MacBain.

A jovem quase tropeçou.

— Como?

— Johanna, baixe a voz. Não quero que ninguém escute nossa conversa. O menino é de MacBain. Claro que correm rumores de que poderia não ser filho de MacBain, mas o lorde assegura que o reconheceu.

Johanna estava muito surpresa para falar.

— Chama-se Alex. — disse Nicholas, pois não sabia que outra coisa dizer — Johanna, acho que está impressionada.

— Por que não me disse isso antes? — Não lhe deu tempo de responder — Quanto tempo MacBain ficou casado?

— Ele não...

— Não compreendo.

— Sim, compreende: Alex é ilegítimo.

— Oh!

Johanna não soube o que pensar a respeito.

— A mãe do menino morreu ao dar a luz. — acrescentou Nicholas — Irmã, será melhor que saiba tudo. A mulher era uma acompanhante de soldados. Existem ao menos outros três homens que poderiam reclamar a paternidade do menino.

O coração de Johanna se comoveu pelo pequeno e voltou-se para olhá-lo outra vez. Era um menino adorável, de cabelo escuro e encaracolado. Daquela distância não se distinguia a cor dos olhos e Johanna apostou que seriam cinza, como os do pai.

— Johanna, é importante que saiba que MacBain reconhece o menino como seu filho.

Johanna voltou-se para o irmão.

— Escutei as duas vezes que disse.

— E?

A jovem sorriu.

— E o que, Nicholas?

— O aceitará?

— Oh, Nicholas! Como pode me perguntar algo assim? Claro que o aceitarei. Acaso acredita que poderia não fazê-lo?

Nicholas exalou um suspiro: a irmã não entendia as coisas que aconteciam neste mundo tão duro.

— Entre os MacLaurin, é a maçã da discórdia. — lhe explicou — O pai de MacBain foi lorde MacLaurin e morreu sem reconhecer o filho.

— Portanto, o homem com quem me casarei também é ilegítimo?

— Sim.

— Entretanto os MacLaurin o nomearam lorde?

Nicholas assentiu.

— É complexo. — admitiu — Precisavam da força dele. Leva o sangue do pai e, por conveniência, esqueceram que é bastardo. De qualquer maneira, o menino...

Interrompeu-se; deixaria que Johanna tirasse as conclusões. Johanna sacudiu a cabeça.

— Acha que o pequeno pode estar aflito por causa do casamento?

— Parece que há algo que o preocupa.

O padre MacKechie lhes chamou a atenção com um gesto. Nicholas conduziu Johanna pelo cotovelo e avançou, mas a jovem não podia afastar o olhar do menino. Senhor, ele parecia triste e perdido!

— Estão prontos. — anunciou Nicholas — Aí vem MacBain.

O lorde atravessou o pátio e posicionou-se em seu lugar, diante do altar, com as mãos ao lado do corpo. O sacerdote se aproximou, posicionou-se junto a ele e voltou a fazer gestos para que Johanna se aproximasse.

— Não posso, não posso fazê-lo sem...

— Tudo sairá bem.

— Não entende. — sussurrou Johanna, sorrindo — Espere-me aqui, Nicholas. Volto em seguida.

O sacerdote agitou a mão e Johanna devolveu a suposta saudação, sorrindo. Então girou e se afastou.

— Johanna, pelo amor de Deus...!

Nicholas falava sozinho. Viu como a irmã abria passagem entre as pessoas. Quando se encaminhou para as escadas finalmente compreendeu o que pretendia.

Nicholas voltou o olhar para MacBain, mas a expressão deste era inescrutável.

O clérigo esticou o pescoço para observar Johanna e em seguida, voltando-se para MacBain, deu-lhe uma leve cotovelada.

Ao aproximar-se dos degraus, Johanna diminuiu o passo, pois não queria que o pequeno fugisse antes que o alcançasse.

Ao saber que MacBain tinha um filho a alegria e o alívio a invadiram. Por fim tinha a resposta para a pergunta que a tinha atormentado: MacBain não se importava que fosse estéril porque já tinha um herdeiro, embora fosse ilegítimo.

A culpa que tinha carregado caiu de seus ombros como uma pesada capa.

MacBain não pôde ocultar a expressão. Maldição, não queria que soubesse do filho até que estivessem casados e não pudesse voltar atrás! Sabia que as mulheres tinham estranhas reações e estava convencido de que nunca compreenderia como raciocinavam. Pelo jeito, faziam alvoroço pelas questões mais singulares. Conforme sabia, muitas delas não aceitavam às amantes e algumas das esposas de guerreiros que conhecia tampouco aceitavam os filhos bastardos. MacBain tinha a intenção de obrigar Johanna a aceitar seu filho, mas esperava tê-la antes em seu poder.

Quando Alex a viu aproximar-se, ocultou o rosto entre as mãos. Tinha os joelhos fracos e cobertos de barro seco. Quando ergueu o rosto para espia-la, Johanna viu que não tinha os olhos cinza, e sim azuis.

Johanna se deteve no último degrau e falou com o menino. MacBain deu um passo para a noiva, mas logo mudou de idéia: limitou-se a cruzar os braços sobre o peito e a esperar os acontecimentos. Não era o único que observava. Todos os MacBain e os MacLaurin se voltaram para olhar e se fez silêncio.

— O menino entende inglês? — perguntou o padre MacKechnie.

— Um pouco. — respondeu MacBain — Johanna me disse que você estava lhe ensinando o gaélico. Aprendeu o suficiente para conversar um pouco com Alex?

O sacerdote encolheu os ombros.

— Pode ser.

Johanna falou com o menino uns minutos e logo estendeu a mão. Alex se levantou de um salto, desceu tropeçando os degraus e lhe deu a mão. A moça se inclinou, afastou-lhe o cabelo do rosto, arrumou a túnica que deslizava pelo ombro e o aproximou de si.

— O menino pode compreender isso — disse MacKechnie.

— O que é que compreende? — perguntou Calum.

O sacerdote sorriu:

— A aceitação.

MacBain assentiu. Johanna se aproximou de Nicholas e voltou a tomá-lo pelo braço.

— Agora estou pronta. — anunciou — Alex, vá para junto de seu pai. — indicou — Meu dever é me unir aos dois.

O pequeno assentiu. Correu pelo caminho e se posicionou à esquerda do pai. MacBain olhou o filho com expressão contida, e Johanna não soube se estava contente ou zangado. Fixou o olhar nela, mas quando a moça avançou para ele descruzou os braços e posou a mão sobre a cabeça do menino.

Nicholas a entregou em casamento e Johanna não resistiu quando o barão pôs a mão dela na de MacBain. Nicholas se orgulhou de sua irmã. Compreendeu que estava assustada, mas mesmo assim não tentou retê-lo junto a

ela. Estava posicionada entre dois guerreiros: o futuro esposo à direita e o irmão à esquerda. Manteve-se ereta, com a cabeça erguida e olhando para frente.

Estava vestida com uma túnica branca que chegava aos tornozelos e outro objeto da mesma cor até os joelhos. O decote quadrado de seu vestido de noiva estava bordado com fios rosa pálido e verde que desenhavam diminutos casulos de rosa.

Também cheirava a rosas, e apesar do perfume ser suave, encantou MacBain. O padre MacKechnie tomou um pequeno buquê de flores de um canto do altar, o entregou a Johanna e se apressou a posicionar-se do outro lado do altar para começar a missa.

MacBain manteve o olhar fixo sobre a noiva. Era uma mulher extremamente feminina e, para ser sincero, não sabia o que faria com ela. O que mais o preocupava era que não fosse forte o bastante para resistir a essa vida tão dura, mas tratou de deixar de lado essa preocupação. A partir desse momento, assumia o dever de assegurar-se de que sobrevivesse. A protegeria do perigo e se precisasse que a mimassem... Por Deus, que o faria! Não tinha a menor idéia de como faria, mas era um homem inteligente e acharia um modo. Não permitiria que sujasse as mãos nem que fizesse nenhuma tarefa pesada e exigiria que descansasse todos os dias. Em agradecimento pelas terras que Johanna lhe tinha outorgado o mínimo que podia fazer era cuidar dela e sem dúvida esse era o único motivo para que se preocupasse com o conforto da noiva.

O vento fez voar uma mecha de cabelo sobre o rosto de Johanna e a moça lhe soltou a mão para afastá-lo sobre o ombro em um gesto muito feminino. A massa de cachos dourados parecia flutuar sobre as costas da jovem. A mão tremia tanto que o ramallete começava a desfolhar-se.

Como não voltou a pegar na sua mão, Gabriel se incomodou tanto que ele mesmo agarrou a mão de Johanna e a aproximou de seu corpo. Nicholas observou o gesto possessivo e sorriu.

A cerimônia transcorria com fluidez até que o padre MacKechnie pediu a jovem que promettesse amar, honrar e obedecer ao marido. Johanna pensou um longo momento e logo sacudiu a cabeça e se voltou para o noivo.

Pediu-lhe com um gesto que se inclinasse e ficou nas pontas dos pés para lhe murmurar ao ouvido:

— Milorde, tentarei amá-lo e certamente o honrarei como marido, mas não acredito que o obedeça muito. Descobri que a submissão total não me

agrada.

Enquanto lhe explicava sua opinião, arrancava as pétalas das flores. Não podia olhá-lo nos olhos e sim no queixo enquanto esperava a reação de MacBain.

— Está zombando de mim?

Disse-o em voz alta. Se o lorde não se preocupava que as pessoas ouvissem a discussão, Johanna tampouco se importaria. Quando lhe respondeu, o fez em voz tão alta quanto MacBain.

— Zombar de você em meio aos votos conjugais? Não, milorde. Falo sério. Estas são as minhas condições. Aceita-as?

Gabriel riu: não pôde conter-se. A demonstração de coragem de Johanna teve vida curta. Sentiu-se desconfortável e humilhada, mas a questão era muito importante para deixar passar.

Só restava uma alternativa. Endireitou os ombros, afastou a mão da de Gabriel com um puxão e arremessou o buquê de flores. Logo, fez uma reverência ao sacerdote, voltou-se e começou a afastar-se.

A mensagem era clara, mas alguns dos soldados MacLaurin demoraram a compreender.

— A garota vai embora? — Keith, o comandante dos soldados MacLaurin murmurou alto o bastante para que todos o ouvissem.

— MacBain, vai embora. — exclamou outro.

— Parece que está indo. — interveio o padre MacKechnie — Disse algo que a aborreceu?

Nicholas começou a segui-la, mas MacBain o agarrou pelo braço e negou com a cabeça. Arremessou o ramalhete para o barão, murmurou algo baixinho e foi atrás da noiva.

Tinha quase chegado aos arredores da clareira antes que MacBain a alcançasse. Pegou-a pelos ombros e a fez voltar-se. Johanna não o olhou, mas MacBain a pegou pelo queixo e a obrigou a olhá-lo.

Johanna se preparou para enfrentar a cólera do homem. Sem dúvida, a castigaria. "Mas eu sou uma mulher forte. — lembrou — Suportarei a

fúria de MacBain."

— Tentará obedecer?

Parecia irritado e Johanna ficou tão atônita diante da reação do homem que sorriu. "Apesar de tudo, — pensou — não sou tão fracote. Enfrentei o lorde e o obriguei a negociar. Não sei se ganhei muito, mas sem dúvida não perdi nada."

— Sim, tentarei. — prometeu — Às vezes. — se apressou a acrescentar.

Gabriel revirou os olhos e decidiu que já tinha perdido muito tempo com esse assunto. Agarrou-a pela mão e a arrastou de novo até o altar. Johanna teve que correr para acompanhá-lo.

Quando viu o sorriso da irmã, o semblante de Nicholas serenou. Tinha muita curiosidade para saber no que consistiu a discussão, mas pensou que teria que esperar até que acabasse a cerimônia para saber.

Afinal de contas, não teve que esperar. Johanna aceitou o buquê que o irmão lhe entregou e se voltou outra vez para o sacerdote.

— Padre, desculpe a interrupção — murmurou.

O clérigo assentiu. Voltou a pedir que amasse, honrasse e obedecesse ao marido, desta vez acrescentando "por favor".

— Amarei, honrarei e tentarei obedecer a meu marido... ocasionalmente — respondeu.

Nicholas rompeu a rir: já compreendia qual tinha sido a discussão. Os MacLaurin e os MacBain lançaram em uníssono uma exclamação horrorizada.

O lorde percorreu os presentes com olhar severo, pedindo para manter silêncio. Em seguida voltou-se carrancudo para a noiva.

— A obediência e a submissão não são a mesma coisa — exclamou.

— Me ensinaram que era — se defendeu Johanna.

— Ensinaram-lhe errado.

O semblante de Gabriel era tão sombrio que Johanna começou a assustar-se outra vez. Deus querido, na verdade não poderia suportar! Não teria forças.

Arremessou outra vez o buquê para MacBain e se voltou para partir. O lorde atirou o ramalhete na mão estendida de Nicholas e agarrou Johanna antes que pudesse ir.

— Oh, não, não o fará. — murmurou — Não passaremos por isso outra vez.

Para demonstrar-lhe passou o braço pelos ombros da jovem e a reteve a seu lado.

— Johanna, vamos terminar esta cerimônia antes do anoitecer.

A jovem se sentiu uma tola. O sacerdote a olhava como se estivesse louca. Tomou fôlego, voltou a receber as flores do irmão e disse:

— Por favor, padre, me perdoe por interromper outra vez. Rogo-lhe que continue.

O padre enxugou a testa com um lenço e concentrou a atenção no noivo. Johanna quase não prestou atenção ao sermão do sacerdote a respeito dos méritos de ser um bom marido. Tentava superar o desconforto e compreendeu que estava farta de preocupar-se. A decisão estava tomada e isso era tudo. Pronunciou uma rápida prece e deixou seus temores nas mãos de Deus. Que Ele se preocupasse!

Sabia que era um plano sensato, mas, mesmo assim, desejou que Lhe desse algum sinal de que na realidade tudo sairia bem. A idéia a fez sorrir: era uma fantasia. Afinal de contas, era uma mulher e, em consequência, a última no amor de Deus: ao menos foi isso o que lhe disse o bispo Hallwick até a exaustão. Certamente, Deus não tinha tempo de escutar suas insignificantes preocupações e talvez Johanna estivesse pecando por vaidade por esperar algum sinal.

Deixou escapar um breve suspiro. MacBain a ouviu, voltou-se para ela e Johanna lhe sorriu sem convicção. Era a vez de MacBain responder às perguntas do sacerdote. Começou enunciando seu nome e seu título.

Chamava-se Gabriel.

Deus lhe enviava o sinal. O assombro arregalou os olhos de Johanna e a deixou com a boca aberta.

Apressou-se a controlar as emoções, mas não obteve o mesmo com os pensamentos. Sua mente se inundou de perguntas. Acaso a mãe lhe teria posto esse nome pelo mais elevado dos anjos, o mais amado por Deus? Era conhecido como o protetor das mulheres e dos meninos. Recordou as histórias maravilhosas sobre o mais esplêndido dos anjos, que tinham passado de geração em geração, de mães para filhos. Sua própria mãe lhe disse que Gabriel sempre a guardaria. Era seu próprio arcanjo e teria que invocá-lo em sua ajuda no meio da noite, quando os pesadelos se arrastassem para dentro dos sonhos. O arcanjo era o defensor dos inocentes e o vingador das maldades.

Moveu a cabeça: o que acontecia era que se deixava levar por um romantismo exagerado. Não havia nada simbólico no nome do marido. Talvez, quando nasceu, a mãe de Gabriel estava dominada pelas fantasias. Ou talvez lhe colocaram o nome em homenagem a algum parente.

Mas não pôde convencer-se. Imaginou que a falta de sono a inclinava a esse tipo de idéias tolas. Na noite anterior rogou que acontecesse um milagre, e alguns momentos atrás tinha desejado que um sinal lhe assegurasse que tudo sairia bem.

Johanna tinha visto um retrato de Gabriel feito em carvão por um homem santo. Ainda recordava o desenho em todos os detalhes. O arcanjo estava representado como um guerreiro gigante com uma espada resplandecente na mão e tinha asas.

O homem de pé junto à Johanna não tinha asas, mas sem dúvida era um guerreiro gigante com uma espada na cintura.

E se chamava Gabriel. Acaso Deus teria respondido à prece de Johanna?

Capítulo 5

"Lúcifer", a mãe devia tê-lo chamado. Essa foi a conclusão de Johanna ao final do dia. "Também 'Bárbaro' ou 'Selvagem' seriam nomes adequados", pensou. "Parece ter o diabo no corpo, dando ordens com tanta altivez. Carece completamente de maneiras civilizadas".

Acaso não sabia que não era cortês brigar no dia do casamento?

Entretanto, reconhecia que Gabriel tinha começado de maneira agradável. Assim que o padre MacKechnie deu a bênção final e terminou a missa, o marido recente fez a esposa girar para que o encarasse. Tinham-lhe dado uma bela túnica multicolorida, igual a que ele mesmo usava e Gabriel prendeu o tecido comprido e estreito sobre o ombro direito de Johanna. Uma segunda túnica de cores diferentes foi colocada sobre o ombro esquerdo da jovem. O marido lhe explicou que a primeira era dos MacBain e a segunda, dos MacLaurin. Aguardou que assentisse em sinal de ter entendido e em seguida a beijou com tal veemência que lhe tirou o fôlego.

Johanna esperou que lhe desse um beijinho breve, mas o beijo foi arrasador. A boca de MacBain era firme e quente. O ardor desse beijo apaixonado fez com que as bochechas de Johanna se tingissem de rosado. Pensou em afastar-se, mas não o fez. O beijo a abalou tanto que não restaram forças nem desejo de fazê-lo.

As risadas que se ouviram atrás deles por fim chamaram a atenção de Gabriel. Interrompeu o beijo bruscamente, assumiu uma expressão satisfeita ao ver o assombro estampado no rosto da noiva e logo concentrou a atenção no sacerdote.

Johanna não se recuperou tão rápido e enfraqueceu, apoiando-se sobre o corpo do marido.

O padre MacKechnie rodeou o altar e se aproximou para felicitá-lo.

— Bom, foi uma linda cerimônia nupcial — afirmou.

Alex abriu passagem até o novo casal; Johanna sentiu que puxava sua saia e lhe sorriu.

O sacerdote chamou a atenção de Johanna com uma gargalhada.

— Por um momento, achei que não acabaríamos nunca.

Tanto o marido quanto o clérigo olharam para Johanna e a jovem lhes sorriu.

— Eu nunca duvidei. — afirmou — Quando tomo uma decisão, a cumpro.

Nenhum dos dois homens pareceu acreditar. O sacerdote afastou Alex das saias de Johanna e o fez colocar-se à esquerda do pai.

— Por que não começamos com a fila para os cumprimentos? — sugeriu — As pessoas do clã irão querer lhes desejar felicitações.

Gabriel continuou olhando fixamente à noiva como se quisesse dizer algo e não encontrasse as palavras.

— Gabriel, quer me dizer algo?

— Não me chame assim: eu não gosto desse nome.

— Mas é um belo nome.

O homem resmungou e Johanna tratou de ignorar essa exclamação incivilizada.

— Devia estar orgulhoso de ter um nome tão grandioso.

Gabriel voltou a queixar-se e Johanna desistiu.

— Como devo chamá-lo? — perguntou, tratando de ser condescendente.

— Lorde — propôs o marido.

Parecia falar sério, mas Johanna não pensava aceitar essa proposta. Era ridículo que os maridos empregassem nomes tão formais entre si. Johanna resolveu usar a diplomacia, pois compreendeu que nesse momento não era conveniente desafiá-lo.

— E quando estivermos sozinhos? — perguntou — Nesse caso, posso chamá-lo de Gabriel?

— Não.

— E então, quando...?

— Quando se dirigir a mim, me chame... me chame MacBain. Sim, assim estará bem.

— Quando me dirigir a você? Tem idéia de quão arrogante parece?

Gabriel encolheu de ombros.

— Não, mas está bem que diga que sou arrogante.

— Não, não está bem.

Gabriel não quis continuar discutindo.

— Estava certa em incluir o menino.

Johanna levou um momento para compreender que estava lhe agradecendo por sua atitude, pois havia falado em tom resmungão e, além disso, continuava reagindo à absurda proposta de chamá-lo MacBain.

Não soube como responder. Assentiu e disse:

— Devia ter recebido um bom banho antes da cerimônia.

MacBain tentou ocultar o sorriso. Na realidade, não permitiria que o repreendesse em público dessa forma, mas para falar a verdade, estava tão contente em comprovar que tinha certo caráter que não a repreendeu.

— Da próxima vez, cuidarei do meu banho.

Imediatamente, a jovem entendeu a ironia e não lhe passou despercebida a insinuação de que Gabriel poderia voltar a se casar.

— Gosta de ficar com a última palavra, não é mesmo, lorde?

— Sim — admitiu o homem com um sorriso.

O guerreiro notou que Alex contemplava Johanna encantado. O sacerdote o tinha colocado fora da linha de recepção, mas o menino já tinha se aproximado outra vez de Johanna.

A noiva ganhou o menino em poucos minutos. MacBain se perguntou quanto tempo ele levaria para ganhar o carinho da jovem. Que idéia tão tola! O que lhe importava o que sentisse por ele? O casamento lhe tinha dado a posse das terras e isso era a única coisa importante.

Os soldados dos dois clãs se aproximaram um a um para apresentar-se a Johanna e oferecer suas felicitações ao lorde. Logo, as mulheres chegaram. Uma jovem ruiva que lhe apresentaram como Leila, do clã MacLaurin, entregou a Johanna um belo buquê de flores púrpuras e brancas. A

recém casada agradeceu o presente e pensou em adicioná-lo ao galho que segurava na outra mão. Rompeu a rir ao ver o desastre que tinha feito com o buquê que o padre MacKechnie tinha lhe entregue. Das flores já não restava nada. Tinha levado um ramalhete de caules durante a cerimônia?

Quando finalizaram as apresentações, Alex estava inquieto. As mulheres iam de um lado para outro com recipientes de comida que colocavam sobre as mesas junto às quais os homens já estavam reunidos. Gabriel estava imerso numa conversa com dois soldados MacLaurin.

Johanna se voltou para Calum e Keith.

— Há seis cavalos no campo junto ao rio — começou.

— Um será meu — exclamou Alex.

MacBain ouviu o comentário do filho e se voltou para olhar Johanna com sorriso malicioso.

— Então foi assim que o conquistou!

Johanna o ignorou e continuou falando com os soldados.

— É meu presente de casamento para meu marido... e para Alex.
— se apressou a acrescentar — Por favor, poderiam enviar alguém para buscá-los?

Os soldados se inclinaram e foram cumprir o pedido. Alex puxou a barra da túnica de Johanna.

— Papai deu algum presente para você?

O pai respondeu à pergunta.

— Não, Alex.

Mas Johanna o contradisse:

— Sim, deu.

— O que? — perguntou o pequeno.

MacBain também sentiu curiosidade para ouvir a resposta. Johanna sorria para Alex.

— Deu-me um filho.

Essa afirmação deixou MacBain atônito, mas o menino não entendeu bem o que queria dizer.

— Mas eu sou filho dele — afirmou o pequeno mostrando o peito para ter certeza de que Johanna o entendesse.

— Sim — respondeu Johanna.

O menino sorriu.

— Um filho é melhor que seis cavalos?

— É obvio.

— Melhor até que cem?

— Sim.

Alex se convenceu de sua própria importância e o peito inchou de orgulho.

— Quantos anos você tem? — perguntou Johanna. O menino abriu a boca para responder e logo voltou a fechá-la. A expressão confusa do pequeno mostrou a Johanna que não sabia e se voltou para o marido em busca de uma resposta. Gabriel encolheu os ombros: era evidente que ele tampouco sabia. Johanna ficou estupefata:

— Não sabe a idade de seu filho?

— É pequeno — respondeu MacBain. Alex se apressou a reafirmar o que dizia o pai.

— Sou pequeno. — repetiu — Papai, eu posso ver os cavalos?

Gabriel assentiu. O menino soltou a saia de Johanna e foi em busca de Calum e de Keith.

O padre MacKechnie tinha presenciado a cena entre o menino e Johanna.

— O mocinho está fascinado por ela, não? — comentou para o lorde enquanto via Alex cruzar o pátio correndo.

— Subornou-o — disse Gabriel marcando as palavras.

— Sim — admitiu Johanna.

— Não é tão fácil conquistar os homens — assinalou o marido.

— Lorde, não me interessa conquistar nenhum homem. Por favor, me desculpe. Queria falar com meu irmão.

Era uma desculpa perfeita, mas Gabriel a estragou agarrando a mão de Johanna.

Nicholas tinha se aproximado da irmã. É obvio, estava rodeado de mulheres, pois era bonito e encantador e Johanna teve que esperar uns instantes até que o irmão notou que o chamava e se livrou das admiradoras.

Nicholas falou primeiro com MacBain.

— Dentro de um ou dois meses, enviarei alguns homens aqui para ajudar na reconstrução.

MacBain moveu a cabeça.

— Não mandará nenhum soldado aqui. Mataríamos assim que colocasse um pé em nossa terra.

— MacBain, é um homem obstinado.

— Quanto foi a multa que pagou ao rei?

— Que multa? — perguntou Johanna.

Tanto Nicholas quanto Gabriel ignoraram a pergunta. O irmão informou MacBain da soma e Gabriel afirmou que a devolveria.

Por fim, Johanna entendeu e disse ao irmão:

Nicholas? — Quer dizer que nosso rei o fez pagar uma multa? Por que,

— Porque nós escolhemos seu marido, Johanna. Acordamos... um preço...

— E se eu aceitasse me casar com o eleito pelo rei? — alfinetou-o Johanna.

— Williams? — perguntou Nicholas.

A jovem assentiu.

— Nesse caso, não teria necessidade de pagar uma multa, claro.

— Mentiu-me. Disse que não tinha moedas suficientes para me emprestar para pagar a John para que eu pudesse permanecer livre mais um ano.

Nicholas exalou um suspiro.

— Certamente, menti. — confessou — Você tentava adiar o inevitável e eu estava preocupado por sua segurança. Maldição! Era prisioneira em Londres! Eu não podia ter certeza de que estivesse a salvo por muito tempo mais e também me afligia a possibilidade de que John desse as terras dos MacLaurin a outro.

Johanna compreendeu que tinha razão, e também que a amava e só pensava em sua segurança.

— Perdão a mentira, Nicholas.

— Vá para casa, barão, e não volte. Já cumpriu seu dever e agora Johanna fica sob minha responsabilidade.

Johanna ficou estupefata diante da rudeza do marido.

— Já? — exclamou — Quer que vá agora mesmo?

— Agora — repetiu o guerreiro.

— Meu irmão...

— Não é seu irmão.

O comportamento de Gabriel a indignou tanto que sentiu desejos de gritar. Mas nesse momento o marido não prestava nenhuma atenção a ela e sim a Nicholas.

— Devia ter adivinhado. — disse — Vocês não parecem irmãos, e quando Johanna disse ao sacerdote seu nome completo, compreendi que não estão aparentados. Seus sentimentos por ela...

Nicholas não o deixou continuar.

— É muito astuto. — o interrompeu — Johanna não tem a menor idéia. Deixe as coisas como estão.

— Lorde...

— Nos deixe, Johanna. Esta discussão não diz respeito a você.

O tom de Gabriel indicou que não devia contradizê-lo. Johanna começou a espremer as pétalas do buquê de flores frescas enquanto contemplava as expressões sombrias dos dois homens.

Johanna não teve que decidir se devia ir ou ficar, pois o padre MacKechnie tinha ouvido o suficiente para saber que estava começando uma briga. Com fingido entusiasmo, pegou Johanna pelo braço e disse:

— Se não provar os pratos especiais, ferirá os sentimentos das mulheres que os prepararam. Vem. Não ficarão tranquilas até que a nova senhora lhes dê sua aprovação. Lembra como diz "obrigado" em gaélico?

O sacerdote a levou meio arrastando-a, meio empurrando-a para afastá-la dos dois homens. Johanna continuou olhando sobre o ombro para ver o que acontecia. Nicholas parecia furioso e MacBain também. Viu que quem mais falava era seu novo marido. Nicholas olhou em sua direção, notou que Johanna o observava e disse algo a MacBain. O marido assentiu e os dois homens se voltaram e desapareceram colina abaixo.

Não voltou a ver nenhum dos dois até que o sol começou a desaparecer no céu. Quando divisou o marido e o irmão que subiam a colina, soltou um suspiro de alívio. Atrás deles, o céu estava estriado dos raios alaranjados do poente. As silhuetas escuras, recortadas a contraluz na distância, pareciam místicas. Diria que brotavam da terra, como invencíveis guerreiros divinos movendo-se com graça ímpar.

Eram os guerreiros mais perfeitos que tinha visto e não tinha dúvida de que o arcanjo Gabriel devia estar sorrindo aos dois. Afinal de contas, foram feitos a sua imagem.

Johanna sorriu ante esses pensamentos tão fantasiosos. Logo os observou bem e deixou escapar uma exclamação horrorizada. Nicholas sangrava o nariz e tinha o olho direito quase fechado pelo inchaço. MacBain não se via em melhores condições. Emanava-lhe sangue de um corte na parte superior da testa

e de outro junto à boca.

Não soube a quem gritar primeiro. Por instinto, pensou em correr para Nicholas para repreendê-lo enquanto media a gravidade dos ferimentos, mas no momento em que ergueu a barra da saia e começou a correr, compreendeu que devia acudir Gabriel primeiro. Era seu marido e tinha que estar no centro de seus pensamentos. Por outro lado, se conseguisse acalmá-lo talvez estivesse mais disposto a escutar argumentos e a permitir que o irmão ficasse por alguns dias.

— Estiveram brigando — gritou, ao chegar junto ao marido. Gabriel não achou necessário responder: era óbvio que tinham estado brigando e não lhe agradava muito a raiva que percebia na voz de Johanna.

Johanna tirou o lenço de linho que tinha metido na manga e ficou nas pontas dos pés para enxugar o sangue da ferida e ver quão profunda era. Afastou-lhe com delicadeza o cabelo.

Gabriel jogou a cabeça para trás. Não estava habituado a que ninguém o atendesse e não sabia como reagir.

— Fique quieto, milorde. — lhe ordenou — Não o machucarei.

MacBain ficou quieto e deixou que o cuidasse. "Maldição! — pensou — esta mulher me encanta, mas não porque parece preocupada comigo, mas sim porque correu para me atender primeiro".

— Resolveram o conflito que os incomodava? — perguntou Johanna.

— Eu resolvi — respondeu MacBain com convicção.

Johanna olhou ao irmão.

— E você, Nicholas?

— Sim — respondeu em tom tão irritado quanto o marido.

A jovem se dirigiu outra vez ao marido.

— Por que provocou Nicholas? Sabe que é meu irmão. — acrescentou com gesto afirmativo — Meus pais se responsabilizaram por ele quando ele tinha oito anos. Ele estava lá quando eu nasci e o chamei meu irmão desde o momento em que comecei a falar. Deve-lhe uma desculpa, marido.

MacBain não fez caso da sugestão e lhe agarrou o pulso para que deixasse de limpar a ferida; em seguida se dirigiu a Nicholas.

— Despeça-se agora. — lhe ordenou — Não voltará a vê-la.

— Não! — gritou Johanna. Soltou-se do marido e correu para o irmão jogando-se em seus braços.

— Não me disse a verdade a respeito dele. — murmurou — Não é um homem gentil: é duro e cruel. Não suporto a idéia de não voltar a vê-lo. Eu te amo. Protegeu-me quando ninguém o fazia. Acreditou em mim. Por favor, Nicholas, me leve para casa com você. Não quero ficar aqui.

— Acalme-se, Johanna. Está tudo bem. MacBain tem bons motivos para querer que meus homens e eu partamos daqui. Aprenda a confiar nele.

Enquanto falava, Nicholas sustentou o olhar de MacBain.

— Por que não quer que retorne?

Nicholas moveu a cabeça e seu silêncio mostrou a Johanna que não pretendia explicar.

— Que mensagem quer que transmita a nossa mãe? A verei no mês que vem.

— Retornarei a casa com você.

O sorriso do irmão estava repleto de ternura.

— Agora está casada: este é seu lar. Tem que ficar com seu marido, Johanna.

Johanna não o deixava ir. Nicholas se inclinou, beijou-a na testa e em seguida afastou-lhe as mãos e a empurrou com suavidade para o marido.

— MacBain, trate-a bem, pois do contrário, por tudo o que é sagrado, voltarei e o matarei.

— Estará em seu direito — respondeu MacBain. Passou por Johanna e Nicholas se cumprimentaram como adolescentes — Você e eu chegamos a um acordo. Minha palavra é meu contrato, barão.

— E minha palavra é o meu, lorde.

Os dois homens assentiram. Johanna permaneceu ali, com as lágrimas correndo pelo rosto enquanto via o irmão afastar-se. Nicholas montou em seu cavalo, cavalgou colina abaixo e desapareceu de vista sem olhar atrás.

Johanna voltou-se e viu que o marido também tinha ido. De repente, encontrou-se sozinha. Permaneceu no limite da clareira sentindo-se tão triste e desolada quanto o lugar que a rodeava. Não se moveu até que o sol desapareceu no céu. Por fim, o vento gelado a tirou de seu recolhimento. Tremeu e esfregou os braços enquanto retornava lentamente ao pátio. Johanna não viu um só escocês até que chegou ao centro da clareira. Então viu o marido. Estava apoiado contra a entrada do castelo, observando-a.

Johanna secou as lágrimas, ergueu-se e avançou. Subiu os degraus com uma só intenção. Embora fosse um gesto infantil, estava decidida a lhe dizer quanto a desagradava.

Não teve a menor oportunidade. MacBain esperou que estivesse perto e a rodeou com os braços. Aprisionou-a contra seu peito, apoiou o queixo sobre a cabeça de Johanna e a abraçou.

Na verdade, tentava consolá-la! Esse gesto confundiu Johanna. Afinal de contas, ele tinha sido o causador de seu desgosto e agora tentava acalmá-la...

Apesar de tudo, funcionou. Johanna compreendeu que estava muito esgotada depois de um dia tão longo e difícil e sem dúvida esse foi o motivo de que não tentasse afastá-lo. Gabriel lhe oferecia uma maravilhosa calidez; "preciso deste calor — pensou a jovem — para me tirar o frio. Direi o que penso, mas primeiro me aquecerei".

Gabriel a sustentou um longo momento enquanto aguardava paciente, que recuperasse a compostura.

Por fim, Johanna se afastou.

— Milorde, a rudeza com que tratou meu irmão me fez muito infeliz.

Esperava uma desculpa, mas como o tempo passava compreendeu que não a receberia.

— Agora gostaria de ir me deitar. — disse — Tenho muito sono. Por favor, me acompanhe a minha cabana? Nesta escuridão não a encontraria.

— A cabana em que dormiu ontem à noite pertence a um dos MacBain. Não voltará a dormir lá.

— E onde dormirei?

— Dentro do castelo. — respondeu — No piso superior há duas salas. Os MacLaurin conseguiram deter o fogo antes que chegasse à escada.

Gabriel abriu a porta e fez um gesto para que entrasse, mas Johanna não se moveu.

— Milorde, eu posso perguntar algo?

Aguardou que assentisse e então disse:

— Algum dia me explicará por que colocou meu irmão pra fora e ordenou que não retornasse jamais?

— No seu devido tempo entenderá. — respondeu o homem — Mas se não for assim, terei muito prazer em lhe explicar.

— Obrigado.

— Johanna, eu sou capaz de me mostrar complacente.

Johanna não soltou um bufo desdenhoso porque não seria próprio de uma dama, mas a expressão de seus olhos indicou que não acreditava.

— Esposa minha, libertei seu irmão de uma carga.

— Eu era sua carga?

Gabriel moveu a cabeça em sinal de negativa.

— Não, você não. — respondeu — Agora, entre.

A jovem preferiu obedecer. A mulher que tinha entregado o buquê de flores frescas aguardava em pé junto à escada. — Johanna, esta é...

A recém casada não o deixou terminar.

— Leila. — disse — Obrigado outra vez por essas belas flores. Foi

muito gentil de sua parte.

— Milady, eu dou-lhe as boas-vindas. — respondeu a mulher. Tinha uma voz suave e melodiosa e um agradável sorriso. Os cabelos eram vermelhos como o fogo e como este, atraíam olhares. Johanna supôs que tinha uma idade próxima a sua.

— Foi difícil abandonar sua família e amigos para vir aqui? — perguntou Leila.

— Não tinha amigos íntimos — respondeu Johanna.

— E a respeito da criadagem? Certamente, nosso lorde deve ter lhe dado permissão para trazer sua dama de companhia.

Johanna não soube o que responder. Quase não conhecia os criados, pois Raulf os trocava todos os meses. A princípio, Johanna achou que era muito exigente, mas logo compreendeu que não era isso. Queria mantê-la isolada, para que não tivesse em quem confiar, e dependesse inteiramente dele. Depois da morte de Raulf a levaram para Londres e não travou relação com ninguém enquanto esteve prisioneira na corte do rei John.

— Eu não teria permitido que houvesse outra mulher inglesa aqui. — afirmou MacBain ao ver que Johanna vacilava em responder.

— Preferiram ficar na Inglaterra — disse enfim Johanna.

Leila assentiu, voltou-se para subir as escadas e Johanna a seguiu.

— Acredita que será feliz aqui? — perguntou a moça.

— Oh, sim! — respondeu Johanna, desejando estar certa — Aqui estarei a salvo.

MacBain franziu o semblante. Johanna não tinha idéia do muito que esse comentário revelava de seu próprio passado. O homem ficou ao pé das escadas, contemplando à noiva.

Leila, em troca, não era tão perspicaz quanto o lorde.

— Eu lhe perguntei se seria feliz — disse em tom risonho — Claro que estará a salvo: nosso lorde a protegerá.

Johanna pensou: "Eu posso me cuidar", mas não disse a Leila

porque não queria que pensasse que não estava agradecida de contar com o amparo do lorde. Voltou-se para o marido.

— Boa noite, milorde.

— Boa noite, Johanna.

Johanna seguiu Leila até o patamar das escadas. O patamar estava em parte bloqueado à esquerda por uma montanha de cestas de madeira, para evitar que alguém caísse sobre o salão ou corredor abaixo. Do lado oposto havia um corredor estreito. Velas colocadas em candelabros de bronze fixos às paredes iluminavam o caminho. Leila começou a explicar a Johanna os detalhes da casa e pediu que fizesse qualquer pergunta que lhe ocorresse. Outra mulher, Megan, aguardava no interior do primeiro aposento com o banho de Johanna preparado. Tinha cabelo castanho escuro e olhos amendoados e também usava a túnica dos MacLaurin. Exibia um sorriso tão agradável quanto o de Leila.

A recém casada se acalmou um pouco diante dessa imediata aceitação. O banho lhe pareceu maravilhoso e lhes agradeceu por terem pensado em lhe oferecer semelhante prazer.

— Nosso lorde ordenou que lhe preparássemos o banho. — esclareceu Megan — Como ontem à noite um MacBain lhe deixou sua cama, agora era a vez dos MacLaurin fazerem algo por você.

— É o justo — acrescentou Leila.

Antes que Johanna pudesse perguntar o que significava esse comentário, Megan mudou de assunto: queria falar a respeito do casamento.

— Você estava muito linda, milady. Você fez o bordado do vestido? É encantador.

— Claro que ela não o fez — disse Leila — A donzela...

— Eu mesma o fiz — afirmou Johanna.

Seguiram conversando durante o tempo que durou o banho. Ao fim, a recém-casada deu boa-noite às jovens e se dirigiu pelo corredor até o segundo aposento.

Dentro, estava morno e acolhedor. Contra a parede exterior havia uma lareira, uma enorme cama com cortinado nas cores de MacBain contra a parede oposta e uma janela que dava para o campo junto ao rio. Uma grossa

manta de pele cobria a janela fechando o espaço ao frio vento noturno e o fogo que ardia na lareira deixava o quarto mais acolhedor.

A cama pareceu tragá-la e Johanna imaginou que sob as mantas poderiam dormir quatro pessoas uma junto à outra, sem tocar-se. O único desconforto era que sentia frio nos pés. Pensou em sair da cama para procurar um par de meias de lã, mas logo lhe pareceu muito esforço e desistiu. "Deveria ter desfeito a trança", pensou bocejando. "Pela manhã meu cabelo estará cheio de nós, mas estou muito cansada". Fechou os olhos, fez suas orações e se dispôs a dormir.

A porta se abriu no mesmo instante em que começava a cochilar. A mente de Johanna não registrou o que acontecia até que sentiu que um lado da cama se afundava. Abriu lentamente os olhos: "Está bem. — disse — É Gabriel e não um intruso sentado ao lado da cama".

Gabriel tirou as botas e Johanna tratou de não alarmar-se.

— O que faz milorde? — disse em um murmúrio adormecido.

Gabriel lhe respondeu por cima do ombro:

— Dispo-me para deitar.

Johanna fechou os olhos outra vez e o marido pensou que tinha adormecido. MacBain ficou contemplando-a um longo momento. Dormia de lado, virada para ele. Alguns cachos, dourados como o amanhecer, esparramavam-se sobre os ombros como um manto. Pareceu-lhe deliciosa, frágil e inocente. Era muito mais jovem do que MacBain tinha imaginado, e depois que ele e Nicholas resolveram suas diferenças e o barão, com toda prudência, decidiu obedecer às ordens, MacBain lhe perguntou qual era a idade exata da irmã. Nicholas não recordava a data de nascimento de Johanna, mas sim que era quase uma menina quando os pais receberam a ordem do rei John de entregá-la em casamento ao barão favorito do monarca.

De súbito, Johanna se ergueu na cama.

— Aqui? Milorde pensa em dormir aqui? — perguntou quase sem fôlego.

Gabriel assentiu e se perguntou por que pareceria tão aterrorizada.

Johanna ficou com a boca aberta, muito estupefata para falar.

Gabriel ficou de pé, desatou a correia de couro que segurava a túnica e jogou a correia sobre uma cadeira próxima. A túnica caiu no chão. Estava completamente nu. Johanna fechou com força os olhos.

— Gabriel...! — murmurou em um sussurro abafado.

Antes de fechar os olhos, Johanna deu uma olhada nas costas de Gabriel e isso foi suficiente para lhe fazer palpitar o coração. O marido estava bronzeado pelo sol do pescoço até os tornozelos: como era possível? Acaso se expunha nu ao sol?

Não pensava perguntar-lhe. Sentiu que afastava as mantas e o movimento da cama quando Gabriel se deitou junto a ela. O homem fez um gesto de aproximação.

Pondo-se de joelhos, a jovem se voltou e o enfrentou. Viu que o homem estava deitado de costas e não se incomodou em cobrir-se. Então, Johanna agarrou as mantas e o cobriu até a cintura. Sentiu que o rosto lhe ardia de vergonha.

— Milorde, me enganou. Sim, me enganou! — quase gritou.

Gabriel não compreendeu o que lhe passava: parecia aterrorizada. Tinha os olhos cheios de lágrimas e não se surpreendeu de ouvi-la soluçar.

— De que modo a enganei? — esforçou-se em manter a voz baixa e serena. Enlaçou as mãos detrás da cabeça fingindo que tinha todo o tempo do mundo para esperar a resposta.

A atitude despreocupada de Gabriel teve a virtude de acalmar a jovem. Inspirou e disse:

— Meu irmão não lhe contou. Disse que tinha lhe dito... Oh, Deus, quanto lamento! Tinha que ter me assegurado de que sabia. Quando descobri que já tinha um filho, pensei que conhecia meu problema e que não se importava. Já tinha um herdeiro. Você...

Gabriel lhe cobriu a boca com a mão e viu que as lágrimas rodavam pelas bochechas. Disse-lhe em tom suave e tranquilizador:

— Seu irmão é um homem honrado.

Johanna assentiu. Gabriel tirou a mão da sua boca e a atraiu com suavidade para ele.

— Sim, Nicholas é um homem honrado — murmurou a jovem.

Apoiou o rosto sobre o ombro do marido e Gabriel sentiu que as lágrimas da mulher lhe gotejavam sobre a pele.

— Nicholas não me enganaria.

— Não pensei que o faria. — A voz de Johanna soava angustiada.

Passou um longo momento enquanto Gabriel esperava que Johanna lhe confessasse o que a atormentava.

— Talvez tenha esquecido de dizer ou achou que tinha dito.

— O que é que esqueceu de me dizer?

— Que não posso ter filhos.

Gabriel esperou em vão que continuasse e então perguntou:

— E?

Johanna continha o fôlego esperando a reação do marido: acreditou que ficaria furioso, embora na verdade não parecesse. Acariciava-lhe o braço de maneira distraída. Um homem enfurecido não acariciaria, mas sim golpearia.

Johanna supôs que não tinha compreendido.

— Sou estéril. — murmurou — Achei que Nicholas tinha lhe dito isso. Se desejar a anulação do casamento eu tenho certeza que o padre MacKechnie poderá atender ao pedido.

— Nicholas me disse isso, Johanna.

Johanna se ergueu outra vez.

— Disse? — Adotou uma expressão perplexa — E por que está aqui?

— Porque sou seu marido e é nossa noite de núpcias. É costume compartilhar a cama.

— Quer dizer que deseja dormir aqui esta noite?

— Por todos os diabos, com certeza sim! — respondeu Gabriel.

Johanna olhou-o incrédula.

— E todas as outras noites — anunciou Gabriel.

— Por quê?

— Porque sou seu marido.

Gabriel a fez voltar a deitar-se, ficou de lado e se inclinou sobre a moça. Afastou-lhe com delicadeza o cabelo do rosto.

O gesto foi suave e tranquilizador.

— Milorde, está aqui só para dormir?

— Não.

— Isso significa que deseja...

— Sim — disse o homem, irritado pela expressão horrorizada da mulher.

— Por quê?

Na verdade, não entendia. Essa observação mitigou o orgulho de Gabriel, mas não a irritação que lhe provocava.

— Johanna, acaso não esteve casada durante três anos?

Johanna tentou não olhá-lo nos olhos, mas era uma tarefa difícil. Eram olhos muito belos do mais puro tom de cinza. Também tinha maçãs do rosto salientes e nariz reto. Era um demônio de atraente, e até contra sua vontade, o coração de Johanna reagiu à proximidade do marido. Emanava dele um cheiro limpo e viril. Tinha o cabelo úmido, pois se banhara antes de deitar-se.

Johanna não deveria ter pensado que isso era agradável, mas não pôde evitá-lo. Teria que disciplinar seus rebeldes pensamentos. Não deveria lhe importar que fosse atraente nem que cheirasse bem.

— Responderá antes do amanhecer?

Johanna recordou a pergunta:

— Fiquei casada três anos.

— Então, como pode me perguntar se quero dormir com você?

A confusão de Gabriel não tinha sentido para Johanna.

— Para que? Não posso te dar filhos.

— Você falou sobre isso. — replicou Gabriel — Existe outro motivo pelo qual desejo me deitar com você.

— Que outro motivo? — perguntou Johanna, desconfiada.

— No ato marital há prazer. Acaso alguma vez o experimentou?

— Não sei nada sobre prazer, milorde, mas estou muito familiarizada com a decepção.

— Acredita que eu me decepcionarei, ou que ocorrerá a você?

— Ambas as coisas. — disse a jovem — E logo se zangará. Na realidade, seria melhor que me deixasse sozinha.

Gabriel não pretendia aceitar a sugestão. Johanna se comportava como se tivesse calculado tudo e o homem não precisava lhe perguntar de onde tinha tirado essas idéias. Era evidente que tinha sido muito maltratada pelo primeiro marido. Era tão inocente e tão vulnerável...! "É uma pena que Raulf esteja morto! — pensou MacBain — Me agradaria matá-lo com minhas próprias mãos".

No entanto, não podia mudar o passado. Só podia concentrar-se no presente e no futuro dos dois. Inclinou-se e beijou Johanna na testa e o alegrou que não se contraísse nem lhe desse as costas.

— Esta é a primeira noite para você...

Ia explicar que seria a primeira vez que estavam juntos e que seria um novo começo para ambos, mas Johanna o interrompeu.

— Não sou virgem, milorde. No primeiro ano de casamento, Raulf se deitou comigo muitas vezes.

Essa afirmação despertou a curiosidade de Gabriel e se inclinou para olhá-la.

— E depois do primeiro ano?

— Procurou outras mulheres: estava decepcionado comigo. Não há outras mulheres com as quais deseje estar?

Mencionou a possibilidade com aparente entusiasmo e o homem não soube se se sentia ofendido ou divertido. Poucas mulheres desejavam compartilhar seus maridos, mas Johanna parecia ansiosa para sair e conseguir amantes para ele. Demônios, até parecia disposta a oferecer seu lugar na cama!

— Não quero nenhuma outra mulher.

— Por que não?

Teve a ousadia de mostrar-se zangada. Gabriel não podia acreditar que realmente mantinham esta conversa tão absurda. Sorriu e sacudiu a cabeça.

— Quero você — insistiu.

Johanna suspirou.

— É seu direito.

— É.

Gabriel afastou as mantas e Johanna voltou a colocar em seu lugar.

— Espere um momento, por favor. Antes que comece, queria fazer uma pergunta muito importante.

Gabriel franziu o semblante. Johanna posou o olhar sobre o queixo do marido para que ele não visse o quanto ela estava assustada enquanto esperava que aceitasse ou negasse seu pedido.

— Qual é sua pergunta?

— Queria saber o que acontecerá quando o decepcionar. — atreveu-se a olhar rapidamente nos olhos de Gabriel e acrescentou depressa — Queria estar preparada.

— Não me decepcionarei.

Johanna não pareceu acreditar.

— E se acontecer? — insistiu.

Gabriel manteve a paciência.

— Nesse caso, o único culpado serei eu.

A jovem o contemplou um longo momento antes de afrouxar o crispado apertão com que segurava as mantas. Gabriel a viu juntar as mãos sobre o estômago e fechar os olhos com expressão resignada, coisa que o fez menear a cabeça de frustração.

"É inevitável. — pensou o homem — Conseguirei o que quero e ela é bastante perspicaz para saber disso".

Johanna não estava muito assustada. Recordava a dor que produzia o ato de acasalamento, e embora não estivesse ansiosa por sofrer esse desagradável desconforto, sabia que poderia suportá-la. Não a mataria. Tinha passado antes por essa prova e podia voltar a fazê-lo. Sobreviveria.

— Muito bem, milorde, estou preparada.

Deus, que mulher mais exasperante!

— Não, Johanna — respondeu Gabriel em um murmúrio baixo e rouco.

Tomou o cinto que segurava a camisola da mulher e a soltou.

— Ainda não está preparada, mas estará. Tenho o dever de fazer com que me deseje, e não a tomarei até que isso aconteça.

Johanna não mostrou a menor reação a essa promessa. Para falar a verdade, parecia que acabaram de colocá-la em um caixão. MacBain pensou que o único que faltava era uma flor entre os dedos rígidos. Assim teria certeza de que estava morta e que teria que enterrá-la.

Compreendeu que teria que mudar o modo de abordá-la. A noiva exibía uma alarmante palidez e estava tensa como a corda de um arco, em guarda contra ele. Isso não o inquietava muito, pois compreendia as razões, embora Johanna mesma não as compreendesse. Gabriel teria que esperar até que Johanna se acalmasse um pouco e só então iniciaria o delicado assédio. A estratégia do guerreiro não era muito complexa: a seduziria. E Johanna não saberia o que estava acontecendo até que fosse tarde. As defesas cairiam e quando a paixão se acendesse não restaria lugar para o medo na mente de Johanna.

Gabriel já tinha compreendido que a esposa era uma dama de bom coração. A forma como falou com seu filho mostrou que era uma mulher compassiva e carinhosa. E apesar de não saber se possuía uma natureza apaixonada estava disposto a descobrir antes que um dos dois se levantasse daquela cama.

MacBain se inclinou para a jovem, beijou-lhe a testa, virou até ficar de costas e fechou os olhos.

Vários minutos se passaram até que Johanna compreendeu que o marido na verdade dormiria e se voltou para olhá-lo. Por que tinha lhe dado essa trégua?

— Milorde, acaso já o decepcionei?

— Não.

Continuou olhando-o, esperando outra explicação, mas Gabriel não acrescentou outra palavra que apaziguasse a curiosidade de Johanna.

Por não compreender o motivo da atitude do marido, Johanna se afligiu mais ainda.

— O que quer que faça? — perguntou.

— Que tire a camisola.

— E depois?

— Durma. Não a tocarei esta noite.

Como Gabriel tinha os olhos fechados, não percebeu a mudança no semblante da jovem. Entretanto, ouviu-a suspirar, supôs que era de alívio e não pôde evitar sentir-se irritado. Diabos, antes que pudesse satisfazer seus desejos, uma noite muito longa o esperava!

Johanna não via sentido na ordem do marido. Se ele pretendia deixá-la em paz, o que importava se usava ou não a camisola? "Talvez seja um modo de salvar as aparências. — pensou — Não pretendo discutir depois que me concedeu este maravilhoso alívio".

Gabriel tinha os olhos fechados e, portanto Johanna não teria que se preocupar com pudor. Saiu da cama, tirou a camisola, dobrou-a com cuidado

e deu a volta até o outro lado da cama para deixá-la sobre uma cadeira. Recolheu também a túnica de Gabriel que estava jogada no chão, dobrou-a e deixou sobre a camisola. O ar no quarto estava gelado e as tábuas do chão lhe congelavam os pés. Apressou a meter-se outra vez sob as mantas antes que gelassem os dedos dos pés.

O calor que desprendia do homem a incitou a aproximar-se, mas cuidando para não tocá-lo. Virou-se de lado dando as costas e, com suma lentidão, aproximou-se pouco a pouco do marido.

Levou muito tempo para relaxar. Temia confiar nele, ainda que fosse óbvio, era seu marido e merecia que tivesse confiança até que demonstrasse que não era digno dela. Nicholas confiava no lorde e, exceto seu pai, Johanna não conhecia homem mais honrado que o irmão. Por outro lado, Nicholas tinha grande perspicácia para julgar o caráter das pessoas. Se não tivesse acreditado que Gabriel era um homem bom e decente não teria proposto que se casasse com ele. Além disso, era significativo que Gabriel não a tivesse forçado. Na verdade, mostrava-se muito tolerante.

O calor do corpo de Gabriel irradiava para as costas de Johanna e lhe dava uma sensação maravilhosa. Aproximou-se um pouquinho mais até que a parte traseira de suas coxas roçou as do homem. Depois de alguns instantes adormeceu.

Gabriel pensou que embora tivesse cometido inúmeros pecados mortais, sem dúvida ganharia um lugar no céu pela consideração que tinha tido essa noite com sua nova esposa. A ansiedade fez brotar um suor frio da testa. Pensou que seria menos doloroso andar sobre brasas. Estava convencido de poder suportar as dores físicas mais intensas, mas era um desafio endiabrado estar deitado junto à Johanna com a mente borbulhando de idéias luxuriosas. E Johanna não o ajudava muito: continuava apertando as nádegas contra a virilha de Gabriel. Era a tortura mais doce que já tinha experimentado e teve que apertar os dentes para resistir à tentação.

O fogo da lareira se transformou em cinzas e já tinha passado da meia-noite quando Gabriel decidiu que já era o bastante. Rodeou a cintura de Johanna com o braço e se inclinou para esfregar o nariz com suavidade sobre o pescoço da moça. Ela despertou sobressaltada. Ficou rígida por um instante, mas logo apoiou a mão sobre a de Gabriel, que descansava logo abaixo de seus seios. Tentou afastar a mão, mas o homem não a moveu. Johanna estava aturdida pelo sono e os beijos úmidos que Gabriel lhe dava no pescoço a faziam estremecer de calor... não de frio. Era muito agradável para preocupar-se. Mas para assegurar-

se de que Gabriel não pensasse que lhe permitiria tomar maiores liberdades, enlaçou os dedos nos dele para que não movesse a mão.

Gabriel percebeu o que Johanna planejava, mas isso não o deteve. Mordiscou-lhe com suavidade o lóbulo da orelha, em seguida o acariciou com a língua enquanto soltava a mão da dela com suavidade e começava a acariciar lentamente as laterais dos seios túrgidos de Johanna com os nós dos dedos.

As sensações que correram pelo corpo de Johanna foram prazerosas, e também surpreendentes. Coisa estranha: as carícias de Gabriel a faziam desejar mais e sentiu o hálito morno e doce do marido contra sua pele. De maneira instintiva, tentou afastar-se e ao mesmo tempo aproximar-se mais. O corpo de Johanna contradizia a mente até que percebeu a evidência da excitação de Gabriel e o pânico a inundou. Voltou-se para o homem. Exigiria que cumprisse sua palavra. Tinha prometido que essa noite não a tocaria e certamente não teria esquecido.

— Prometeu que esta noite não me tocaria.

Beijou-a na testa para eliminar as rugas de preocupação.

— Me recordo.

— E então...?

Beijou-a na ponta do nariz. De repente, Johanna se sentiu envolta no calor de Gabriel. Esmagou-a contra a cama cobrindo-a com o corpo da cabeça aos pés. As coxas duras se apoiavam sobre as de Johanna. A virilidade erguida de Gabriel se apertava de maneira íntima contra os suaves cachos que cobriam o centro de sua feminilidade. A sensação desse corpo robusto contra o seu a fez ofegar de temor e de prazer.

— Gabriel...!

O homem entrelaçou os dedos no cabelo de Johanna e em seguida envolveu-lhe o rosto com as mãos. Inclinou-se para ela até ficar a poucos centímetros de Johanna e posou o olhar na boca da mulher.

— Johanna, já passou a meia-noite: cumpra minha palavra.

Não lhe deu tempo para protestos nem temores: silenciou-a com um beijo. A boca firme e quente posou sobre a de Johanna. A língua deslizou na boca da jovem para fazê-la desistir de qualquer argumento que tentasse opor.

Gabriel queria que Johanna esquecesse os temores antes que tomassem conta da mente da jovem. Por mais que a desejasse, sabia que nunca a forçaria. Se nessa noite Johanna não pudesse superar a apreensão, esperaria e voltaria a tentar no dia seguinte... e no outro... e no outro. Sem dúvida, no seu devido tempo, Johanna aprenderia a confiar nele e então se livraria das inibições.

O beijo não foi terno e sim carnal e devorador, Johanna não resistiu, mas o devolveu com veemência. Quando a língua de Johanna roçou com acanhamento contra a de Gabriel, um gemido abafado de prazer se formou no fundo da garganta do homem.

Esse som sensual fez com que Johanna se tornasse mais audaz. Estava tão abalada pela sua reação ao despertar dos sentidos que quase não podia pensar. Esfregou os pés contra as pernas do homem em um inquieto movimento e tentou recuperar o fôlego.

O sabor da boca de Johanna era tão bom quanto Gabriel tinha imaginado. A boca do homem invadiu a da mulher uma e outra vez sem retroceder no assédio às defesas de Johanna durante um longo momento. Fez amor na boca de Johanna com a língua, penetrando-a com lentidão, retrocedendo e obrigando-a a responder a esses movimentos provocadores.

Pretendia seduzi-la e estava conseguindo. Em poucos minutos, Johanna tremia de desejo. Quando levou as mãos aos seios de Johanna e lhe acariciou os mamilos com os polegares, a jovem exalou um abafado gemido de prazer. Não podia evitar arquear-se contra as mãos de Gabriel no desejo de continuar gozando a doce tortura.

Tinha que fazer com que Johanna lhe envolvesse o pescoço com os braços. As mãos de Johanna comprimiam nas laterais até que Gabriel separou a boca da dela e lhe disse o que queria.

Mesmo assim, Johanna não obedeceu. Gabriel ergueu a cabeça para contemplá-la e esboçou um sorriso de pura satisfação masculina. A expressão de Johanna revelava que se sentia aturdida pelo que estava acontecendo. Nos olhos da jovem percebia-se a paixão. Gabriel voltou a inclinar a cabeça e a beijou outra vez com a boca aberta em um duelo de línguas, para demonstrar quanto o agradava e em seguida pegou as mãos e as colocou atrás de seu próprio pescoço.

— Me abrace. — ordenou em um sussurro rouco — Toque em mim.

Johanna demonstrou ter o abraço de um guerreiro. Gabriel traçou um lento caminho de beijos sobre o seio da jovem. Envolveu os seios com as mãos e se inclinou para tomar um dos mamilos na boca. As unhas de Johanna se cravaram em seus ombros e Gabriel ofegou de prazer.

Até o momento, Gabriel estava em completo controle do jogo amoroso, mas quando deslizou a mão sobre o ventre plano e sedoso da jovem e seguiu para baixo procurando uma carícia mais íntima e começou a tocar o centro do calor de Johanna, perdeu a compostura. As dobras cobertas pelos suaves cachos eram suaves, úmidas e muito quentes. Esfregou com o polegar o casulo de carne sensível enquanto a penetrava lentamente com os dedos.

Johanna gritou assustada, pois a intensidade do prazer que Gabriel lhe oferecia era nova e não podia entendê-la nem controlá-la. Tentou retirar a mão, ao mesmo tempo em que, em rebeldia, seu corpo se movia inquieto contra o do marido.

"Deus querido! — pensou — perdi o controle de minha própria mente!"

— Gabriel, o que está me acontecendo?

Cravou as unhas nas costas e girou a cabeça para o lado enquanto Gabriel continuava lhe fazendo amor, no mesmo tempo que mudava de posição para acalmá-la com outro beijo.

— Tudo bem. — murmurou sem fôlego — Gosta do que está sentindo, não é?

Não lhe deu tempo para responder, apoderando-se outra vez da boca de Johanna. Moveu a língua dentro de sua boca no mesmo tempo que afundava os dedos mais profundamente na escura cavidade da feminilidade da mulher.

Johanna se perdeu. Uma paixão como jamais tinha experimentado se acendeu em suas vísceras e se estendeu como um fogo selvagem por todo seu corpo. Agarrou-se ao marido gemendo, suplicando com eróticos movimentos que terminasse com a deliciosa tortura.

Mas Gabriel se conteve embora a pressão crescesse dentro de si até limites intoleráveis. Somente podia pensar em mergulhar nesse calor sedutor. Lutou contra esse desejo devastador e seguiu amando-a com a boca e os dedos. Quando de súbito Johanna retesou em torno dele, soube que estava quase

alcançando o clímax. Mudou imediatamente de posição de modo que seu pênis ereto se apoiasse sobre a entrada da vulva. Apoiou-se sobre os cotovelos, tocou-a no queixo e exigiu que o olhasse.

— Diga meu nome, Johanna.

— Gabriel — murmurou a mulher.

Deu-lhe um beijo breve e firme, afastou a boca, olhou-a nos olhos e pediu:

— Agora e para sempre. Diga esposa. Diga agora.

Cada nervo do corpo de Johanna suplicava alívio. Gabriel lhe agarrou os ombros e esperou que pronunciasse a promessa.

— Agora e para sempre, Gabriel!

Gabriel deixou pender a cabeça sobre o ombro de Johanna e com um vigoroso impulso penetrou completamente nela. Sentiu-se rodeado por um fogo líquido. "Deus querido, — penso — é tão apertada e quente que não sei se poderei suportar esta doce agonia!"

Não pôde permanecer imóvel dentro dela para dar tempo para que o corpo de Johanna se adaptasse à invasão, e no fundo de sua mente surgiu a preocupação de que talvez estivesse machucando-a, mas foi impotente para conter as ardentes exigências de seu próprio corpo. Os impulsos de Gabriel foram fortes e prementes, sem medida. Johanna elevou os joelhos para recebê-lo mais profundamente dentro de si. Envolveu-o, apertou-o. O homem gemeu de puro prazer animal em deliciosa agonia. Entre os braços do homem, Johanna se converteu em uma selvagem. Apertou-se ao marido e arqueou-se contra o corpo dele. As pernas de Johanna o rodearam e os gemidos suaves e sensuais o enlouqueceram. Nunca antes tinha experimentado uma paixão semelhante. Johanna não ocultou nada e a completa entrega da mulher apressou a de Gabriel. Não queria que terminasse. Retirou-se com lentidão até ficar quase separado da mulher e em seguida voltou a penetrá-la.

Gabriel já não soube de outra coisa que dar a Johanna além da mais completa satisfação e buscar a própria. Respirava entrecortado e quando sentiu os tremores do orgasmo da esposa e a ouviu pronunciar seu nome com uma mescla de temor e deslumbramento, já não pôde mais conter-se. Derramou nela sua semente emitindo um gemido intenso e luxuriante.

O corpo de Johanna pareceu libertar-se com o orgasmo. Pensou que tinha morrido. Nem em suas mais loucas fantasias tinha imaginado que fosse possível semelhante amontoado de sensações. Foi a experiência mais fantástica e de maior impacto.

Na verdade deu a si mesma a liberdade de entregar-se por inteiro a Gabriel e, por Deus, a recompensa a deixou atônita. O marido a abraçou e cuidou dela durante a tormenta passionai, e a beleza do ato de amor lhe encheu os olhos de lágrimas.

Estava exausta demais para soluçar; Gabriel a tinha esgotada de toda energia. O homem se deixou cair sobre ela e a mulher pensou que ela também o tinha esvaziado de toda energia ainda que o peso do homem não a tenha esmagado. Então notou que ainda se sustentava sobre os braços na lateral. Embora parecesse esgotado, tinha o cuidado de protegê-la.

O ar do quarto se encheu do cheiro do amor de ambos e os corações dos dois pulsaram em ritmo frenético.

Gabriel foi o primeiro a recuperar-se e sua primeira preocupação foi para a esposa. "Deus! — pensou — a terei machucado?"

— Johanna? — Fazendo força com os braços se afastou um pouco para trás para poder olhá-la com evidente preocupação — Acaso eu...?

A pergunta foi interrompida pela risada de Johanna. Esse som tão repleto de alegria o fez sorrir.

— Sim, o fez — murmurou a jovem.

Essa mulher era um enigma para o homem.

— Como é possível que ria e chore ao mesmo tempo?

— Não estou chorando.

Gabriel passou as pontas dos dedos pela maçã do rosto de Johanna para enxugar as lágrimas.

— Sim, está chorando. Machuquei você?

Johanna moveu lentamente a cabeça.

— Não sabia que as coisas podiam ser assim entre um homem e

uma mulher. Foi muito lindo.

O comentário fez Gabriel assentir com arrogante satisfação.

— Johanna, é uma mulher apaixonada.

— Nunca soube... até esta noite. Gabriel, eu senti muito prazer.
Fez-me...

Não achou a palavra apropriada para descrever o que sentia e a Gabriel satisfez em proporcionar-lhe.

— Arder?

Johanna assentiu.

— Não sabia que alguns maridos gostavam de beijar e acariciar antes do acasalamento — disse.

Gabriel se inclinou, beijou-a na boca e em seguida se separou dela e se deitou de costas.

— Esposa minha, isso se chama preparação.

— É agradável — suspirou. A noção que Raulf tinha sobre preparação consistia em afastar as mantas e Johanna desprezou a lembrança. Não queria empanar a beleza do que acabava de acontecer com as lamentáveis imagens do passado.

Não queria que Gabriel dormisse. Para falar a verdade, queria que fizesse amor outra vez. Assombrou-se com sua própria luxúria e sacudiu a cabeça diante de seu comportamento caprichoso.

Johanna se cobriu com as mantas e fechou os olhos. Começou a incomodá-la uma idéia insidiosa: agora que se uniram, talvez um dos dois tivesse que ir? Sempre que Raulf ia a sua cama, partia assim que terminava. E como pelo jeito Gabriel se dispunha a dormir ali, pensou que ela teria que ir.

Quería ficar, mas a perspectiva que lhe ele desse a ordem para partir feria seu orgulho. Era preferível não lhe dar a oportunidade de ordenar que se fosse. Johanna lutou vários minutos contra essa preocupação.

O próprio Gabriel tinha pensamentos confusos. O astuto plano de seduzir à esposa enquanto estava com as defesas baixas se voltou contra ele.

Diabos, era Johanna quem o tinha seduzido! Nunca, com nenhuma mulher, tinha perdido o controle desse modo, nunca havia se sentido tão vulnerável e se perguntou o que Johanna faria se soubesse que gozava de semelhante poder sobre ele. Franziu o semblante somente por pensar nisso.

Johanna se deslocou para o lado da cama e pegou a camisola antes de levantar-se. Sentia-se infeliz e solitária e não compreendia por que tinha vontade de chorar. Em que pese que o ato de amor tivesse sido maravilhoso, inundava-a uma renovada incerteza. "Não — disse — não compreendo esta mudança que experimentei, mas imagino que terei todas as horas da noite para pensar nisso. Não acredito que possa dormir, e estarei exausta quando o amanhecer chegar."

Gabriel parecia ter dormido. A jovem tentou fazer o menor ruído possível enquanto caminhava para a porta. Ia tocar o trinco quando Gabriel a deteve.

— Aonde vai?

Johanna se voltou para olhá-lo.

— Para o outro aposento, milorde. Imaginei que queria que dormisse ali.

— Volte aqui, Johanna.

Johanna se aproximou lentamente da cama no lado que o marido ocupava.

— Não queria te acordar.

— Não estava dormindo.

Segurou-a pelo cinto do penhoar e perguntou com certa curiosidade:

— Por que queria dormir sozinha?

— Não queria — deixou escapar Johanna.

Gabriel puxou as mangas para retirar a vestimenta. Johanna tremia de frio e Gabriel divertiu-se em notá-lo, pois para ele fazia muito calor no quarto. Limitou-se a afastar as mantas e esperar que a esposa voltasse a meter-se na cama.

Johanna não hesitou e se deitou junto do marido. Gabriel a abraçou e a estreitou contra si. Johanna apoiou o rosto sobre o ombro do marido. Gabriel puxou as mantas para cobri-los, soltou um sonoro bocejo e disse:

— Você dormirá nesta cama comigo, todas as noites. Entendeu, Johanna?

Ao assentir, a cabeça de Johanna se chocou contra o queixo de Gabriel.

— É habitual que aqui, nas Highlands, os casais durmam juntos?

Gabriel fez rodeio para responder:

— Será habitual para nós dois.

— Sim, milorde.

O homem se sentiu satisfeito pelo rápido sussurro de anuência. Abraçou-a com mais força e fechou os olhos.

— Gabriel?

O homem soltou um grunhido.

— Está contente de ter se casado comigo?

Assim que as palavras brotaram de seus lábios, Johanna se arrependeu. "Agora ele saberá quão vulnerável me sinto e quão insegura estou na realidade", pensou.

— Agora as terras me pertencem: isso me agrada.

O homem demonstrou uma sinceridade brutal e Johanna pensou que talvez devesse admirar essa qualidade, mas nesse momento não podia. Pensou que preferia que mentisse, que dissesse que estava feliz em tê-la como esposa. "Por Deus! Acaso estou me tornando tola? Não quero estar casada com um homem que minta pra mim. Não, com certeza não."

Compreendeu que suas idéias eram absurdas. Sem dúvida o esgotamento a fazia pensar coisas tolas e ridículas. O que importava se a amava ou não? Ao casar-se com ele tinha obtido nem mais nem menos que buscava: estava a salvo dos tentáculos do rei John. Sim, estava livre... e a salvo.

Tinha obtido o que desejava, e Gabriel também: a posse da terra.

— É muito suave. Preferia uma mulher mais forte, de pele dura.

Johanna estava quase adormecida quando ouviu o comentário e como não soube o que responder, se manteve em silêncio.

Gabriel deixou passar um minuto e voltou a falar.

— É muito delicada para a vida neste lugar. Não creio que sobreviva todo um ano. Teria preferido uma mulher mais robusta, menos sensível. Sim, certamente, não agüentará um ano aqui.

Gabriel não parecia preocupado por semelhante perspectiva e Johanna tratou de não discutir. Não tentaria dissuadi-lo de suas opiniões. Seria em vão tentar convencê-lo de que na realidade era uma mulher forte que podia suportar o mesmo que uma mulher das Highlands. Gabriel já tinha formado uma opinião e só o tempo mostraria que Johanna não era uma flor de estufa. Na verdade tinha vigor. Já tinha demonstrado a si mesma que era capaz de sobreviver. No seu devido tempo, também mostraria ao marido.

— É uma garota tímida. Talvez tivesse preferido uma mulher mais decidida.

Desta vez, manter silêncio constituiu um ato de suprema vontade. Johanna tinha feito uma pergunta simples e um "sim" ou um "não" teriam bastado como resposta. Mas o marido parecia deleitar-se em fazer uma lista dos defeitos de Johanna. A jovem percebia o tom risonho de sua voz. Começava a compreender que o marido era um tanto grosseiro.

— Tem opiniões tolas. Preferiria uma esposa que estivesse sempre de acordo comigo.

Irritada, Johanna começou a tamborilar os dedos sobre o peito do homem e Gabriel pôs a mão em cima da dela para detê-la.

Johanna soltou um sonoro bocejo indicando que desejava dormir. Um marido gentil teria cessado imediatamente com essa sucessão de ofensas. Mas Gabriel não era particularmente gentil.

— A coisa mais insignificante a assusta — assinalou, recordando a expressão do rosto de Johanna quando viu o cão. — Teria gostado de uma mulher que assustasse meu cão — acrescentou.

O calor que irradiava do corpo de Gabriel a deixava letárgica. Johanna cruzou uma perna sobre as coxas do marido e se aproximou mais.

— É muito magra. — disse então Gabriel — O primeiro vento do norte a levaria. Queria uma mulher maior e forte.

Estava muito sonolenta para discutir com o marido e a fúria exigia muita concentração. Johanna adormeceu ouvindo como o marido continuava enumerando seus incontáveis defeitos.

— Esposa, é muito ingênua — disse, ao recordar o que Johanna lhe disse sobre o clima quente das Highlands: tinha acreditado na flagrante mentira do irmão.

— Sim, é muito ingênua — repetiu.

Passaram alguns minutos até que por fim Gabriel decidiu responder à pergunta da mulher.

— Johanna?

A jovem não lhe respondeu. Gabriel se inclinou, beijou-a no alto da cabeça e murmurou:

— É verdade: estou contente de ter me casado com você.

Capítulo 6

Johanna despertou escutando golpes, seguidos de um estalo. Acreditou que o teto tinha desabado. Ergueu-se de repente no momento em que a porta se abria e Gabriel entrava. Johanna agarrou as mantas e as ergueu para cobrir os seios.

Imaginou que teria um aspecto horroroso. O cabelo caía sobre o rosto lhe obstruindo a visão. Segurou as mantas com uma das mãos e com a outra afastou o cabelo do rosto.

— Bom dia, lorde MacBain.

O pudor da mulher pareceu divertido Gabriel ao lembrar que nessa noite tinha percorrido cada centímetro de seu corpo. Além disso, Johanna estava ruborizada.

— Depois da noite passada acho que não precisa se envergonhar diante de mim, Johanna.

A mulher assentiu:

— Tentarei não me sentir incomodada — prometeu.

Gabriel se aproximou dos pés da cama. Com as mãos nas costas olhou carrancudo para a esposa.

Johanna sorriu.

— Não é de amanhã —a informou — mas sim de tarde.

Johanna abriu os olhos surpresa.

— Estava esgotada. — se defendeu, por ter dormido parte do dia — Milorde, costumo acordar ao amanhecer, mas a viagem até aqui foi exaustiva. O que é esse barulho que ouço? — perguntou, para não continuar falando de sua preguiça.

— Os homens estão fazendo o novo teto do salão principal.

Gabriel notou as olheiras de Johanna e a palidez e lamentou tê-la

despertado. Então, começaram as marteladas e compreendeu que, de qualquer maneira, o barulho a teria despertado. Pensou que não devia ter permitido que o trabalho do telhado começasse nesse dia: a noiva necessitava descanso, não distração.

— Queria algo, milorde?

— Queria lhe dar instruções.

Johanna sorriu, esperando que isso demonstrasse que estava disposta a aceitar qualquer tarefa que Gabriel indicasse.

— Hoje usará a túnica dos MacBain e amanhã a mudará pela que tem as cores dos MacLaurin.

— Sêrio?

— Sim.

— Por quê?

— É a senhora dos dois clãs e não tem que pender para nenhuma das duas facções. Seria um insulto se usasse as minhas cores por dois dias seguidos. Entende?

O lorde acreditou ser muito claro.

— Não. — respondeu a esposa — Não entendo. Acaso não é o lorde dos dois clãs?

— Certamente.

— E, portanto é o líder de todos?

— Sim.

A voz e a expressão de Gabriel eram arrogantes. E sua presença... autoritária. Pairava acima da cama. Mesmo assim, na noite passada tinha sido extremamente gentil. A lembrança do ato de amor fez Johanna suspirar.

— Agora me entende? — perguntou Gabriel, perplexo pela expressão confusa da esposa.

Johanna moveu a cabeça tratando de esclarecê-las idéias.

— Não, ainda não compreendo. — confessou — Se for...

— Não é sua tarefa compreender — afirmou.

A mulher ocultou sua exasperação. Pelo jeito, o marido queria sua aceitação, mas não a teria. Limitou-se a olhá-lo fixamente, esperando outra afirmação irritante.

— Darei mais uma instrução. — disse Gabriel — Não quero que se encarregue de nenhum tipo de trabalho. Quero que descanse.

Johanna achou que não tinha escutado direito.

— Que descanse?

— Sim.

— Quer me explicar por quê?

Ao ver a expressão incrédula da mulher, Gabriel franziu o semblante. Parecia-lhe óbvio que precisava descansar, mas se queria voltar a ouvi-lo, repetiria.

— Levará tempo para se recuperar.

— Me recuperar do que?

— Da viagem.

— Mas já me recuperei, milorde. Dormi toda a manhã e já me sinto descansada.

O homem se voltou para sair, mas Johanna chamou:

— Gabriel!

— Pedi que não me chamasse assim.

— Ontem à noite me pediu que dissesse seu nome — recordou.

— Quando?

Johanna se ruborizou.

— Quando estávamos... nos beijando.

Gabriel recordou.

— Isso é diferente — disse.

— O que é diferente? Beijar-me ou me pedir que pronuncie seu nome?

O homem não respondeu.

— Gabriel é um nome bonito.

— Não pretendo discutir — afirmou.

Johanna não soube como reagir e decidiu deixar de lado no momento a questão do nome. O marido já tocava o puxador da porta, mas Johanna queria lhe pedir algo antes que partisse.

— Poderia ir caçar esta tarde?

— Acabo de dizer que quero que descanse. Não me obrigue a repeti-lo.

— Milorde, o que diz não tem sentido.

Gabriel voltou e se aproximou outra vez da cama. Parecia um tanto irritado.

De repente, Johanna descobriu que não a intimidava e sorriu. Não entendia por que se sentia desse modo, mas era assim. Na realidade, estava expressando o que sentia e era a primeira vez depois de muitíssimo tempo. Era uma sensação... libertadora.

— Já disse que me recuperei da viagem — o recordou.

Gabriel segurou-a no queixo e a obrigou a olhá-lo nos olhos. Quase sorriu ao ver a expressão zangada da mulher.

— Há outro motivo pelo qual quero que descanse.

Johanna afastou a mão do homem com suavidade: doía-lhe o pescoço de olhar para cima.

— Que motivo poderia ser, milorde?

— É delicada.

Johanna negou com a cabeça.

— Meu marido, ontem à noite disse isso, mas não era verdade e tampouco o é agora.

— É delicada, Johanna. — repetiu Gabriel, sem dar atenção ao protesto — Levará um tempo para fortalecer-se. Embora você não saiba, eu sou consciente de suas limitações.

Não lhe deu tempo para discutir: inclinou-se, beijou-a e saiu do quarto.

Assim que a porta se fechou atrás do homem, Johanna afastou as mantas e saltou da cama.

Como era possível que o marido formasse uma opinião tão inflexível a respeito de suas características em tão pouco tempo? Ignorava as limitações de Johanna, pois fazia muito pouco que a conhecia. Era ilógico que tirasse conclusões a respeito dela.

Enquanto se lavava e se vestia, Johanna continuou refletindo sobre o marido. O padre MacKechnie tinha lhe explicado que vestimentas usar debaixo da túnica. Colocou o traje das Highlands: uma blusa branca de mangas longas, uma saia e em seguida colocou a túnica dos MacBain. Arrumou-a em dobras perfeitas em torno da cintura, passou sobre o ombro direito uma ponta do longo tecido de modo que lhe cobrisse o peito e o prendeu com um cinturão estreito de couro castanho.

Pensou em procurar seu arco e suas flechas sem dar atenção à ordem do marido, mas logo desistiu. Talvez não fosse conveniente enfrentá-lo de maneira direta. Já tinha compreendido que era um homem orgulhoso e duvidava de que ganharia alguma coisa se o desafiasse.

Mas havia mais de um modo de entrar em um castelo. A mãe de Johanna costumava murmurar quando discutia com seu pai. A mãe de Johanna era uma mulher sábia. Claro que era leal ao marido, mas ao longo dos anos, tinha aprendido como vencer a obstinação do marido e Johanna aprendeu pelo exemplo da mãe. A mulher era cheia de provérbios sábios que tinha passado à filha. Explicava que não tentava manipular o marido porque isso teria sido desonroso e, afinal de contas, nem sempre os fins justificavam os meios. No entanto, era muito inteligente e geralmente encontrava a maneira de conciliar a todos os habitantes da casa.

Sem que a mãe soubesse, o pai também levava Johanna à parte quando tinha discutido com a esposa. Também lhe dava conselhos, explicava os delicados métodos que empregava para sair-se bem com a esposa quando esta se mostrava teimosa. Para Johanna, as recomendações da mãe tinham mais sentido que as do pai, embora deste tenha aprendido algo muito importante: que amava à esposa e que teria feito qualquer coisa para vê-la feliz. Só que não queria que a mulher soubesse. Os dois jogavam esse jogo de esconde-esconde no qual ambos eram vencedores. Para Johanna parecia que o casamento dos pais era um tanto estranho, mas tinham sido muito felizes juntos e isso era o mais importante.

Johanna só pretendia viver uma vida tranqüila e agradável. Para conseguir isto, se asseguraria de não intrometer-se no caminho do marido. Não se meteria nos assuntos de Gabriel e faria um sincero esforço para dar-se bem com ele. Em retribuição, esperava que ele também tentasse dar-se bem com ela e não se intrometesse em seu caminho. Depois dos anos passados com Raulf, Johanna estava convencida de que seria feliz se a deixassem em paz.

Concentrou-se em arrumar o quarto. Fez a cama, varreu o chão, desempacotou a roupa e a guardou no baú e em seguida colocou suas três sacolas debaixo da cama. Tinha pressa em sair, pois o dia estava esplêndido. Quando tirou a pele que cobria a janela, a luz do sol inundou o quarto e o cheiro das Highlands perfumou o ar. A vista era tão bela que tirava o fôlego: o campo junto ao rio, verde como as esmeraldas, mais adiante as colinas povoadas de pinheiros gigantes e carvalhos. Manchas de cor salpicavam a paisagem: as flores silvestres eram vermelhas, rosadas e purpúreas e margeavam uma trilha sinuosa que parecia o caminho ao paraíso.

Depois de se refrescar, Johanna decidiu levar o pequeno Alex para dar um passeio pelo campo e subir por essa trilha. Colheria muitas flores na saia para colocar sobre a saliência da lareira.

Não foi fácil encontrar o moço. Desceu as escadas e parou na entrada do grande salão esperando que algum dos soldados reparasse nela. Havia quatro homens derrubando a parede do lado oposto e outros três sobre o teto, trabalhando com as tábuas.

Todos a viram imediatamente e os golpes cessaram. Os homens a olharam e Johanna fez uma pequena reverência a título de saudação e lhes perguntou se sabiam onde estaria Alex.

Nenhum respondeu e Johanna se sentiu desconfortável. Repetiu a pergunta, mas com o olhar fixo no soldado que estava de pé diante da lareira. O

homem lhe sorriu, coçou a barba e deu de ombros.

Por fim, o primeiro comandante de Gabriel explicou:

— Eles não a entendem, milady.

Voltou-se sorrindo para o soldado.

— Só falam gaélico, senhor?

— Sim. — respondeu o homem — Só falam gaélico. Por favor, não me chame de senhor. Sou só um soldado aqui. Prefiro que me chame de Calum.

— Como quiser Calum.

— É uma garota bonita para usar nossas cores.

Pareceu envergonhado ao fazer o elogio.

— Obrigado — respondeu Johanna, perguntando-se o que quisesse dizer com "bonita".

Voltou-se para os homens que a observavam e repetiu a pergunta em gaélico, com a testa sulcada por rugas de concentração. Esse idioma era difícil, quase impossível de pronunciar, ainda mais levando em conta que estava nervosa, mas quando terminou a pergunta só o mais velho dos homens fez uma careta. Outros sorriram.

No entanto, nenhum respondeu, mas todos olharam para a bainha do vestido de Johanna. A jovem se olhou para ver qual era o problema e em seguida voltou-se para Calum em busca de uma explicação. Notou que os olhos do homem brilhavam divertidos.

— Milady, na realidade lhes perguntou se sabiam onde estão os seus pés.

— O que quis perguntar é se tinham visto o filho de Gabriel — explicou.

Calum lhe disse a palavra correta e Johanna repetiu a pergunta.

Os homens negaram com a cabeça. Agradeceu-lhes a atenção e dando-a volta partiu. Calum se apressou a adiantar-se para abrir a porta.

— Tenho que melhorar minha pronúncia. — afirmou — Pela expressão de um dos cavalheiros notei que estava fazendo uma confusão.

"Sim", pensou Calum. Mas não disse nada, pois não queria ferir os sentimentos da senhora.

— Milady, os homens valorizam o fato de ter tentado.

— É esse "r" gutural, Calum. — disse Johanna — Ainda não me sai bem. É um idioma difícil. — acrescentou — Se você quisesse, poderia me ajudar.

— Como? — perguntou o homem.

— A partir deste momento, dirija-se a mim só em gaélico. Acho que se for o único que eu escute, aprenderei mais rápido,

— Certamente — disse Calum, em gaélico.

— Como?

— Disse "certamente", milady.

A jovem sorriu.

— Viu Alex?

Calum negou com a cabeça.

— É provável que esteja nos estábulos — respondeu em gaélico, apontando em direção aos estábulos para ajudá-la a entender.

Como Johanna se concentrou em entender o que Calum lhe dizia, não notou o que acontecia no pátio. Tinha soldados em toda parte, mas a jovem não prestou atenção ao que estavam fazendo.

Por fim entendeu o que Calum dizia, agradeceu e correu através do pátio.

De repente se encontrou no meio de um exercício de treinamento. Calum a agarrou pelos ombros e a afastou para trás bem a tempo: uma lança tinha estado a ponto de cravar-se no meio do seu corpo.

Um dos soldados MacLaurin soltou uma blasfêmia. Gabriel, que

observava o exercício do lado oposto, viu o incidente e imediatamente deu ordem para parar o treinamento.

Johanna ficou horrorizada com seu próprio comportamento. Envergonhou-se do seu descuido. Ergueu a lança que o soldado tinha deixado cair e a entregou. O rosto do homem estava rubro e Johanna não soube se de fúria ou de desconforto.

— Rogo que me perdoe, senhor. Não prestei atenção aonde ia.

O soldado moreno fez um breve gesto de assentimento. Calum ainda a segurava pelos ombros e a fez retroceder com suavidade.

Johanna se voltou para agradecer pela velocidade com que tinha ido ao seu socorro e então viu o marido que se aproximava dela. Quando viu sua expressão, o sorriso de Johanna se apagou.

Todos os soldados a observavam. Os guerreiros MacBain sorriam e os MacLaurin franziam o semblante.

Essa reação contraditória a confundiu. Mas Gabriel já estava diante dela e lhe obstruía a visão. A atenção de Gabriel estava fixa em Calum e Johanna compreendeu que o homem ainda a segurava pelos ombros. No instante em que a soltou, o lorde voltou para sua esposa o rosto carrancudo.

O medo acelerou os batimentos do coração de Johanna. Fez uma tentativa desesperada para manter a compostura, pois não desejava revelar a Gabriel o quão assustada estava.

Não quis lhe dar tempo para que a repreendesse:

— Milorde, estava distraída e sei que estava errada. Poderiam ter me matado.

Gabriel negou com um gesto.

— Não teriam matado. Insultou Calum ao sugerir que ele poderia permitir que lhe ferissem.

Não pensava discutir com o marido.

— Não quis ofender. — disse, e se voltou para Calum — Por favor, aceite minhas desculpas. Quis suavizar o aborrecimento de meu marido me adiantando e admitindo minha estupidez.

— Tem problemas de visão? — perguntou Gabriel.

— Não.

— Então por que, em nome de Deus, não viu que meus homens estavam lutando com armas?

A jovem interpretou a irritação do marido como aborrecimento.

— Já expliquei, milorde, estava distraída.

O marido se limitou a continuar olhando-a fixamente, esperando que passasse a exasperação. Ao vê-la tão perto da morte o assustou muito e levaria um tempo para superar.

Fez-se um prolongado silêncio e Johanna acreditou que seu marido estava pensando em como castigá-la.

— Desculpe-me por ter interrompido esta tarefa tão importante.
— disse — Se quer me castigar, por favor, faça-o agora. A espera é insuportável.

Calum não podia acreditar no que ouvia.

— Milady...

Gabriel o interrompeu com um gesto.

No mesmo instante em que ergueu a mão, Johanna retrocedeu. Era uma reação aprendida no passado e quando notou o que fazia voltou para seu lugar.

Seria melhor que ele compreendesse que não permitiria a repetição desse passado.

— Milorde, quero preveni-lo de algo. Não posso impedir que me castigue, mas no instante em que o faça partirei daqui.

— Não acha que nosso lorde...

— Calum, não interfira — disse Gabriel em voz dura.

Estava furioso pelo insulto que sua esposa acabava de lhe desferir, mas compreendeu que o temor era genuíno. Teve necessidade de lembrar que Johanna não o conhecia bem e, em consequência, tinha tirado conclusões

precipitadas.

Pegou na mão de Johanna e começou a subir os degraus, mas ao ouvir as marteladas, mudou de direção. Queria que tivessem privacidade para esta importante conversa.

Quando Gabriel voltou-se, Johanna tropeçou em um degrau, endireitou-se e se apressou a segui-lo. Calum sacudiu a cabeça ao ver o lorde arrastar a sua dama atrás dele. O que o preocupava não era a estupidez de Johanna e sim a palidez que viu no rosto da senhora. Achava que o lorde a levaria a um lugar discreto para poder golpeá-la sem testemunhas?

Keith, o ruivo chefe dos soldados MacLaurin, aproximou-se do Calum.

— O que o preocupa? — perguntou.

— Lady Johanna. — respondeu Calum — Alguém lhe encheu a cabeça de contos terríficos a respeito de nosso lorde. Acho que o teme.

Keith soprou.

— Há mulheres que dizem que a senhora teme a sua própria sombra. Já lhe deram um apelido. — acrescentou — Assim que a viram, apelidaram-na de "Valente". É uma vergonha que zombem dela, que a julguem sem dar oportunidade de conhecê-la.

Calum estava furioso. Claro que ao chamá-la "Valente" queriam dizer exatamente o contrário: consideravam-na uma covarde.

— Será melhor que MacBain não saiba disto. — advertiu — Quem começou com este absurdo?

Keith não estava disposto a dar o nome, pois a mulher era uma MacLaurin.

— Não importa quem. — respondeu — O apelido pegou. O modo como lady Johanna tremeu ao ver o cão do lorde fez com que algumas mulheres sorrissem zombeteiras, e quando viram a expressão temerosa que adotava cada vez que MacBain lhe dirigia a palavra, as levou a conclusão de que...

Calum o interrompeu:

— Talvez seja tímida, mas não acho que seja covarde. Keith, seria

conveniente que incutisse o temor a Deus em suas mulheres. Aham-se muito astutas com esse joguinho. Se escutar o apelido de algum MacLaurin, tomarei represálias.

Keith fez um gesto de assentimento.

— Para você é mais fácil aceitá-la — disse — Mas para os MacLaurin custa perdoar. Recorda que foi o primeiro marido de lady Johanna quem destruiu tudo o que nos deu tanto trabalho construir. Levará tempo para esquecer.

Calum moveu a cabeça.

— Um highlander nunca esquece e você sabe tão bem quanto eu.

— Perdoar, então — sugeriu Keith.

— A mulher não teve nada a ver com as atrocidades que cometeram aqui. Não precisa que ninguém a perdoe. Recorde às mulheres essa importante verdade.

Keith assentiu, embora não achasse que isso servisse muito. As mulheres estavam contra Johanna e não lhe ocorria o que podia dizer para fazê-las mudar de opinião.

Os dois guerreiros, com o olhar fixo sobre o lorde e a esposa, observaram-nos até que desapareceram atrás da colina.

Gabriel e Johanna já estavam sozinhos, mas o homem ainda não se detinha. Continuou caminhando até chegar ao campo. Queria livrar-se da cólera antes de falar com sua esposa.

Finalmente, deteve-se e voltou-se para Johanna. A mulher não o olhou. Tentou largar da mão de Gabriel, mas ele a impediu.

— Infligiu-me uma grave ofensa ao sugerir que eu fosse capaz de machucá-la.

Surpresa, Johanna abriu os olhos: Gabriel parecia tão furioso a ponto de matar alguém. Mas se sentia ferido e Johanna achou que bateria nela.

— Esposa, não tem nada para me dizer?

— Interrompi o treinamento.

— Sim!

— Quase fiz com que um soldado me ferisse.

— Sim!

— E você parecia muito zangado.

— Estava zangado!

— Gabriel! Por que grita?

O homem suspirou.

— Eu gosto de gritar.

— Estou vendo.

— Pensei que chegaria a confiar em mim, mas agora mudei de idéia: confiará em mim. — ordenou — Agora mesmo.

Disse como se fosse tão simples.

— Não sei se é possível, milorde. A confiança se conquista.

— Nesse caso, resolva que conquistei, demônios! — ordenou — Diga que confia em mim, maldição, e diga-o a sério!

Sabia que estava pedindo o impossível e suspirou outra vez.

— Aqui, nenhum homem pode bater na esposa. Johanna, só um covarde seria capaz de maltratar uma mulher e nenhum de meus homens é covarde. Neste lugar não há nada a temer nem de mim nem de nenhum outro. Perdoarei o insulto porque não sabia. Mas no futuro não serei tão tolerante e convém que o recorde.

Johanna o olhou nos olhos.

— E se no futuro o insulto? O que fará?

Gabriel não tinha a menor idéia, mas não estava disposto a admiti-lo.

— Não voltará a acontecer.

Johanna assentiu. Voltou-se e começou a caminhar de volta ao pátio, mas em seguida mudou de idéia.

Seu marido merecia uma desculpa.

— Às vezes reajo sem pensar. Compreende, milorde? Pelo jeito, é um instinto. Na verdade, tentarei confiar em você e agradeço sua paciência.

A julgar pelo modo como retorcia as mãos, Gabriel compreendeu que a confissão não era nada fácil para Johanna. Tinha a cabeça encurvada e a voz soou angustiada quando acrescentou:

— Não sei por que espero o pior. Se tivesse acreditado que me maltrataria jamais teria me casado com você e, mesmo assim, há uma pequena parte de mim que resiste a acreditar.

— Você me agrada, Johanna.

— Sim?

A surpresa no tom de Johanna o fez sorrir.

— Sim. — repetiu — Sei que essa confissão foi difícil. Aonde ia quando tentou passar através da lança? — A pergunta foi uma maneira de mudar de assunto. Pareceu-lhe que sua esposa estava a ponto de chorar e queria acalmá-la.

— À procura de Alex. Pensei em dar um passeio para conhecer a propriedade.

— Ordenei que descansasse.

— Faria uma caminhada tranquila. Gabriel, atrás de você tem um homem andando de gatinhas.

Disse em um murmúrio, aproximando-se do marido, mas Gabriel não se virou. Não era necessário.

— É Augie — informou.

Johanna se aproximou mais de seu marido para poder ver melhor o homem.

— O que está fazendo?

— Cavando buracos.

— Por quê?

— Usa o bastão para golpear uma pedra e colocá-la nos buracos.
É um jogo que adora.

— É maluco? — murmurou, para que o homem não a ouvisse.

— Não te fará mal. Deixe-o sossegado. Conquistou o direito de fazer o que tiver vontade.

Gabriel pegou sua mão e começou a caminhar colina acima. Johanna seguiu olhando sobre o ombro o sujeito que caminhava engatinhando pelo campo.

— É um MacBain. — exclamou — Usa suas cores.

— Nossas cores. — corrigiu o marido — Augie é um de nós. Johanna, Alex não está aqui. Hoje cedo, pela manhã, enviei-o para a casa do tio, irmão da mãe.

— Quanto tempo ficará ali?

— Até que o muro fique pronto. Quando o castelo for seguro, Alex voltará para casa.

— Quanto tempo será? — perguntou Johanna — Gabriel, um filho necessita de seu pai.

— Esposa, sou consciente de meus deveres, não preciso que me lembre disso.

— Mas posso dar minha opinião — respondeu a jovem.

Gabriel se encolheu de ombros.

— Começou a trabalhar na parede? — perguntou Johanna.

— Chegamos à metade.

— E então, quanto tempo...?

— Mais alguns meses. — respondeu o homem — Não quero que caminhe pelas colinas sem uma escolta apropriada — acrescentou carrancudo

— É muito perigoso.

— É muito perigoso para qualquer mulher ou só para mim?

Gabriel ficou em silêncio e essa resposta foi suficiente. Johanna conteve a irritação.

— Me explique esses perigos.

— Não.

— Por que não?

— Não tenho tempo. Limite-se a obedecer minhas ordens e nos daremos muito bem.

— Claro que nos daremos bem se eu obedecer cada uma de suas ordens. —murmurou Johanna — Sério, Gabriel, não acho que...

— Os cavalos são excelentes.

A interrupção distraiu Johanna.

— O que disse?

— Que os seis cavalos que me deu são excelentes.

Johanna exalou um suspiro.

— Estávamos falando de obediência, não é?

— Sim.

Johanna riu.

Gabriel sorriu.

— Devia fazê-lo com mais frequência.

— O que?

— Rir.

Tinham chegado ao início do pátio e os modos de Gabriel sofreram uma mudança radical. Sua expressão se endureceu. Johanna pensou

que o semblante grave era para as testemunhas: todos os soldados os observavam.

— Gabriel?

— Sim? —disse em tom impaciente.

— Poderia dar minha opinião?

— Do que se trata?

— Usar o pátio para o treinamento é tolo e perigoso.

Gabriel meneou a cabeça.

— Não era perigoso até esta manhã. Quero que me prometa algo.

— Sim?

— Nunca ameace me deixar.

A intensidade com que falou surpreendeu Johanna.

— Prometo — respondeu.

Gabriel assentiu e seguiu caminhando.

— Nunca a deixarei ir. Sabe disso, não é?

Não esperava uma resposta. Johanna ficou observando enquanto seu marido recomeçava a sessão de treinamento. Gabriel era um homem complexo. Nicholas disse que o lorde se casaria com ela para apropriar-se das terras, no entanto Gabriel agia como se Johanna também fosse importante para ele.

Compreendeu que esperava que isso fosse verdade. Se agradasse seu marido, dariam-se muito melhor. Viu que Gabriel falava com Calum. O soldado olhou na direção de Johanna, assentiu e se encaminhou para ela. A jovem não esperou para saber qual era a ordem que seu marido tinha dado ao primeiro comandante. Voltou-se e correu colina abaixo, para o campo. O MacBain chamado Augie a intrigava: queria saber que tipo de jogo era esse para o qual tinha que cavar buracos na terra.

O ancião tinha uma abundante cabeleira branca. Quando Johanna

o chamou se levantou. Pelas profundas rugas que tinha em torno da boca e dos olhos, Johanna calculou que devia ter pelo menos cinqüenta anos, talvez mais. Tinha lindos dentes brancos, belos olhos castanhos e um sorriso cálido e amistos.

Antes de dirigir-se a ele, Johanna fez uma ligeira reverência e se apresentou, falando em gaélico.

O ancião entrecerrou os olhos e fez uma careta de dor intensa.

— Moça, está assassinando nosso belo idioma — disse.

Falava rápido, as palavras tropeçavam entre si e o acento era tão denso quanto o guisado de sua mãe. Augie se viu obrigado a repetir a acusação três vezes até que Johanna entendeu.

— Por favor, senhor, me diga quais palavras pronuncio errado.

— As engendra para danificá-las todas.

— Queria aprender bem o idioma — insistiu a jovem, sem dar importância à zombadora expressão de horror que adotou o velho diante do seu acento.

— Uma inglesa precisaria de muita disciplina para falar com fluidez nossa língua. — disse — Tem que se concentrar. Eu duvido que os ingleses tenham essa capacidade.

Johanna não entendeu grande coisa do que dizia e Augie deu uma dramática palmada na testa.

— Por tudo que é mais sagrado, moça, tira toda a graça dos meus insultos! Não compreende uma palavra do que digo!

O ancião aclarou a voz e voltou a falar, mas em francês: o domínio que tinha do idioma era impressionante, e Johanna se surpreendeu: Augie era um homem educado.

— Vejo que a surpreendi. Tomou-me por um maluco?

Johanna começou a sacudir a cabeça, mas em seguida se deteve.

— Estava você de gatinhas, cavando buracos e eu deduzi que estava um pouco...

— Louco?

A jovem assentiu.

— Peço desculpas, senhor. Quando aprendeu a falar...?

Augie a interrompeu.

— Faz muitos anos. — explicou — Pois bem, para que interrompeu meu jogo?

— Tinha curiosidade de saber que tipo de jogo era. — disse Johanna — Por que faz buracos?

— Porque ninguém os faz por mim — respondeu o ancião, celebrando com risadas sua própria brincadeira.

— Mas, para que?

— Neste jogo, precisa de buracos para que as pedras caiam dentro, se é que se mira bem. Utilizo o bastão para golpear pedras redondas. Você gostaria de experimentar, garota? Tenho este jogo no sangue e talvez você também pegue a febre.

Augie a pegou pelo braço e a levou onde tinha deixado o bastão. Mostrou-lhe como tinha que segurar o bastão de madeira, e quando Johanna pôs os ombros e as pernas na posição exata que o ancião indicava, Augie se afastou para continuar explicando.

— Agora, dê um bom golpe. Aponte para o buraco que tem diante de você.

Johanna se sentiu ridícula: na verdade, Augie estava um pouco louco. Mas, por outro lado, era um indivíduo gentil e o interesse que Johanna demonstrava o agradava. A jovem não quis ofendê-lo.

Golpeou a pedra redonda que rolou até a borda do buraco, vacilou e em seguida entrou.

Em seguida quis tentar de novo e Augie ficou encantado:

— A febre a pegou — afirmou com um gesto de assentimento.

— Como se chama o jogo? — perguntou Johanna, enquanto se

ajoelhava para recuperar a pedra. Retrocedeu até a posição original, tentou lembrar a postura correta e esperou a resposta de Augie.

— O jogo não tem nome, mas é muito antigo. Uma vez que tenha dominado as tacadas curtas, levarei você comigo à colina para que experimente com tacadas longas. Mas você terá que colaborar conseguindo suas próprias pedras. Claro que quanto mais redondas, melhor.

Johanna errou a segunda tacada e Augie disse que não prestava atenção. Obviamente, voltou a tentar. Concentrou-se tanto em agradá-lo e em acertar o buraco, que não notou que falavam em gaulês.

Passou grande parte da tarde com Augie. Evidentemente, Calum tinha recebido ordem de vigiá-la: de tempos em tempos aparecia no topo da colina e confirmava que continuava ali. "E que não me meto em problemas", supôs Johanna. Depois de algumas horas, Augie suspendeu o jogo e lhe fez gestos para que fossem para o lado oposto do campo, onde tinha deixado seus pertences. Puxou-a pelo braço e soltou um gemido quando sentou sobre a terra. Em seguida lhe indicou que se sentasse junto a ele e entregou um odre de couro.

— Garota, vou te convidar para algo. — anunciou — Isto é *uisgebreatha*.

— Fôlego de vida — traduziu Johanna.

— Não, moça, "água da vida". Eu fabriquei meu próprio recipiente para ferver, estudando aquele que tinha no feudo dos MacKay. Nosso lorde me permitiu trazê-lo quando viemos para a terra dos MacLaurin. Todos nós somos uns ingratos, sabe? Antes de me unir aos MacBain, eu era um MacLead.

Johanna estava confusa.

— Ingratos? Não compreendo, senhor.

— Todos nós fomos jogados de nossos respectivos clãs por diversos motivos. O destino de seu marido foi selado no dia em que nasceu bastardo. Quando se tornou um homem, reuniu-nos e treinou os mais jovens para transformá-los em excelentes guerreiros. Certamente, cada um de nós tem uma destreza. Se deixasse de hesitação, poderia receber uma demonstração da minha. Eu mesmo quero provar um traguinho.

Teria sido uma grosseria rejeitar o convite. Johanna ergueu o odre, tirou a cortiça e bebeu um gole.

Achou que tinha tragado fogo líquido. Emitiu um som abafado e começou a tossir. Augie adorou a reação da moça. Primeiro, bateu nos joelhos e em seguida golpeou-lhe as costas para ajudá-la a recuperar o fôlego.

— É forte, né?

Johanna só pôde assentir.

— Agora vá para casa, garota. — ordenou o ancião — Lorde MacBain deve estar te procurando.

Johanna se levantou e em seguida estendeu a mão para ajudar Augie.

— Obrigado, Augie: passei uma tarde encantadora.

O velho sorriu.

— Captou o acento, garota. Alegro-me. É inteligente, não? Deve ter um pouco de sangue highlander nas veias.

Johanna compreendeu que Augie brincava. Fez um gesto de saudação e se virou para partir.

— Augie, vai querer me levar amanhã à colina? — perguntou por cima do ombro.

— Talvez — respondeu o ancião.

Johanna não pôde deixar de sorrir: o dia tinha sido magnífico. Claro que tinha começado irritando seu marido, mas aquele pequeno incidente não foi muito grave e o resto da tarde foi delicioso. Também tinha descoberto algo importante com relação ao esposo Gabriel: era capaz de controlar-se, não se deixava dominar pela cólera. Enquanto subia pela trilha da colina, Johanna avaliou a importância dessa descoberta.

Calum estava esperando-a. Inclinou a cabeça como saudação e caminhou junto dela até o castelo.

— Vi que jogava o jogo de Augie — comentou o soldado.

— É muito divertido. — respondeu Johanna — Sabe, Calum? Acho que Augie é um dos homens mais interessantes que conheci, à exceção de meu pai, claro.

Calum sorriu diante do entusiasmo da jovem.

— Além disso, Augie lembra meu pai. Conta o mesmo tipo de histórias interessantes sobre os tempos passados e enfeita os fatos com lendas, como meu pai sempre fazia.

Pensando em lhe fazer um cumprimento, Calum disse:

— Augie ficaria satisfeito que o comparasse com seu pai.

Johanna riu.

— Ao contrário, se sentiria insultado. Meu pai era inglês, Calum. Augie não poderia digerir esse fato.

Mudando de assunto, acrescentou — Tenho certeza que você tem responsabilidades mais importantes que cuidar de mim. Acaso meu marido espera que você me siga todos os dias?

— Milady, não há tarefa mais importante que proteger a minha senhora. — respondeu o soldado — Mas amanhã atribuirá esta tarefa a Keith.

— Keith é o primeiro comandante dos soldados MacLaurin, não é verdade?

— Sim. Só responde perante nosso lorde.

— E você comanda os soldados MacBain?

— Sim.

— Por quê?

— Por que o quê, milady?

— Por que não há um só chefe para os MacBain e os MacLaurin?

— Acho que terá que perguntar isso a seu marido. — sugeriu Calum — Tem fortes motivos para deixar que os MacLaurin tenham seu próprio chefe.

— Sim, perguntarei. — disse Johanna — Tenho interesse em aprender todo o possível sobre este país e seus habitantes. Onde está meu marido?

— Caçando. — respondeu Calum — Deve estar quase retornando.

Milady, deu-se conta que estamos falando em gaélico? É impressionante como domina bem nosso idioma, levando-se em conta que só esteve aprendendo umas poucas semanas antes de chegar aqui.

Johanna negou com a cabeça.

— Não, Calum, estive estudando quase quatro meses sob a supervisão do padre MacKechnie. Quando conheci seu lorde estava muito nervosa, mas não acho que tenha notado porque sei dissimular muito bem minhas reações. Quando MacBain me perguntou quanto tempo tinha estudado o gaulês eu respondi a primeira coisa que me ocorreu. A sua expressão demonstra que ainda não domino bem o "r" gutural.

Por estranho que parecesse, assim que Calum a fez notar que estavam falando em gaélico, Johanna começou a titubear e a pronunciar pior que nunca.

Acabavam de cruzar o pátio quando Calum enxergou o lorde.

— Aqui está seu marido, milady.

Johanna girou para saudar Gabriel enquanto apressava a arrumar-se um pouco. Jogou um fio de cabelo sobre o ombro, beliscou as bochechas para lhes dar cor e arrumou as dobras da túnica. Então olhou as mãos: estavam salpicadas de barro seco por ter estado cavando buracos a tarde toda com Augie. Já não havia tempo para lavar e as ocultou atrás das costas.

A terra estremeceu quando o grupo de guerreiros subiu a cavalo a última ladeira. Gabriel conduzia os soldados. Montava um dos animais que Johanna tinha lhe dado como presente de casamento. A égua que tinha escolhido era a mais temperamental do grupo. Na opinião de Johanna, também era a mais linda. Tinha a pelagem branca como a neve, sem uma só mancha. Era muito mais encorpada que os outros cavalos, de boa musculatura e suportava sem dificuldades o peso de Gabriel.

— Monta meu cavalo favorito — disse a Calum.

— É uma beleza.

— E ela sabe. — disse Johanna — Rachel é muito vaidosa. Adora dar saltos: é seu modo de chamar atenção.

— Se valoriza porque está orgulhosa de levar nosso lorde —

afirmou Calum.

Johanna achou que estava brincando e riu, mas viu que Calum falava a sério.

Calum não compreendeu o que lhe parecia tão divertido. Virou-se para ela para perguntar, viu as manchas de barro que tinha nas bochechas e ele também sorriu.

O galgo de Gabriel virou num canto do castelo e correu para o amo. O enorme animal assustou a égua e Rachel tratou de retroceder e de saltar ao mesmo tempo. Gabriel a controlou e apeou. Um dos soldados levou a égua.

O galgo se precipitou para frente. De um só salto apoiou as patas sobre os ombros de Gabriel. Nessa posição, era quase tão alto quanto seu amo e tinha o mesmo aspecto feroz. Ao contemplá-los, os joelhos de Johanna amoleceram. Por sorte, o cão tinha um grande carinho por seu amo: esforçava-se para lambe-lhe o rosto, mas Gabriel virou antes que o animal o molhasse. Deu-lhe uma palmada carinhosa e dos pelos do cão se elevou uma nuvem de pó. Por fim, Gabriel fez o animal descer e se voltou para a esposa.

Fez-lhe um gesto para que se aproximasse. Johanna se perguntou se esperava que também posasse as mãos sobre os ombros e lhe desse um beijo. A idéia pareceu divertida. Deu um passo adiante e se deteve quando o animal começou a rosnar.

Teria que ser Gabriel a se aproximar dela. Alarmada, Johanna não afastou o olhar do cão enquanto seu marido se adiantava. Viu que o cão se unia ao amo e caminhava junto dele.

Gabriel divertiu-se com o medo de Johanna: era evidente que o cão a assustava e não compreendia por que. Ouviu o rouco rosnado e Johanna também. Johanna retrocedeu e Gabriel ordenou ao animal que deixasse de fazer exhibições de bravura.

Alguns soldados MacLaurin ainda estavam sobre os cavalos e observavam o lorde e sua esposa. Alguns sorriram ao ver que Johanna temia o cão, mas outros menearam as cabeças.

— Milorde, foi boa a caça? — perguntou Johanna.

— Sim.

— Havia grãos o bastante para pegar? — perguntou Calum.

— Mais que suficiente — respondeu Gabriel.

— Foi caçar grãos? — perguntou Johanna, confusa.

— E outras coisas que precisamos. — explicou o marido — Tem o rosto sujo. O que esteve fazendo?

Johanna tentou tirar o barro, mas Gabriel segurou suas mãos e as olhou.

— Ajudei Augie a cavar buracos.

— Não quero que minha esposa tenha as mãos sujas.

O tom de Gabriel indicava que estava lhe dando uma ordem importante e parecia bastante irritado com ela.

— Mas acabo de explicar que...

— Minha esposa não deve realizar tarefas vulgares.

Johanna se zangou.

— Milorde, tem mais de uma?

— Mais de uma o quê?

— Esposa.

— Claro que não.

— Nesse caso, parece que sua esposa suja as mãos sim. — disse — Lamento que não o agrade, embora não entenda por quê. Asseguro que me sujarei novamente.

Tentou empregar a lógica para acalmá-lo, mas Gabriel não estava com ânimo para ser razoável. Moveu a cabeça e a olhou carrancudo.

— Não o fará. — ordenou — Johanna, é a senhora deste lugar. Não tem que se rebaixar fazendo tarefas semelhantes.

Johanna não soube se ria ou se ficava zangada e ao fim se decidiu por um suspiro. Esse homem abrigava as idéias mais estranhas.

Pelo jeito, Gabriel queria uma resposta e Johanna tentou acalmá-lo.

— Como desejar, milorde — murmurou, disposta a ocultar a irritação que sentia.

Gabriel pensou que tentava ser dócil e sem dúvida lhe custava um grande esforço. Tinha um olhar assassino, embora continuasse sorrindo com aparente serenidade e falava em tom humilde.

Johanna perguntou a Calum:

— Onde as mulheres se lavam?

— Milady, atrás do castelo há um poço, mas a maioria se banha no Rush Creek

Calum ia acompanhá-la, mas Gabriel tomou seu lugar. Agarrou-lhe a mão e a levou.

— No futuro, levará a água para o banho — disse.

— No futuro, agradeceria se não me tratasse como uma menina.

O tom colérico da voz de Johanna surpreendeu Gabriel: afinal de contas não era nada tímida.

— Também agradeceria que não me repreendesse diante dos soldados.

O homem assentiu e isso acalmou a irritação de Johanna.

O marido dava largas passadas. Dobraram a esquina e começaram a descer a ladeira. Estava ladeada de cabanas e a base estava rodeada por um amplo círculo delas. Várias mulheres MacLaurin, providas de baldes, esperavam na fila sua vez de pegar água fresca. Várias delas lançaram exclamações de saudação ao lorde. Gabriel respondeu com um gesto e continuou seu caminho.

O muro ficava atrás da fileira de cabanas e Johanna quis parar para olhar, mas Gabriel não deixou. Cruzaram a abertura da gigantesca estrutura e continuaram.

Johanna tinha que correr para manter-se junto do marido. Quando

chegaram na segunda ladeira, estava sem fôlego.

— Gabriel, diminua um pouco o passo. Minhas pernas não são tão longas quanto as suas.

Gabriel a obedeceu imediatamente, mas não soltou sua mão e Johanna, por sua vez, não tentou soltar-se. Ouviu as risadas das mulheres a suas costas e se perguntou do que riam.

Rush Creek era um riacho largo e profundo. O marido explicou que corria por toda extensão da montanha, do topo até um lago aos pés, onde as terras deles faziam limite com o território do Gillevrey. As margens da correnteza havia fileiras de árvores e as flores silvestres eram tão abundantes que pareciam nascer da água tanto quanto das bordas. O lugar era de uma beleza que tirava o fôlego.

Johanna se ajoelhou na margem, inclinou-se para frente e lavou as mãos. A água era tão transparente que se via o fundo. Gabriel se ajoelhou junto a ela, e encheu as mãos em concha com essa água gelada e a jogou sobre a nuca. A mascote de Gabriel apareceu do meio das árvores, emitiu um rosnado e em seguida se pôs a beber no rio.

Johanna umedeceu o lenço de linho e limpou o rosto. Gabriel se jogou para trás para contemplá-la: cada um dos movimentos de sua esposa estava repleto de graciosidade. Era um mistério para ele e supôs que sua curiosidade se devia ao fato de não ter passado muito tempo junto a nenhuma mulher.

Johanna não prestava a menor atenção. No fundo da correnteza divisou uma pedra perfeitamente redonda; pensou que serviria para o jogo de Augie e se inclinou para agarrá-la.

O riacho era muito mais profundo do que tinha imaginado. Se o marido não a tivesse segurado e puxado para trás, teria caído de cabeça na água.

— É costume tirar a roupa antes de banhar-se — disse Gabriel em tom seco.

Johanna riu.

— Perdi o equilíbrio. Queria pegar uma pedra que eu gostei. Pegaria para mim?

Gabriel se inclinou para olhar.

— Esposa minha, há muitas pedras; qual é a que você gosta?

Johanna a mostrou:

— Essa redonda.

Gabriel se esticou, levantou a pedra e a deu a Johanna. Esta lhe sorriu agradecida.

— Augie gostará desta.

Johanna moveu-se para trás sobre a ladeira coberta de grama, colocou os pés debaixo da túnica e deixou a pedra cair sobre seu regaço. O ar estava perfumado pelo cheiro dos pinheiros e das urzes prematuras. Era um lugar retirado e agradável.

— A Escócia é muito bonita — disse Johanna.

Gabriel moveu a cabeça.

— A Escócia não. — a corrigiu — As Highlands são belas.

Pelo jeito, Gabriel não tinha pressa em retornar a suas tarefas. Apoiou as costas contra o tronco de um pinheiro, cruzou um tornozelo sobre o outro e acomodou a espada ao lado para que não riscasse. O cão se aproximou pelo outro lado e se esticou junto ao amo.

Johanna contemplou o marido por um momento antes de voltar a falar. Esse homem tinha a capacidade de enfeitiçá-la e achava que o motivo devia ser por ser tão grande. Certamente, era tão alto quanto Nicholas, mas muito mais musculoso. Ao menos, Johanna achava isso.

— Me diga o que está pensando.

O pedido do marido a sobressaltou.

— Nunca vi Nicholas sem túnica. Isso era o que estava pensando. Acho que é mais musculoso que meu irmão, mas como nunca o vi... Eram idéias tolas, marido.

— Sim, certamente.

Johanna não se incomodou pela afirmação, pois o sorriso lento de Gabriel mostrou que estava brincando. Gabriel parecia contente, com os olhos fechados e um sorriso suave no rosto. Na verdade, era um homem arrebatador.

Johanna viu que o cão fuçava a mão de Gabriel e foi recompensado imediatamente com uma rápida palmada.

O marido já não a preocupava. Não só era capaz de controlar a ira, mas, além disso, tinha também um traço de gentileza em seu caráter. O modo como o galgo tinha respondido era um importante indício do temperamento de Gabriel.

Gabriel a surpreendeu contemplando-o. Johanna se ruborizou e baixou o olhar para seu regaço. Ainda não queria partir. Desfrutava desse momento agradável com seu marido. Pensou em continuar a conversa antes que Gabriel sugerisse que retornassem.

— Milorde, acaso Escócia e as Highlands não são o mesmo?

— Não, não são. — respondeu Gabriel — Não nos consideramos escoceses, como nos chamam vocês, os ingleses. Somos "highlanders" ou "lowlanders", conforme o caso.

— Pelo tom com que disse "lowlanders", suponho que essa gente não te agrade muito.

— Não, não me agradam.

— Por quê?

— Eles esqueceram quem são. — explicou Gabriel — Se converteram em ingleses.

— Eu sou inglesa — deixou escapar Johanna, sem poder evitá-lo.

Gabriel sorriu:

— Eu sei.

— Claro que sabe. — concordou Johanna — Talvez, com o tempo esqueça.

— Duvido muito.

Johanna não soube se estava brincando ou não e preferiu mudar para um assunto menos delicado.

— Augie não é maluco.

— Não, não é. São os MacLaurin que acham isso, não os MacBain.

— Meu marido, na realidade ele é muito inteligente. O jogo que inventou é divertido: deveria experimentar alguma vez. Requer habilidade.

O homem assentiu para tranquilizá-la: pareceu-lhe admirável que defendesse o ancião.

— Augie não inventou o jogo: existe há muitos anos. Tempo atrás se jogava com pedras, mas também com bolas esculpidas em blocos de madeira. Alguns, até fabricaram pelotas de couro e as preenchiam com penas.

Johanna armazenou a informação para usá-la no futuro. Talvez pudesse fazer umas bolas de couro para o jogo de Augie.

— Augie diz que contraí a febre.

— Que Deus nos ajude! — disse Gabriel arrastando as palavras — Augie joga todo dia, todos os dias, chova ou faça sol.

— Por que se incomodou tanto com algumas pequenas salpicaduras de barro no rosto e nas mãos?

— Já expliquei isso: agora é minha esposa e deve se comportar de acordo com sua posição. Existe rivalidade entre os MacBain e os MacLaurin, e até que os dois clãs se habituem a conviver em paz, devo fazer exibição de força, não de vulnerabilidade.

— Acaso eu o faço vulnerável?

— Sim.

— Por quê? Eu gostaria de entender. — disse — Foi por meu rosto sujo ou pelo fato de ter passado a tarde com Augie?

— Johanna, eu não quero que fique de joelhos. Tem que agir corretamente e com decoro em todos os momentos. Minha esposa não fará tarefas vulgares.

— Já deu sua opinião.

— Não é uma opinião. — respondeu Gabriel — É uma ordem.

Johanna tentou não revelar o quanto se sentia exasperada.

— Para falar a verdade, espanta-me que se preocupe a tal ponto com as aparências. Não parece o tipo de pessoa que se preocupa com o que os outros pensam.

— Não dou um pingo de importância para as opiniões dos outros. — replicou Gabriel, irritado pela conclusão da esposa — O que me importa é que esteja a salvo.

— O que tem a ver minha segurança com minha conduta?

Gabriel não lhe respondeu.

— Tinha que ter se casado com uma MacLaurin. Isso resolveria o conflito ao unir os clãs, não?

— Tinha que tê-lo feito. — admitiu Gabriel — Mas não o fiz: casei-me com você. E devemos tirar o melhor proveito possível, Johanna.

A voz de Gabriel soou resignada. Ainda estava de bom humor e a jovem decidiu mudar de assunto formulando uma pergunta que sem dúvida não o exasperaria.

— Por que não agrado seu cão?

— Sabe que o teme.

Era verdade, e Johanna não discutiu.

— Como se chama?

— Dumfries.

Ao ouvir seu nome na voz do amo, o cão elevou as orelhas e Johanna sorriu ao vê-lo.

— É um nome estranho — assinalou — Como te ocorreu?

— Encontrei o animal perto do feudo dos Dumfries. Estava atolado em um pântano e eu o tirei. Desde então, está comigo.

Johanna se aproximou mais de Gabriel e se esticou lentamente para tocar o cão. O animal a observava pelo canto do olho e quando estava a ponto de tocá-lo, emitiu um rosnado ameaçador e arrepiante. Johanna se apressou a retirar a mão. Gabriel pegou seu braço e a obrigou a tocar o galgo. O cão continuou rosnando, mas não tentou mordê-la.

— Machuquei você ontem à noite?

A mudança súbita de assunto a fez piscar. Inclinou a cabeça para que seu marido não notasse que se ruborizou e murmurou:

— Não me machucou. Perguntou-me isso depois que nós...

Gabriel ergueu seu queixo com a mão e a expressão dos olhos de Johanna o fez sorrir. O pudor de Johanna o divertia.

A expressão dos olhos de Gabriel fez o coração de Johanna disparar. Acreditou que queria beijá-la e desejou que assim fosse.

— Milorde, quer fazer amor comigo outra vez?

— Você quer? — perguntou o homem.

Johanna o olhou nos olhos um longo momento antes de responder. Não se mostraria tímida nem audaz. Pensou que assim só complicaria as coisas, pois nunca tinha aprendido a bela arte da paquera como outras jovens damas que viviam a vida mundana de Londres.

— Sim. — murmurou, lamentando em seu íntimo o tremor da voz — Eu gostaria que fizesse o amor comigo outra vez. Não foi nada desagradável, milorde.

Gabriel riu e observou que agora o rubor de Johanna era como um fogo. Contudo, o pudor não a impediu de ser sincera. O homem se moveu do tronco e se inclinou para beijá-la. A boca de Gabriel roçou a de Johanna em uma terna carícia. Johanna suspirou e apoiou as mãos sobre os ombros.

Gabriel não precisou mais nada. Antes de compreender suas próprias intenções, ergueu-a sobre seu colo, rodeou-lhe a cintura com os braços e voltou a beijá-la. Cobriu a boca de Johanna com a própria e introduziu a língua para saborear, acariciar e enlouquecê-la. A jovem se abandonou entre os braços do marido. Agarrou-se a ele e o beijou com a mesma paixão. A rapidez com que todo seu corpo respondia ao marido espantou Johanna. Os batimentos do coração

se tornaram frenéticos, sentiu tremores nas pernas e nos braços e esqueceu de respirar.

Gabriel também estava perplexo por sua própria reação diante da esposa. Johanna não era capaz de ocultar nada. Gabriel soube que confiava nele, pois do contrário não teria se mostrado tão desinibida. A apaixonada resposta da mulher acendeu a de Gabriel; "que Deus me ajude! — pensou — não sei se poderei me conter".

Diabos, se não cessasse a doce tortura a possuiria nesse momento e nesse mesmo lugar! Afastou-se bruscamente. Não tinha que tê-la olhado nos olhos, que estavam nublados de paixão. Maldição, tinha que beijá-la outra vez!

Quando afinal Gabriel deteve o jogo amoroso, os dois estavam trêmulos e com a respiração entrecortada.

— Milorde, faz-me esquecer de mim mesma.

Gabriel aceitou como um elogio. Ergueu de seu colo e ficou de pé. Johanna ainda se sentia abalada. Tinha o rosto rosado e as mãos tremiam quando alisou o cabelo e refez a trança. Muito divertido Gabriel observou como tentava recompor sua aparência.

"As mulheres se ruborizam com facilidade. — pensou — E a minha, mais que qualquer outra".

— Meu cabelo é um desastre. — gaguejou Johanna ao ver o sorriso do marido — Pensava cortar com sua permissão, certamente.

— Não é da minha conta o que faça com seu cabelo. Não precisa da minha permissão. Tenho coisas mais importantes em que pensar.

Suavizou a resposta com um beijo breve. Em seguida se agachou para recolher a pedra que Johanna queria dar a Augie e a entregou. Sim, estava ruborizada, e isso lhe agradava.

Gabriel deu uma piscada para sua esposa e virou para retornar.

Johanna endireitou as dobras da túnica e se apressou a alcançá-lo.

Não podia deixar de sorrir. Sem dúvida, Gabriel sabia que a aturdia com seus beijos, pois o rosto do marido exibía uma expressão de evidente vaidade masculina, mas essa arrogância não a incomodou.

Tudo sairia bem. No caminho de volta colina acima, Johanna suspirou sem cessar. "Sim — pensou — tomei a decisão correta ao me casar com Gabriel".

Johanna estava de tão bom humor que quase não importaram os rosnados de Dumfries cada vez que ela se aproximava do marido. Nem sequer essa besta enorme estragaria o seu humor.

Johanna roçou a mão do marido com a própria, mas Gabriel não captou a insinuação. Repetiu o gesto, em vão. Johanna desistiu de ser sutil e agarrou a mão do marido.

Gabriel se comportou como se Johanna não existisse. Tinha o olhar fixo no topo da colina e ela supôs que já pensava nas tarefas que lhe esperavam. Não se incomodou que não prestasse atenção e, quando chegaram junto ao grupo de cabanas dos trabalhadores, soltou-lhe a mão. Supôs que não lhe agradariam as demonstrações de carinho diante dos membros do clã. Mas Gabriel a surpreendeu voltando a segurar-lhe a mão. Deu-lhe um suave apertão nos dedos e apertou o passo até que outra vez Johanna teve que correr para segui-lo.

Senhor, sentia-se feliz! Sim, fez o certo. Casou-se com um homem de bom coração.

Capítulo 7

A verdade era que tinha casado com um monstro.

Depois de conviver com o marido três meses, Johanna chegou a essa triste conclusão. Gabriel era cruel. Era terrivelmente teimoso, cabeça dura e dava ordens insensatas. E essas eram suas melhores qualidades. Tratava-a como a uma inválida. Não podia levantar um dedo, vestiam-na da cabeça aos pés e um dos soldados sempre a seguia. Johanna aceitou todas essas tolices durante uns dois meses, até que não agüentou mais. Então se queixou, mas em vão: Gabriel não deu atenção. Tinha idéias muito estranhas em relação ao casamento. Queria que Johanna ficasse trancada e cada vez que a moça saía para respirar ar fresco, Gabriel tentava fazê-la entrar outra vez.

Os jantares eram insuportáveis. Esperava-se que Johanna mantivesse um ar digno durante toda a refeição, enquanto ao redor reinava o caos. Nenhum dos homens que os acompanhavam no jantar tinha boas maneiras:

eram estrepitosos, grosseiros e emitiam ruídos dos mais desagradáveis.

E neste caso, essas também eram as melhores qualidades dos homens. Johanna não criticava os soldados. Tinha a sensação de que era preferível que se mantivesse separada do clã na medida do possível. Em sua opinião, manter-se à parte significava paz e isso era o único que Johanna desejava conquistar.

Como Gabriel não a deixava ir caçar, Johanna passava a maior parte do dia sozinha. Supunha que o marido a achava muito frágil para empunhar o arco e a flecha; o que podia fazer para corrigir uma idéia tão absurda? Para evitar que lhe embotasse a pontaria, fabricou um alvo que fixou no tronco de uma árvore, ao pé da colina, e praticou com o arco e as flechas. Na verdade era muito hábil e a orgulhava alardear que tinha ganhado algumas vezes de Nicholas em uma disputa de tiro ao alvo.

Enquanto praticava, ninguém a incomodava. As mulheres a ignoravam quase completamente. As MacLaurin a tratavam com franca hostilidade. Várias das jovens seguiam o exemplo da líder natural, uma mulher robusta de bochechas vermelhas e cabelos muito claros, chamada Glynis. Cada vez que Johanna passava perto dela, a mulher lançava bufos desdenhosos muito pouco femininos e, entretanto, Johanna não acreditava que fosse má. O que acontecia era que a senhora do lugar lhe parecia uma inútil. Johanna não podia culpá-la se sua presunção era correta. Enquanto Glynis trabalhava desde o amanhecer até o por do sol nos campos que se estendiam além da fileira de árvores junto com as outras mulheres cultivando os campos e sustentando as colheitas, Johanna vagava a seu desejo pelo feudo e tinha certeza de que aparentava ser a preguiçosa rainha de um senhorio.

Não, Johanna não culpava às mulheres pelo ressentimento que lhe demonstravam. Parte da responsabilidade era de Gabriel por não lhe permitir que se relacionasse com elas, mas Johanna, sendo sincera consigo mesma, compreendia que ela mesma cedia à separação e não fazia nada para mudar a opinião das mulheres sobre ela. Segundo seu antigo costume, não tentava ser amistososa sem parar para pensar no por quê.

Na Inglaterra não tinha tido amigas porque seu marido não permitia. "Mas aqui, nas Highlands, tudo é diferente — pensou — o clã não desaparecerá nem se moverá daqui".

Depois de três meses de solidão, teve que admitir que embora sua vida fosse agradável era também solitária e aborrecida. Queria adaptar-se. E tão

importante quanto isso, queria ajudar a reconstruir o que seu primeiro marido tinha destruído. Gabriel estava muito ocupado com a reorganização para ocupar-se dos problemas de sua esposa e, de qualquer modo, Johanna não tinha intenções de queixar-se perante ele. Era um problema que teria que resolver por si mesma.

Uma vez que definiu o problema, dedicou-se a procurar a solução. Já não queria permanecer separada do clã e procurava unir-se às atividades toda vez que podia. Apesar de ser extremamente tímida, preocupou-se em saudar cada uma das mulheres que passavam apressadas por ela. As MacBain sempre respondiam com um sorriso ou uma palavra amável, mas quase todas do clã MacLaurin fingiam não ouvi-la. Claro que havia exceções: pelo jeito, Leila e Megan, as duas MacLaurin que a ajudaram com o banho na noite de núpcias, tinham-lhe simpatia, mas as outras rejeitavam qualquer amostra de amizade.

Essa atitude a confundia: não sabia o que fazer para modificar a opinião que tinham dela. Uma terça-feira em que Keith tinha a obrigação de vigiá-la, formulou a pergunta:

— Keith, queria conhecer sua opinião a respeito de um assunto que me preocupa. Não consigo encontrar um modo das mulheres MacLaurin me aceitarem. Tem alguma sugestão para me dar?

Enquanto a escutava, Keith coçava o queixo. Ainda que visse que Johanna estava inquieta pelo modo como o clã se comportava com ela, não se atrevia a explicar os motivos porque não queria ferir seus sentimentos. Depois de tê-la cuidado durante vários dias, a atitude do próprio Keith para com a senhora se suavizou. Embora continuasse sendo tímida, não era uma covarde como a consideravam as mulheres MacLaurin.

Johanna notou a hesitação de Keith e achou que não queria falar porque alguns membros do clã poderiam ouvi-los.

— Acompanha-me colina acima?

— Claro, milady.

Não disseram uma palavra até que estivessem longe o suficiente do lugar e, por fim, Keith rompeu o silêncio.

— Lady Johanna, os highlanders têm boa memória. Embora um guerreiro morra sem vingar uma ofensa, morre em paz porque sabe que algum dia seu filho ou seu neto cobrará a ofensa. As inimizadas inveteradas nunca se esquecem, os pecados jamais se perdoam.

Johanna não entendia a que se referia, embora parecesse muito sincero.

— E é importante não esquecer, Keith?

— Sim, milady.

Keith pareceu ter concluído a explicação, mas Johanna sacudiu a cabeça, impaciente.

— Continuo sem entender o que tenta me dizer. Volte a tentá-lo, por favor.

— Muito bem. — respondeu o soldado — Os MacLaurin não esqueceram o que seu primeiro marido fez.

— E me culpam, não é verdade?

— Alguns jogam a culpa em você. — admitiu o homem — Mas não se preocupe com a desforra. — se apressou a acrescentar — A vingança é coisa de homens. Os highlanders não incomodam às mulheres nem as crianças. E, por outro lado, seu marido mataria qualquer um que se atrevesse a tocá-la.

— Não me preocupa minha segurança. — replicou a jovem — Posso me cuidar, mas não posso brigar contra as lembranças. Não posso mudar o que aconteceu. Não fique triste, Keith, acho que conquistei algumas das mulheres. Escutei que uma delas me chamava "valente". Se eu lhe desagradasse, não me elogiaria desse modo.

— Não é nenhum elogio. — afirmou Keith, irritado — Não posso permitir que acredite nisso.

— O que é que tenta me dizer? — perguntou Johanna, frustrada.

Era difícil obter uma resposta direta do soldado. Johanna demonstrou paciência enquanto esperava que Keith se expressasse com franqueza.

Keith exalou um forte suspiro.

— Chamam Augie "inteligente".

Johanna assentiu.

— Augie é muito inteligente.

Keith sacudiu a cabeça.

— Aham que é estúpido.

— Em nome dos céus, então, por que o chamam inteligente?

— Porque não o é.

Johanna adotou uma expressão perplexa.

— Chamam seu marido de piedoso.

— Agradaria o lorde ouvir semelhante elogio.

— Não, milady, não lhe agradaria absolutamente.

Johanna continuava sem entender e Keith acreditou que seria uma crueldade deixá-la permanecer na ignorância.

— Seu marido se enfureceria se soubesse que na realidade os MacLaurin o consideram um homem piedoso. As mulheres põem o qualificativo oposto, entende? É um joguinho tolo. Na realidade acreditam que o lorde é um homem duro e por isso o admiram. — acrescentou o homem com um gesto afirmativo — A um chefe não agrada que o considerem piedoso ou de bom coração: consideraria-o uma debilidade.

A jovem se ergueu com lentidão. Começava a compreender o significado do jogo das mulheres.

— De modo que, se o que você afirma é verdade, significa que consideram o Augie...

— Retardado.

Por fim compreendeu. Antes que se virasse, Keith viu que tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Isso significa que, segundo elas, eu não sou valente e sim covarde. Agora entendo. Obrigado por incomodar-se em me explicar isso Keith. Sei que foi difícil para você.

— Milady, por favor, me diga quem foi a mulher que ouviu dizer

isso.

— Não direi. — afirmou Johanna sacudindo a cabeça. Não podia olhar para o soldado, pois se sentia desconfortável e envergonhada — Me desculpe, por favor? Acho que entrarei no castelo.

Não esperou que lhe respondesse; virou-se e correu colina abaixo. De repente, deteve-se e virou outra vez para o soldado.

— Rogaria-lhe que não contasse esta conversa a meu marido. Não gostaria que se preocupasse com uma questão tão insignificante quanto os jogos tolos de certas mulheres.

— Não direi. — aceitou Keith. Para ele era um alívio que Johanna não quisesse que MacBain se inteirasse do insulto, pois sem dúvida armaria um escândalo infernal. O soldado se enfurecia que essa conduta tão cruel proviesse das mulheres do clã MacLaurin. Como chefe, sentia a pesada carga de deveres contraditórios. É obvio, tinha jurado lealdade a MacBain estava disposto a dar a vida pelo lorde. O juramento se estendia à esposa e Keith faria qualquer coisa que lhe pedissem para proteger lady Johanna de todo mal.

Contudo, como também era o chefe de seu próprio clã, estava convencido de que eram os MacLaurin e não os MacBain que tinham que resolver os próprios problemas. Se contasse ao lorde a crueldade das mulheres com lady Johanna se sentiria um traidor. Keith sabia que eram Glynis e suas seguidoras as culpadas e decidiu ter uma firme conversa com as mulheres. Ordenaria-lhes que se comportassem com a senhora com o respeito devido a sua posição.

Johanna subiu ao dormitório e permaneceu ali o resto da tarde, oscilando entre a irritação e a autopiedade. Certamente que se sentia ferida pela crueldade das mulheres, mas esse não era o motivo de seu pranto. O que na realidade afligia Johanna era a possibilidade de que tivessem razão. Seria na verdade uma covarde?

Não tinha as respostas. Queria ficar no quarto, mas fez um esforço e desceu para jantar. Gabriel já teria retornado da caça e Keith também estaria presente e Johanna não queria que nenhum dos dois imaginasse seus conflitos.

O salão estava repleto de soldados. Quase todos já estavam sentados diante das duas mesas largas que ocupavam o lado direito do salão. O cheiro da madeira nova e das aparas de pinheiro se mesclava com os densos cheiros de comida, que era levada ao salão em duas tábuas de trinchar

gigantescas, com pão negro duro feito dois dias atrás.

Ninguém ficou de pé quando a senhora entrou e isso incomodou Johanna, embora não achasse que se mostravam deliberadamente grosseiros. Vários deles a saudaram com a mão ao vê-la. Os soldados não compreendiam que tinham que ficar de pé quando ela entrava no salão.

Johanna se perguntou que coisa faria esses homens bons e orgulhosos se sentirem como um só clã. Esforçavam-se em manter-se separados. Quando um dos MacLaurin fazia uma brincadeira somente os do mesmo clã riam. Os MacBain nem sequer sorriam.

Também se sentavam em mesas separadas. Gabriel se sentava à cabeceira de uma das mesas e todos os outros lugares, exceto um à direita do lorde reservado para a esposa, eram ocupados por soldados MacBain. Todos os MacLaurin se sentavam juntos na outra mesa.

Essa noite, Gabriel não prestou a menor atenção. Tinha um rolo de pergaminho entre as mãos e o lia com expressão sombria.

Johanna não o interrompeu. Os soldados de Gabriel, em troca, não estavam tão ensimesmados.

— O que é que quer Gillevrey? — perguntou Calum ao lorde.

— É o lorde do clã que vive ao sul de nosso feudo, milady. — explicou Keith a gritos, da outra mesa — A mensagem é dele. — acrescentou. Em seguida perguntou ao lorde — O que é que quer o velho?

Gabriel terminou de ler a mensagem e voltou a enrolar o pergaminho.

— A mensagem é para Johanna.

A menção a surpreendeu.

— Para mim? — perguntou, tomando o rolo.

— Sabe ler? — perguntou Gabriel.

— Sim — respondeu a mulher — Me propus a aprender.

— Por quê?

Johanna se encolheu de ombros.

— Porque me proibiam — murmurou isso. O que não lhe contou foi que Raulf a provocava, repetindo uma e outra vez que era muito néscia para aprender algo importante, e Johanna sentiu o impulso de lhe mostrar que estava equivocado. Foi um desafio oculto, pois Raulf nunca soube que Johanna tinha vencido as dificuldades de aprender a ler e a escrever. E o professor temia muito Raulf para dizer-lhe.

Gabriel não lhe entregou o rolo e perguntou com expressão feroz:

— Conhece um barão chamado Randolph Goode?

A mão de Johanna se deteve no meio do gesto e num instante empalideceu. Sentiu-se desfalecer e tomou ar para se acalmar.

— Johanna? — insistiu Gabriel ao não receber uma resposta imediata.

— Conheço.

— A mensagem provém de Goode. — disse Gabriel — Gillevrey não o deixará cruzar a fronteira até que eu lhe dê permissão. Quem é esse homem e o que quer?

Johanna quase não pôde dissimular a agitação. O que mais desejava era sair correndo, mas resistiu a esse impulso de covardia.

— Não quero falar com ele.

Gabriel se recostou na cadeira. Percebeu o medo e o pânico da esposa e essa reação diante da mensagem não o agradou. Acaso não compreendia que estava a salvo? Maldição, ele não permitiria que lhe acontecesse nada!

Exalou um suspiro, compreendendo que, certamente, Johanna não sabia. Quando aprendesse a confiar nele, já não a assustariam as mensagens vindas da Inglaterra.

Gabriel sabia que se mostrava arrogante e não se importava. Nesse momento, o que mais desejava era tranquilizar sua esposa: não gostava de vê-la amedrontada. Além disso, tinha outro motivo: queria saber a verdade.

— Acaso esse barão te ofendeu de algum jeito?

— Não.

— Quem é, Johanna?

— Não quero falar com ele — repetiu, com voz trêmula.

— Quero saber...

Johanna fez um gesto negativo e Gabriel interrompeu a pergunta. Tomou o queixo e a obrigou a deixar de sacudir a cabeça.

— Me escute. — ordenou — Não tem obrigação de vê-lo nem de falar com ele — prometeu em voz baixa e convincente.

A expressão da jovem se tornou dúbia e incerta.

— Sério? Não o deixará vir?

— Sério.

O alívio de Johanna foi evidente.

— Obrigado.

Gabriel a soltou e voltou a reclinar-se na cadeira.

— Agora, responda a minha pergunta. — repetiu — Quem demônios é o barão Goode?

Nesse momento, todos os soldados presentes no salão estavam silenciosos e atentos. Para eles era óbvio que a senhora estava assustada e tinham curiosidade de saber o motivo.

— O barão Goode é um sujeito poderoso na Inglaterra. — sussurrou Johanna — Dizem que é mais poderoso que o rei John.

Gabriel esperou que continuasse, mas transcorreram vários minutos até que compreendeu que não diria nada mais.

— É um dos favoritos do rei? — perguntou.

— Não. — respondeu Johanna — Odeia John. Muitos barões compartilham a opinião de Goode sobre o monarca. Uniram-se e diz-se que Goode é o líder de todos eles.

— Johanna, está falando de uma insurreição.

Johanna negou com a cabeça e baixou o olhar.

— É uma rebelião silenciosa, milorde. Neste momento, a Inglaterra é um caos e muitos dos barões acreditam que Arthur é quem teria que ter sido nomeado rei. Era o sobrinho de John. Geoffrey, o pai de Arthur, era o irmão mais velho de John e morreu poucos meses antes do nascimento de seu filho.

Calum tentou seguir a explicação e a essa altura franziu o semblante.

— Milady, acaso você afirma que quando o rei Richard morreu Geoffrey teria que ter sido o rei?

— Geoffrey era mais velho que John. — respondeu a jovem — Era o próximo na linha de sucessão porque Richard não teve filhos, você sabe? Mas Geoffrey já tinha morrido. Há quem considera que seu filho era o verdadeiro herdeiro do trono. Até se uniram em defesa da causa de Arthur.

— De modo que os barões lutaram pela coroa?

A pergunta foi de Gabriel e Johanna assentiu.

— Em cada ocasião que podiam, os barões apoiavam a causa de seu rei. Nos últimos anos John fez numerosos inimigos. Nicholas acredita que qualquer dia explodirá uma franca rebelião. Goode e os outros esperam uma boa razão para livrar o país de John. Não querem esperar, pois John mostrou ser um monarca terrível. — acrescentou em um murmúrio — Não tem consideração nem mesmo com os membros de sua própria família. Sabe que durante o conflito se voltou contra seu próprio pai e se uniu ao rei da França? Henry morreu com o coração destroçado porque sempre acreditou que John era o mais leal de seus filhos.

— Como se inteirou de todas estas coisas? — perguntou Calum.

— Por meu irmão Nicholas.

— Ainda não explicou por que Goode iria querer falar com você — recordou Gabriel.

— Talvez acredite que posso ajudar à causa de destituir John, mas embora eu pudesse não o faria. Neste momento seria inútil. Não envolverei

minha família na luta. Tanto Nicholas quanto minha mãe sofreriam se eu dissesse...

— Se dissesse que coisa? — perguntou-lhe o marido.

A mulher não respondeu.

Calum a acotovelou para chamar a atenção.

— Acaso Arthur quer a coroa? — perguntou.

— Sim. — respondeu Johanna — Mas eu não sou mais que uma mulher, Calum. Não me interessam os jogos políticos ingleses. Não sei por que o barão Goode deseja falar comigo. Não sei nada que possa ajudar a destronar John.

Gabriel se convenceu de que era mentira. E também de que estava aterrorizada.

— Goode deseja formular certas perguntas — afirmou.

— A respeito do que? — perguntou Calum, ao ver que a senhora mantinha-se em silêncio.

Gabriel respondeu sem desviar o olhar da esposa:

— A respeito de Arthur. Agora está certo de que o sobrinho do rei está morto.

Johanna começou a levantar-se, mas Gabriel segurou-lhe a mão e a obrigou a ficar sentada. Sentiu-a tremer.

— Não falarei com Goode. — exclamou — Arthur desapareceu faz mais de quatro anos. Não entendo por que o barão continua interessado no paradeiro do sobrinho do rei. Não tenho nada a dizer.

Johanna já tinha revelado mais do que pensava: ao referir-se a Arthur empregou o tempo passado.

Johanna já sabia que o sobrinho do rei estava morto. Gabriel pensou que também devia saber como tinha morrido e quem o tinha assassinado. Refletiu sobre as consequências que teria o fato se sua hipótese estivesse certa e moveu a cabeça.

— Inglaterra é outro mundo no que se refere a nós. — afirmou — Não permitirei que nenhum barão venha aqui. Johanna, eu nunca deixo de cumprir minha palavra. Não falará com nenhum deles.

A mulher assentiu. Calum começava a fazer outra pergunta, mas o olhar severo do lorde o conteve.

— Terminamos de comentar esta questão. — afirmou — Calum, me informe sobre os progressos na construção do muro.

Johanna estava muito inquieta para continuar a conversa. Tinha o estômago embrulhado e apenas pôde comer um sanduíche de queijo. Havia javali e restos de salmão salgado, mas sabia que lhe dariam náuseas se provasse alguma coisa.

Contemplou a comida e se perguntou quanto tempo mais teria que ficar ali antes que a desculpassem.

— Tem que comer algo — disse Gabriel.

— Não tenho apetite. — respondeu — Não estou habituada a comer tanto antes de me deitar, milorde. — se desculpou — Na Inglaterra é costume servir uma refeição entre as dez e o meio-dia e mais tarde se toma uma refeição leve. Levará tempo para me acostumar à mudança. Desculpe-me? Queria subir.

Gabriel assentiu. Como Calum a olhava fixamente, Johanna lhe deu boa noite e se dirigiu a entrada. Viu Dumfries deitado à esquerda da escada e imediatamente deu uma volta para não passar perto do animal. Não afastou o olhar até que passou junto a ele e em seguida correu.

Preparou-se sem pressa para deitar. Cumprir esse singelo ritual a acalmava e a ajudava a controlar o medo. Concentrou-se em cada pequena tarefa. Acrescentou dois lenhos ao fogo, lavou-se e em seguida se sentou para escovar o cabelo. Odiava esse trabalho. Parecia que não terminava nunca de desfazer os nós. Doía-lhe o couro cabeludo pelo peso da massa ondulada de cabelo e quando terminou estava muito cansada para trançá-lo.

Ficou sem ocupação e tratou de pensar em coisas frívolas, convencida de que assim bloquearia os temores e terminariam por desaparecer.

— Gabriel tem razão. — murmurou — A Inglaterra está em outro mundo.

"Estou a salvo, — pensou — e Nicholas e mamãe também estarão seguros na Inglaterra enquanto eu ficar calada".

Johanna largou a escova e fez o sinal da cruz. Orou pedindo coragem e orientação divina e, por fim, orou pelo homem que deveria ter sido rei: por Arthur.

No momento em que finalizava as preces, Gabriel entrou e encontrou à esposa sentada a um lado da cama, contemplando as chamas da lareira. Fechou a porta, tirou as botas e caminhou até o lado oposto da cama. Johanna se levantou e se virou para olhá-lo.

Pareceu a Gabriel que sua esposa estava triste.

— Nicholas me disse que o rei John tem medo de você.

A mulher baixou o olhar.

— De onde tirou essa idéia?

— Johanna.

A jovem levantou o olhar:

— O que?

— Quando chegar o momento, dirá o que sabe. Eu não a forcerei. Aguardarei. Quando estiver disposta a confiar em mim, o fará.

— Dizer que coisa, milorde?

Gabriel deixou escapar um suspiro.

— Dirá o que é que a aterroriza tanto.

Johanna teve o impulso de discutir, mas se conteve: não queria mentir a Gabriel.

— Agora estamos casados. — disse — E não é só você que tem o dever de me proteger, Gabriel. Também é meu dever proteger você sempre que puder.

O homem não compreendeu a estranha afirmação: protegê-lo? Demônios, ela tinha tudo calculado! Supunha que era ele quem devia protegê-la

e cuidar de si mesmo. Procuraria viver muitos anos para cuidar de sua esposa e do Alex.

— As esposas não protegem os maridos — afirmou em voz alta.

— Esta esposa o fará — replicou Johanna.

Ia discutir, mas a esposa o distraiu. Não fez mais que desatar o cinto do roupão e o tirou: debaixo não usava nada.

Gabriel ficou sem fôlego. Deus, que linda era! Atrás de Johanna o fogo a banhava em um resplendor dourado. Sua beleza não era empanada por nenhum defeito. Tinha os seios redondos, a cintura estreita e as pernas longas.

Gabriel não teve consciência de ter se despedido. Sustentou o olhar de Johanna por longos minutos até que o coração começou a golpear no peito e sentiu o fôlego entrecortado pela excitação.

Johanna lutou contra o pudor: sabia que estava ruborizada porque sentia o calor no rosto.

Os dois se deitaram e se cobriram ao mesmo tempo e em seguida se aproximaram um do outro. Johanna ainda estava de joelhos quando Gabriel a atraiu para seus braços. A fez deitar-se, cobriu-a com seu próprio corpo e a beijou.

Johanna enlaçou os braços no pescoço e o puxou para si. Estava desesperada pelas carícias do marido: essa noite o desejava. Necessitava de consolo e a aceitação do marido.

Gabriel, por sua vez, necessitava satisfação. Distribuiu carícias rudes nos ombros, nas costas, nas coxas, e o contato com essa pele sedosa o excitou.

Johanna não precisava que a incitassem a responder: não podia parar de acariciá-lo. Tinha o corpo tão robusto e a pele tão cálida e a incitava de tal modo com a boca e com as mãos que em poucos minutos se sentiu possuída por uma febre de paixão.

Era impossível ser inibida com Gabriel. Era um amante exigente, terno e rude ao mesmo tempo. Com suas carícias íntimas atrevidas acendia o ardor de Johanna e quando seus dedos a penetraram e o polegar esfregou o sensível casulo oculto atrás das dobras úmidas de sua carne, Johanna

enlouqueceu.

O homem pegou sua mão e a colocou sobre seu pênis duro e ereto. A mulher o apertou, impulsionando-o a soltar um gemido rouco e gutural. Gabriel murmurava palavras eróticas de estímulo e indicações do modo como desejava que o acariciasse.

Gabriel não pôde mais suportar muito tempo a doce agonia. Afastou-lhe as mãos com brutalidade, elevou-lhe as coxas e a penetrou profundamente. Johanna gritou de prazer. Cravou-lhe as unhas nos ombros e arqueou contra ele para recebê-lo com mais plenitude. O homem estava a ponto de derramar nela sua semente nesse mesmo instante e teve que apelar a toda sua disciplina para conter-se. Moveu a mão entre os dois corpos e a acariciou com os dedos até sentir que Johanna alcançava o clímax e só então permitiu sua própria satisfação.

O orgasmo o devastou. Gemeu de puro prazer ao derramar a semente em sua esposa. Johanna gritou o nome do marido e Gabriel, o de Deus.

Gabriel se deixou cair sobre a esposa com uma exclamação rouca e satisfeita. Não se retirou de dentro dela, querendo prolongar a maravilha que acabava de experimentar.

Johanna tampouco queria afastar-se de seu marido nesse momento. Quando Gabriel a abraçava se sentia querida. Também se sentia segura... e quase amada.

Mas em seguida, o peso de Gabriel a esmagou e por fim teve que pedir que se afastasse para poder respirar.

Gabriel não tinha certeza de ter restado energia e essa idéia o divertiu. Rolou para o lado levando Johanna junto com ele, levantou as mantas para cobri-los e fechou os olhos.

— Gabriel.

O homem não respondeu e Johanna tocou o peito com o dedo para lhe chamar a atenção. Só obteve um grunhido como resposta.

— Tinha razão: sou fraca.

Esperou que dissesse que estava de acordo, mas Gabriel não disse nada.

— Um vento do norte poderia me levar — disse, usando as mesmas palavras que Gabriel na primeira noite que passaram como marido e mulher.

Deixou passar vários minutos e em seguida voltou a falar.

— Mas as outras coisas não são verdades. Eu não deixarei que sejam.

Fechou os olhos e fez suas orações. Gabriel pensou que tinha dormido e ele ia imitá-la. Mas em seguida, em um sussurro suave, mas cheio de convicção, ouviu-a dizer:

— Não sou covarde.

Capítulo 8

— Quem se atreveu a chamá-la de covarde?

A voz retumbante do marido arrancou Johanna de um sono profundo. Abriu os olhos e o olhou. Gabriel estava de pé de um lado da cama e a olhava com expressão colérica. Estava completamente vestido e parecia furioso.

Enquanto bocejava, Johanna pensou que Gabriel precisava que o acalmasse. Sentou-se na cama e sacudiu a cabeça.

— Ninguém me chamou de covarde — disse com voz sonolenta.

— E então, por que disse...?

— Achei que devia saber — explicou — E eu precisava dizer.

O aborrecimento do lorde se aplacou. Johanna afastou as mantas e se preparou para sair da cama, mas Gabriel a deteve, voltou a cobri-la e ordenou que continuasse dormindo.

— Hoje descansará — exigiu.

— Já descansei o bastante, milorde. É hora de começar a cumprir com meus deveres de esposa.

— Descanse.

Deus, que homem mais teimoso! O gesto da mandíbula tensa lhe indicou que seria inútil discutir. Não tinha intenções de vagabundear todo o dia na cama, mas não discutiria com seu marido.

Gabriel estava saindo quando Johanna o deteve com uma pergunta:

— Que planos tem para um dia tão belo?

— Irei caçar mais provisões.

— Grãos, por exemplo? — perguntou a mulher. Saiu da cama e colocou o roupão.

— Por exemplo — admitiu Gabriel.

Johanna ajustou o cinto do roupão. Gabriel observou como tirava o cabelo debaixo da gola com gestos cheios de graciosidade feminina.

— Como se faz para "caçar" uma colheita?

— A roubamos.

Johanna soltou uma exclamação:

— Mas isso é pecado!

Gabriel pareceu muito divertido pela expressão horrorizada da esposa: o roubo a escandalizava! Por que seria?

— Se o padre MacKechnie soubesse disso o esfolaria.

— MacKechnie ainda não retornou. Quando o fizer, já terei cometido todos os pecados.

— Não fala sério!

— Falo muito sério, Johanna.

— Gabriel, não só está cometendo o pecado de roubo, mas também o da condescendência.

Era evidente que esperava uma resposta, mas Gabriel se limitou a encolher os ombros e Johanna moveu a cabeça.

— Esposa, não a compete me censurar.

Gabriel esperava uma desculpa, mas em troca obteve um argumento em contra:

— Oh, sim, me compete censurar, milorde, pois se trata de sua alma. Sou sua esposa e devo ensinar-lhe, pois me preocupo com sua alma.

— Isso é ridículo! — respondeu Gabriel.

Johanna soltou outra exclamação abafada, e o marido sentiu desejos de rir, mas se conteve.

— Parece ridículo que me preocupe com você?

— Se preocupa?

— Claro que sim.

— Isso significa que começa a sentir carinho por mim?

— Não disse isso, milorde. Está deturpando minhas palavras. Preocupo-me com sua alma.

— Não necessito nem sua preocupação nem seus sermões.

— A uma esposa é permitido dar sua opinião, não é?

— Sim. — admitiu Gabriel — Quando a pedem, é obvio.

Johanna ignorou o comentário.

— Eu acredito que tem que negociar para obter o que precisa.

Gabriel não pôde reprimir a irritação.

— Não temos nada de valor para trocar. — disse — Por outro lado, se os outros clãs não podem proteger o que lhes pertence, merecem que o tirem. É assim que fazemos mulher; terá que se acostumar.

Gabriel deu por terminada a discussão, mas Johanna não.

— Essa justificativa...

— Descanse — ordenou Gabriel fechando a porta ao sair.

Tinha casado com um homem obstinado. Johanna decidiu não voltar a tocar no assunto dos roubos. Gabriel tinha razão: não competia a ela ensinar nem a ele nem aos outros homens do clã. O que importava?

Johanna passou a manhã praticando com o arco e a flecha, e a tarde divertindo-se com o jogo de Augie, tão sem sentido quanto agradável.

Augie tinha se transformado no único amigo verdadeiro da jovem. Só lhe falava em gaélico e Johanna descobriu que quanto mais relaxada estava, mais fácil era o idioma. O ancião era paciente e detalhista e respondia a todas as perguntas da moça.

Johanna contou ao velho quanto a inquietavam os roubos de Gabriel, mas Augie não só não esteve de acordo com ela, mas também defendeu a conduta do lorde.

Estavam de pé sobre uma colina, lançando tacadas de longa distância, enquanto Johanna lhe confiava sua preocupação. Quase todas as pedras quebravam com a força dos golpes.

— Os ingleses destruíram nossas reservas. Nosso lorde tem que assegurar que o clã não passe fome este inverno. — disse Augie — Por que chama a isso de pecado, garota?

— Está roubando — argumentou a jovem.

Augie moveu a cabeça.

— Deus entenderá.

— Augie, há mais de um modo de entrar em um castelo. Gabriel tem que achar outra forma de alimentar o clã.

O ancião apoiou o bastão contra a pedra redonda, separou as pernas e deu a tacada. Protegeu os olhos do sol para ver até onde tinha chegado, fez um gesto de satisfação e em seguida virou para a senhora.

— Minha pedra percorreu o triplo da distância que percorre uma flecha. Veja se pode superar isso, pequena aflita. Vejamos se pode colocar sua pedra ao lado da minha.

Johanna se concentrou no jogo e se surpreendeu com a gargalhada de Augie quando a pedra que soltou se deteve poucos centímetros da do velho.

— Garota, tem destreza para o jogo. — elogiou — Agora será melhor que retornemos. Já a separei de suas tarefas mais tempo do que tenho direito.

— Não tenho tarefas. — exclamou Johanna. Colocou o bastão sob o braço e se voltou para seu amigo — Tentei me encarregar da administração da casa, mas ninguém me dá atenção, embora deva dizer que os MacBain são um pouco mais cortesês. Os criados MacLaurin são tão grosseiros que é embaraçoso: ignoram-me completamente.

— E o que diz nosso lorde com relação a este comportamento?

— Não contei e não o farei, Augie. Este é meu problema e eu tenho que resolvê-lo, não ele.

Augie agarrou Johanna pelo braço e começou a descer pela trilha da colina.

— Quanto tempo faz que está aqui?

— Quase três meses.

— Durante um tempo se sentiu a vontade, não é?

Johanna assentiu:

— Sim, estive.

— Por quê?

A pergunta a surpreendeu e encolheu os ombros.

— Ao chegar aqui, senti-me... livre. E segura — se apressou a acrescentar.

— Foi como uma pomba com uma asa quebrada. — disse Augie. Deu-lhe um tapinha na mão e prosseguiu — É a pessoa mais tímida que conheci.

— Agora não sou — replicou a jovem — Pelo menos não sou tímida quando estou com você.

— Eu vi as mudanças que se produziram em você, mas os outros, não. Imagino que no devido tempo verá que adquiriu certo brio.

Johanna não soube se isso era uma crítica ou um elogio.

— Mas, Augie, o que me diz dos roubos? O que eu teria que fazer com relação a meu marido?

— Por hora, deixe-o. — sugeriu o ancião — Para ser sincero, não posso me scandalizar por uns pequenos roubos. Meu lorde prometeu me trazer cevada, e estou impaciente para recebê-la... Com ou sem pecado. — acrescentou com um gesto afirmativo — Os ingleses beberam todas as minhas reservas, moça. — Riu com malícia, aproximou-se mais de Johanna e sussurrou — Mas não encontraram os barris de ouro líquido.

— O que são esses barris de ouro líquido?

— Lembra da clareira entre os pinheiros, atrás da colina?

— Sim.

— Atrás há uma caverna. — declarou Augie — Está cheia de barris de carvalho.

— E o que há dentro dos barris?

— A água da vida. — respondeu o ancião — Já tem dez, quase quinze anos. Aposto que tem sabor de ouro. Um dia destes a levarei lá para que veja com seus próprios olhos. Ficou intacta só porque os ingleses não sabiam de sua existência.

— Meu marido sabe?

Augie pensou um longo momento antes de responder.

— Não lembro de ter-lhe dito. — admitiu — E eu sou o único que recorro quando os antigos líderes MacLaurin a armazenaram lá. Claro que não o disseram, mas uma tarde os segui sem que notassem. Quando coloco algo na cabeça não posso ficar tranqüilo — disse, enfatizando com um gesto.

— Quando foi a última vez que entrou na caverna?

— Faz alguns anos. — disse Augie — Johanna, observou que quando usa a túnica dos MacBain acerta muitas tacadas no jogo, mas que quando usa as cores dos MacLaurin não acerta uma?

É obvio, Augie estava brincando: gostava de provocá-la. Johanna

supôs que era sua maneira de demonstrar carinho.

Assim que chegaram ao pátio, Augie se afastou. Johanna viu Keith, saudou-o e passou correndo junto dele. Desde que o soldado MacLaurin tinha explicado o significado verdadeiro do apelido que as mulheres do clã davam, sentia-se desconfortável.

Além disso, queria lavar mãos antes que seu marido retornasse para casa, para que não visse quanto estavam sujas. Embora não fosse muito razoável em relação com a imagem de Johanna, pedia-lhe tão pouco que a jovem tratava de agradá-lo sempre que podia.

Johanna começava a subir os degraus quando ouviu um grito a suas costas. Virou-se e viu que alguns soldados corriam até ela e que vários brandiam as espadas.

Johanna não soube a que se devia o alvoroço.

— Entre, milady, e feche a porta — gritou Keith. Johanna compreendeu que não era momento para discutir nem fazer perguntas. Imaginou que sofriam o ataque de intrusos e fez o que lhe ordenavam.

Então ouviu um rosnado rouco e ameaçador. Ao virar-se viu a mascote do marido que caminhava lentamente pelo pátio. Ao ver a besta, Johanna gritou: Dumfries estava coberto de sangue. De longe pôde ver que tinha o quarto traseiro esquerdo esmigalhado.

O galgo tentava chegar ao lar para morrer, e os olhos de Johanna se encheram de lágrimas ao ver a luta do animal.

Os soldados formaram um amplo círculo em volta do cão.

— Entre, lady Johanna — berrou Keith. De repente, a jovem entendeu o que pensavam fazer: matariam o galgo para que não continuasse sofrendo. Pelo modo cauteloso como se moviam compreendeu que achavam que podia atacar a um deles.

Johanna não estava disposta a permitir que o cão sofresse mais ferimentos. Um dos soldados começou a aproximar-se com a espada em alto.

— Deixe-o em paz!

A fúria que vibrou no grito de Johanna atraiu a atenção de todos os soldados, que se viraram para olhá-la com expressões atônitas.

De fato, alguns dos soldados MacLaurin se separaram do cão, mas os MacBain não se moveram de suas respectivas posições.

Keith desceu correndo os degraus e agarrou Johanna pelo braço.

— Não é necessário que presencie isto. — disse — Por favor, entre.

A jovem se soltou.

— Dumfries quer entrar. Dorme junto ao fogo. É para lá que se dirige. Mantenha as portas abertas, Keith. Já!

Depois de gritar essa última ordem, virou-se para os outros soldados. Tinha certeza de que Dumfries não deixaria que nenhum dos homens o atendesse. Sabia que o cão devia sofrer dores terríveis, pois enquanto se aproximava lentamente dos degraus seu passo ficava cada vez mais difícil.

— Milady, ao menos se afaste do alcance do animal.

— Diga aos homens que o deixem entrar.

— Mas, milady...

— Faça o que lhe ordenei. Se alguém tocar Dumfries se verá comigo.

Pelo tom de voz da senhora, Keith compreendeu que seria inútil discutir. Deu a ordem, agarrou outra vez o braço de Johanna e tratou de arrastá-la para a entrada.

— Keith, mantenha as portas abertas.

Enquanto falava, Johanna não afastava o olhar do cão. Leila e Megan, as duas mulheres MacLaurin encarregadas da limpeza do grande salão e dos quartos superiores, aproximaram-se correndo à porta.

— Por Deus! — murmurou Megan — O que aconteceu?

— Retroceda, milady! — exclamou Leila — Pobre Dumfries! Não pode subir os degraus. Terão que sacrificá-lo...

— Ninguém o tocará! — declarou Johanna — Megan, vá procurar

minhas agulhas e fios. Leila, debaixo de minha cama há uma sacola cheia de potes com ervas e remédios. Traga-me.

Dumfries caiu sobre o terceiro degrau. Deixou escapar um gemido e tratou de levantar-se, alternando entre latidos e rosnados. Johanna não pôde suportar mais ver a agonia do animal. Esperava poder aproximar-se do galgo quando se deitasse para descansar junto ao fogo, mas compreendeu que o animal não poderia entrar sem ajuda.

Soltou-se de Keith de um puxão e correu para ajudá-lo. Quando se aproximou, o cão emitiu um forte rosnado. Johanna diminuiu o passo, ergueu a mão e começou a murmurar palavras tranquilizadoras.

Uma vez mais, Keith tentou afastá-la, mas assim que o soldado a tocou, o cão voltou a rosnar mais forte ainda.

Johanna ordenou a Keith que se afastasse. Ergueu o olhar e viu que dois dos soldados MacBain estavam com os arcos e as flechas preparados: protegiam-na, quisesse-o Johanna ou não. Se o galgo tentasse mordê-la, as flechas o matariam antes que lhe fizesse mal.

Dentro de Johanna lutavam a compaixão pelo animal e o medo dele. Sim, estava aterrorizada, e quando se inclinou com lentidão para envolver o cão com os braços, não pôde conter seus próprios gemidos.

Ainda sem deixar de rosnar, o cão permitiu que o ajudasse.

Johanna não conhecia sua própria força. O cão se apoiava sobre a lateral da moça, que quase caiu sob o peso, mas voltou a endireitar-se e a envolver o animal com os braços. Sustentou-o por trás das patas dianteiras. Ao dobrar-se para sustentá-lo, a lateral do rosto se apoiou contra o pescoço do animal. Continuou murmurando sem cessar palavras de ânimo e meio que o arrastou pelos degraus que faltavam percorrer. Era muito pesado, mas quando transpuseram o último degrau, Dumfries pareceu recuperar certa força e se separou de Johanna. Emitiu outro rosnado e entrou.

Dumfries se deteve no último dos degraus que levavam ao salão. Johanna voltou a aproximar-se e o carregou escada abaixo.

Os homens que estavam dando os últimos retoques ao suporte da chaminé se afastaram rapidamente ao ver que Dumfries caminhava para eles. O cão percorreu duas vezes a área diante da lareira e começou a gemer: era evidente que estava muito dolorido para deitar-se.

Megan chegou correndo com o que Johanna tinha pedido e a senhora lhe ordenou que voltasse a subir e trouxesse a manta da cama.

— Milady, tirarei uma do baú — disse Megan.

— Não. — respondeu Johanna — Traz a da minha cama, Megan. Ao sentir o cheiro de meu marido, Dumfries se tranquilizará.

Minutos depois, Megan entregou a manta à senhora. Johanna se ajoelhou sobre o chão e preparou a cama para o cão. Quando terminou, deu umas palmadas sobre a manta e ordenou ao cão que se deitasse.

Dumfries deu outra volta e em seguida caiu de lado.

— Fez o animal entrar, milady! — murmurou Keith as costas de Johanna — É um grande lucro.

Johanna negou com a cabeça.

— Isso foi fácil. — respondeu — O que vem agora é um pouco mais difícil: o costurarei. Para falar a verdade, aterroriza-me fazê-lo, pois Dumfries não entenderá.

Deu uma palmadinha na lateral do pescoço de Dumfries e se inclinou para ver a profunda ferida no lado esquerdo do animal.

— Não falará a sério, milady! Se tocar a ferida, o cão a matará.

— Sinceramente, espero que não — replicou Johanna.

— Mas você o teme — exclamou Keith.

— Sim. — admitiu Johanna — Tenho medo, mas isso não muda as coisas, não é mesmo? Dumfries está ferido e tenho que costurá-lo. Leila, trouxe os recipientes que pedi?

— Sim, milady.

Ao virar-se, Johanna viu Leila e Megan de pé no último degrau. Megan segurava a agulha e o novelo de linho, e Leila agarrava a sacola cinza da senhora.

— Tragam, por favor, e deixem sobre a manta.

Leila e Megan não se moveram. Começaram a avançar para ela, mas se detiveram de súbito: os rosnados surdos de Dumfries ressonavam no fundo de sua garganta. Johanna imaginava que esse som devia parecer-se muito ao de um demônio solto do inferno. Era arrepiante.

As moças tinham medo de aproximar-se e ao compreender, Johanna ficou perplexa. Estava convencida de que era a única que temia o cão. Compadecendo-se das moças, aproximou-se delas e pegou o que tinham trazido.

— Tome cuidado, milady — sussurrou Leila. Johanna assentiu.

Em poucos minutos, estava pronta para começar a tarefa. Keith não pensava deixar que corresse o risco de que Dumfries a mordesse enquanto o costurava. Ajoelhou-se por trás de Dumfries e se colocou de modo a poder segurar com facilidade o cão pelo pescoço e imobilizá-lo se tentasse machucar a senhora.

O cão surpreendeu tanto Johanna quanto o soldado: não exalou um som enquanto Johanna o costurava. Johanna o fez pelos dois. Murmurou-lhe desculpas e gemeu cada vez que tocava a ferida com o pano de linho que tinha empapado na solução desinfetante. Sabia que a substância ardia e cada vez que lhe aplicava esse líquido espesso, soprava sobre a zona.

No meio do caos, Gabriel chegou. Johanna acabava de enfiar a agulha quando ouviu a voz do marido atrás dela.

— Que diabos aconteceu?

Johanna exalou um suspiro de alívio e sem levantar virou para olhar seu marido. Deus, nunca havia sentido tanto alívio ao vê-lo! Viu-o atravessar o salão e deter-se junto a ela. Gabriel apoiou as mãos grandes sobre os quadris e olhou fixamente o cão.

Imediatamente, Keith se levantou. Os outros soldados que o tinham seguido ao salão retrocederam para lhe dar passagem.

— Tenho certeza que Dumfries topou com um par de lobos — aventurou Keith.

— Acha que topou com nossa mascote? — perguntou Calum aproximando-se de Keith.

Johanna voltou à tarefa. Fez um nó no fio, deixou a agulha e tomou

o segundo pote de remédio.

— Milorde, têm outra mascote? — perguntou Johanna enquanto pulverizava com suavidade um unguento amarelo sobre o corte. Usou outro pano para aplicar o unguento curativo sobre os bordos rasgados da ferida.

— Há um lobo em particular que os MacLaurin consideram sua mascote. Tua mão treme.

— Eu sei.

— Por quê?

— Seu cão me deixa em pânico.

Johanna terminou de colocar o unguento sobre a ferida. O remédio era para prevenir uma infecção e, além disso, oferecia o benefício secundário de amortecer a região. Dumfries quase não sentiria a agulha.

— Mesmo assim, está atendendo-o, lorde.

— Estou vendo, Keith — replicou Gabriel.

— A parte mais difícil já terminou. — anunciou Johanna — Acho que Dumfries não sentirá o resto do tratamento. Além disso...

— Além disso, o quê?

Johanna murmurou uma explicação que Gabriel não pôde captar e se ajoelhou junto a ela. Apoiou a mão sobre o pescoço do cão e imediatamente Dumfries tentou lambê-lo os dedos.

— O que é que disse? — perguntou à esposa enquanto acariciava ao cão.

— Disse que agora você está aqui — murmurou a jovem. Johanna o olhou, viu a expressão arrogante e se apressou a acrescentar — Dumfries se sentirá reconfortado: tem muito carinho por você, milorde. Acredito que sabe que o manterá a salvo.

— Você também sabe, Johanna.

Johanna compreendeu que Gabriel esperava uma resposta afirmativa e que se admitisse que se sentia segura quando ele estava por perto, a

arrogância do marido seria excessiva. Decidiu ficar em silêncio.

Levou pouco tempo para costurar a ferida. Gabriel a ajudou a colocar longas faixas de algodão ao redor do cão. Em seguida, Gabriel uniu os extremos da atadura.

— Não deixará no lugar por muito tempo — preveniu o marido.

Johanna assentiu. De repente, sentiu-se extremamente cansada. Imaginou que o medo tinha consumido suas forças.

Reuniu as coisas e se levantou. Atrás dela se juntou uma multidão de curiosos. No meio do grupo, Johanna reconheceu Glynis e imediatamente afastou o olhar.

— MacBain, ela fez o cão entrar. Sim, fez isso.

Enquanto Keith contava uma versão um tanto exagerada, Johanna continuou abrindo passagem entre as pessoas. Correu escada acima, até o corredor que levava ao seu próprio dormitório. Largou os ingredientes, lavou outra vez as mãos e tirou os sapatos para poder deitar-se sobre a cama. Pretendia descansar alguns minutos e em seguida retornar ao salão para o jantar.

Adormeceu instantes depois. Gabriel subiu várias vezes ao quarto para olhá-la. Por fim, deitou-se perto da meia-noite, não sem antes certificar-se de que Dumfries descansava confortavelmente.

Enquanto o marido se despia, Johanna apenas se moveu. Abriu uma vez os olhos, olhou-o carrancuda e voltou a dormir em seguida. Gabriel tirou outra manta do baú e cobriu sua esposa antes de terminar de despir-se e deitar junto dela.

Não teve necessidade de aproximar-se: no mesmo instante em que se deitou, Johanna rolou para ele e se refugiou entre seus braços. Gabriel a estreitou contra si e Johanna acomodou a cabeça sob o queixo do marido.

Gabriel repassou na mente a história que Keith tinha contado. Tentou imaginar sua esposa agarrando Dumfries entre os braços e arrastando-o pelos degraus.

Agradava-o a coragem demonstrada por sua esposa e, mesmo assim, não queria que no futuro corresse semelhante risco. Dumfries estava dolorido e não se podia confiar em um animal ferido, por mais leal que fosse.

No dia seguinte ordenaria que nunca voltasse a arriscar-se assim.
Gabriel adormeceu preocupando-se com sua mulher, tão pequena e delicada.

Capítulo 9

Na manhã seguinte, antes de abrir os olhos, Gabriel soube que Johanna já não estava na cama.

"Demônios, já amanheceu! — pensou Gabriel — e como marido e como lorde tenho a obrigação de ser o primeiro a saltar da cama!" Pensou que sem dúvida Johanna estaria lá embaixo, esperando-o no grande salão e sua irritação diminuiu um pouco. Lembrou que na noite anterior, Johanna tinha estado preocupada com Dumfries: sem dúvida devia estar com ele.

A túnica com as cores dos MacLaurin estava dobrada sobre uma cadeira. Certamente Johanna se confundiu de dia, pois se vestiu com as cores dos MacBain pelo segundo dia consecutivo. "Agora os MacLaurin armarão um escândalo e eu não tenho tempo para assuntos tão insignificantes... maldição!"

Keith e Calum já o esperavam no salão e assim que viram o lorde aparecer fizeram uma reverência.

— Onde está minha esposa?

Calum e Keith trocaram um olhar aflito e em seguida Calum se adiantou um passo e respondeu:

— MacBain, achamos que estava lá em cima, com você.

— Não está lá em cima.

— E então, onde está? — perguntou Calum.

Gabriel exclamou olhando-o com severidade:

— Isso foi precisamente o que eu te perguntei.

Ao ouvir a voz do amo, Dumfries levantou a cabeça e golpeou a cauda contra a esteira. Gabriel se aproximou do galgo, dobrou um joelho e deu uma palmadinha na lateral do pescoço do cão.

— Dumfries, quer sair?

— Lorde, lady Johanna já o levou lá fora. — disse Leila da

entrada. Desceu correndo os degraus, sorriu a Calum e a Keith e se voltou para o lorde — Também lhe deu água e comida. Disse que hoje o cão está muito melhor.

— Como soube tão rápido que o cão está melhor? — perguntou Keith.

Leila sorriu:

— Eu lhe perguntei o mesmo e me respondeu que hoje rosna um pouco mais forte. Assim se deu conta de que está melhor.

— Onde está a senhora? — perguntou Gabriel.

— Foi cavalgar. — respondeu Leila — Disse que era um dia muito bonito para ficar aqui dentro.

— Minha esposa foi cavalgar sozinha?

Gabriel não esperou resposta. Praguejando baixo saiu do salão, com Keith e Calum atrás.

— Se algo acontecer à senhora, eu serei responsável. — afirmou Keith — Tinha que ter estado aqui mais cedo: hoje é a minha vez de cuidá-la — acrescentou, como explicação.

— Maldição, gostaria que ela ficasse onde a colocou!

— Mas levava as cores dos MacBain — informou Leila.

— Não teria que levá-los — disse Keith.

— Mas é assim, senhor.

Calum coçou o queixo.

— Confundi os dias — refletiu em voz alta. Deu uma piscada para Leila ao passar e apurou o passo para alcançar Keith.

Gabriel dissimulou a preocupação aparentando aborrecimento. Foi muito claro com sua esposa nas últimas semanas: tinha que descansar. "Não me parece que sair para cavalgar sozinha pelas colinas infestadas de lobos seja descansar. — pensou — Acaso terei que trancá-la a chave? Por Deus que perguntarei assim que a vir!"

Sean, o encarregado principal dos estábulos, viu que o lorde se aproximava e imediatamente lhe preparou o animal que usava para sair caçar. Quando Gabriel chegou já estava tirando a bela égua negra do estábulo. Gabriel arrebatou as rédeas das mãos de Sean, respondeu com um grunhido à saudação do homem e montou o animal com um só movimento. Ao chegar ao campo, o cavalo já estava cansado.

Augie ouviu o barulho dos cascos e ergueu a cabeça. Estava de joelhos, medindo a distância de um buraco que acabava de cavar até o seguinte. Quando o lorde deteve o cavalo, o ancião se levantou depressa e fez uma reverência.

— Que você tenha um bom dia, lorde MacBain.

— Bom dia, Augie — respondeu Gabriel. Explorou o campo com o olhar e em seguida o voltou para o ancião guerreiro — Viu minha esposa?

— Estou vendo-a, MacBain.

Augie indicou com a mão; Gabriel se virou sobre a sela e imediatamente enxergou Johanna. Estava na colina do lado norte, montada sobre seu cavalo.

— Que diabos está fazendo? — murmurou para si.

— Refletindo a respeito de suas circunstâncias — respondeu Augie.

— Em nome de Deus! O que isso significa?

— Não sei, MacBain. Limito-me a repetir o que ela me disse. Faz mais de uma hora que está ali. Aposto que agora já deve ter claro.

Gabriel fez um gesto afirmativo e esporeou ao animal.

— É um belo dia para cavalgar — gritou Augie.

— É melhor até para ficar em casa — murmurou Gabriel.

Johanna ia descer para o campo quando enxergou o marido que subia a colina. Fez-lhe um gesto de saudação, juntou as mãos sobre as rédeas e esperou que se aproximasse. Estava preparada para o encontro e se aprontou inspirando profundamente. Era hora de colocar em ação o novo plano. Não era estranho que estivesse um tanto nervosa: não estava habituada a encarregar-se

das coisas. Mas isso não a deteria. "Pelo amor de Deus! — pensou — Sou responsável por meu próprio destino e preciso que meu marido entenda."

Johanna tinha levantado uma hora antes do amanhecer e passou o tempo refletindo a respeito das mudanças que desejava fazer. A maior parte delas se referia a sua própria conduta, mas também havia algumas que queria induzir o marido a realizar. Na realidade, quem a fez refletir foi Dumfries. Ao curar a ferida do cão, Johanna fez uma surpreendente descoberta. Em primeiro lugar, observou que os rosnados do animal eram pura exibição: uma demonstração de carinho, na realidade. A segunda descoberta foi que não tinha motivos para temer Dumfries: uma firme palmada e uma palavra carinhosa e ganhou a lealdade do cão. Essa manhã, quando lhe deu de comer, o galgo rosnou afetuosamente e lambeu-lhe a mão.

E o dono não era muito diferente.

A expressão sombria de seu marido já não a amedrontava, lembrou Johanna quando Gabriel chegou junto dela.

— Ordenei que descansasse — exclamou Gabriel em tom duro e zangado.

Johanna não deu atenção a essa saudação hostil.

— Bom dia, marido. Dormiu bem?

Gabriel estava tão perto que sua perna direita pressionava a coxa esquerda de Johanna. A jovem não suportou mais a expressão severa do marido e baixou o olhar: não queria que essa hostilidade a desconcentrasse. Tinha muito que lhe dizer e era importante que lembrasse de tudo.

Gabriel viu que sua esposa carregava o arco e as flechas em um coldre de couro preso às costas. Pensou que demonstrava sensatez ao levar as armas consigo se por acaso chegasse a sofrer um ataque... Caso tivesse boa pontaria. Uma coisa era praticar com um alvo parado como um pinheiro e outra muito diferente disparar em alvo móvel e real. Isso lhe recordou os perigos que espreguiçavam por trás das colinas e imediatamente ficou mais carrancudo ainda.

— Johanna, não deu importância às minhas ordens. Não pode...

A jovem se inclinou de lado sobre a sela, esticou-se e acariciou suavemente o pescoço do marido com as pontas dos dedos. Antes que Gabriel tivesse tempo de reagir, repetiu a carícia, suave como o bater das asas de uma

borboleta e conseguiu distrai-lo.

A carícia o deixou perplexo. Johanna se endireitou, juntou as mãos e lhe sorriu.

Gabriel sacudiu a cabeça para clarear os pensamentos e começou outra vez:

— Não tem idéia dos perigos...

Johanna repetiu as carícias. Caramba, esse contato estava distraíndo-o! Gabriel segurou-lhe a mão antes que Johanna pudesse retirá-la.

— Que diabos faz?

— Acaricio você.

O homem começou a dizer algo, mas se arrependeu. Contemplou-a um longo momento tentando entender o que se passava.

— Por quê? — perguntou por fim, com expressão inquieta.

— Queria demonstrar meu afeto, milorde. Desagrada a você?

— Não — resmungou o homem.

Segurando seu queixo com a mão, inclinou-se para ela e deu-lhe um beijo prolongado e ardente.

Sentindo que se derreteria, Johanna se aproximou mais, envolveu-lhe o pescoço com os braços e se apertou contra ele enquanto o beijo ia crescendo em intensidade.

Johanna não soube como aconteceu: de repente, quando o marido se endireitou, estava sentada no colo de Gabriel, que a estreitava com força. A jovem se aconchegou sobre o peito do homem, soltou um breve suspiro e sorriu satisfeita.

Sentiu vontade de rir. Tinha dado resultado! Acabava de demonstrar uma importante teoria: na realidade Gabriel era muito parecido com seu cão. Gostava tanto quanto Dumfries de gabar-se de ser mau.

— A uma esposa é permitido demonstrar afeto pelo marido.

Johanna supôs que era um sinal de aprovação, E que arrogante! Afastou-se para contemplá-lo.

— É permitido que um marido leve sua esposa para cavalgar?

— É obvio; um marido pode fazer o que quiser.

"Uma esposa também", pensou Johanna.

— Milorde, por que está sempre tão sério? Gostaria que sorrisse um pouco mais.

— Johanna, sou um guerreiro — disse Gabriel, convencido de ter dado uma explicação extremamente lógica,

O homem ergueu Johanna e voltou a colocá-la sobre seu próprio cavalo.

— Você quase nunca sorri. — observou — Por quê?

— Sou a esposa de um guerreiro, milorde — respondeu sorrindo, e Gabriel não pôde evitar imitá-la.

— Milorde, é muito atraente quando sorri.

— Mas você não gosta dos homens atraentes, lembra?

— Lembro. Tentava te fazer um elogio.

— Por quê?

Johanna não respondeu.

— O que estava fazendo aqui, sozinha?

A jovem respondeu com outra pergunta.

— Pode dispor de uma hora para cavalgar comigo? Estou procurando uma caverna da qual Augie me falou. Dentro há um tesouro.

— Que tesouro?

Johanna negou com a cabeça.

— Primeiro, me ajude a encontrá-la e em seguida direi o que há

dentro. Sei que está muito atarefado, mas uma hora não é nada, certo?

Enquanto pensava na resposta, Gabriel franziu o semblante. Certamente, nesse dia tinha importantes obrigações e isso era fundamental. Não via sentido em cavalgar por puro prazer: não era... produtivo.

— Me mostre o caminho, Johanna. Eu a seguirei.

— Obrigado, milorde — disse Johanna, extasiada. "Esta minha pequena e doce esposa se satisfaz com pequenos prazeres...", pensou Gabriel. E se sentiu como um ogro por ter hesitado antes de aceitar o convite de Johanna.

Johanna não quis lhe dar tempo para arrepender-se. Queria afastá-lo do feudo... e das responsabilidades para ter uma longa conversa a sós com ele. Segurou as rédeas e esporeou o cavalo, que saiu a galope colina abaixo.

Era uma amazona competente e isso surpreendeu Gabriel, que a achava muito delicada para as atividades ao ar livre.

Gabriel seguiu a esposa até que chegaram ao bosque e então tomou a dianteira.

Andaram em ziguezague procurando a entrada da caverna. Depois de uma hora de busca, Johanna quis desistir.

— Da próxima vez, teremos que pedir a Augie que nos acompanhe: ele nos mostrará o caminho.

Avançaram por entre as árvores e pararam numa abertura estreita perto de um rio do qual se divisava o vale.

— Está pronta para retornar? — perguntou Gabriel.

— Milorde, antes queria falar com você, e se não tivesse tanta fome pediria que ficássemos aqui o dia todo. Notou que seu vale é verde e viçoso? — Os olhos brilhavam de malícia — E pensar que tem um clima tão bom o ano todo! Considero-me muito afortunada. Sim, eu sou.

O entusiasmo de Johanna acalmou o humor de Gabriel. Nunca a viu tão alegre e sentiu que seu coração aquecia. Para ser sincero, ele tampouco queria ir.

— Esposa, posso saciar seu apetite.

Johanna se voltou para olhá-lo.

— Caçará para conseguir alimento?

— Não: trago todo o necessário.

Gabriel apeou e em seguida a ajudou a desmontar.

— Johanna, está muito magra. Pesa menos que uma pluma.

A moça ignorou a crítica.

— Meu marido, onde está essa comida da qual se gabou de ter?
Cairá como maná do céu?

O homem moveu a cabeça. Johanna viu que levantava a aba da sela e tirava um prato raso de metal. Atrás da sela tinha um saco amarrado com corda.

Gabriel indicou que caminhasse para a clareira. Atou as rédeas dos dois cavalos a um galho e em seguida seguiu a esposa.

— Johanna, tire a túnica: usaremos como toalha. Estenda-a no chão, perto dos pinheiros.

— Não me parece decente — disse Johanna em tom insolente, demonstrando que na realidade não lhe importava se era decente ou não. O bom humor da jovem intrigou Gabriel e o impulsionou a descobrir a causa dessa mudança, pois, geralmente, Johanna era muito reservada.

Minutos depois, a mulher estava sentada sobre a túnica observando como Gabriel preparava a comida. Viu que acendia o fogo com turfa e galhos e colocava o prato metálico sobre as chamas. Em seguida despejou farinha de aveia de um saquinho sobre o oco da mão, acrescentou água que tirou do rio e amassou rapidamente uma grossa panqueca. Jogou a mistura sobre o prato e preparou outra enquanto a primeira cozinhava.

Quando Johanna provou a panqueca, sentiu sabor de palitos misturado com pó, mas não disse a Gabriel, comovida pelo trabalho que teve em prepará-la.

Gabriel achou cômica a expressão de Johanna enquanto mordiscava a panqueca de aveia. Fez várias viagens ao rio para pegar os bocados com água e, quando tinha comido somente a metade, anunciou que estava

satisfeita.

— Foi muito gentil de sua parte trazer comida — afirmou.

— Johanna, todos os guerreiros levam comida consigo.

Sentou-se junto dela, encostou-se contra o tronco da árvore e acrescentou — Quando saímos para caçar ou lutar, levamos todo o necessário. Os habitantes das Highlands são auto-suficientes. Não precisamos de pão, vinho nem carros carregados de panelas e caldeirões como os soldados ingleses, que são uns frouxos. As túnicas nos servem de tendas ou de manta e o alimento tiramos da terra.

— Ou roubam de outros clãs?

— Sim.

— É errado pegar as coisas sem permissão.

— Nós fazemos assim — voltou a explicar.

— Os outros clãs também nos roubam?

— Não temos nada que possam nos tirar.

— Todos roubam uns aos outros?

— É obvio.

— É próprio de bárbaros. — concluiu Johanna em voz alta — Acaso nenhum dos lordes negocia para obter o que precisa?

— Alguns o fazem — respondeu Gabriel — Duas vezes por ano um conselho se reúne perto de Moray Firth. Participam os clãs que não são inimigos. Ouvi dizer que nessas reuniões se comercializa muito.

— Ouviu dizer? Quer dizer que você nunca participou?

— Não.

Johanna esperou outra explicação, mas Gabriel ficou em silêncio.

— Não o convidaram? — perguntou, indignada diante da idéia dessa possível ofensa.

— Mulher, todos os lordes são convidados.

— E por que não participou?

— Não tinha tempo nem vontade. Por outro lado, como já expliquei muitas vezes, não temos nada para trocar.

— E se tivesse? — perguntou Johanna — Nesse caso iria à reunião?

Como resposta Gabriel encolheu os ombros.

Johanna deixou escapar um suspiro.

— O que diz o padre MacKechnie a respeito dos roubos?

"É evidente que a minha esposa está obcecada pela opinião do sacerdote", pensou Gabriel.

— Não nos reprova por isso, se for o que está pensando. Sabe que seria em vão. A sobrevivência é mais importante que essa preocupação mesquinha por um pecado venial.

Johanna ficou atônita diante da atitude do marido. E também sentiu inveja: devia ser agradável viver sem a permanente preocupação pelos pecados.

— O padre MacKechnie é um sacerdote incomum.

— Por que diz isso?

— É muito bondoso e isso não é habitual em um sacerdote.

O comentário provocou uma expressão de perplexidade no semblante de Gabriel.

— Como são os sacerdotes na Inglaterra?

— Cruéis. — Assim que falou, Johanna se arrependeu, pois isso significava meter no mesmo saco todos os homens de Deus, compará-los com os poucos clérigos que conhecia — Talvez alguns sejam bondosos. — acrescentou, com um gesto afirmativo — Sem dúvida, tem que haver entre eles homens bons, que não acreditam que a mulher é a última no amor de Deus.

— Que a mulher é o quê?

— As últimas no amor de Deus. — repetiu Johanna. Endireitou-se, mas manteve a cabeça baixa. — Gabriel, já é tempo de que saiba que não estou em bons termos com a Igreja — disse como quem realiza uma sombria confissão.

— E isso se deve a que, Johanna?

— Sou rebelde — murmurou.

O homem sorriu, e Johanna pensou que devia achar que estava brincando.

— Sou uma rebelde. — repetiu — Não acredito em tudo o que a Igreja ensina.

— Por exemplo? — perguntou o homem.

— Não acredito que Deus ame menos às mulheres que os bois.

Gabriel jamais tinha escutado algo tão absurdo.

— Quem disse...?

Johanna o interrompeu:

— O bispo Hallwick gostava de enumerar as hierarquias de Deus para me lembrar da minha própria insignificância. Dizia que, a menos que eu aprendesse a ser verdadeiramente humilde, nunca me reuniria com os anjos.

— Esse bispo era seu confessor?

— Durante um tempo foi. — respondeu Johanna — O bispo era conselheiro e confessor de Raulf, pela importante posição que meu primeiro marido ocupava. Dava-me muitas penitências.

Gabriel percebeu o medo da moça. Inclinou-se, colocou a mão sobre seu ombro, e Johanna se crispou.

— Me conte como eram.

Johanna negou com a cabeça; lamentava ter falado desse assunto.

—Quando Alex retornará?

Ao ver que mudava de assunto, Gabriel resolveu deixar passar.

Eram estranhas as inquietações que atormentavam sua esposa, e a julgar pelo modo como retorcia as mãos, o bispo Hallwick devia ser uma das piores.

— Alex retornará para casa quando o muro estiver terminado. — respondeu — Ontem me perguntou o mesmo. Acaso esqueceu minha resposta?

— É provável que amanhã te pergunte o mesmo.

— Por quê?

— Um filho deve viver com o pai. Aceita a espera? Sente-se à vontade com a família da mãe? Confiar nas pessoas que cuidam dele? Um menino tão pequeno quanto Alex precisa, sobretudo, da atenção do pai — concluiu.

Semelhantes perguntas, na realidade constituíam um insulto. Acaso supunha que Gabriel era capaz de deixar o filho nas mãos de pessoas negligentes?

"Não acredito que seja uma insolência. — pensou Gabriel — Por sua expressão aflita, deduzo que na realidade se preocupa com Alex."

— Se Alex se sentisse infeliz ou o tratassem mal, me diria.

Johanna sacudiu a cabeça com veemência:

— Não, talvez não lhe diga e sofra em silêncio.

— E por que faria tal coisa?

— Porque lhe daria vergonha, claro. Imaginaria que fez algo errado e que merece que o tratem com crueldade. Gabriel, traga-o para casa. É conosco que deve ficar.

Gabriel a sentou sobre seu colo, ergueu-lhe o queixo e a contemplou um longo momento, tentando entender o que na verdade pensava.

— Trarei para uma visita.

— Quando?

— A semana que vem. — prometeu — Quando o trouxer, perguntarei se está infeliz ou se o trataram mal.

Cobriu-lhe a boca com a mão para que não o interrompesse e ao

ver que Johanna movia a cabeça acrescentou em tom firme:

— É meu filho e me dirá a verdade. E agora queria que me respondesse uma pergunta, Johanna.

Tirou-lhe a mão da boca, esperou que fizesse um gesto afirmativo e então lhe perguntou:

— Quanto tempo você sofreu em silêncio?

— Entendeu-me mal. — disse a moça — Eu tive uma infância maravilhosa: meus pais eram gentis e carinhosos. Meu pai morreu faz três anos e ainda sinto sua falta.

— E sua mãe?

— Agora está sozinha. Eu jamais teria aceitado vir aqui se Nicholas não tivesse me prometido cuidar dela. Meu irmão é um bom filho.

— Talvez, enquanto estive casada com o barão, viu seus pais com freqüência, mas há uma distância muito grande entre este feudo e a casa de sua mãe para visitá-la mais de uma vez ao ano.

— Me deixaria ver minha mãe?

Parecia atônita.

— Eu a levarei. — respondeu o marido — Mas só uma vez por ano. Não pode pretender ver sua família com tanta freqüência quanto como quando estava casada com o inglês.

— Naquela época nunca vi meus pais.

Foi a sua vez de mostrar-se perplexo.

— Acaso seu marido não permitia que os visitasse?

Johanna negou com a cabeça.

— Naquele tempo não queria vê-los. Não teríamos que retornar? Está ficando tarde e já o afastei muito tempo de suas tarefas.

Gabriel se sentiu irritado: o que Johanna dizia não fazia sentido para ele. Pareceu regozijar-se quando lhe disse que poderia ir visitar a mãe uma

vez por ano, mas em seguida disse que enquanto esteve casada com o barão preferia não ver os pais: isso era uma contradição.

Gabriel não se satisfazia com respostas pela metade, queria uma explicação completa.

— Johanna... — começou em voz surda — Está se contradizendo. Eu não gosto de adivinhações...

Johanna esticou as mãos para lhe acariciar o pescoço pegando-o de surpresa, mas Gabriel não se deixou distrair. Segurou-lhe a mão para que não voltasse a interrompê-lo e continuou:

— Como disse, não me agradam...

Johanna acariciou do outro lado do pescoço e a concentração de Gabriel desapareceu. Deixou escapar um suspiro, lamentando sua própria falta de controle, agarrou-lhe a outra mão, aproximou-a de si e a beijou.

Só tinha intenção de beijá-la, mas a resposta entusiasmada de Johanna o fez desejar mais. O beijo se tornou apaixonado. Apertou a boca contra a de sua esposa e as línguas travaram um duelo que imitava o ato de amor.

Johanna quis mais. Solto as mãos e envolveu-lhe o pescoço. Afundou os dedos no cabelo do marido e se moveu, tentando se aproximar mais.

A doce resposta de Johanna fez Gabriel esquecer de si mesmo e teve que apelar a toda sua força de vontade para afastar-se. Fechou os olhos para que essa boca provocadora não o tentasse e solto um forte gemido de frustração.

— Esposa minha, não é o momento — disse com voz firme.

— Não, claro que não. — A voz da moça foi um suave sussurro.

— Os perigos...

— Claro, os perigos...

— Tenho coisas a fazer.

— Deve achar que sou uma desavergonhada ao te afastar assim de suas responsabilidades.

— Sim, é isso que acho — admitiu Gabriel com um sorriso.

Gabriel não a deixava pensar. Enquanto enumerava todos os motivos que os obrigavam a retornar imediatamente, acariciava-lhe a coxa.

Johanna não podia prestar atenção ao que dizia, distraída por certos detalhes... Esse nítido cheiro masculino: Gabriel cheirava como o ar livre e isso era sedutor.

Também a voz do homem, profunda e vibrante. O tom resmungão não a intimidava, mas sim era excitante.

— Gabriel.

A mão do homem subiu pela coxa.

— O que?

— Queria comentar algo a respeito das importantes decisões que tomei.

— Johanna, pode me dizer isso depois.

Johanna assentiu.

— Há lobos por aqui?

— Às vezes — respondeu o homem.

— Não parece preocupar-se.

— Os cavalos darão aviso com tempo. Sua pele parece de seda.

A jovem se deitou um pouco para trás para poder lhe beijar o queixo e a mão do homem chegou à união entre as coxas. De maneira instintiva, Johanna as separou. Gabriel apoiou a mão sobre essa carne suave e começou a acariciá-la, ao mesmo tempo em que o beijo se tornava úmido e ardente.

Despir-se foi uma tarefa desconfortável e irritante, pois levou muito tempo, e ao puxar os laços que lhe seguravam as saias, Johanna os atou mais. Gabriel quis ajudá-la, mas suas mãos fortes embora desajeitadas rasgaram o cetim.

De súbito, o homem se impacientou, pois já não podia esperar.

Colocou-a encaixada sobre seus quadris, ergueu-a e ficou imóvel.

— Me receba dentro de ti — ordenou em um sussurro rouco. Queria gritar "agora", mas disse — Quando estiver preparada, esposa.

Johanna se segurou nos ombros do marido e desceu com lentidão, até colocar-se sobre ele. Olharam-se nos olhos, enquanto o membro viril penetrava completamente nela.

O prazer foi quase intolerável. Johanna fechou com força os olhos e deixou escapar um gemido. Moveu-se para frente para beijá-lo e sentiu uma quente onda de êxtase. Começou a mover-se.

Esses movimentos lentos e provocantes enlouqueceram Gabriel. Agarrou-a pelos quadris e lhe mostrou o que queria que fizesse. A dança do amor se fez frenética e os dois perderam o controle. Gabriel chegou ao orgasmo primeiro, mas ajudou Johanna a alcançá-lo deslizando a mão entre os corpos unidos e acariciando-a. Johanna se apertou em torno do marido e afundou o rosto na curva do pescoço de Gabriel. Ao chegar ao clímax, sussurrou o nome do marido.

Gabriel a apoiou num abraço um longo momento, em seguida ergueu o queixo e lhe deu um beijo apaixonado. As línguas se entrelaçaram em um baile lento e preguiçoso. Em seguida a afastou. Não lhe deu muito tempo para recuperar-se. Beijou-a mais uma vez e disse que se vestisse, pois estavam perdendo o dia.

Johanna não quis mostrar-se ferida pela atitude do marido. Sabia que os deveres o chamavam, embora tivesse preferido aproveitar um pouco mais o momento íntimo.

Lavaram-se no rio, vestiram-se e caminharam juntos até onde os cavalos estavam.

— Johanna, não quero que volte a sair sozinha. Eu a proíbo.

Johanna não disse nem sim, nem não. Antes de erguê-la sobre a sela, Gabriel a olhou com ar severo. Johanna acomodou a correia do coldre sobre os ombros, deslizou o arco no braço e tomou as rédeas.

— Quando voltarmos ao castelo, você descansará.

— Por quê?

— Porque eu disse — respondeu.

Johanna não estava com humor para discutir, e tampouco queria que se separassem enquanto Gabriel estivesse tão irritado.

— Gabriel.

— O que?

— Sentiu prazer com o momento que compartilhamos?

— Por que me pergunta semelhante coisa? Deveria ser óbvio para você que senti prazer.

Depois de um elogio tão retorcido, Gabriel se aproximou do cavalo e montou.

— Não é óbvio — exclamou Johanna.

— Deveria sê-lo — replicou o homem. Imaginou que Johanna esperava um elogio e a mente deu um branco imediatamente. Não era muito hábil com as frivolidades nem os carinhos, mas a expressão abatida de Johanna mostrou que os necessitava. Não queria que se sentisse rejeitada depois do momento que tinham compartilhado.

— Fez-me esquecer meus deveres. — Sem dúvida, isso a convenceria de quão tentadora era.

Entretanto, a Johanna pareceu uma acusação.

— Peço desculpas, Gabriel. Não voltará a acontecer.

— Mulherzinha tola, tentava fazer um elogio.

Johanna abriu os olhos, surpresa.

— Sério? — disse com ar incrédulo.

— Claro que era um elogio. Não é freqüente que um lorde esqueça seus deveres. Semelhante falta de controle poderia provocar um desastre: acaso isso não é um elogio?

— Geralmente, não se expressam elogios desse modo. Talvez por

isso não tenha entendido.

Gabriel resmungou. Johanna não entendeu o significado desse som rouco, mas sim que a discussão tinha terminado. Gabriel deu uma palmada na garupa do cavalo de Johanna.

Não voltou a lhe dirigir a palavra até que chegaram aos estábulos, e então repetiu que queria que descansasse.

— Por que tenho que descansar? Não estou fraca, milorde.

— Não quero que adoça.

Apertou as mandíbulas, e Johanna compreendeu que seria inútil discutir, mas estava tão exasperada que não pôde conter-se.

— Seja razoável: não posso passar o dia todo na cama. Se o fizer, de noite não poderei dormir.

Gabriel a fez descer, pegou pela mão e a levou meio arrastada para o castelo.

— Deixarei que você sente junto ao fogo, no salão. Se quiser, até pode costurar.

A imagem o agradou e sorriu ao pensar em Johanna entregue a tarefa tão feminina.

Johanna pelo contrário, olhava-o carrancuda, e Gabriel se surpreendeu tanto com a reação da esposa que riu.

— Milorde, tem noções muito rígidas a respeito de como devo passar o tempo. De onde as tirou? Acaso sua mãe costumava sentar-se junto ao fogo para costurar?

— Não.

— E como se entretinha?

— Fazendo tarefas pesadas. Morreu quando eu era muito pequeno.

A expressão e o tom de Gabriel fizeram Johanna compreender que não queria continuar falando do assunto: era evidente que a infância era um ponto doloroso. Mas esse simples comentário lhe disse muito a respeito de como

o marido pensava. A mãe tinha morrido por causa da fadiga dos trabalhos pesados... E por isso Gabriel queria que ela descansasse todo o dia.

Compreendeu que não tinha que fazer mais perguntas, mas a curiosidade venceu.

— Amava sua mãe?

Não respondeu, e Johanna tentou outra pergunta.

— Quem o criou quando ela morreu?

— Ninguém e todos.

— Não compreendo.

Gabriel apertou o passo como se quisesse fugir do interrogatório de Johanna. De repente, deteve-se e se virou para a mulher.

— Não é necessário que entenda. Vá para dentro, Johanna.

Quando queria, o marido podia ser bastante grosseiro. Afastou-a de seus pensamentos sem sequer olhar para trás para comprovar se obedeceria a suas ordens.

Johanna permaneceu vários minutos de pé sobre a escada, pensando em Gabriel. Queria compreendê-lo. Era sua esposa e lhe importava saber o que o fazia feliz e o que o encolerizava, pois então saberia como agir.

— Milady, por que está carrancuda?

Johanna se sobressaltou; voltou-se, e ao ver Keith lhe sorriu.

— Assustou-me — disse, observando um fato evidente.

— Não foi minha intenção. — respondeu o guerreiro MacLaurin — A vi inquieta e pensei se poderia fazer algo para melhorar-lhe o ânimo.

— Estava pensando a respeito de seu lorde. — respondeu a mulher — É um homem complicado.

— Sim — concordou Keith.

— Eu gostaria de entender como pensa.

— Por quê?

Johanna elevou os ombros.

— As perguntas diretas são inúteis. — observou — Mas há mais de um modo de entrar em um castelo.

Keith a entendeu mal.

— Sim, há duas entradas; três, se contarmos a do porão.

— Não me referia ao castelo. — explicou Johanna — Quis dizer que há várias maneiras de conseguir o que alguém se propõe, entende?

— Mas é verdade, milady: há duas entradas no castelo — insistiu Keith, teimoso.

Johanna suspirou.

— Não importa, Keith.

O guerreiro mudou de assunto.

— Irá caminhar com Augie esta tarde?

— Talvez — respondeu a jovem. Apressou-se a subir os degraus da entrada e Keith correu a lhe abrir as portas.

— Milady, hoje é quinta-feira — lembrou.

Johanna sorriu.

— Sim, certamente. Por favor, desculpe-me. Quero ir ver Dumfries — disse, ao ver que o soldado seguia junto com ela. Supôs que queria saber que planos tinha. Era imprescindível encontrar uma maneira de convencer Gabriel de que não precisava de nenhum acompanhante. Keith e Calum a deixavam louca, andando todo o dia ao redor dela. Essa manhã, para poder sair, teve que escapar sem ser vista, mas não podia recorrer outra vez ao mesmo truque. Agora a vigiariam mais. Por outro lado, não era muito honroso recorrer ao engano.

Johanna tirou o coldre e deixou o arco e as flechas em um canto, junto à escada.

— Então, sabia que era quinta-feira? — perguntou Keith.

— Não pensei nisso, senhor. É muito importante?

O homem assentiu.

— Hoje teria que ter usado as cores dos MacLaurin.

— Sim, mas ontem...

— Ontem usou as dos MacBain, milady. Lembro-me bem.

Johanna se deu conta que o guerreiro estava aflito por seu equívoco.

— É importante que lembre, não é?

— Sim.

— Por quê?

— Não quererá ofender a nenhum dos dois clãs, não é verdade?

— Não, claro que não. No futuro tentarei lembrar, e lhe agradeço que me mostre o engano. Subirei imediatamente e me trocarei.

— Mas o dia já quase terminou, milady. Agora fique com a túnica dos MacBain. Amanhã e depois de amanhã poderá usar as cores dos MacLaurin e assim reparará a ofensa.

— A senhora teria que levar as cores dos MacBain todos os dias, Keith. É inaceitável que a esposa de um MacBain leve suas cores dois dias seguidos — disse Calum da entrada.

Johanna estava por concordar com essa sugestão, mas a expressão de Keith a fez desistir. Como o viu mais irritado que Calum, ela preferiu aceitar o que Keith dizia.

Mas nenhum dos dois parecia muito interessado no que Johanna estivesse de acordo.

— Calum, eu acredito que Keith tem razão ao dizer...

— Não usará as cores de seu clã dois dias seguidos.

— O fará — replicou Keith, carrancudo — Calum, a senhora quer dar-se bem com todos e você faria bem em seguir seu exemplo.

— Mudou de opinião, não é? Não faz uma hora disse que Oxalá ficasse em seu lugar.

— Não quis ofender. Minha tarefa seria mais fácil se ela me dissesse onde...

— Ninguém me porá em nenhum lugar.

Os soldados a ignoraram, pois estavam envolvidos numa apaixonada discussão. Começou a partir pensando que desse modo os dois homens se acalmariam, mas na realidade desejava estrangulá-los os dois.

Johanna lembrou que prometeu dar-se bem com todos os membros dos clãs, até com os chefes cabeças duras. Como não prestavam atenção, começou a retroceder lentamente. Os homens não notaram. Então, Johanna correu escada abaixo e se aproximou da lareira, onde Dumfries descansava.

—O povo das Highlands tem noções muito estranhas a respeito de tudo, Dumfries — murmurou. Ajoelhou-se junto ao cão e lhe deu uma palmadinha — Por que será que os homens já crescidos se preocupam com o que usam as mulheres? Já notei que você não tem a resposta; deixa de rosnar. Levantarei as ataduras para ver se está cicatrizando bem. Prometo que não te farei mal.

A ferida estava cicatrizando bem. Quando terminou de colocar outra vez as ataduras e lhe disse palavras encorajadoras, Dumfries meneou a cauda.

Keith e Calum continuaram a discussão lá fora. Johanna subiu, trocou a túnica pela dos MacLaurin e retornou ao salão para ajudar com os preparativos do jantar. Por sorte, nesse dia a tarefa estava atribuída a Leila e a Megan: as outras mulheres não a escutavam. Janice, uma bonita ruiva, era a mais ofensiva. Quando Johanna lhe pedia algo, na metade da frase virava e ia embora. Kathleen era outra MacLaurin que tinha uma atitude hostil para com a senhora. Embora não soubesse como, Johanna estava decidida a mudar a conduta das mulheres.

Leila e Megan eram as únicas que não obedeciam à regra unânime das MacLaurin de ignorá-la. Pelo contrário, mostravam-se ansiosas em

ajudá-la e essa aceitação fazia com que Johanna às apreciasse mais.

— Milady, o que quer que façamos? — perguntou Leila.

— Quero que recolham muitas flores silvestres para colocar sobre as mesas. — disse Johanna — Megan, você e eu poremos as toalhas de linho sobre as mesas e por cima ainda colocaremos as tábuas de trinchar.

— O salão tem bom aspecto, não é? — observou Megan.

Johanna assentiu. Além disso, cheirava a limpeza. O cheiro de pinho se mesclava com o cheiro fresco das tábuas do chão. O aposento era grande o bastante para que nele entrassem no mínimo cinquenta guerreiros, embora tivesse poucos móveis. No momento em que Johanna observava esse fato, dois soldados desceram as escadas trazendo duas cadeiras de espaldar alto.

— Onde pensam colocar? — perguntou Megan.

— Junto à lareira — respondeu um dos homens — Foi o que o lorde nos ordenou.

Megan franziu o semblante. Estendeu a toalha branca sobre a mesa e começou a alisá-lo.

— Pergunto-me por que...

Johanna a interrompeu. Pegou a outra ponta da toalha e o esticou até a outra ponta da longa mesa.

— Quer que me sente a costurar junto ao fogo — explicou, lançando um suspiro. Os soldados cruzaram o salão com as cadeiras e Dumfries começou a rosnar. Os dois homens eram jovens e, pelo visto, o cão os inquietava um pouco. Mudaram de direção e deram um volta ampla em torno do animal.

Johanna entendeu o medo dos jovens. Pensou em lhes dizer que Dumfries não lhes faria mal, mas compreendeu que isso os envergonharia. Fingiu estar atarefada em arrumar a toalha.

As cadeiras foram colocadas em ângulo, diante da lareira. A senhora agradeceu aos jovens, depois de fazer uma reverência, apressaram-se a sair do aposento.

Os assentos e os encostos das cadeiras eram macios. Johanna viu que uma delas estava estofada com as cores dos MacBain e a outra, com os dos

MacLaurin.

— Em nome de Deus! Acaso terei que alternar as cadeiras como faço com os mantos?

— Como disse, milady? — Megan interrompeu a arrumação da fornada de pão sobre a mesa — Não entendi o que disse.

— Só falava comigo mesma — disse Johanna. Pegou a metade dos pães e foi arrumar a outra mesa.

— Não acha que nosso lorde foi gentil ao pensar na sua comodidade? Ocupado como está, de qualquer forma lembra de fazer com que tragam cadeiras para você.

— Sim — admitiu depressa Johanna, para que Megan não achasse que não apreciava a gentileza do marido para com ela. — Acho que esta noite trabalharei na minha tapeçaria. Isso agradará a meu marido.

— É uma boa esposa ao querer agradá-lo.

— Não, Megan, não sou muito boa esposa.

— Sim é. — replicou Megan.

Gabriel entrou a tempo de ouvir a afirmação de Megan. Deteve-se no último degrau, esperando que a esposa se voltasse e notasse sua presença, mas Johanna estava atarefada colocando as tábuas frente a cada lugar sobre a mesa.

— Uma boa esposa tem que ser dócil.

— Acaso é errado ser dócil? — perguntou Megan.

— Pelo jeito, não concorda comigo — respondeu Johanna, tentando dar um tom despreocupado a um assunto tão delicado.

— No meu entender, você é bastante dócil — afirmou Megan — Milady, nunca a observei discutir com ninguém, e menos ainda com seu marido.

Johanna assentiu.

— Tentei concordar porque demonstrou consideração com meus sentimentos. Sei que ficará muito satisfeito de me ver sentada junto ao fogo costurando, e lhe darei o gosto, pois me agrada essa tarefa.

— Isso é bom, esposa — disse Gabriel, marcando bem as palavras.

Johanna se virou, viu o marido e, ruborizou desconfortável. Sentiu como se a tivesse surpreendida fazendo algo errado.

— Não te faltei com o respeito, milorde.

— Não, não o fez.

Johanna o contemplou um longo momento, tentando adivinhar o que pensava, mas Gabriel não demonstrou se se sentia divertido ou zangado com ela.

Para Gabriel, Johanna, com as bochechas rosadas, era uma linda visão, e como tinha a expressão aflita se absteve de sorrir. Compreendeu que sua esposa tinha feito grandes avanços desde que se casaram: já não tremia ao vê-lo. Ainda era muito tímida para o gosto de Gabriel, mas esperava que com tempo e paciência superasse esse defeito.

— Meu marido, desejava algo?

O homem assentiu.

— Johanna, aqui não temos curandeiro. E como você demonstrou habilidade com o fio e a agulha, queria que costurasse Calum. Um soldado inexperiente que ele estava treinando lhe fez um corte em um braço.

Johanna já corria para a escada a procurar os apetrechos.

— Eu adorarei ser útil. Irei procurar as coisas que preciso e voltarei em seguida. Pobre Calum! Deve estar com muita dor.

O prognóstico era falso. Quando Johanna voltou para o salão, Calum estava esperando-a. Sentado sobre um dos tamboretos, parecia estar aflito pela atenção das mulheres que o rodeavam.

Johanna notou que Leila era a mais inquieta pelo estado de Calum. Estava no extremo oposto da mesa, fingindo arrumar as flores que tinha recolhido, mas tinha os olhos velados e não afastava o olhar do soldado. Calum, em troca, ignorava-a.

Era evidente que a mulher MacLaurin sentia afeto pelo soldado MacBain e se esforçava por dissimulá-lo. Johanna se perguntou se isso se devia a

Calum não ter manifestado o menor interesse na moça ou porque Leila era uma MacLaurin e ele, um MacBain. Uma coisa era certa: Leila estava infeliz. Johanna sabia que não devia interferir, mas gostava muito de Leila e na verdade desejava ajudá-la.

De repente, outra MacLaurin passou correndo perto de Johanna.

— Calum, para mim será um prazer te costurar — disse Glynis. A mesma mulher que tinha posto em Johanna o apelido de "valente", sorria para Calum — Não importa que seja um MacBain; de qualquer modo o tratarei bem.

Johanna ergueu as costas e cruzou depressa o salão.

— Por favor, se afaste. — ordenou — Atenderei Calum. Leila traga um banquinho.

Gabriel entrou outra vez no salão, viu que juntou muita gente e os fez sair.

Johanna examinou a ferida. Era um corte longo e estreito que começava no ombro esquerdo de Calum e terminava debaixo do cotovelo. Era bastante profundo e seria necessário costurá-lo para que cicatrizasse bem.

— Dói, Calum? — perguntou, em tom compreensivo.

— Não, milady, absolutamente.

Johanna não acreditou. Deixou sobre a mesa os apetrechos e se sentou junto ao soldado, em um tamborete.

— Se é assim, por que faz caretas?

— Porque desagradei ao lorde. — explicou Calum em tom baixo — Esta ferida prova que não prestei atenção.

Depois desta explicação, dirigiu a Leila um olhar carrancudo sobre o ombro. A moça se apressou a baixar o olhar. Johanna pensou que talvez o MacLaurin culpasse a mulher por sua própria falta de atenção.

Calum nem se moveu enquanto Johanna costurava a ferida. Levou muito tempo para limpar o corte, mas a costura foi rápida. Leila a ajudou rasgando largas tiras de tecido branco de algodão para enfaixar a ferida.

— Pronto. — disse Johanna ao terminar — Ficaré perfeito, Calum.

Não molhe a atadura e, por favor, não levante coisas pesadas que possam romper os pontos. Mudarei as ataduras todas as manhãs. — acrescentou, com um gesto afirmativo.

— Ele mesmo pode ocupar-se disso — disse Gabriel, aproximando-se da lareira. Apoiou-se sobre um joelho e acariciou a mascote.

— Eu preferiria mudar as bandagens, milorde — disse Johanna. Afastou-se para que Calum pudesse levantar e rodeou a mesa. Leila tinha deixado às flores amontoadas sobre a mesa e Johanna pretendia colocá-las em um vaso de porcelana com água antes que murchassem.

— Esposa, não contradiga minhas ordens.

Gabriel se levantou, voltou-se para o soldado e, em tom irado, ordenou-lhe que saísse do salão.

— Volte para suas tarefas, Calum. Já perdeu muito tempo. Leila fique. Quero falar com você antes que parta.

Johanna ficou atônita diante da dureza no tom do marido. Era óbvio que estava furioso com o soldado e parte de sua fúria descontava sobre Leila. A mulher MacLaurin parecia intimidada e Johanna a compreendeu. Queria defendê-la. Resolveu que teria que descobrir o que tinha feito para desgostar o lorde.

— Milorde, acabo de pedir a Calum que não levante coisas pesadas.

— Irá trabalhar no muro.

— Isso significa que levantará pedras? — disse Johanna, horrorizada.

— Sim — disse Gabriel, com dureza.

— Não pode.

— O fará.

A jovem ergueu uma flor e a meteu no vaso sem prestar atenção ao que fazia, pois estava concentrada em olhar para o marido com severidade.

Mas pensou que talvez fosse injusta: Gabriel não sabia quão grave

era a ferida de Calum.

— Milorde, o corte é bastante profundo. Não deveria fazer nenhum trabalho.

— Não me importa se perder o braço, mulher. Trabalhará.

— Os pontos arrebentarão.

— A mim não me importa, pode levantar as pedras com a outra mão ou as chutar. Leila.

— Sim, lorde MacBain?

— Não distrairá meus soldados enquanto trabalham, entendeu?

Os olhos da moça se encheram de lágrimas.

— Sim, lorde MacBain, entendi. Não voltará a acontecer

— Certifique-se de que assim seja. Pode ir. Leila fez uma breve reverência e se virou para sair.

— Deseja que retorne amanhã para ajudar à senhora?

Johanna ia dizer que sim quando Gabriel a cortou com sua resposta:

— Não é necessário. Uma das mulheres MacBain virá encarregar-se de seus afazeres.

Leila saiu correndo do salão. Johanna estava furiosa com seu marido. Colocou outra flor no vaso e sacudiu a cabeça.

— Milorde, feriu os sentimentos de Leila.

— Não morrerá por isso — replicou o homem.

— E isso significa o que?

— Venha, Dumfries. É hora de sair.

Johanna jogou o resto das flores dentro do vaso e correu a colocar-se diante de Gabriel para impedi-lo de sair. Deteve-se a meio metro dele.

Com as mãos apoiadas na cintura, Johanna jogou a cabeça para trás para poder olhá-lo nos olhos.

"Neste momento, não demonstra o menor acanhamento. — pensou Gabriel — Para falar a verdade, solta faíscas pelos olhos". Gabriel se sentiu tão satisfeito com a valentia de sua esposa que teve vontade de rir.

Em troca, olhou-a carrancudo.

— Acaso questiona meus motivos?

— Acho que sim, milorde.

— Isso não é permitido.

Johanna mudou o modo de abordá-lo.

— Me permite dar minha opinião. — lembrou — E eu opino que envergonhou Leila com suas críticas.

— Não morrerá por isso — replicou o homem.

Até com esforço, Johanna não afastou o olhar.

— Talvez, uma boa esposa deixasse de discutir — murmurou.

— Sim, certamente.

A jovem suspirou.

— Nesse caso Gabriel, acho que não sou uma boa esposa. Quero saber o que fez Leila para merecer sua irritação.

— Fez com que quase matassem meu soldado.

— Foi isso que fez?

— Sim.

— Mas não deve tê-lo feito de propósito — a defendeu.

Gabriel se inclinou até quase tocar o rosto de Johanna com o próprio.

— Calum cometeu um erro e, pelo jeito, contagiou-se com seu

erro, esposa. Não prestou atenção ao que estava fazendo.

Johanna se endireitou.

— Acaso se refere ao pequeno incidente no qual me envolvi quando me coloquei por acidente no meio da sessão de treinamento?

— Sim.

— É gentil de sua parte que me lembre — afirmou Johanna.

Era evidente que a Gabriel não importava à mínima se era gentil.

— Sobreviver é mais importante que os sentimentos feridos — balbuciou.

— Isso é verdade — admitiu Johanna.

Dumfries os interrompeu com um forte latido. Gabriel se virou, chamou a mascote e saiu do salão sem olhar outra vez para a esposa.

Johanna refletiu toda a tarde sobre a conversa. Pensou que talvez não devesse ter interferido nas decisões de seu marido com respeito aos membros do clã, mas não pôde conter-se. Desde que estava casada se afeiçoou muito tanto a Calum quanto a Leila.

Para falar a verdade, estava surpresa consigo mesma. Em outros tempos, tinha aprendido a não iniciar nenhuma relação de afeto, pois isso significava afeiçoar-se e dar a seu marido outras armas para lutar contra ela. Se se afeiçoasse a um membro do pessoal, punha-o em risco.

Uma manhã, Chelsea quebrou um ovo. A cozinheira contou a Raulf. Nessa tarde, Raulf quebrou a perna de Chelsea e o bispo Hallwick afirmou que era um castigo adequado para um engano tão grave.

Entretanto, aqui as coisas eram tão diferentes quanto o dia da noite. Nas Highlands, Johanna podia ter amigos e não era necessário que se preocupasse com a segurança deles.

O padre MacKechie se reuniu a eles para o jantar. Parecia cansado da viagem de ida e volta aos Lowlands, mas transbordava de notícias sobre os últimos acontecimentos na Inglaterra e ansiava por compartilhá-las.

Os soldados falavam todos ao mesmo tempo e era difícil ouvir o

que o sacerdote dizia.

— Sem dúvida, o Papa Inocêncio excomungará o rei John. — informou o padre MacKechnie quase aos gritos, para que o ouvissem — Em seguida interditará o país.

— O que é que fez para merecer semelhante tratamento? — perguntou Johanna.

— John estava decidido a pôr seu próprio homem como arcebispo do Canterbury, mas nosso Papa não aceitou essa intervenção. Nomeou o seu eleito, que não era inglês, conforme entendi, e John, furioso por essa eleição, deu a ordem de que não permitisse a entrada dele na Inglaterra.

Um dos soldados MacLaurin fez uma piada que os outros homens acharam extremamente divertidos e Johanna teve que esperar que cessassem as gargalhadas provenientes da segunda mesa para falar.

— O que acontecerá se o país ficar interditado?

— Os súditos sofrerão claro. A maioria dos sacerdotes terá que fugir da Inglaterra, não se realizarão missas, não se ouvirão confissões nem se celebrarão casamentos. Os únicos sacramentos que o Papa Inocêncio permitirá serão o batismo dos inocentes recém-nascidos e a extrema-unção dos moribundos, sempre que a família puder encontrar um sacerdote capaz de administrá-los a tempo. O estado das coisas é lamentável, lady Johanna, mas pelo jeito o rei não se incomoda muito.

— Para compensar, talvez roube às igrejas — refletiu Gabriel, com o qual Johanna concordou.

Essa perspectiva angustiou o padre MacKechnie.

— Se o fizer, arderá no inferno — murmurou.

— Padre, a alma do rei já está perdida.

— Não pode ter certeza, moça.

Johanna baixou o olhar:

— Não, não posso ter certeza.

O padre MacKechnie mudou de assunto.

— O príncipe Arthur está morto. — informou — Dizem que morreu na época de Páscoa, há quatro anos. — Fez uma pausa e em seguida acrescentou — Existem rumores de que foi assassinado.

Nesse momento, Gabriel observou a Johanna e notou que tinha ficado pálida.

— É provável que tenha sido assassinado — interrompeu Calum.

— Sim, mas o que inquieta o barão é...

— Quem o matou — propôs Calum.

— Exato — admitiu o sacerdote.

— O que é que diz o povo? — perguntou Gabriel.

— Muitos dos barões acreditam que o rei John assassinou Arthur, mas é obvio, ele nega saber qualquer coisa sobre o sobrinho.

— O rei é o único que tem um forte motivo — disse Calum.

— Talvez — disse o padre MacKechnie.

— Brindo por um proveitoso dia de trabalho — exclamou Keith.

Todos os soldados MacLaurin ficaram de pé, com as taças nas mãos e os MacBain os imitaram. Uniram-se entre as duas mesas, chocaram as taças e beberam o que ficava nelas. Grande parte se derramou sobre o chão.

Johanna pediu permissão para retirar-se. Subiu as escadas, procurou a bolsa com a tapeçaria por fazer, a agulha e os fios e voltou para o salão. Sentou-se em uma das cadeiras e começou a bordar.

Acabava de dar o primeiro ponto quando pediram que trocasse de lugar.

— Está sentada na cadeira com as cores de MacBain, milady — observou Keith, de pé diante dela, com as mãos nas costas. Atrás do chefe se agrupavam outros três soldados MacLaurin. Tampavam a luz e pareciam muito preocupados com o que sem dúvida consideravam um terrível deslize.

Johanna suspirou.

— Keith, é muito importante onde me sento?

— Sim, milady. Esta noite usa as cores MacLaurin e deveria sentar-se na cadeira MacLaurin.

Os três soldados se apressaram a assentir.

Johanna não soube se ria ou gritava aos soldados zangados que ficavam em silêncio esperando para ver o que faria a senhora.

— Deixem que se sente onde quiser — exclamou um soldado MacBain.

A situação pareceu absurda a Johanna. Olhando além dos homens, procurou Gabriel com o olhar em busca de orientação. Gabriel a observava com expressão inescrutável e Johanna pensou que deixava a decisão em suas mãos.

Johanna decidiu agradecer aos MacLaurin. Afinal de contas, continuava sendo quinta-feira.

— Obrigado por ter me avisado disso, Keith, e por ser tão paciente.

Ainda que quisesse mostrar-se sincera, não pôde impedir que em seu tom se infiltrasse certo matiz zombador. Quando ficou de pé, os homens retrocederam e alguém se inclinou para recolher a bolsa com os fios.

Johanna foi até o outro lado da lareira e se sentou na cadeira MacLaurin. Arrumou a saia, ajustou uma dobra solta, retomou a tapeçaria e prosseguiu o trabalho.

A cabeça inclinada sobre o bordado, fingiu estar muito concentrada no trabalho, pois os MacLaurin continuavam observando-a. Quando escutou ruidosas exclamações que supôs de aprovação, teve que morder os lábios para não rir.

O padre MacKechnie permaneceu junto a Gabriel o resto da noite. Pôs o lorde a par dos últimos acontecimentos dos outros clãs. Johanna ficou fascinada com a conversa. Falavam de inimizades e lhe pareceu que todos os clãs que habitavam as Highlands se encontravam envolvidos em algum tipo de briga. Os motivos que alegava o padre MacKechnie eram ainda mais surpreendentes: o mais ligeiro deslize ou insulto os enfurecia. Um bufo desdenhoso bastava para iniciar uma batalha.

— Os habitantes das Highlands gostam de brigar, não é, padre

MacKechnie? — perguntou, sem elevar o olhar.

O padre esperou que os soldados MacLaurin saíssem em fila do salão antes de responder. Johanna se sentiu aliviada que se fossem. Eram tão ruidosos e turbulentos que ficava difícil conversar sem gritar.

Uma vez que os homens saíram, reinou um agradável silêncio. Nenhum deles tinha saudado a senhora e Johanna tentou não se ofender, pois ao menos tinham feito uma reverência a seu marido.

Voltou a formular a pergunta ao sacerdote.

— Sim, gostam de brigar — respondeu o padre MacKechnie.

— E acredita que se deve a que?

— Consideram honroso.

Johanna errou um ponto, franziu o semblante e se dispôs a corrigir o erro. Sem afastar o olhar do trabalho, perguntou a seu marido se concordava com o padre.

— Sim, é honroso — disse Gabriel.

A Johanna pareceram opiniões ridículas.

— Considera honroso chocar as cabeças entre si? Não vejo por que, milorde.

Gabriel sorriu: as palavras empregadas e o tom exasperado de Johanna o divertiram.

— Moça, a luta permite que os highlanders exibam as qualidades que mais apreciam. — explicou o sacerdote — A coragem, a lealdade para com o chefe e a resistência.

— Nenhum guerreiro deseja morrer em sua cama — interferiu Gabriel.

— Consideram-no um pecado — disse o clérigo.

A jovem deixou a agulha e olhou para os homens convencida de que zombavam dela, mas ambos pareciam sérios. Johanna continuava sem compreender.

— Que tipo de pecado é esse? — perguntou, com evidente incredulidade.

— Indolência — respondeu Gabriel.

Johanna conteve uma exclamação desdenhosa.

— Deve acreditar que sou uma ingênua para engolir semelhante estória — brincou.

— Sim, Johanna, é ingênua, mas não estamos pegando no seu pé. Pensamos que morrer na cama é um pecado.

Johanna moveu a cabeça para demonstrar que não acreditava e retomou o trabalho. O padre seguiu com as novidades, mas a Gabriel custava prestar atenção, pois continuava com o olhar fixo em sua esposa.

Johanna o encantava. Sentiu que agitava em seu peito um contentamento como jamais tinha experimentado. Quando era muito jovem, ingênuo e estava sozinho, dormia todas as noites pensando em seu próprio futuro. Construíra sonhos a respeito da família que formaria: a esposa e os filhos só pertenceriam a ele e, certamente, viveriam em seu próprio castelo. Frequentemente, Gabriel imaginava sua esposa sentada junto ao fogo, concentrada em um trabalho feminino... Como o bordado.

As imagens que evocava na mente sendo ainda moço o apartavam da dureza da realidade; essas fantasias o ajudavam a sobreviver.

Sim, naquele tempo era muito jovem e sentimental. Mas o tempo e a experiência o endureceram e tinha esquecido aqueles sonhos tolos. Já não sentia a necessidade de possuir e tinha aprendido a bastar-se a si mesmo. Os sonhos eram para os fracos. "Sim, — pensou — agora sou forte e esqueci os sonhos".

Até esse momento, enquanto contemplava à esposa, todos aqueles sonhos retornaram em turbilhão. "A realidade é muito superior às fantasias", pensou Gabriel. Nunca imaginou ter uma esposa tão bela quanto Johanna. Nunca pensou que se sentiria tão feliz, nem que experimentaria um desejo tão feroz de protegê-la.

Johanna levantou o olhar e o surpreendeu contemplando-a. A expressão de seu marido a deixou perplexa: parecia estar olhando através dela, perdido em profundos pensamentos. "Sim, — pensou Johanna — deve estar

pensando em algo que o aflige, pois tem uma expressão feroz".

— Eu gostaria de beber um pouco de *uisgebreatha*. — disse o padre MacKechnie — Em seguida irei para cama. Por Deus, estou esgotado esta noite!

Johanna se levantou imediatamente para lhe servir. Sobre um armário próximo à parede, atrás de Gabriel, tinha uma jarra com a bebida das Highlands. Johanna levou a jarra para a mesa e encheu a taça do sacerdote.

Em seguida se virou para servir o marido, mas Gabriel rejeitou a bebida.

MacKechnie bebeu um grande gole e fez uma careta.

— Aposto que não foi envelhecido mais de uma semana. Tem um sabor azedo.

Gabriel sorriu:

— Apresente a queixa a Augie: é ele que a prepara.

A curiosidade de Johanna despertou imediatamente, ao ouvir falar de envelhecimento.

— É importante o tempo de espera da bebida?

— Envelhecimento moça. — corrigiu o sacerdote — Não espera. Sim, é importante. Os peritos dizem que, quanto mais tempo se deixa, melhor fica.

— Quanto tempo? — perguntou Johanna.

— Uns dez ou doze anos em barris de carvalho. — especulou o padre MacKechnie — Claro que terá que ser paciente para esperar tantos anos sem prová-la.

— A bebida é mais valiosa quando é antiga?

Johanna deixou a jarra sobre a mesa e parou junto de seu marido esperando que o padre terminasse de beber e lhe respondesse.

Apoiou a mão sobre o ombro de Gabriel. Olhava com suma atenção para o sacerdote e Gabriel soube que Johanna não se dava conta que o

tocava. O gesto de carinho inconsciente o alegrou, pois significava que Johanna tinha superado completamente o medo que tinha. "É um primeiro passo, mas muito importante", pensou Gabriel. Estava decidido a conquistar a confiança da esposa. Recordou o que tinha ordenado, mas assim que o fez compreendeu que a confiança devia ser conquistada. Gabriel se considerava um homem paciente: esperaria. Com o passar do tempo, Johanna compreenderia sua boa sorte e apreciaria a proteção que o marido lhe oferecia. Aprenderia a confiar nele, e da confiança nasceria a lealdade.

Um homem não podia pedir mais a uma esposa.

O sacerdote o arrancou de seus pensamentos:

— Quando envelhecida, a bebida adquire muito mais valor. Os homens seriam capazes de matar para conseguir *uisgebreatha* puro. Os highlanders dão muita importância às bebidas, sabe moça? Por isso chamam "a água da vida".

— Poderiam trocá-las por mercadorias?

— Johanna, por que o assunto te interessa tanto? — perguntou Gabriel.

A jovem encolheu os ombros. Não queria contar sobre os barris de ouro líquido que Augie tinha mencionado. Primeiro, teria que pedir permissão ao amigo. Por outro lado, queria comprovar por si mesma se os barris ainda estavam na caverna. Além disso, seria uma surpresa agradável para Gabriel e, se valia tanto quanto Johanna supunha, o marido teria algo para trocar por outros produtos.

— Padre, nos daria a honra de ocupar esta noite o dormitório vazio? — disse Johanna.

O clérigo olhou para o lorde e esperou que este reforçasse o convite.

— A cama é muito confortável, padre — observou Gabriel.

O padre MacKechnie sorriu.

— Será um prazer ficar. — disse — É um gesto muito hospitaleiro da parte de vocês.

MacKechnie ficou em pé, fez uma reverência ao lorde e foi

procurar suas coisas. Johanna voltou para sua cadeira, recolheu a tapeçaria e a agulha e os guardou outra vez na bolsa. Gabriel a esperou perto da entrada.

— Esposa, pode deixar a costura sobre a cadeira. Ninguém a tocará.

Dumfries entrou no salão e ao passar junto à Johanna rosnou. A moça lhe deu uns tapinhas e seguiu seu caminho.

Gabriel seguiu sua esposa escada acima. Enquanto preparava a cama, Johanna permaneceu imersa em seus pensamentos. Gabriel acrescentou um lenho ao fogo, ficou de pé, apoiou-se no suporte e a observou.

— No que está pensando?

— Em várias coisas.

— Johanna, essa resposta não me satisfaz.

— Estava pensando em minha vida aqui.

— Adaptou-se sem muitas dificuldades. — observou o homem — Deveria sentir-se feliz.

Johanna ajustou o cinto do roupão e se virou para o marido.

— Não me adaptei, Gabriel. A verdade é que estive vivendo no limbo. Sinto-me presa entre dois mundos — acrescentou, com ênfase.

O homem sentou na lateral da cama e tirou as botas.

— Hoje quis falar com você sobre o assunto — disse Johanna — mas não tivemos tempo.

— O que é que tenta de me dizer?

— Gabriel, você e os outros me tratam como se fosse uma visita. E pior ainda: eu me comporto como se fosse.

— Johanna, o que diz é absurdo. Eu não levo estranhos para a minha cama. É minha esposa, não uma visita.

Johanna fixou o olhar no fogo, sentindo-se desgostosa consigo mesma.

— Sabe o que compreendi? Consumiu-me o afã de me proteger. Amanhã me confessarei e pedirei perdão a Deus.

— Não é necessário que se preocupe em se proteger: esse é meu dever.

Apesar de sua própria irritação, Johanna sorriu e Gabriel se sentiu insultado.

— Não, eu tenho a responsabilidade de me cuidar.

Gabriel não gostou desta afirmação e sua expressão competia em fúria com as chamas da lareira.

— Insinua que não sou capaz de cuidar de você, tenta me enfurecer?

Johanna se apressou a tranquilizá-lo:

— Claro que não. — respondeu — Me agrada contar com seu amparo.

— Mulher, está se contradizendo.

— Gabriel, não é que queira te confundir: só tento aclarar minhas idéias. Quando uma pessoa tem fome e não há comida, essa pessoa vive obcecada com a preocupação de conseguir alimento, não é verdade, marido?

Gabriel encolheu os ombros.

— Suponho que sim.

— Durante muito tempo eu estive obcecada pelo medo. Vivi tanto tempo com ele que me dominou, mas agora me sinto segura e tenho tempo de pensar em outros assuntos. Entende?

Gabriel não entendeu. E tampouco lhe agradou vê-la carrancuda.

— Já disse que me agrada. Deixa de preocupar-se.

Johanna se irritou e mesmo assim, de costas ao marido, permitiu-se um sorriso.

— Gabriel, por incrível que pareça não me preocupa muito

agradá-lo.

Gabriel se surpreendeu e se irritou ao mesmo tempo.

— É minha esposa. — recordou — Tem a obrigação de me agradar.

Johanna suspirou: sabia que Gabriel não entenderia. E não podia culpá-lo, pois quase não entendia a si mesma.

— Não quis ofende-lo, milorde.

Parecia sincera, e Gabriel se acalmou. Aproximou-se da mulher por trás e lhe rodeou a cintura com os braços. Inclinou-se e beijou-lhe a curva do pescoço.

— Venha para a cama. Desejo você, Johanna.

— Eu também, Gabriel.

Virou-se e sorriu para o marido. Gabriel a ergueu nos braços e a levou para a cama.

Fizeram amor lenta e docemente e, quando ambos alcançaram o topo, permaneceram abraçados.

— Na verdade me agrada, mulher. — A voz rouca de Gabriel vibrava de amor.

— Lembre-se disso, milorde, pois tenho certeza de que chegará o dia em que não o agradarei.

— Isso é uma preocupação ou uma promessa?

Johanna se apoiou em um cotovelo e acariciou o pescoço com suavidade.

— Não. Só digo a verdade.

Distraiu-o perguntando sobre os planos para o dia seguinte. Gabriel não estava acostumado a comentá-los com ninguém, mas sentia desejo de fazê-la feliz e contou detalhes da caça que pretendia fazer no dia seguinte e dos artigos que ele e seus homens roubariam. Johanna não desejava fazer um sermão, mas não pôde evitá-lo por muito tempo e se soltou num discurso a respeito dos méritos

da integridade. Falou da ira de Deus, do Dia do Julgamento Final. Mas a Gabriel não impressionaram as imagens de fogo e enxofre: no meio do sermão, bocejou.

— Marido, é meu dever ajuda-lo a levar uma vida boa e decente.

— Por quê?

— Para que vá ao Céu, claro.

O homem riu, e Johanna desistiu e dormiu inquieta pela alma de seu marido.

Capítulo 10

A primeira coisa que Johanna viu na manhã seguinte ao descer foi à tapeçaria em migalhas. A bolsa tampouco estava intacta: o culpado estava muito ocupado mastigando uma das tiras de estopa e já tinha comido a outra.

Dumfries sabia que tinha feito uma travessura. Quando Johanna gritou seu nome e avançou para ele, tentou esconder-se sob uma das cadeiras, que caiu ao chão com estrépito. Dumfries começou a uivar e Megan veio correndo da despensa.

O cão parecia um demônio solto, e seus uivos eram tão fortes que sacudiam as madeiras. Megan se atemorizou e, embora o animal não desse a menor atenção, inclinou-se com suma cautela para levantar a tapeçaria.

Keith e Calum ouviram o barulho e entraram correndo. Pararam de repente no primeiro degrau e Gabriel, que estava atrás deles, abriu caminho e desceu os degraus.

Johanna disputava a tira com Dumfries, mas o cão ganhava. Tentava lhe tirar a cinta da boca, pois a preocupava que pudesse afogar-se ao tentar comê-la.

— Por Deus, Megan! O que fez com a tapeçaria da senhora? — perguntou Keith quando viu o que a moça tinha nas mãos e a olhou carrancudo, movendo a cabeça.

Sem deixar de prestar atenção ao cão, Johanna gritou a Keith:

— Acaso você acredita que Megan comeu isto?

Calum começou a rir. Johanna perdeu o equilíbrio e caiu para trás, mas Gabriel a segurou. Levantou-a, afastou-a e se voltou para o cão. Johanna correu e ficou diante do marido.

— Gabriel, não se atreva a lhe bater — gritou, para fazer-se ouvir sobre as gargalhadas de Calum. Gabriel pareceu querer gritar.

— Não tenho intenções de lhe bater. Mulher, saia da frente e deixe de retorcer as mãos. Não o machucarei. Dumfries, maldito seja, pare de uivar.

Johanna não se moveu. Gabriel a ergueu e a tirou do caminho, ajoelhou-se junto ao cão e o obrigou a abrir a boca para que soltasse o tecido. Dumfries não queria soltá-lo e gemeu até que, em fim, deu-se por vencido.

Gabriel não deixou que Johanna consolasse o cão. Levantou-se, segurou-a pelos ombros e exigiu que lhe desse um beijo de despedida.

— Diante dos homens? — murmurou a jovem.

Gabriel assentiu e Johanna se ruborizou. Apanhou a boca de Johanna em um beijo prolongado e preguiçoso.

Johanna suspirou, e quando o marido se afastou, estava um pouco tonta.

— Esposa, parece cansada. Deveria descansar — disse Gabriel, a caminho da porta. Johanna o seguiu.

— Milorde, não está falando sério.

— Sempre falo sério, milady.

— Mas acabo de me levantar. Não espera que faça uma sesta agora...

— Espero que descanse — respondeu Gabriel sobre o ombro — E troque a túnica, Johanna. A que usa não é a que corresponde.

— É sexta-feira, milady — recordou Calum.

Johanna exalou um suspiro muito pouco feminino. Megan aguardou que os homens saíssem e se aproximou correndo da senhora.

— Entre e sente-se, lady Johanna. Não quero que se fatigue.

Johanna sentiu desejos de gritar, mas se conteve.

— Pelo amor de...! Megan, eu pareço doente? A jovem MacLaurin a examinou com atenção e moveu a cabeça.

— Na verdade, parece-me muito sã.

— Você se sentará para descansar? — perguntou Johanna.

— Tenho coisas que fazer. — respondeu Megan — Não tenho tempo de me sentar.

— Eu tampouco. — murmurou Johanna — Já é hora de me interessar pela administração da casa. Estive muito concentrada em mim mesma. Mas tudo vai mudar a partir de agora.

Megan nunca tinha visto a senhora tão decidida.

— Mas, milady, seu marido ordenou que descansasse.

Johanna moveu a cabeça. Recitou a lista de tarefas que queria completar antes do anoitecer, deu permissão para que Megan escolhesse duas criadas mais que a ajudassem e anunciou que iria falar com a cozinheira em relação ao jantar.

— Por favor, vá procurar meu arco e minhas flechas no quarto. — pediu Johanna. Encaminhou-se para os fundos do castelo — Se a cozinheira estiver de bom humor, teremos guisado de coelho para jantar. Penso que poderei convencer Augie de me acompanhar para caçar. Estarei de volta ao meio dia, Megan.

— Não pode ir caçar, milady. Seu marido proibiu que saísse.

— Não, não o proibiu. — replicou Johanna — Só sugeri que descansasse. Não mencionou a caça, não é verdade?

— Mas quis dizer que...

— Não se atreva a interpretar o que quis dizer o lorde. E deixe de preocupar-se. Prometo que estarei de volta antes que sintam minha falta.

Megan moveu a cabeça.

— Antes que dê dez passos, Keith a verá... Ou acaso hoje é a vez de Calum vigiá-la?

— Rezo que os dois pensem que a tarefa é do outro.

Saiu correndo pela porta dos fundos, virou para a esquerda e cruzou o pátio para o edifício onde estava a cozinha. Apresentou-se à cozinheira e se desculpou por ter demorado tanto em fazê-lo. A cozinheira se chamava Hilda. Era uma senhora com fios cinza no cabelo vermelho. Usava a túnica dos MacBain. Pareceu satisfeita pelo interesse de Johanna em suas tarefas e a levou para visitar a despensa.

— Se tiver sorte e caçar alguns coelhos, você gostaria de prepará-los para o jantar desta noite?

Hilda assentiu.

— Faço um excelente guisado de coelho. — gabou-se a mulher — Mas precisaria uns dez, a menos que sejam gordos. Nesse caso, nove bastará.

— Então, me deseje boa caça — exclamou Johanna. Voltou depressa para salão, pegou o arco e as flechas que Megan lhe entregava e saiu outra vez pela porta dos fundos.

Pegou o caminho mais longo para ir aos estábulos. Sean não queria selar o cavalo, mas Johanna o convenceu com um sorriso e com a promessa de não sair do campo. Insinuou que tinha permissão de Gabriel. Não era uma mentira total a sim uma pequena distorção, e mesmo assim se sentiu um pouco culpada.

Fez com que preparassem outra égua para Augie. Pensou que se adiantava ao dar por certo que o ancião a acompanharia, mas não queria perder tempo. Se Augie aceitasse acompanhá-la, Johanna não queria ter que voltar para estábulo, pois, se o fizesse, sem dúvida Keith ou Calum a deteriam.

Augie estava no meio do campo, medindo uma tacada quando Johanna o interrompeu.

— Não estou com ânimo para ir caçar coelhos — afirmou o ancião.

— Esperava que fosse mais condescendente. — replicou Johanna — E pensei que talvez, enquanto procurássemos coelhos, você poderia me

mostrar onde está a caverna. Ontem não consegui encontrá-la.

Augie meneou a cabeça.

— Acompanharei só até a colina, moça, e mostrarei outra vez a direção, mas não quero me afastar mais tempo do jogo.

Augie montou o cavalo, tomou as rédeas das mãos de Johanna e iniciou a cavalgada.

— Queria que me desse permissão para contar a meu marido sobre a existência dos barris de ouro líquido — disse a jovem.

— Garota, isso não é um segredo.

— Está disposto a compartilhar a bebida com o lorde? Gabriel poderia usá-la para trocar por outros produtos.

— A bebida pertence ao lorde. Devo a vida a MacBain, mas não deveria saber. Quase todos os MacBain lhe juraram lealdade por motivos bem fundamentados: o lorde lhes devolveu o orgulho. Eu não seria capaz de lhe negar nada, e menos ainda a bebida das Highlands. Até deixaria o jogo se me pedisse isso! — acrescentou com um gesto dramático.

Augie se deteve no topo da colina e indicou a fileira de árvores que formavam um ângulo para o lado norte. Disse-lhe que contasse a partir da fileira de árvores que começava na base da colina com o pinheiro torcido e que subisse por ali. Augie a deteve quando Johanna contou até doze.

—Aí, entre essas árvores, está a abertura que procura. — indicou — Quando procurou, pegou a trilha mais larga para cima, não é mesmo, garota?

— Sim. — respondeu Johanna — Não mudaria de opinião e viria comigo?

Augie declinou o convite pela segunda vez.

— Deixe que os soldados mais jovens lhe sigam, Johanna. E não conte aos MacLaurin sobre o ouro líquido. Que nosso lorde diga o que fazer com esse tesouro.

— Mas Augie, agora os MacLaurin fazem parte de nosso clã — argumentou a moça.

O ancião guerreiro MacBain bufou.

— Olham-nos de cima. — disse — Se acham muito superiores e poderosos. Nenhum deles foi expulso, sabe?

— Não entendo. — replicou Johanna — Me disseram que rogaram a meu marido que os ajudasse a brigar contra os ingleses, e...

— Isso é verdade. — interrompeu Augie — O pai de Gabriel era o lorde dos MacLaurin, mas é obvio, não reconheceu o filho bastardo nem mesmo em seu leito de morte. Por conveniência, os MacLaurin esqueceram que MacBain é um bastardo, embora acredito que sabem que tem o sangue dos MacLaurin. Mas o resto de nós não se importa.

Johanna meneou a cabeça.

— Apostaria que os soldados MacBain lutaram junto com o chefe durante a batalha para salvar os MacLaurin.

— Ganharia uma boa soma, porque foi assim: lutamos com nosso lorde.

— Acaso os MacLaurin esqueceram?

Começava a encolerizar-se pela atitude dos MacLaurin embora tentasse dissimulá-lo. Augie sorriu.

— Moça, está furiosa pelos MacBain, não é? Isto a converte em uma de nós.

O brilho dos bonitos olhos de Augie fez a jovem sorrir. O elogio do ancião era muito importante para ela. No curto tempo em que o conhecia tinha chegado a valorizar sua amizade e sua orientação. Augie tinha tempo para escutá-la e, para falar a verdade, era o único que o fazia. "Tampouco nunca me diz que descanse", pensou Johanna.

— O que é que a aborrece?

Johanna moveu a cabeça.

— Estava pensando em minhas circunstâncias.

— Outra vez? Continuar refletindo sobre suas circunstâncias te dará dor de cabeça. Boa caça, Johanna. — acrescentou com um gesto

afirmativo. Girou o cavalo e voltou para o campo.

Johanna cavalgou em direção oposta. Tinha quase chegado à trilha que Augie tinha indicado quando enxergou um coelho branco que apareceu correndo na clareira. Meteu as rédeas sob o joelho esquerdo, pegou uma flecha, colocou-a no arco e disparou. O coelho caiu no mesmo instante em que outro aparecia saltando em seu caminho.

Alguma coisa deve ter feito os bichinhos saírem das tocas, pois em menos de vinte minutos Johanna tinha juntado oito coelhos roliços e um mais fraco. Parou no rio, lavou as flechas e guardou no coldre. Amarrou os coelhos com uma corda e os pendurou na parte de trás da sela.

No exato momento em que ia retornar para casa, topou-se com três soldados MacLaurin. Eram jovens e pensou que ainda deviam estar treinando, pois nenhum deles tinha cicatrizes no rosto nem nos braços. Dois deles eram loiros e o terceiro tinha cabelo escuro e claros olhos verdes.

— Milady, se nosso lorde sabe que saiu para cavalgar sozinha, se aborrecerá. — disse um dos soldados loiros. Johanna fingiu não tê-lo ouvido. Desatou a corda da sela e lhe entregou os coelhos.

— Pode levar isto à cozinha, por favor? Está esperando.

— Com certeza, milady.

— Como se chama, senhor?

— Niall — respondeu o jovem. Indicou o outro jovem loiro e disse — Ele é Lindsay, e o que está atrás de mim é Michael.

— É um prazer conhecê-los — afirmou Johanna — Agora, me desculpem. Estou seguindo esta trilha.

— Por quê? — perguntou Michael.

— Estou procurando algo. — disse Johanna, evasiva — Não demorarei muito.

— Nosso lorde sabe o que está fazendo? — perguntou Michael.

— Não lembro se comentei meu plano ou não — mentiu Johanna com descaramento.

Niall se voltou para os companheiros.

— Fique com a senhora enquanto eu levo isto ao castelo.

Johanna se alegrou de ter companhia. Concentrou-se outra vez na busca e iniciou a marcha para o bosque. A trilha se estreitava e mais adiante só consistia em pequenos vãos cobertos de arbustos. O sol se filtrava entre os galhos que se arqueavam sobre ela como um frondoso toldo. Os jovens soldados sorriram ao ouvi-la murmurar louvores à beleza que a rodeava.

— Milady, não estamos na igreja. — gritou Michael — Não há nenhuma necessidade de baixar a voz.

— O que é que está procurando? — perguntou Lindsay.

— Uma caverna — respondeu Johanna.

O caminho se dividia em duas direções. Johanna girou o cavalo para a esquerda e ordenou que os soldados tomassem a outra direção, mas nenhum deles se afastou de seu lado.

— Então, por favor, marquem este lugar, para que ao voltar saibamos que caminho não percorremos ainda.

Desatou a fita que segurava a trança, e a deu a Michael. Enquanto o jovem estava atando a fita azul a um galho baixo, a égua de Johanna começou a dar mostras de inquietação. Rachel baixou as orelhas e emitiu um relincho forte ao mesmo tempo em que empinava ao lado da trilha. Johanna segurou as rédeas com força e ordenou ao animal que se acalmasse.

— Algo a assusta — afirmou. Olhou por cima do ombro para ver o que era que assustava o animal. O cavalo de Michael se contagiou com o nervosismo de Rachel e retrocedeu.

— Será melhor que retornemos a clareira — propôs Lindsay, tentando controlar seu próprio cavalo.

Johanna aceitou a proposta e incitou Rachel com os joelhos para fazê-la voltar-se.

De súbito, Rachel saltou e Johanna teve tempo apenas de agachar à cabeça, quando o animal saiu galopando entre os arbustos. A égua não se acalmou e Johanna tinha que controlar o animal e afastar os galhos ao mesmo tempo.

Não soube o que tinha causado esse súbito alvoroço. Um dos soldados gritou, mas não entendeu o que dizia. Rachel se desviou para a esquerda e prosseguiu em rápido galope. Johanna ouviu outro grito e se virou, mas já não viu os soldados. Girou outra vez e levantou a mão para proteger o rosto de outro galho, mas não pôde afastá-lo. Foi literalmente arrancada da sela. Saiu voando de lado e caiu sobre um arbusto frondoso. Ficou sem fôlego. Deixou escapar um gemido e se sentou. Uma parte do arbusto escapou da perna de Johanna e lhe golpeou o rosto. Johanna soltou um palavrão muito pouco feminino e se levantou, esfregando o traseiro dolorido.

Esperou que Lindsay e Michael fossem a seu socorro. Não via a égua por nenhum lado. O silêncio da clareira era sobrenatural, e a jovem pensou que os soldados deviam ter ido em outra direção. Talvez estivessem perseguindo o cavalo. Teria que aguardar que achassem Rachel e descobrissem que ela não estava com ela. Quando o fizessem, sem dúvida retornariam pelo caminho e a encontrariam.

Johanna recolheu o arco e as flechas e se sentou sobre um penhasco para esperar os soldados. O ar cheirava a pinheiro e a turfa. Johanna esperou um longo momento e em seguida compreendeu que teria que caminhar de volta para a clareira. Não sabia muito bem qual era a direção que tinha que tomar, pois a égua tinha dado várias voltas durante a corrida.

— É provável que eu caminhe em círculos o dia todo — murmurou Johanna.

Gabriel ficaria furioso com ela e teria razão. Não era seguro vagar pelo bosque, em especial sabendo que havia animais selvagens rondando por ali.

Por precaução, colocou uma flecha no arco e começou a caminhar. Quinze minutos depois, pensou estar outra vez onde tinha começado, mas em seguida compreendeu que não. O penhasco que tinha diante de si era muito maior que aquele no qual se sentou. Acreditou que, afinal de contas, caminhava na direção correta e continuou.

Quase por acidente, descobriu a caverna. Deteve-se diante de outro enorme penhasco que lhe obstruía o caminho e tentava decidir se ia para a esquerda ou direita quando viu, a sua esquerda, a entrada da caverna que tinha a mesma altura que ela. De ambos os lados, estava ladeada por árvores altas e esbeltas.

Johanna se entusiasmou tanto com a descoberta que esqueceu toda

precaução e entrou correndo na caverna. A passagem estava iluminada pelo sol que se filtrava pelas fendas do teto. Quando chegou ao final, viu que a caverna se abria para um recinto do tamanho do salão do castelo. À esquerda de Johanna havia estreitas prateleiras de pedra que se sobressaíam na parede e que pareciam degraus quebrados. Os barris estavam à direita. Havia no mínimo vinte desses cascos redondos. Os líderes que os tinham armazenado os colocaram de lado com as bases contra a rocha formando uma pirâmide que quase tocava o teto da caverna.

A madeira não estava podre pela passagem do tempo. Na realidade, dentro da caverna estava bastante seco. Johanna estava encantada com a descoberta. Queria correr pelo caminho de volta e pedir a Gabriel que viesse ver o tesouro.

Mas lembrou que teria que esperar que o marido voltasse da caça e soltou um suspiro.

— Gabriel chama as coisas por seu verdadeiro nome. — murmurou. Não estava caçando: estava roubando. Sim, era um dia de latrocínio, mas seria o último, pois acontecesse o que acontecesse, Johanna estava decidida a lhe ensinar as belas artes do comércio. Sim, salvaria a alma atribulada do marido, quisesse ele ou não.

Johanna saiu da caverna para esperar que os soldados fossem procurá-la. Caminhou até o penhasco e subiu nele. Apoiou-se contra o tronco de uma árvore gigantesca, cruzou os braços sobre o abdômen e esperou.

Era indiscutível que os soldados faziam as coisas sem pressa. Passou uma hora, e Johanna começou a impacientar-se, pensando que teria que achar sozinha o caminho de volta.

Johanna se afastou da árvore, colocou o arco no ombro e ia saltar da rocha quando ouviu uns rosnados que provinham dos arbustos que tinha adiante. Paralisou-se. O ruído se fez mais intenso. Era parecido com os rosnados de Dumfries, mas Johanna soube que não se tratava da mascote de Gabriel. O cão estava no castelo. Devia ser um lobo.

Então viu que um par de olhos a contemplava. Eram amarelos. Johanna não gritou. E Deus era testemunha de que desejava fazê-lo! Também quis correr, mas não se atreveu.

Do outro extremo da pequena clareira chegou outro som rangente... e apareceu outro par de sinistros olhos amarelos. Os rosnados vibraram ao redor de Johanna. Ouviu um movimento atrás e soube que estava cercada.

Ignorava quantos lobos tinha aí, preparados para fazê-la sua presa. Mas não se deixou levar pelo pânico: não era momento de fraquejar.

Fez uma espantosa descoberta: podia voar. Para falar a verdade, tinha certeza que tinha voado até alcançar os galhos mais altos da árvore e, certamente, não lembrava de ter subido. Quase voou para salvar-se quando um dos lobos capturou a bainha da túnica e puxou frenético. Com as mandíbulas apertadas sobre o tecido, sacudia com energia a cabeça para frente e para trás.

Johanna estava pendurada em um galho, sustentando o coldre para que as flechas não caíssem e segurando-se à árvore com a outra mão em posição bastante precária. Seus pés estavam a poucos centímetros dos dentes do lobo.

Não teve coragem de olhar para baixo. Agarrou-se ao galho com as pernas e tratou de desatar o cinto para que não pudessem apanhá-la pela túnica. Levou vários minutos e afinal deixou cair o objeto sobre os lobos.

Por fim estava livre. Continuou subindo, gemendo, e quando chegou alto o bastante para convencer-se de que estava a salvo, acomodou-se no ângulo entre o tronco e um galho grosso.

Por fim, animou-se a olhar para baixo. Sentiu como se o coração lhe caísse ao fundo do estômago. Por Deus, havia pelo menos seis dessas criaturas selvagens! Rondavam a árvore rosnando e lançando dentadas entre si e um deles, que parecia o chefe da matilha, fazia com que, na comparação, Dumfries parecesse um cachorrinho. Johanna moveu a cabeça, sem poder acreditar no que via. Era impossível que existissem lobos tão grandes...!

E não podiam subir nas árvores... ou sim? O maior começou a golpear o tronco com a cabeça e Johanna pensou que era algo muito tolo. Outros dois animais estavam rasgando a túnica. Também pareciam frenéticos.

Pelo jeito, não tinham intenções de deixá-la em paz. Johanna pensou um longo momento em sua situação. Quando por fim se convenceu de que estava a salvo, começou a preocupar-se com Michael e Lindsay. Não queria que topassem com uma matilha de lobos e não sabia se os animais iriam embora quando ouvissem os cavalos se aproximarem. Sim, pareciam uns monstros e não

acreditava que fossem capazes de fugir de nada nem de ninguém.

Um movimento a sua esquerda atraiu a atenção de Johanna. Um dos lobos tinha subido na rocha que havia à entrada da caverna. O animal parecia disposto a saltar até a jovem e Johanna não sabia se poderia cobrir a distância ou não. Tirou o arco do ombro, pegou uma flecha, trocou um pouco de posição e apontou.

Atravessou ao lobo no meio do salto: a flecha lhe cravou em um olho. A besta se precipitou no chão e aterrissou a poucos centímetros dos outros. Imediatamente, os sobreviventes se jogaram sobre o animal morto.

Nos vinte minutos seguintes, Johanna matou outros três. Tinha ouvido dizer que os lobos eram animais inteligentes. Pois estes não eram. Enquanto se mantivessem debaixo dela, estavam a salvo, pois os galhos lhe obstruíam a visão, mas um após o outro subiram à rocha e tentaram saltar até ela. Quando o quarto animal seguiu o mesmo caminho, Johanna pensou que eram lentos das idéias.

Doíam-lhe os dedos de sustentar a flecha contra a corda do arco. Queria ter à vista o maior, pois tinha certeza de que era o que tinha ferido Dumfries. Não sabia por que tinha chegado a essa conclusão. Talvez pelo sangue seco e enegrecido que viu quando o animal lhe mostrava as presas. Parecia mais um demônio que um animal e os olhos do lobo jamais se afastavam de Johanna. Enquanto o observava, Johanna tremeu de medo e de asco.

— Você é o que chamam Mascote, não é mesmo?

Claro que não esperava nenhuma resposta. Começou a pensar que talvez o perigo da situação lhe tivesse nublado a razão: imaginava demônios. Considerando seu próprio comportamento, suspirou.

Por que o lobo não partia? E onde estariam Michael e Lindsay? Deviam ter esquecido dela!

Johanna acreditou que o dia já não poderia piorar.

Estava equivocada: não tinha contado com a chuva. Concentrada nos lobos, não notou que a luz do sol tinha desaparecido, e Deus sabia que não tinha tido tempo de olhar para o céu e ver as nuvens que anunciavam a chuva. Tão ocupada em defender-se dos lobos, não tinha se fixado em nenhuma outra coisa. Embora não tivesse importância: se tivesse sabido antes de qualquer modo não teria podido fazer nada. De qualquer modo se molharia.

Ouviu o estalar do trovão entre as árvores e em seguida caiu uma chuva torrencial. Os galhos se tornaram escorregadios como se tivessem sido engordurados. Johanna não podia rodear todo o tronco com o braço e temia mudar de posição e escorregar.

O monstro seguia aguardando no pé da árvore. As mãos de Johanna que sustentavam o arco e a flecha tremeram e os dedos intumesceram.

Ouviu que alguém gritava seu nome. Elevou uma prece de agradecimento ao Criador antes de responder com outro grito. Que estranho! Imaginou ter escutado a voz do marido. Mas isso era impossível, pois Gabriel estava caçando.

Por fim, o som dos cascos dos cavalos que se aproximavam fez o lobo mover-se. Johanna se preparou. Assim que se dissipou a luz do relâmpago, disparou a flecha e falhou. Tinha apontado para o ventre da besta, mas a flecha lhe cravou no lombo. O lobo soltou um uivo e girou outra vez para Johanna. A jovem se apressou a liquidar o animal. Pegou outra flecha do coldre, colocou-a no arco e apontou outra vez.

Não gostava muito de matar. Embora o lobo tivesse a aparência de um demônio, era uma das criaturas de Deus. Servia a um propósito mais elevado que o da própria Johanna: pelo menos era isso que lhe tinham dito, e embora não tivesse idéia de qual podia ser esse propósito, de qualquer modo se sentia culpada.

Os soldados MacBain apareceram galopando por uma curva do caminho no mesmo instante que a flecha de Johanna cortava o ar e matava o lobo. O animal foi levantado para cima e para trás pelo impacto e em seguida caiu no chão diante dos cavalos dos guerreiros.

Johanna se apoiou no tronco e deixou cair o arco. Abriu e fechou as mãos para desentorpecer os dedos. De repente, sentiu náuseas. Inspirou profundamente e olhou para baixo para ver os soldados.

Assim que recuperasse as forças, faria um escândalo por tê-la feito esperar tanto. E quando se desculpassem, os faria prometer que não contariam a seu marido o vergonhoso incidente. Por Deus, obrigaria todos a prometer!

— Você está bem, milady?

Não podia ver os rostos dos soldados, mas reconheceu a voz de Calum.

— Sim, Calum. — exclamou — Estou muito bem.

— Não me parece que esteja bem — disse Keith. Quase aos gritos, acrescentou — Você matou nossa mascote.

O tom do soldado MacLaurin era de perplexidade e Johanna sentiu que lhe devia uma explicação. Não queria que nenhum deles achasse que tinha tido certo tipo de cruel satisfação ou prazer matando aos animais.

— Não é o que parece — gritou para baixo.

— Você não os matou?

— Parecem as flechas dela — observou Keith.

— Não me deixavam em paz, senhor: tive que matá-los. Por favor, não digam a ninguém, e menos ainda a nosso lorde. Está muito ocupado para que o incomodem com esta insignificância.

— Mas, milady...

— Calum, não discuta. Não estou com ânimo para ser cortês. Tive uma manhã terrível. Limite-se a me dar sua palavra de que guardará segredo.

A saia de Johanna ficou presa em um galho. Enquanto tentava soltá-la, esperava que os soldados prometessem e não pretendia descer até que o fizessem.

Gabriel ficaria furioso. Só de pensar, ficava arrepiada.

Continuavam sem prometer nada.

— Não é pedir muito — murmurou Johanna para si.

Calum começou a rir e muito em breve Johanna descobriu a razão.

Gabriel já sabia.

— Desça já daí.

A fúria que vibrava na voz do marido quase fez Johanna cair da árvore e a jovem fez uma careta. Acomodou-se outra vez na bifurcação, esperando ocultar-se de Gabriel... e de sua cólera. Em seguida notou o que fazia,

falou um palavrão próprio de um homem e se inclinou para frente. Afastou um galho, olhou para baixo e desejou não tê-lo feito. Imediatamente viu Gabriel, que a observava. Com as mãos apoiadas sobre o pito da sela, não parecia muito irritado.

Mas Johanna sabia que era só aparência pelo tom colérico e duro com que lhe deu a ordem.

O cavalo de Gabriel estava entre o de Keith e o de Calum. Johanna soltou o galho e voltou a apoiar-se contra o tronco. Sentiu que o rosto ardia de vergonha: sem dúvida, Gabriel estava ali desde que ela exigiu que os soldados guardassem segredo.

"Certamente, devo-lhe alguma explicação, — pensou Johanna — e se me der tempo encontrarei alguma plausível. Não me moverei enquanto não achá-la".

Gabriel teve que apelar a todo seu esforço para controlar a ira. Baixou o olhar e contou outra vez os lobos mortos para assegurar-se de que os olhos não o enganavam. Então voltou a olhar para Johanna.

Johanna não se moveu. Para falar a verdade, não podia. O perigo dos lobos não tinha terminado: ainda havia um lá abaixo esperando para saltar sobre ela.

— Johanna, desça daí.

Também não a agradou o tom de voz do marido, mas não acreditava que lhe afetasse momento. "Será melhor que tente lhe obedecer", pensou.

Mas, por desgraça, as pernas de Johanna se negaram a obedecê-la. Tinha ficado muito tempo agarrada ao galho e quando quis descer pelo tronco sentiu como se fossem de geléia.

Finalmente, Gabriel teve que ir resgatá-la. Teve que lhe arrancar as mãos do galho porque Johanna não conseguia soltar.

Gabriel colocou as mãos de Johanna em volta de seu próprio pescoço e a apertou contra ele. Com um braço a segurou pela cintura e com o outro se agarrou ao galho para evitar que ambos caíssem.

Deixou passar um minuto antes de mover-se. Johanna não tinha

percebido quão gelada estava até que o corpo de Gabriel começou a aquecê-la. Nesse instante, começou a tremer.

Percebeu que Gabriel também tremia. Quão furioso estaria?

— Gabriel.

O tom temeroso de Johanna fez Gabriel explodir.

— Maldita seja, deixará de me temer! — disse-lhe em um murmúrio furioso — Deus é testemunha que desejaria te estrangular, mulher, para ver se recupera a razão! Mas não a machucarei.

A repreensão lhe doeu. Johanna não tinha feito nada para desgostá-lo tanto... Exceto ignorar a absurda ordem de descansar. "É verdade, — pensou Johanna — não levei em conta a sugestão".

— Maldição, já não tenho medo de você! — murmurou Johanna, com a boca apoiada contra o pescoço do marido, e deixou escapar um suspiro. Gabriel preferia a sinceridade e Johanna imaginou que o zangaria mais ainda se não lhe dissesse toda a verdade.

E certamente, nesse instante parecia disposto a estrangulá-la.

— Na maior parte do tempo não tenho medo de você. — disse Johanna — Por que está tão zangado comigo?

O homem não respondeu: não podia. Ainda sentia vontade de gritar. Primeiro tentaria acalmar-se e em seguida lhe diria que o susto tinha tirado vinte anos de sua vida.

Gabriel a estreitou com mais força. Era evidente que a pergunta de Johanna o tinha perturbado, e a jovem não entendia por quê. Acaso era capaz de ler a mente? Pensou em dizer-lhe, mas em seguida desistiu. Não lhe convinha provocar a fúria de Gabriel. Era a esposa e tinha que tentar acalmá-lo.

Decidiu mudar de assunto. Para agradá-lo, começaria com um elogio:

— Tinha razão, marido: o bosque está infestado de feras.

Foi um erro: soube ao sentir que Gabriel a estreitava mais e deixava escapar um suspiro trêmulo.

— Estou molhando-o todo, milorde — exclamou Johanna, em uma tentativa de distraí-lo da infeliz menção aos lobos.

— Você está ensopada — alfinetou Gabriel — Pegará um resfriado e morrerá em uma semana.

— Não, não me acontecerá nada disso. — afirmou a jovem — Colocarei roupa seca e estarei perfeitamente bem. Esposo meu, aperta-me tanto que não posso respirar. Solte um pouco.

Gabriel não deu atenção. Soltou uma blasfêmia e começou a mover-se. Johanna se segurou com mais força no pescoço do marido e fechou os olhos. Deixaria que Gabriel se ocupasse de afastar os galhos enquanto desciam.

Não a deixou caminhar. Carregou-a até seu próprio cavalo, ergueu-a e a deixou cair sobre a sela sem muita gentileza.

Johanna tentou arrumar as anáguas, mas o tecido grudava na pele. Compreendeu que nesse momento não tinha o aspecto de uma dama decente, e soltou uma exclamação de horror ao notar que tinha a roupa rasgada sobre o peito. Imediatamente, pegou o cabelo entre os dedos e o jogou para frente para cobrir-se.

Por sorte, os soldados não lhe prestavam a menor atenção. Gabriel, de costas para ela, ordenou que levassem os lobos. Calum e Keith saltaram de seus cavalos e ataram cordas nos pescoços dos animais mortos.

— Arrastem até a colina e queimem — ordenou Gabriel. Entregou as rédeas do cavalo de Johanna a Lindsay e ordenou que voltasse com os outros homens para o castelo. Queria ficar um momento a sós com a esposa.

Antes de partir, Calum lançou a Johanna um olhar de simpatia: tinha certeza de que receberia uma severa repreensão. Pela expressão sinistra de Keith, sem dúvida pensava o mesmo.

Johanna manteve a cabeça erguida, juntou as mãos e fingiu estar calma.

Gabriel esperou que os soldados partissem e em seguida se virou para Johanna. Colocou a mão sobre a coxa para lhe chamar a atenção.

— Esposa, não tem nada que me dizer?

Johanna assentiu, e Gabriel esperou.

— E então? — perguntou ao fim.

— Queria que não estivesse zangado.

— Isso não é o que quero escutar.

Johanna apoiou a mão sobre a de Gabriel.

— Espera uma desculpa, não é? Muito bem: lamento ter ignorado sua sugestão de descansar.

— Sugestão?

— Não é necessário que grite, marido. É uma grosseria.

— Uma grosseria?

"Tem que repetir tudo o que digo?", perguntou-se Johanna. Gabriel, por sua parte, espantava-se que não estivesse histérica depois do encontro com os lobos. Acaso não compreendia o que poderia ter passado? Por Deus, a idéia não se afastava de sua mente! As bestas selvagens poderiam tê-la feito em pedaços!

— Johanna, quero que me prometa que não voltará a sair do castelo sem a companhia adequada.

A voz de Gabriel soou rouca e Johanna pensou que devia ser pelo esforço que fazia para não gritar. Se a dedução fosse correta, isso significava que levava em consideração os sentimentos de Johanna.

— Milorde, não quero converter-me em prisioneira em seu lar. — disse — Já tive que recorrer a subterfúgios para sair para caçar. Deveria poder entrar e sair conforme meu desejo.

— Não.

— E com escolta?

— Maldição, mulher, isso é o que acabo de...!

— Sugerir?

— Não o sugeri: exigi que promettesse.

A mulher lhe deu uma palmadinha na mão, mas não conseguiu

acalmá-lo. Gabriel mostrou a túnica esmigalhada de Johanna que estava atirada sobre o chão, ao pé da árvore.

— Não compreende que poderia ter ficado tão rasgada quanto essa túnica?

Johanna demorou em compreender a verdade e arregalou os olhos, surpresa. Gabriel pensou que por fim começava a entender o risco que tinha corrido.

— Sim, esposa, poderia ter morrido.

Johanna sorriu: essa não era a reação que Gabriel esperava. Como conseguiria lhe ensinar a ser cautelosa se não tinha noção dos perigos?

Frustrado, Gabriel franziu o semblante.

— Johanna, tentei me adaptar a ter uma esposa, mas você torna isso muito difícil. Em nome de Deus! Por que sorri?

— Acabo de compreender que seu aborrecimento se deve ao fato de que estive a ponto de morrer. Eu acreditei que estava furioso porque tinha ignorado sua sugestão de descansar. Agora entendo. — acrescentou com um gesto afirmativo — Certamente, começa a sentir carinho por mim. Seu coração se abrandou, não é, marido?

Gabriel não estava disposto a permitir que tirasse semelhante conclusão e moveu a cabeça.

— É minha esposa, e sempre a protegerei, Johanna: é meu dever. Mas acima de tudo sou um guerreiro. Acaso esqueceu?

Johanna não compreendeu do que falava.

— O que tem a ver que seja um guerreiro com sua atitude para comigo?

— Não me interessam os assuntos do coração — explicou o homem.

Johanna endireitou os ombros.

— A mim tampouco — replicou, para que Gabriel não acreditasse que a tinha ferido — E eu também queria me adaptar a conviver com você.

Pela expressão de Johanna, Gabriel compreendeu que tinha ferido seus sentimentos. Aproximou-se, pôs a mão na nuca, atraiu-a para ele e lhe deu um beijo ardente e prolongado. Johanna lhe envolveu o pescoço com os braços e respondeu ao beijo. Quando o homem se afastou, Johanna quase caiu do cavalo e Gabriel a segurou pela cintura.

— Prometa-me isso antes de irmos.

— Prometo-o.

Diante da imediata aceitação de Johanna, Gabriel se animou. Mas isso não durou muito. Essa mulher o provocava...!

— Milorde, o que é que prometi?

— Prometeu não sair do castelo sem uma escolta apropriada!

Gabriel tinha proposto a si mesmo não gritar, mas esta mulher o enlouquecia. Do que estiveram falando nos últimos minutos?

Johanna acariciou o pescoço de seu marido, pois o viu carrancudo e quis acalmá-lo. E acrescentou um elogio a esse gesto carinhoso:

— Para falar a verdade, quando me beija esqueço de tudo. Por isso me esqueci do que tinha prometido, milorde.

Gabriel não podia lhe reprovar por admitir a verdade. Em algumas ocasiões, ele também foi afetado pelos beijos. "Mas não tão freqüentemente quanto ela", disse a si mesmo.

Johanna passou a perna sobre a sela e tentou descer do cavalo, mas Gabriel a segurou com força pela cintura e lhe impediu de mover-se.

— Queria te mostrar algo. — disse Johanna — Pretendia esperar até amanhã, pois então teria esquecido o incidente de hoje, mas mudei de idéia, Gabriel. Quero mostrar isso agora. Sem dúvida, minha surpresa o alegrará. Deixe-me descer.

— Nunca esquecerei o incidente de hoje. — murmurou o homem, sem abandonar a expressão sombria. Ajudou-a a descer e a segurou pela mão quando Johanna tentou afastar-se.

Gabriel se esticou para pegar o arco de Johanna da parte traseira da sela e em seguida a seguiu ao interior da caverna. Custou-lhe passar pela

entrada: teve que se encolher e baixar a cabeça, mas assim que entrou e viu os barris deixou de resmungar a respeito das moléstias que a esposa o obrigava a suportar.

O entusiasmo de Johanna pelo achado alegrou mais a Gabriel que o tesouro em si.

— Agora tem algo com o qual negociar. — afirmou a jovem — Já não terá que roubar. O que me diz, milorde?

— Ah, Johanna, tira-me a satisfação da caçada! — replicou.

Isso não agradou Johanna.

— Esposo meu, é meu dever salvar sua alma, e Por Deus que o tentarei com ou sem sua cooperação.

Gabriel riu e sua risada ressoou em toda a caverna, ricocheteando de pedra em pedra.

Gabriel conservou o bom humor até que notou que sua esposa tinha entrado na caverna sozinha.

— Poderia ter topado com a toca dos lobos! — ralhou de repente.

A abrupta mudança de humor pegou Johanna de surpresa e a fez retroceder. Imediatamente, Gabriel suavizou o tom.

— O que teria feito se os lobos a tivessem seguido até aqui?

Johanna soube que Gabriel tentava conter-se: na verdade, era um homem de bom coração. Como sabia que não gostava que gritassem, esforçava-se por agradá-la.

Pela expressão do marido compreendeu que o esforço era terrível.

Não se atreveu a sorrir: Gabriel pensaria que não o levava a sério.

— É verdade, milorde, não pensei nessa possibilidade. Estava tão entusiasmada quando encontrei a caverna que esqueci toda precaução. Entretanto, — se apressou a acrescentar ao ver que ia interromper — acho que teria me virado muito bem. Sim, sem dúvida. — acrescentou com um gesto afirmativo — Teria jogado os barris neles. Na verdade, subi na árvore para escapar dessas bestas horrorosas. Um deles alcançou a bainha da túnica e...

Ao ver a expressão espantada de seu marido compreendeu que não devia ter dado tantos detalhes, pois Gabriel começou a enfurecer-se outra vez.

Soube então que na verdade o marido começava a querê-la. O coração de Gabriel começava a abrandar-se, embora ele não quisesse admitir. Se Johanna não lhe importasse não teria se inquietado assim...

Johanna se sentiu satisfeita com essa prova de afeto até que compreendeu o quanto lhe importava e então começou a preocupar-se. O que importava que ele a quisesse? Acaso também seu coração se abrandava? "Bom Deus! — pensou — estarei me apaixonando por este bárbaro?"

Essa perspectiva a perturbou e sacudiu a cabeça. Não tinha intenções de colocar-se em uma situação tão vulnerável.

Ao ver que franzia o semblante e empalidecia, Gabriel se sentiu aliviado e fez um gesto de satisfação: por fim a mulher compreendia o que poderia ter acontecido.

— Começava a achar que carecia completamente de bom senso — murmurou.

— Tenho bom senso — alardeou Johanna.

Gabriel não estava disposto a discutir e a arrastou para fora da caverna. Johanna esperou enquanto o homem tampava com pedras a entrada para que os animais não pudessem entrar.

No caminho de volta ao castelo Johanna foi sentada no colo do marido. Quando chegaram à colina, o sol brilhava outra vez.

Johanna se esforçou para deixar de lado as preocupações. Afinal de contas, podia controlar suas próprias emoções e, se não queria amar Gabriel, pois não o amaria.

— Esposa minha, está tensa como a corda de seu arco e, certamente, posso entender. Por fim compreendeu o quanto esteve perto da morte. Apóie-se contra mim e feche os olhos. Tem que descansar.

Johanna fez o que lhe sugeria, mas de qualquer modo quis ter a última palavra.

— Milorde, em momento algum achei que morreria. Sabia que

você ou os soldados me achariam. Em cima da árvore estava a salvo.

— Mesmo assim, estava inquieta.

— Claro que estava: debaixo de mim havia lobos selvagens rondando.

Ficou tensa outra vez, e Gabriel a estreitou.

— Também estava aflita, pois pensou que tinha me decepcionado — observou.

Johanna revirou os olhos: sem dúvida este homem era egocêntrico.

— Imagina que achei que tinha te decepcionado?

Ao detectar o tom divertido de sua voz, Gabriel franziu o semblante.

— Claro que sim — respondeu.

— Por quê?

— Por que, o que?

— Por que acreditaria ter te desiludido?

Gabriel exalou um prolongado suspiro.

— Porque compreendeu que tinha me causado uma preocupação desnecessária.

— Admite que estava aflito por mim?

— Maldição mulher, acabo de admitir!

A jovem sorriu: outra vez o tom de Gabriel era áspero e, sem voltar-se para olhá-lo, Johanna soube que estava carrancudo. Deu-lhe um tapinha no braço tentando acalmá-lo.

— Alegria-me que se preocupasse por mim, embora não de ter incomodado.

— Certamente, foi assim.

Johanna não fez caso da ironia.

— Mesmo assim, deveria confiar em mim, milorde. Sei me cuidar.

— Johanna, não estou com humor para suas brincadeiras.

— Não é uma brincadeira.

— Sim, é.

Johanna desistiu de continuar discutindo. Depois de refletir uns minutos, compreendeu que na verdade não podia culpá-lo por acreditar que ela era incapaz de cuidar-se. Quando se conheceram, comportou-se como uma medrosa e depois sempre mostrou acanhamento. Não, não podia culpá-lo por acreditar que Johanna necessitava constante vigilância. Mas esperava fazê-lo mudar de opinião. Não queria que seu marido continuasse pensando que era uma adoentada.

— Johanna, não quero que conte a ninguém sobre os barris.

— Como desejar, marido. Sabe o que fará com eles?

— Falaremos disso mais tarde, depois do jantar — prometeu.

Johanna assentiu e mudou de assunto.

— Como me encontrou? Pensei que caçaria o dia todo.

— Houve uma mudança de planos. — explicou — Surpreendemos Lorde MacInnes e dez de seus soldados cruzando a fronteira.

— Acredita que iam para sua casa?

— Sim.

— O que eles podem querer?

— Saberei quando chegarem — respondeu Gabriel.

— E quando chegarão?

— A última hora da tarde.

— Ficarão para jantar?

— Não.

— Seria uma descortesia não convidá-los para comer com você.

Gabriel encolheu os ombros, mas sua falta de interesse não deteve Johanna. Como esposa, sentia-se na obrigação de lhe ensinar certas maneiras.

— Darei ordens aos criados para que preparem lugares na mesa para seus convidados — afirmou Johanna.

Esperava que Gabriel discutisse e se sentiu gratamente surpresa ao comprovar o contrário.

Johanna se concentrou em pensar no menu. De repente, lhe ocorreu algo e soltou uma exclamação:

— Bom Deus! Gabriel, não terá roubado os MacInnes, não é?

— Não — respondeu Gabriel, sorrindo ao perceber o horror na voz da esposa.

Johanna voltou a relaxar.

— Então não há porque se preocupar de que tenham vindo brigar.

— Brigar com dez soldados? Não, não há porque se preocupar com isso — disse Gabriel reforçando as palavras. O tom divertido de Gabriel fez Johanna sorrir: seu marido estava outra vez de bom humor. Possivelmente porque teria companhia.

Johanna se asseguraria de que a refeição fosse agradável. O guisado de coelho seria insuficiente, a menos que fosse caçar outra vez, mas desprezou a idéia. Os bichinhos teriam que cozinhar um longo tempo, pois do contrário estariam duros e já não havia tempo. Johanna resolveu que mudaria de roupa e em seguida iria comentar o problema com a cozinheira. Hilda saberia como esticar a comida e, certamente, Johanna lhe ofereceria ajuda.

Desejou poder livrar-se dos MacLaurin por essa noite: eram muito ruidosos, bagunceiros e grosseiros. O modo como competiam para ver quem soltava o arroto mais estrepitoso era muito desagradável!

Entretanto, não queria feri-los: faziam parte do clã de Gabriel e não podia deixá-los à parte.

Chegaram ao pátio do castelo. Gabriel desmontou primeiro e se voltou para ajudar Johanna. Sustentou-a mais tempo do necessário e ela sorriu enquanto esperava que a soltasse.

— Johanna, não se meterá em mais problemas. Quero que entre e...

— Deixe-me adivinhar, milorde. — o interrompeu — Quer que descanse, não é verdade?

Gabriel sorriu. Deus, ela era encantadora quando se zangava!

— Sim, quero que descanse.

Inclinou-se, beijou-a e em seguida se voltou para levar o cavalo para o estábulo.

Pensando nas ordens absurdas do marido, Johanna sacudiu a cabeça. Como ia descansar se esperavam visitas para o jantar?

Correu para dentro, atirou o arco e o coldre ao pé da escada e subiu ao dormitório. Em pouco tempo, colocou roupa seca e, como ainda tinha o cabelo muito úmido para trançá-lo, prendeu-o com uma fita na nuca e correu outra vez escada abaixo.

Megan estava junto à porta, olhando para fora.

— Megan, o que está fazendo?

— Os soldados MacInnes chegaram.

— Tão cedo? — perguntou Johanna aproximando-se de onde Megan estava — Não teríamos que abrir as portas e lhes dar as boas vindas?

Megan negou com a cabeça. Afastou-se para que a senhora pudesse olhar para fora e murmurou:

— Algo não está bem, senhora. Note que expressões sombrias trazem. Mas trouxeram um presente para nosso lorde. Vê aquele embrulho envolto em estopa sobre as pernas do lorde MacInnes?

— Me deixem olhar — disse o padre MacKechnie às costas das duas mulheres.

Ao voltar-se, Johanna chocou com o sacerdote. Pediu-lhe desculpas por sua estupidez e lhe explicou por que estava observando os visitantes.

— Comportam-se de maneira muito contraditória. — disse — Têm expressões hostis, mas pelo jeito, trouxeram um presente para o lorde. Possivelmente essas expressões sejam pura arrogância.

— Não, não acredito. — replicou o padre MacKechnie — Moça, os highlanders não são como os ingleses.

— O que quer dizer, padre? Não importa como se vestem, os homens sempre são homens.

Antes de responder, o clérigo fechou a porta.

— Em minha experiência com os ingleses notei uma característica muito particular: sempre parecem ter uma intenção oculta.

— E os highlanders? — perguntou Johanna.

O padre MacKechnie sorriu.

— Somos pessoas simples, tal como nos vê. Entende? Não temos tempo para abrigar intenções ocultas.

— Os MacInnes têm essa expressão porque estão zangados por algo. — interveio Megan — Não são inteligentes o bastante para dissimulações.

O sacerdote assentiu.

— Nós não gostamos dos subterfúgios. Lorde MacInnes parece tão furioso quanto uma vespa na qual acabam de bater. Não há dúvida de que está furioso.

— Farei o melhor que puder para acalmá-lo. Além de tudo, é um visitante — raciocinou Johanna — Megan, por favor, vá dizer à cozinheira que teremos onze pessoas a mais para jantar. Não se esqueça de lhe oferecer nossa ajuda para preparar a comida. Eu irei num minuto.

Megan correu para cumprir o encargo da ama.

— A cozinheira não se incomodará. — disse por cima do ombro enquanto percorria o corredor que conduzia à porta dos fundos — Afinal de

contas, é uma MacBain. Sabe que não deve queixar-se.

Ao escutar uma afirmação tão vaga, Johanna franziu o semblante. Que importância tinha se a cozinheira era MacBain ou MacLaurin? Megan já tinha desaparecido e Johanna decidiu deixar para mais tarde as explicações.

Em seguida, o sacerdote atraiu a atenção de Johanna ao abrir a porta. Johanna se colocou atrás do padre.

— Qual deles é o lorde? — perguntou em um sussurro.

— O ancião de olhos saltados que está sobre o cavalo manchado — respondeu o padre MacKechnie — Moça, é preferível que fique aqui até que seu marido diga se os deixará entrar ou não. Eu sairei e falarei com eles.

Johanna fez um gesto afirmativo. Ficou atrás da porta, mas espiou o sacerdote. O padre desceu os degraus e saudou em voz alta.

Os soldados MacInnes o ignoraram. O semblante dos recém chegados parecia de pedra. A Johanna pareceu que se comportavam de um modo estranho: nenhum deles tinha sequer desmontado. Acaso não sabiam que essa conduta era ofensiva?

Johanna prestou atenção ao lorde. Pensou que o padre MacKechnie tinha razão: tinha os olhos saltados. Era um ancião de pele enrugada e sobrancelhas espessas. Tinha o olhar fixo em Gabriel. Johanna divisou seu marido, que estava cruzando o pátio e se deteve a poucos passos dos soldados MacInnes.

O lorde disse algo que enfureceu Gabriel e a expressão de seu marido se tornou sombria e gelada. Johanna nunca o tinha visto assim e estremeceu. Gabriel tinha o aspecto de um homem disposto a começar uma batalha.

Os guerreiros MacBain se colocaram atrás do lorde e os MacLaurin se uniram a eles.

O lorde dos MacInnes fez um gesto a um de seus homens. O soldado desmontou rapidamente e correu até aproximar-se do chefe. Eram parecidos e Johanna pensou que devia ser filho. Viu que erguia o grande pacote do colo do pai. Acomodou o peso nos braços, girou e caminhou até ficar diante do cavalo manchado. Parou a alguns passos de Gabriel, ergueu o pacote e o jogou no chão.

O pacote se abriu. O pó flutuou no ar e quando se dissipou Johanna viu no que consistia o presente do lorde: uma mulher, tão ensangüentada e machucada que quase não se reconhecia, caiu do embrulho e rodou até ficar de lado. Estava nua e não tinha um lugar no corpo que não estivesse machucado.

Johanna cambaleou, afastando-se da porta e soltou um gemido. Achou que ia vomitar. A imagem da mulher ferida a perturbou de tal modo que quis chorar de vergonha... e gritar de fúria.

Não fez nenhuma das duas coisas, mas sim pegou o arco e as flechas.

Capítulo 11

As mãos de Johanna tremeram e o único que pensou foi que não lhe falhasse a pontaria quando matasse os canalhas que tinham cometido um ato tão perverso.

Gabriel também tremia de fúria e levou a mão ao cabo da espada. Custava-lhe acreditar que um highlander se rebaixasse a cometer um ato tão covarde, mas tinha a prova diante de si.

Lorde MacInnes exibia um ar de complacência consigo mesmo e Gabriel resolveu que o mataria primeiro.

— Você é o responsável por ter golpeado esta mulher até a morte?
— Não formulou a pergunta: uivou-a.

O chefe dos MacInnes franziu o semblante.

— Não está morta: ainda respira.

— Você é o responsável? — insistiu Gabriel.

— Sou. — respondeu o lorde, também gritando —. Asseguro.

Para Gabriel soou como uma bravata e começou a tirar a espada. Ao notar, lorde MacInnes compreendeu o precário de sua situação e se apressou a explicar por que tinha golpeado a mulher.

— O pai de Clare MacKay a deixou em minha casa. — gritou —

Estava prometida a Robert, meu filho mais velho. — Fez uma pausa, indicando com um gesto o soldado que estava junto a seu cavalo e prosseguiu — Eu pretendia unir os dois clãs e assim me converter em um poder difícil de igualar, MacBain, mas esta cadela se desgraçou faz três meses e o culpado foi um dos seus. Seria em vão negar, pois três de meus homens viram a túnica com as cores MacBain. Clare MacKay passou toda a noite com esse homem. A princípio, menti; disse que tinha passado a noite com as primas e eu fui tolo o bastante para acreditar. Mas quando descobriu que estava prenhe teve a ousadia de se gabar do pecado. Não é assim, Robert?

— Sim. — respondeu o filho — Não me casarei com uma rameira — berrou — Um MacBain a desgraçou, e um MacBain pode ficar com ela.

Concluída a afirmação, o soldado voltou o olhar para a mulher. Cuspiu no chão e se adiantou para parar diante da mulher inconsciente com os braços apoiados na cintura e uma expressão maliciosa.

Calçava botas. Tomou impulso com um pé para dar um chute na mulher, mas uma flecha o parou no ar. Robert soltou um grito de dor e cambaleou para trás. A flecha tinha cravado na coxa e, sem deixar de gritar, levou a mão à perna e girou para ver quem o tinha ferido.

Johanna estava de pé sobre a escada, diante da torre do castelo com o olhar fixo no soldado. Pôs outra flecha no arco sem afastar o olhar do homem.

Esperava um pretexto para matá-lo.

Todos a observavam. Gabriel começou a mover-se para intervir quando Robert elevou outra vez a perna para chutar à mulher, mas a flecha o feriu antes que pudesse fazê-lo. Gabriel girou, viu a expressão de sua esposa e se dirigiu imediatamente para ela.

Durante um longo momento, ninguém mais se moveu. Era evidente que os MacLaurin estavam perplexos pelo que acabavam de presenciar e também os MacBain.

O soldado ferido se aproximou mais da mulher e Johanna pensou que tentava machucá-la outra vez.

Não permitiria que isso acontecesse.

— Tente chutá-la outra vez, e juro por Deus que lhe atravessarei o

negro coração com uma flecha!

A fúria que vibrava na voz de Johanna se abateu sobre o grupo de soldados. Robert deu um passo atrás. O sacerdote se adiantou. Ajoelhou-se junto à mulher caída, fez o sinal da cruz e murmurou uma bênção.

— Está louca! — sussurrou Robert.

Os seguidores de Gabriel o ouviram e três dos MacBain se adiantaram, mas Calum os deteve com um gesto.

— Nosso lorde decidirá o que deve ser feito. — afirmou.

Keith se colocou ao lado de Calum. Não podia conter-se:

— Não está louca. — berrou — Mas certamente informarei nosso lorde o que diz de sua esposa.

— Meu filho não pretendia ofendê-la. — defendeu lorde MacInnes — Só disse a verdade: olhe seus olhos. Enlouqueceu. E tudo por quê? Por uma rameira jogada no chão?

Nesse momento, Gabriel não prestava atenção a nada além de Johanna. Aproximou-se dos degraus, mas não a tocou; limitou-se a colocá-la junto dela.

Johanna ignorou seu marido. Virou-se lentamente até que lorde MacInnes ficou diante dela.

Sentiu-se satisfeita ao ver que o feio rosto do guerreiro estava completamente branco e os grossos lábios desenhavam uma careta de medo.

— Qual de vocês golpeou esta mulher?

O lorde não respondeu e girou o olhar à esquerda e à direita, como se procurasse uma via de escape.

— Não pode matá-lo. — ordenou Gabriel em tom baixo, para que só Johanna ouvisse, mas ela não se alterou.

Repetiu a ordem e Johanna moveu a cabeça. Sem afastar o olhar do lorde MacInnes, disse ao marido:

— Acredita que esta mulher merecia semelhante tratamento?

Pensa que é menos importante que um estúpido boi?

— Você sabe o que penso. — replicou Gabriel — Dê-me seu arco e suas flechas.

— Não.

— Johanna...

— Olhe o que fizeram! — exclamou.

Doeu o coração de Gabriel ao perceber a dor que permeava a voz da esposa. Johanna estava a ponto de perder o controle completamente e ele não podia permitir.

— Não deixe que notem sua angústia — disse — Isso seria um triunfo para eles.

— Sim — murmurou Johanna. Tremeram-lhe as mãos e emitiu um gemido.

— Quanto mais tempo ficamos aqui, mais tempo passa sem que a moça receba cuidados. Dê-me a arma.

Johanna não podia:

— Não posso permitir que a machuquem mais, não posso. Não entende? Tenho que ajudá-la. Roguei que alguém me ajudasse, mas ninguém o fez. Mas eu sim posso. Tenho que fazê-lo...

— Eu não permitirei que a machuquem — prometeu Gabriel.

Outra vez, Johanna negou com a cabeça e Gabriel resolveu agir de outro modo. Pareceu-lhe que tinha transcorrido uma hora desde que se aproximara dela; só tinham passado uns minutos. Mas não importava a Gabriel o tempo Johanna precisasse para recuperar o controle. Esses canalhas MacInnes teriam que esperar. Claro que Gabriel poderia ter lhe tirado a arma, mas não quis: queria que ela a entregasse.

— Muito bem. — disse — Então, ordenarei a meus homens que os matem a todos. Isso te agradaria?

— Sim.

Gabriel não pôde ocultar seu espanto. Suspirou e se dispôs a dar a ordem. Não era homem de alardear. Se a esposa queria que ordenasse matar aos miseráveis, a satisfaria. De qualquer modo, estava esperando um pretexto para fazê-lo! Escutar sua esposa seria desculpa suficiente.

— Calum! — gritou.

— Sim, MacBain.

— Não! — exclamou Johanna.

Gabriel se voltou para a esposa.

— Não?

Com lágrimas nos olhos, Johanna disse:

— Não podemos matá-los.

— Sim, podemos.

Johanna moveu a cabeça.

— Se deixarmos que a fúria nos faça perder o controle, seremos tão maus quanto eles. Faça com que partam: revolvem-me o estômago.

A voz de Johanna tinha recuperado a firmeza e Gabriel fez um gesto de satisfação.

— Primeiro, me dê o arco e as flechas.

Johanna baixou lentamente os braços. O que aconteceu a seguir a surpreendeu a ponto de não ter tempo de reagir. Gabriel lhe arrebatou a arma, fez um semi-giro, apontou e lançou a flecha com incrível velocidade e pontaria.

Ouviu-se um uivo de dor: a flecha cravou no ombro do mesmo soldado MacInnes que Johanna tinha ferido. Robert, o filho do lorde, tinha tirado a adaga do cinturão e já ia arremessar a arma quando Gabriel captou o movimento. Nem Calum nem Keith tiveram tempo de lançar um grito de advertência.

Lorde MacInnes sofreu um ataque de raiva, mas a fúria de Gabriel era pior. Empurrou Johanna colocando-a atrás de si, atirou ao chão o arco e pegou a espada.

— MacInnes, saia de minhas terras ou o mato agora mesmo!

Os soldados MacInnes não perderam tempo. Gabriel não deixou Johanna mover-se até que o pátio ficou livre.

— Keith, que dez soldados MacLaurin os sigam até a fronteira — ordenou.

— Como ordenar, MacBain — respondeu Keith.

Assim que seu marido se moveu, Johanna deu a volta e baixou correndo os degraus. Enquanto atravessava o pátio correndo, tirava o cinto. Antes de ajoelhar-se junto à mulher já tinha tirado a túnica e coberto com ela à ferida. Tocou a lateral do pescoço da mulher golpeada para sentir o pulso e quase chorou de alívio.

O padre MacKechie pôs uma mão no ombro de Johanna.

— Será melhor que a levemos para dentro — murmurou.

Calum se apoiou sobre um joelho e se inclinou para levantar a mulher, mas Johanna lhe gritou:

— Não a toque!

— Milady, não podemos deixá-la aqui — argumentou Calum, tentando fazer com que a senhora fosse razoável. — Deixe que a leve para dentro.

— Gabriel a levará. — disse Johanna, inspirando profundamente para acalmar-se — Não quis gritar com você, Calum; perdoe-me, por favor. De qualquer modo, você não tem que carregá-la, pois os pontos poderiam soltar-se.

Calum assentiu: a desculpa da senhora o surpreendeu e o satisfez.

— Está morta? — perguntou Keith.

Johanna fez um gesto negativo. Gabriel a ajudou a levantar-se e em seguida se inclinou para levantar em seus braços à mulher MacKay.

— Tome cuidado com ela — murmurou Johanna.

— Onde quer que a leve? — perguntou Gabriel. Ergueu-se com a moça ferida nos braços.

— Dêem-lhe meu quarto. — propôs o padre MacKechnie — Por esta noite, encontrarei outro lugar onde dormir.

— Acredita que viverá? — perguntou Calum, caminhando junto ao lorde.

— Como demônios posso sabê-lo?

— Viverá — afirmou Johanna, rogando estar certa.

Calum se adiantou para abrir as portas e Johanna entrou atrás de seu marido. Nesse momento, Hilda entrava no salão pela porta dos fundos. Viu a senhora e a chamou.

— Poderia falar um minuto sobre o menu desta noite para os convidados?

— Não teremos convidados. — respondeu Johanna — Preferiria jantar com o próprio demônio ou até com o rei John antes de suportar os MacInnes.

Hilda abriu os olhos, surpresa. Johanna começou a subir a escada, mas se deteve.

— Pelo jeito, hoje grito com todo mundo. Perdoe-me, Hilda, por favor. Não é um bom dia para mim.

Não esperou que Hilda aceitasse a desculpa e correu escada acima. Instantes depois, a estranha estava deitada. Gabriel ficou junto a ela enquanto Johanna a examinava para ver se tinha ossos quebrados.

— Pelo jeito, está inteira. — murmurou Johanna — O que me preocupa são os golpes na cabeça. Gabriel, olhe o inchaço que tem sobre a têmpora. Não sei quão grave pode ser. Talvez não recupere a consciência.

Johanna não se deu conta de que estava chorando até que seu marido lhe ordenou que cessasse de fazê-lo.

— Se desmoronar, não fará nenhum bem a ela. O que precisa é sua ajuda, não suas lágrimas.

É obvio, tinha razão. Johanna secou as lágrimas com o dorso das mãos.

— Por que cortaram seu cabelo desse modo?

Inclinou-se e tocou a cabeça da mulher. Clare MacKay tinha espesso cabelo castanho escuro que caía escorrido, mas que apenas lhe cobria as orelhas. As mechas desiguais indicavam que os MacInnes não tinham usado tesouras e sim uma faca.

Johanna compreendeu que queriam humilhá-la: sim, por isso cometeram um ato tão vil.

— É um milagre que ainda respire. — disse Gabriel — Johanna, faça o possível. Agora, farei o padre MacKechnie entrar para que lhe administre os últimos sacramentos.

Johanna quis gritar que não: a extrema-unção só se dava às pobres almas às portas da morte. A razão lhe dizia que era algo justo, mas a mulher ainda respirava, e não queria sequer pensar que não se recuperasse.

— É só por precaução — insistiu Gabriel, tentando convencê-la.

— Sim. — murmurou Johanna — É só uma precaução. — ergueu-se — A deixarei mais confortável — anunciou em seguida. Atravessou o quarto para pegar a jarra de água e a tigela que estavam sobre a arca e os levou junto à cama. Ia deixá-los no chão, mas Gabriel aproximou a arca e em seguida se encaminhou para a porta enquanto Johanna corria outra vez pelo quarto em busca de uma pilha de panos de linho.

Gabriel agarrou o trinco da porta, mas de repente se deteve e girou para sua esposa. Nesse momento, Johanna não lhe prestava a menor atenção. Aproximou-se da cama, sentou-se na borda e molhou um dos panos na tigela que acabava de encher com água.

— Me diga uma coisa — ordenou Gabriel.

— O que?

— Alguma vez lhe golpearam desta maneira?

Sem olhá-lo, Johanna respondeu:

— Não.

Em seguida precisou:

— Quase nunca me batia no rosto ou na cabeça. Mas em uma ocasião teve menos cuidado.

— E em outras partes do corpo?

— A roupa ocultava os machucados — respondeu Johanna, sem notar o quanto sua resposta afetava Gabriel. Era um milagre que ela tivesse aceitado casar-se com ele. Sentiu-se como um tolo: em lugar de Johanna, certamente jamais voltaria a confiar em ninguém!

— Não ficarão cicatrizes. — murmurou Johanna — Quase todo o sangue que tinha no rosto era do nariz. É um milagre que não o tenham quebrado. É uma linda mulher, não acha, Gabriel?

— Tem o rosto muito inchado para saber.

— Não deveriam ter lhe cortado o cabelo. Pelo jeito, esse castigo insignificante a obcecava.

— Cortar o cabelo foi o mais leve que lhe fizeram, Johanna. Não deveriam tê-la golpeado. Tratam melhor os cães.

Johanna assentiu. "E aos bois", pensou.

— Gabriel?

— O que?

— Me alegre de ter me casado com você.

Muito envergonhada para olhá-lo, Johanna fingiu estar muito atarefada retorcendo o pano para tirar toda a água.

O homem sorriu:

— Eu sei, Johanna.

Na verdade, essa arrogância era excessiva! Mas o coração de Johanna se enfraqueceu ao ouvi-lo. Moveu a cabeça e em seguida se concentrou em tirar o sangue do rosto de Clare MacKay. Enquanto o fazia, murmurava palavras de consolo. Embora não acreditasse que Clare a ouvisse, a própria Johanna se sentia melhor repetindo uma e outra vez que agora Clare estava a salvo. Também lhe prometeu que ninguém voltaria a machucá-la.

Gabriel abriu a porta e viu que o corredor estava cheio de mulheres com a túnica dos MacBain. Diante do grupo estava Hilda.

— Queremos nos oferecer para ajudar a cuidar da mulher — disse.

— Antes que entrem, o padre MacKechnie tem que lhe administrar os últimos sacramentos.

O sacerdote esperava atrás do grupo de mulheres. Ouviu as palavras do lorde e imediatamente abriu caminho entre as mulheres, pedindo paciência. Entrou no quarto, aproximou-se dos pés do leito onde apoiou seu saco e tirou uma estola púrpura, longa e estreita. Beijou ambos os extremos, murmurou umas orações e colocou a estola no pescoço.

Gabriel fechou a porta e desceu. Calum e Keith o esperavam ao pé das escadas e seguiram o chefe ao salão.

Gabriel viu a túnica sobre o chão, diante da lareira e viu que o cão não estava.

— Onde diabos está Dumfries?

— Rondando por aí — especulou Calum.

— Saiu cedo esta manhã. — acrescentou Keith.

Gabriel sacudiu a cabeça. Se Johanna soubesse que o cão se foi, armaria um escândalo: preocupavam-na os pontos na ferida do animal.

Com um esforço, Gabriel se concentrou em assuntos mais importantes.

— Calum, reúna todos os soldados MacBain — ordenou — Quero que cada um deles me assegure que não tocou em Clare MacKay.

— E acredita...?

Ao ver o semblante do lorde, Keith se interrompeu.

— Keith, nenhum de meus guerreiros mentirá a mim — alfinetou Gabriel.

— E se um deles admite ter passado a noite com a mulher? O que

fará nesse caso?

— Isso não é assunto teu, Keith. Quero que vá até o território de lorde MacKay e lhe conte o que aconteceu hoje aqui.

— Digo-lhe que a filha está moribunda ou suavizo as coisas?

— Diga que lhe administraram a extrema-unção.

— E lhe digo que um MacBain...?

— Conte exatamente a acusação do lorde MacInnes — ordenou Gabriel, impaciente — Maldito seja! Por que não matei esses miseráveis quando tive a oportunidade?

— MacBain, se o tivesse feito, teria desencadeado uma guerra — argumentou Keith.

— A guerra já foi declarada — disse Gabriel em tom cortante — Acredita acaso que deixarei passar o fato de que o filho do lorde tentou matar minha esposa?

Ao terminar a pergunta, estava gritando. O guerreiro MacLaurin sacudiu a cabeça.

— Não, lorde — se apressou a exclamar — Não esquecerá, e eu estarei do seu lado.

— Melhor para você! — replicou Gabriel.

Calum se adiantou para eles.

— É provável que os MacKay também declarem guerra se acreditarem que um MacBain comprometeu Clare MacKay.

— Nenhum de meus homens é capaz de cometer um ato tão desonroso — afirmou Gabriel.

Calum fez um gesto afirmativo, mas Keith não estava convencido.

— MacInnes disse que viram suas cores — recordou ao lorde.

— Estava mentindo — argumentou Calum.

— Lorde MacInnes também assegurou que Clare MacKay

admitiu ter passado a noite com um MacBain — disse Keith.

— Então ela também mentiu.

Gabriel deu-lhes as costas.

— Já atribui suas tarefas. Cumpram.

Imediatamente, os dois soldados partiram do salão e Gabriel ficou um longo momento de pé junto à chaminé.

Tinha nas mãos um problema bastante complicado. Estava absolutamente seguro de que nenhum de seus homens era responsável pela desgraça de Clare MacKay. E, entretanto, tinham visto um manto com as cores dos MacBain... Três meses atrás.

— Demônios! — murmurou. Se lorde MacInnes dizia a verdade, havia só uma resposta possível, só um homem podia ser responsável por esta confusão.

Nicholas.

Capítulo 12

Clare MacKay não despertou até a manhã seguinte. Johanna permaneceu com ela quase toda a noite, até que Gabriel entrou no quarto e quase a arrastou para fora. Hilda a substituiu de boa vontade no cuidado da doente.

Johanna acabava de retornar ao quarto e de sentar-se em uma cadeira junto à cama de Clare quando a moça abriu os olhos e lhe falou.

— Ouvi que me sussurrava.

Johanna se sobressaltou. Levantou-se de um salto e se aproximou de Clare.

— Está acordada — murmurou, aflita de alívio.

Clare assentiu.

— Como se sente? — perguntou-lhe Johanna.

— Dói-me tudo, da cabeça até os pés.

— Você está machucada da cabeça aos pés — respondeu Johanna — Também dói a garganta? Está rouca.

— É que gritei muito. — disse Clare — Poderia me dar um pouco de água?

Johanna correu procurar a taça. Ajudou Clare a sentar-se com a maior suavidade possível e, mesmo assim, a mulher fez uma careta de dor. Quando agarrou a taça, a mão lhe tremia.

— Um sacerdote esteve aqui? Acho que ouvi alguém rezar.

— O padre MacKechnie lhe administrou os últimos sacramentos. — explicou Johanna. Deixou a taça sobre a arca e voltou a sentar-se na cadeira — Não sabíamos se sobreviveria. Foi só uma precaução — acrescentou depressa.

Clare sorriu: tinha formosos dentes brancos e olhos castanho-escuros. Claro que o rosto ainda estava muito inchado e, ao ver que tentava não se mover, Johanna soube que devia sofrer dores intensas.

— Quem lhe fez isto?

Clare fechou os olhos e evitou a pergunta formulando outra.

— A outra noite... você disse que eu estava a salvo. Recordo que me disse isso baixinho. Era verdade? Estou segura aqui?

— É obvio que sim.

— Onde estamos?

Sem demora, Johanna se apresentou e lhe explicou o acontecido, sem mencionar que tinha cravado uma flecha na coxa de Robert MacInnes e que o marido tinha lançado outra no ombro. Quando finalizou, Clare começava a ficar sonolenta.

— Falaremos mais tarde. — prometeu — Agora durma, Clare. Pode ficar conosco o tempo que desejar. Dentro de um instante Hilda lhe trará algo para comer. Você...

Ao ver que Clare MacKay estava profundamente adormecida, Johanna parou de falar. Agasalhou a moça, arrastou a cadeira para trás e saiu.

Quando Johanna entrou na antecâmara conjugal, Gabriel estava colocando as botas.

— Bom dia, milorde. — o saudou — Dormiu bem?

Gabriel ficou carrancudo. Johanna foi até a janela e tirou as peles que a cobriam. Ao ver o tom dourado do céu soube que fazia poucos minutos que tinha amanhecido.

— Disse que ficasse na cama. — disse o homem — Acaso esperou que dormisse para voltar a sair?

— Sim.

O semblante de Gabriel ficou mais sombrio e Johanna tratou de suavizá-lo.

— Pensei em descansar uns minutos antes de descer. Estou fatigada.

— Parece meio morta.

— Minha aparência não tem importância — afirmou, enquanto arrumava uns cachos soltos e tentava colocá-los de novo na trança.

— Venha aqui, Johanna.

A jovem atravessou o quarto e se deteve diante dele. Gabriel desatou o cinto que segurava a túnica.

— Ficará onde eu a colocar. — Afirmou.

Johanna deu-lhe uma palmada nas mãos.

— Milorde, eu não sou uma jóia nem uma quinquilharia que pode tirar de uma prateleira quando assim o desejar.

Gabriel segurou-lhe o queixo, inclinou-se e a beijou. Só queria que mudasse de humor, mas os lábios de Johanna eram tão suaves e excitantes que esqueceu. Rodeou-a com os braços e a ergueu.

Os beijos de Gabriel a fizeram sentir-se fraca e aturdida. Rodeou-lhe a cintura com os braços e apertou-se contra ele, pensando que estava tudo bem permitir que a distraísse de seus pensamentos. Acaso não era seu marido? Além disso, enquanto a beijava não podia ficar carrancudo... nem recriminá-la.

Não lembrava de ter se despido nem metido na cama. Gabriel deve tê-la levado e ele também se despiu. Cobriu-a com seu corpo, tomou o rosto entre as mãos e lhe deu um beijo arrasador, esfregando sua língua contra a de Johanna.

A jovem adorava tocá-lo, sentir a pele cálida do marido sob os dedos, acariciar os músculos fortes dos antebraços e dos ombros. Ao envolvê-lo com os braços, Johanna sentia que captava a energia e a força do homem.

Para Johanna, Gabriel era uma maravilha, uma descoberta. Embora fosse o mais hábil e forte dos guerreiros, quando a acariciava era incrivelmente suave.

Saber que podia fazê-lo perder o controle a encantava e não precisava imaginar: Gabriel o dizia. Com ele, sentia-se... livre, desinibida, pois o marido gostava de tudo o que ela desejava fazer.

Claro que Gabriel também fazia Johanna perder o controle. Não era que gritasse, mas quando Gabriel deixava de excitá-la e se movia para penetrá-la, Johanna estava desesperada para que ele pusesse fim a essa doce tortura.

A mulher gritou quando a penetrou, e o homem se deteve imediatamente.

— Por Deus, Johanna, não quis...!

— Oh, Deus, espero que queira sim! — murmurou Johanna. Cravou as unhas em suas costas, rodeou-lhe as coxas com as pernas e se apertou contra ele — Gabriel, agora não quero que se detenha, quero que se mova.

Gabriel acreditou que tinha morrido e estava no paraíso. Sem fazer caso da exigência de Johanna, apoiou-se sobre os cotovelos e a olhou nos olhos. Ao ver neles tanta paixão, quase perdeu o controle. Senhor, era tão linda... E se entregava por inteiro!

— É uma moça lasciva. — provocou com a voz rouca — Gosto disso. — acrescentou com um gemido, enquanto Johanna se remexia contra ele.

Gabriel acendeu nela a paixão e agora se negava a lhe dar o alívio ou a procurar o próprio.

— Marido, esta atividade requer sua participação. — protestou, frustrada além de todo limite.

— Primeiro queria te enlouquecer — disse Gabriel em um rouco murmúrio.

Resultou em uma ameaça vazia, pois Gabriel sentiu que era ele quem perdia a cabeça quando Johanna o atraíu para si, beijou-o com paixão e se moveu provocadora contra ele. A força de vontade o abandonou. Começou a mover-se de maneira compulsiva e exigente, embora não mais que sua esposa.

Alcançaram o prazer juntos. Johanna abraçou o marido sentindo que sucessivas ondas de êxtase a inundavam. Entre seus braços fortes se sentia segura, saciada e quase amada. Era mais do que jamais tinha tido e mais do que tinha sonhado.

Dormiu suspirando.

Gabriel acreditou que a tinha esmagado, pois Johanna soltou-se por inteiro entre seus braços. Virou de lado, murmurou o nome da mulher, e ela não respondeu. Mas respirava. Teria desmaiado de paixão? Gabriel sorriu, satisfeito com essa possibilidade, embora não se enganasse. Na realidade, Johanna estava exausta. Tinha passado quase a noite toda cuidando da enferma.

Inclinou-se sobre ela, beijou-lhe a testa e saiu da cama.

— Descansará — murmurou, e sorriu. "Agora esta mulherzinha me obedece". Claro que não escutou a ordem, pois já estava profundamente adormecida, mas mesmo assim regozijava-se por ter dado uma ordem e saber que obedeceria.

Agasalhou a esposa, vestiu-se e saiu em silêncio do quarto.

O dia tinha começado de maneira agradável, mas não demorou a desandar. Calum esperava o lorde no salão para anunciar que tinha chegado outro pedido do barão Goode solicitando uma audiência com lady Johanna. Outra vez, o mensageiro chegava do feudo do lorde Gillevrey e esperava junto a Calum para receber a resposta de Gabriel.

— O barão espera no limite de suas terras? — perguntou Gabriel.

— Não, lorde. Enviou um representante. Propõe-se a convencer lady Johanna de que se encontre com o barão Goode perto da fronteira com a Inglaterra.

Gabriel meneou a cabeça.

— Minha esposa não irá a lugar algum. Não quer falar com o barão Goode. Agora a Inglaterra é parte de seu passado e aqui só pensa no futuro. Diga a seu lorde que agradeço por atuar como intermediário e que lamento que o inglês lhe tenha causado aborrecimento. Acharei uma forma de compensar seus esforços por manter o barão e seus vassalos longe de minhas terras.

— O que quer que diga ao representante? — perguntou o soldado — Eu memorizarei cada palavra, lorde MacBain, e as transmitirei tal como você as diga.

— Diga que minha esposa não falará com nenhum barão e que seria muito tolo se continuasse importunando-a.

O mensageiro fez uma reverência e saiu do salão. Gabriel se dirigiu a Calum.

— Não dirá a minha esposa. Não tem nenhuma necessidade de saber que o barão continua tentando vê-la.

— Como ordenar, lorde.

Gabriel assentiu. Ainda que tentasse tirar da cabeça o barão inglês, o dia não melhorou. Os MacLaurin estavam descuidando de suas responsabilidades e antes do meio-dia houve três acidentes. Os soldados estavam preocupados e se comportavam como se tivessem recebido uma grave ofensa e não pudessem suportar a idéia de trabalhar junto aos MacBain. Pelo jeito, culpavam-nos pela situação em que acreditavam encontrar-se.

Por estranho que fosse, aos MacLaurin não agradava muito guerrear, e isso confundia Gabriel. Pensou que poderiam ter perdido o zelo guerreiro depois de ver-se despojados de tudo o que tinham depois do último ataque dos ingleses. Mesmo assim, essa característica era vergonhosa: os highlanders deveriam estar dispostos a enfrentar a luta, não a abandoná-la.

A união dos dois clãs estava levando mais tempo do que Gabriel tinha imaginado. Quis que os membros de cada clã tivessem tempo para adaptar-

se às mudanças, mas compreendia que tinha sido muito tolerante. Isso tinha que terminar. Se os seguidores não deixassem de lado suas diferenças, se expunham ao descontentamento do lorde.

O trabalho no muro ia a passo lento. Em qualquer dia, um soldado MacBain era capaz de realizar o trabalho de três MacLaurin, mas nesse dia não ocorria o de costume. Os MacLaurin murmuravam como velhos: era evidente que não tinham a atenção posta no trabalho e não se fez nenhum progresso significativo.

Gabriel estava com a paciência esgotada. Estava já disposto a desafiar os mais queixosos quando Calum o procurou para anunciar a chegada de outro mensageiro. Gabriel não estava com humor para interrupções: preferia fazer chocar entre si as cabeças de alguns MacLaurin. Por outro lado, tampouco o alegraram muito as notícias que recebeu, ainda que achasse que a sua esposa a agradariam.

Queria que Johanna fosse feliz. Embora não entendesse por que, era sincero o bastante para admitir que a felicidade de sua esposa era importante para ele.

Demônios, estava amolecendo! Quando deu permissão ao mensageiro para partir, o homem estava tremendo. Fez repetir a mensagem que queria que levasse no retorno a Inglaterra, pois o homem se distraiu quando Dumfries entrou correndo no salão. O cão rosnou, o mensageiro deu um salto e Gabriel sorriu pela primeira vez essa manhã.

A reação de Johanna diante das novidades não foi a que Gabriel esperava. O lorde pretendia esperar até a hora do jantar para dizer-lhe, mas Johanna desceu no exato momento em que o mensageiro tratava de fugir pelas portas fechadas e quis saber o que o estranho queria.

Dumfries dava dentadas nos calcanhares do mensageiro e Johanna se horrorizou que um visitante recebesse semelhante trato. Afastou o cão e abriu as portas para que o homem sáísse. Desejou-lhe bom dia, mas o homem não a ouviu: já estava na metade do pátio, correndo como louco, e certamente as gargalhadas de Gabriel devem ter abafado a saudação de Johanna.

Johanna fechou a porta e subiu os degraus. O marido estava de pé junto à lareira, sorrindo como uma pessoa que recebeu muitos presentes na manhã de Natal. Ao vê-lo, Johanna meneou a cabeça.

— Milorde, é descortês assustar um visitante.

— É um inglês, Johanna — explicou o homem, acreditando que era uma desculpa adequada.

O semblante de Johanna adotou uma expressão aflita. Transpôs os degraus e se aproximou do marido.

— Era um mensageiro, não é? Quem o enviou? O rei John? Ou foi o barão Goode que solicitou outra audiência?

Em menos de um minuto, tinha passado da aflição ao terror. Gabriel sacudiu a cabeça.

— Não trouxe más notícias, esposa: a mensagem provém de sua mãe.

Johanna agarrou a mão de Gabriel.

— Está doente?

Gabriel se apressou a tranquilizá-la, pois odiava vê-la assustada.

— Não está doente. — disse — Ao menos, não acho. — acrescentou — Se estivesse doente não viria aqui, não acha?

— Minha mãe vem até aqui? — exclamou. Gabriel ficou atônito, pois Johanna parecia a ponto de desmaiar e essa não era a reação que esperava.

— A notícia não a alegra?

— Preciso me sentar.

Deixou-se cair em uma cadeira e Gabriel se aproximou.

— Me diga uma coisa, esposa: a notícia não a alegra? Se for assim, direi a Calum que alcance o mensageiro e lhe diga que rejeite o pedido.

Johanna ficou de pé.

— Não fará tal coisa. Quero ver minha mãe.

— Em nome de Deus! O que acontece? Por que se comporta como se tivesse recebido más notícias?

Johanna não lhe prestou atenção: sua mente oscilava de um a outro pensamento. Teria que organizar a casa, sim, isso era o primeiro. Terei que

banhar Dumfries. Haveria tempo de ensinar boas maneiras ao cão? Johanna não permitiria que o galgo rosnasse para sua mãe.

Gabriel agarrou Johanna pelos ombros e lhe exigiu uma resposta. Johanna pediu que repetisse a pergunta.

— Por que não é boa a notícia?

— É maravilhosa. — replicou a jovem, olhando-o como se acreditasse que o marido se tornou louco — Gabriel, faz quatro anos que não vejo minha mãe. Será um reencontro feliz.

— E então, por que parece chateada?

Johanna lhe afastou as mãos de seus ombros e começou a caminhar em frente à lareira.

— Há tanto que fazer antes que minha mãe chegue...! Dumfries precisa de um banho. O castelo precisa de uma limpeza completa. Gabriel, não quero que o cão rosne para minha mãe: terei que lhe ensinar boas maneiras. Oh, Deus... Boas maneiras! — Girou para enfrentar ao marido — Os MacLaurin carecem completamente delas.

Ao dizer este último Johanna gritava, e Gabriel não soube se ria ou irritava-se diante da atitude aflita da esposa.

Decidiu-se por sorrir, e ao vê-lo, Johanna franziu o semblante.

— Não quero que insultem minha mãe — alfinetou.

— Esposa minha, ninguém a insultará.

A mulher soltou um bufo desdenhoso.

— Tampouco quero que a desiludam: ensinou-me a ser uma boa esposa. — Esperou, com as mãos na cintura, mas o marido não tinha nada a dizer — E então? — exigiu, ao ver que Gabriel permanecia em silêncio.

O homem exalou um suspiro.

— E então o que?

— Supõe-se que tem que me dizer que sou uma boa esposa — exclamou, com evidente frustração.

— Certo — a tranquilizou — é uma boa esposa.

Johanna negou com a cabeça.

— Não, não sou.

Gabriel revirou os olhos: o que esta mulher esperava dele? Imaginou que o diria quando conseguisse acalmar-se e esperou.

— Fui negligente com minhas responsabilidades. Mas tudo isso acabou. Começarei esta noite a ensinar bons maneiras a seus homens.

— Vamos, Johanna. — começou Gabriel em tom de advertência — Os homens são...

— Gabriel, não se intrometa. Deixe por minha conta. Os soldados escutarão minhas instruções. Acha que estará de volta para o jantar? — perguntou.

Essa pergunta o confundiu. Estava em casa nesse momento, e o jantar seria servido em poucos minutos. Mas lembrou que Johanna estava alterada e talvez não soubesse a hora que era.

— Estou aqui agora. — recordou — E o jantar...

Johanna não o deixou terminar.

— Tem que ir.

— O que?

— Vá procurar Alex, marido. Tive muita paciência com você. — acrescentou, ao ver que franzia o semblante — Quando minha mãe chegar, seu filho tem que estar aqui. É provável que Alex também precise de um banho. Levarei-o ao rio junto com Dumfries. Só Deus sabe que tipo de modos ensinaram a seu filho! Talvez, nenhum. — Fez uma pausa e suspirou — Vá buscá-lo.

Depois desta última ordem, tentou sair do salão, mas Gabriel a segurou e a obrigou a voltar-se para ele.

— Você não me dá ordens, esposa.

— É incrível que aproveite esta oportunidade para ser áspero!

Hoje não tenho tempo de te acalmar. Tenho coisas importantes a fazer. — acrescentou — Quero que Alex esteja em casa. Acaso quer me envergonhar diante de minha mãe?

Pareceu horrorizada diante de tal possibilidade. Gabriel exalou um prolongado suspiro. Quase não recordava a sua própria mãe e não entendia por que Johanna se agitava tanto diante da visita da sua. Evidentemente, era importante que tudo saísse bem.

E como queria que a esposa fosse feliz, decidiu lhe informar os motivos verdadeiros da ausência de Alex.

— Alex ficará com os parentes até que...

— A construção do muro está muito demorada — o interrompeu.

— Esposa, existe outro motivo.

— Qual?

— Não quero que esteja aqui até que os MacLaurin e os MacBain tenham superado suas diferenças. Não quero que Alex sofra nenhum... desprezo.

Até Gabriel lhe dar essa última explicação, Johanna estava tentando soltar-se dele, mas ao ouvi-la ficou imóvel com expressão incrédula.

— Por que alguém faria uma ofensa a Alex? É seu filho, não é?

— Possivelmente.

— Você o reconheceu. Agora não pode voltar atrás. Gabriel: Alex acredita que é seu pai.

O homem cobriu-lhe a boca com a mão para que deixasse de lhe dar instruções. Dirigiu-lhe um sorriso repleto de ternura, pois compreendeu que jamais tinha ocorrido a esta gentil mulher negar a Alex seu legítimo lugar na casa. Demônios, o que Johanna exigia não era mais do que um negócio justo!

Merecia compreender os motivos pelos quais o menino estava ausente. Gabriel a puxou até a cadeira, sentou-se e colocou Johanna no colo.

Imediatamente, Johanna se tornou tímida. Não estava habituada a sentar-se no colo do marido: qualquer um que entrasse os veria. Por uns instantes, preocupou-se com essa possibilidade, e em seguida a desprezou. O que

importava o que os outros pensassem? Além de tudo, Gabriel era seu marido e tinha direito. Por outro lado, lhe agradava estar sentada sobre as pernas do marido.

Para falar a verdade, começava a gostar dele de um modo que não tinha acreditado possível.

— Basta de sonhos. — ordenou Gabriel, ao ver sua expressão. Com o olhar perdido no espaço, Johanna parecia sonhar — Quero explicar algo.

— Sim, meu marido?

Colocou um braço em volta do pescoço e começou a acariciá-lo. Pediu-lhe que parasse, mas Johanna não deu atenção, e Gabriel ficou carrancudo.

— Quando os MacLaurin tinham uma necessidade desesperada de um chefe, enviaram-me uma delegação.

Johanna assentiu, com expressão perplexa porque não entendia por que Gabriel contava o que já sabia, mas não o interrompeu. O semblante do marido estava concentrado, e a mulher soube que seria descortês interrompê-lo para lhe dizer que já sabia por que era o lorde. Nicholas tinha explicado e o padre MacKechnie tinha lhe proporcionado mais detalhe com grande entusiasmo.

Por outro lado, estava o fato de que pela primeira vez Gabriel perdia tempo em compartilhar suas preocupações com a esposa. Compreendesse ou não, a fazia sentir-se importante e participativa de sua vida.

— Por favor, continue — lhe pediu.

— Ao terminar a batalha, quando os ingleses já não constituíam uma ameaça, os MacLaurin concordaram em continuar me considerando seu chefe. Claro que não tinham alternativas. — acrescentou com um gesto — Por outro lado, não aceitaram meus seguidores de bom grado.

— Acaso os soldados MacBain não lutaram junto com os MacLaurin contra os ingleses?

— Sim.

— E então por que os MacLaurin não estão agradecidos? Esqueceram isso?

Gabriel negou com a cabeça.

— Nem todos os MacBain podiam lutar, como Augie, por exemplo. É muito velho. Eu achei que, com o tempo, os MacLaurin e os MacBain aprenderiam a conviver, mas agora compreendo que isso não acontecerá. Esgotou-me a paciência, esposa. Ou os homens aprendem a dar-se bem e a trabalhar juntos ou sofrerão minha cólera.

Ao concluir a explicação estava rosando igual a Dumfries. Johanna lhe acariciou o pescoço.

— O que acontece quando te encoleriza?

Gabriel se encolheu de ombros:

— Geralmente, mato a alguém.

Convencida de que o marido estava brincando, sorriu.

— Não permitirei brigas em minha casa, marido. Terá que ir matar em algum outro lugar.

Gabriel ficou tão perplexo que não protestou pela ordem: Johanna acabava de chamar o castelo de "minha casa". Era a primeira vez, pois até o momento sempre se referiu ao lar de Gabriel. E ele não tinha compreendido quanto o incomodava essa exclusão.

— Este é seu lar?

— Sim, não é verdade?

— Sim. — admitiu — Johanna, quero que seja feliz aqui. — disse, perplexo com sua própria confissão. Johanna não pôde evitar zangar-se um pouco diante da perplexidade do marido.

— Parece surpreso — disse.

"Que olhos tão lindos! — pensou em seguida — Acho que poderia contemplá-los o dia todo sem me aborrecer. Na verdade, é um diabo de charmoso."

— Estou surpreso — admitiu Gabriel.

De súbito, teve desejo de beijá-la. Essa boca e esses olhos o

tentavam. Os olhos eram do azul mais claro que jamais tinha visto. "Gosto até do modo como franze o semblante — pensou Gabriel, sacudindo a cabeça — As esposas alguma vez deveriam manifestar aborrecimento aos maridos, não é?"

— Alguns maridos querem a felicidade de suas mulheres — refletiu Johanna em voz alta — Por certo, meu pai queria que minha mãe fosse feliz.

— E o que era que desejava sua mãe?

— Amar meu pai — respondeu.

— E o que é que você quer?

Johanna meneou a cabeça: não estava disposta a lhe dizer que queria amá-lo. "Essa declaração me faria vulnerável, não é?", pensou.

— Eu sei o que você quer. — exclamou Johanna, tentando distraí-lo de seus próprios sentimentos — Quer que me sente junto ao fogo a costurar e que descanse todos os dias. Isso é o que quer.

Gabriel a sentiu tensa entre seus braços e notou que já não lhe acariciava o pescoço, mas sim puxava-lhe o cabelo. Gabriel a pegou pela mão e voltou a sentá-la sobre suas pernas.

— Oh, esqueci algo! — exclamou a jovem — Também desejava que fique onde me põe, não é verdade?

— Não zombe de mim, esposa. Não estou com humor para isso.

Johanna não zombava, mas compreendeu que não convinha dizê-lo. Não queria irritá-lo. Queria que continuasse de bom humor para que a deixasse fazer as coisas a seu modo.

— Há mais de uma maneira de estripar um pescado — disse Johanna.

Gabriel não soube a que se referia e acreditou que tampouco Johanna sabia e, portanto, não lhe pediu que explicasse.

— Acredito que, chegado o momento, acostumaremos-nos um ao outro — disse Gabriel.

— Parece que está se referindo aos MacBain e aos MacLaurin —

replicou a mulher — Está se acostumando a mim?

— Custa-me mais tempo do que esperava.

Estava provocando-a e Johanna tentou ocultar o quanto a perturbava, ainda que a expressão dos olhos a delatasse. Nesse momento, eram da cor do fogo azul. Sim, certamente estava irritada.

— Não tenho muita experiência com o casamento — recordou Gabriel.

— Eu sim. — alfinetou Johanna.

Gabriel moveu a cabeça.

— Você não esteve casada: esteve cativa. Há uma grande diferença.

Johanna não pôde discutir. Era verdade que tinha estado cativa, mas não queria se aprofundar no passado.

— O que tem que ver meu primeiro casamento com o que estávamos discutindo?

— O que é que estávamos discutindo?

— Falávamos de Alex. — gaguejou Johanna — Te dizia que há mais de uma maneira de descarnar um pescado. Não entende?

— Como quer que a entenda? Aqui ninguém limpa pescados.

Johanna acreditou que o marido se fingia de obtuso. Não tinha dúvidas de que não valorizava os sábios provérbios.

— Quis dizer que sempre há várias maneiras de obter um propósito — explicou — Não empregarei a força para fazer com que os MacLaurin se comportem como devem. Usarei outros métodos.

Viu que enfim Gabriel considerava o assunto e o pressionou para obter vantagens.

— Disse-me que devia confiar em você. Na realidade, ordenou-me isso. — recordou — Agora eu ordeno o mesmo. Confie que serei capaz de cuidar de Alex. Por favor, traga-o para casa.

Gabriel não pôde negar-lhe.

— Certo. — aceitou com um suspiro — Amanhã o trarei, mas só para uma breve visita. Se tudo caminhar bem, ficará. Do contrário...

— Tudo sairá bem.

— Não quero expô-lo.

— Não, claro que não.

Tentou descer do colo de Gabriel, mas ele a reteve.

— Johanna.

— O que?

— Confia em mim?

Johanna o olhou nos olhos um longo momento e Gabriel acreditou que estava pensando antes de responder. Essa possibilidade o irritou. Já fazia mais de três meses que estavam casados e era tempo suficiente para que tivesse aprendido a confiar nele.

— Sua hesitação me irrita — alfinetou.

Johanna não pareceu muito perturbada. Acariciou-lhe um lado do rosto com a mão.

— Vejamos — murmurou — Sim, Gabriel, confio em você.

Inclinou-se e o beijou. O tom da voz acompanhando o gesto de carinho fez Gabriel sorrir.

— Você confia em mim?

Quase riu, mas compreendeu que Johanna falava a sério.

— Johanna, um guerreiro não confia em ninguém mais que em seu lorde.

— Os maridos deveriam confiar nas esposas, não?

Gabriel não sabia.

— Não acredito que seja necessário. — esfregou o queixo e acrescentou — Não, seria uma estupidez.

— Gabriel?

— Sim?

— Me dá vontade de arrancar o cabelo.

— Desculpe-me, senhora. — disse Hilda da entrada — Poderia lhe falar um momento?

Johanna saltou do colo do marido. Quando se voltou para a cozinheira para indicar que entrasse no salão, estava ruborizada.

— Quem está cuidando de Clare? —perguntou.

— Neste momento, ela está com o padre MacKechnie. — respondeu Hilda — Clare queria falar com ele.

Johanna fez um gesto afirmativo. Gabriel se levantou.

— Por que não me disse que estava acordada?

Sem lhe dar tempo de responder, Gabriel começou a subir as escadas, com Johanna grudada em seus calcanhares.

— Prometi-lhe que podia ficar — disse a jovem.

Gabriel não respondeu. Johanna afastou Dumfries do caminho e seguiu o marido.

— O que pensa fazer? — perguntou.

— Não farei outra coisa além de falar com ela, Johanna, não te aflija.

— Meu marido, Clare não está em condições de manter uma conversa muito prolongada, e talvez o padre MacKechnie esteja recebendo sua confissão. Não deve interromper.

No mesmo instante em que Gabriel chegava ao quarto, o padre MacKechnie saía e o lorde saudou o sacerdote e entrou. Johanna ia atrás do marido.

— Espere aqui enquanto falo com ela — ordenou Gabriel.

— Mas talvez tenha medo de você.

— Pois terá que suportá-lo. Fechou a porta no rosto de Johanna, sem lhe dar tempo de escandalizar-se pela grosseria. Johanna estava muito preocupada com Clare MacKay.

A jovem apoiou a orelha sobre a porta e tentou escutar, mas o padre MacKechnie, meneando a cabeça, afastou-a.

— Deve deixar que seu marido fale a sós com a moça — sugeriu o clérigo —. A esta altura tem que saber que seu marido jamais machucaria uma mulher.

— Oh, já sei! — disse Johanna precipitadamente — Mas Clare MacKay não sabe, não é?

O sacerdote não soube o que responder e Johanna mudou de assunto.

— Escutou a confissão de Clare?

— Sim.

Johanna deixou cair os ombros e para o padre MacKechnie pareceu uma reação estranha.

— A confissão é um sacramento. — recordou o padre à senhora do castelo — A moça queria a absolvição.

— A que preço? — perguntou Johanna, em um sussurro.

— Moça, não compreendo sua pergunta.

— Refiro-me à penitência. — se apressou em esclarecer Johanna — Foi severo, não é?

— Sabe que não posso lhe dizer.

— Agradava ao bispo Hallwick gabar-se das penitências que dava — disse Johanna.

O padre MacKechnie pediu que desse exemplos e Johanna deixou

para o final o que mais lhe repugnava.

— Uma perna por um ovo. — disse Johanna — Depois de sugerir que meu marido infligisse esse castigo a uma criada, o bispo Hallwick riu.

O padre MacKechnie a crivou de perguntas, e sacudiu a cabeça diante das respostas da jovem.

— Envergonha-me ouvi-lo — admitiu o padre — pois preferia acreditar que todos os sacerdotes são homens bons que estão na terra para realizar a importante tarefa de Deus. Quando o bispo Hallwick comparecer diante do Criador e tiver que explicar tanta crueldade deliberada, chegará o momento de ajustar contas.

— Mas, padre, a Igreja respalda o bispo. Ele tira os castigos da Bíblia. Se até menciona o bastão...!

— Do que estamos falando? A que bastão se refere? — perguntou o sacerdote, muito confuso.

A confusão do sacerdote surpreendeu Johanna.

— A Igreja determina como o marido e a esposa devem que se comportar. — lhe disse — Uma boa esposa é submissa e Santa. A Igreja aprova que se golpeiem as mulheres e, de fato, recomenda o castigo, pois, se não as submetesse, tentariam dominar os maridos.

Fez uma pausa para tomar fôlego: esse assunto a inquietava, mas não queria que o sacerdote notasse. Se o padre MacKechnie lhe perguntasse o que a inquietava, teria que confessar algum pecado sombrio e, sem dúvida, mortal.

Indicou-lhe com as mãos a medida do bastão.

— Onde escutou essas regras?

— O bispo Hallwick me disse.

— Nem todos na Igreja acreditam...

— Mas têm que acreditar — interrompeu a jovem, já sem poder disfarçar o nervosismo. Retorcia as mãos e esperava que o sacerdote não notasse que estava a ponto de perder a compostura.

— E isso se deve a que, moça?

Como não compreendia? Afinal de contas, era um sacerdote e deveria estar familiarizado com as regras a que se sujeitavam as mulheres.

— Porque as mulheres são as últimas no amor de Deus — murmurou Johanna.

O padre MacKechnie manteve uma expressão imperturbável. Pegou Johanna pelo braço e a guiou pelo corredor: não queria que o lorde entrasse e visse a esposa em semelhante estado de inquietação.

Contra a parede contígua à escada havia um banco. O clérigo se sentou e indicou a Johanna que se sentasse junto a ele. Com a cabeça baixa, Johanna fingiu estar extremamente interessada em acomodar as dobras da túnica.

O padre MacKechnie esperou um minuto mais para que a senhora recuperasse a compostura antes de lhe pedir que explicasse o que disse.

— Como sabe que as mulheres são as últimas no amor de Deus?

— É a hierarquia. — respondeu a moça repetindo de cor o que lhe tinham ensinado, sem elevar a cabeça em nenhum momento. Quando concluiu, continuava sem olhar para o clérigo.

O padre se apoiou contra a parede.

— Bom. — começou — Me proporcionou uma lista considerável e tenho que refletir sobre isso. Diga-me algo, Johanna: na verdade acredita que o boi é lerdo...?

— O boi é estúpido, padre — interrompeu Johanna.

— Muito bem. — admitiu o sacerdote — Na verdade acredita que o estúpido boi tem no céu um lugar mais elevado que a mulher?

— Não — murmurou a jovem, elevando o olhar para ver como reagia o padre diante da sua resposta: não parecia horrorizado. Johanna tomou fôlego e soltou — Não acredito em nada disso. Sou uma herege, padre e, sem dúvida, arderei no inferno.

O sacerdote moveu a cabeça.

— Não acredito. — disse — É uma tolice inventada por homens assustados.

Agora foi Johanna que se apoiou na parede: era evidente que a atitude do padre MacKechnie a deixava perplexa.

— Mas os ensinamentos da Igreja...

— Johanna, são os homens que interpretam os ensinamentos: não esqueça esse fato fundamental. — Tomou a mão — Não é uma herege — lhe assegurou — E agora, escute o que tenho a dizer, Johanna. Há um só Deus, mas duas maneiras de olhá-lo: a maneira dos ingleses e a dos highlanders.

— Qual é a diferença?

— Alguns ingleses oram a um Deus vingativo — explicou o padre MacKechnie — Educam as crianças no temor de Deus. Ensinam que se cometem pecados sofrerão uma terrível vingança na outra vida, entende? Os highlanders são diferentes, embora não menos amados por Deus. Sabe o que significa a palavra "clã"?

— Filhos. — respondeu Johanna.

O sacerdote assentiu.

— Ensinamos nossos meninos a amar a Deus, não a lhe temer. Comparamo-lo com um pai bondoso e de bom coração.

— E o que acontece se um highlander comete um pecado?

— Se se arrepender, obtém o perdão.

Antes de voltar a falar, Johanna pensou longamente na explicação do clérigo.

— Isso significa que, afinal de contas, não estou perdida por acreditar que as mulheres não são as últimas no amor de Deus?

O padre sorriu.

— Não, não está condenada. — admitiu — Tem tanta coragem quanto um homem. Moça, para ser justo, não acredito que Deus tenha nenhuma lista de hierarquias.

Johanna se sentiu tão aliviada ao saber que não era a única com essas idéias e que não era herege por negar-se a acreditar nos ditados do bispo Hallwick que teve desejo de chorar.

— Não acredito que Deus aceite que se golpeiem as mulheres para que se submetam. — murmurou — Mesmo assim, não compreendo por que a Igreja tem regras tão cruéis referentes às mulheres.

O padre MacKechnie suspirou.

— Os que elaboraram essas regras foram homens atemorizados.

— A que temiam, padre?

— Às mulheres, claro. Johanna, não diga isto a ninguém, mas na verdade existem homens de Deus que acreditam que as mulheres são superiores e não querem ser dominados por elas. Também acreditam que as mulheres se servem de seus corpos para obterem o que desejam.

— Talvez algumas o façam. — aceitou Johanna — Mas não todas.

— Sim. — disse o sacerdote — Sem dúvida, as mulheres são mais fortes: ninguém pode discutir esse fato.

— Não somos mais fortes — protestou Johanna sorridente, convencida de que o padre brincava.

— Sim, são — replicou o padre. O sorriso da jovem era contagioso e não pôde evitar sorrir — Pensa acaso que muitos homens se animariam a ter mais de um filho se tivessem que passar pelo sofrimento do parto?

Johanna riu: a cena que descrevia o sacerdote era estranha.

— As mulheres receberam uma carga pesada nesta vida. — continuou o padre — Entretanto, sobrevivem e, mais até, encontram o modo de florescer em uma situação tão restrita. Certamente que, para fazer-se ouvir, têm que ser mais inteligentes que os homens.

A porta do quarto de Clare MacKay se abriu e Gabriel saiu, girou e a fechou atrás dele.

Johanna e o padre MacKechnie ficaram de pé.

— Obrigado, padre. — murmurou Johanna — Me ajudou a

resolver um problema difícil.

— A julgar pela expressão de seu marido, ele também deve precisar de ajuda para resolver seu problema — disse o sacerdote em um murmúrio, e em seguida elevou a voz e se dirigiu ao lorde — Lorde MacBain, resultou bem a conversa?

O semblante de Gabriel era prova suficiente de que não tinha resultado bem e Johanna pensou que o padre só tentava ser cortês.

Gabriel negou com a cabeça.

— Nega-se a dar o nome do responsável.

— É provável que não saiba o nome — disse Johanna, defendendo Clare de maneira instintiva.

— Johanna, ela disse-me que passou toda a noite com o soldado. Na verdade acredita que não perguntou o nome?

— Gabriel, não é necessário que levante a voz.

Depois de olhá-lo com expressão severa, Johanna quis passar junto a ele para entrar no quarto de Clare, mas Gabriel a puxou pelo braço.

— Deixa-a descansar. — ordenou — Enquanto a interrogava, adormeceu. —Dirigindo-se ao sacerdote, disse — Se não tivesse o rosto deformado pelos golpes, faria com que cada um de meus homens viesse vê-la. Talvez vê-la lhes refrescasse a memória.

— Então, você acredita que um MacBain...

— Não, não acredito que nenhum de meus homens seja responsável. — disse Gabriel — Meus homens são honestos.

— Clare disse que se tratava de um MacBain? — perguntou Johanna.

Gabriel negou com a cabeça.

— Tampouco me respondeu essa pergunta.

— MacBain, Keith retornou do feudo dos MacKay! — gritou Calum da entrada. Gabriel saudou o sacerdote com a cabeça, soltou a esposa e

desceu a escada. Ao sair, quase tirou as portas de suas dobradiças e Calum se apressou a ficar junto ao lorde. As portas se fecharam com um golpe atrás dos dois guerreiros.

Johanna passou a hora seguinte lutando com Dumfries para lhe tirar os pontos. O animal se comportou como um garotinho pequeno e, quando Johanna terminou, empregou bastante tempo para tranquilizá-lo. A jovem estava sentada sobre o chão e, sem dúvida, Dumfries não tinha consciência de quão grande era, pois insistia em subir no colo de Johanna.

Tinha certeza de que cheirava tão mal quanto o cão e soube que já era hora de que Dumfries recebesse um bom banho. Megan lhe conseguiu uma corda e Johanna atou um extremo ao pescoço do cão, pegou um recipiente com sabão aromatizado com rosas e arrastou o galgo colina abaixo.

No lago encontrou com Glynis. Johanna já estava um pouco mal-humorada: a permanente preocupação por Clare MacKay não a deixava em paz, e o comportamento desavergonhado de Dumfries a fatigava. Doíam-lhe os braços de arrastá-lo. Se estivesse mais serena, sem dúvida teria podido controlar melhor a ira.

Antes de perguntar por Clare MacKay, Glynis teve a cortesia de saudar a Senhora.

— Não pensa em deixar que essa rameira durma sob o mesmo teto que seu lorde, não é?

Johanna ficou imóvel. Girou com lentidão para a mulher MacLaurin.

— Clare MacKay não é uma rameira! — gritou. Pensou em dar um sermão a respeito das recompensas que receberia na outra vida se fosse bondosa, mas desistiu: o que Glynis merecia era um bom chute no traseiro. Johanna conteve o impulso e preferiu dar em troca um golpe à arrogância da mulher.

— Glynis, não quis gritar, pois não tem culpa de que a tenham feito acreditar que Clare MacKay é uma rameira. Não obstante, a julgar por seu apelido pensei que reservaria a opinião até conhecer todos os fatos. Se não o merecesse, os MacLaurin não lhe teriam posto semelhante apelido, não é assim? — disse, e saudou com um gesto às outras mulheres encarapitadas no muro.

Glynis moveu a cabeça: parecia confusa e aflita. Johanna lhe

dedicou um doce sorriso.

— A única prova de que Clare atuou de maneira desonesta é a palavra do lorde MacInnes, e não podemos acreditar em tudo o que diz esse sujeito, não é? Clare é bem-vinda ao meu lar e espero que a trate com dignidade e respeito. E agora, me desculpe, por favor. Dumfries e eu vamos ao Rush Creek Bom dia, Glynis.

Johanna segurou a corda com mais força e se afastou. Começou a contar enquanto ouvia as mulheres murmurarem a suas costas. Tinha certeza de que Glynis não poderia conter a curiosidade mais do que um ou dois minutos.

Enganou-se: a mulher MacLaurin a chamou antes que Johanna tivesse tempo de contar até dez.

— Milady, que apelido me colocaram?

Johanna girou com lentidão:

— Como, Glynis! Achei que sabia! Chamam-lhe "Pura".

Glynis soltou uma exclamação abafada e empalideceu. Johanna deveria ter se sentido incomodada pela mentira, mas não foi assim. "Esta MacLaurin se considera muito ardilosa com esses insultos dissimulados — pensou Johanna — e não sabe que eu já estou inteirada de que na realidade querem dizer o contrário".

— Dumfries — sussurrou — deixaremos-la cozer-se em seu próprio suco até amanhã. Então, Glynis compreenderá quão cruel resulta seu jogo e então lhe direi que eu inventei o apelido.

Mas os escrúpulos não a deixariam esperar tanto. Enquanto banhava o cão, já se sentia desgostosa. Estava convencida de que, se nesse momento um raio a matasse, iria direito ao inferno.

Resolveu ir à cabana de Glynis e lhe confessar seu pecado. Graças às sacudidas de Dumfries estava enopada dos pés a cabeça e enquanto retornava pelo caminho até o lago recebeu vários olhares curiosos.

— Milady, o que aconteceu? — perguntou Leila, afastando do cão e sem afastar o olhar dele enquanto esperava que a Senhora lhe respondesse.

— Dava um banho em Dumfries e me atirou dentro do rio — explicou Johanna — Duas vezes, para ser precisa. Onde vive Glynis? Preciso

falar com ela.

Leila lhe indicou a cabana e Johanna puxou o cão, amaldiçoando a obstinação do animal. Chegou à cabana, vacilou uns instantes enquanto tirava o cabelo do rosto e bateu na porta.

Glynis abriu e, ao ver que era a senhora, abriu os olhos, surpresa. Johanna viu que os tinha lacrimejantes. Acaso sua maliciosa afirmação a tinha feito chorar? Johanna se sentiu mais culpada ainda. E também um pouco surpresa, pois acreditou que uma mulher como esta, grande e robusta, quase masculina, não choraria jamais.

Viu o marido de Glynis sentado à mesa; não queria que ouvisse o que ela tinha a dizer.

— Tem um momento, Glynis? Queria lhe falar a sós.

— Sim, claro — respondeu Glynis. Olhou por cima do ombro e em seguida girou para a senhora com expressão aflita. Johanna soube que ela tampouco queria que o marido as escutasse.

Fizeram-se as apresentações: o marido de Glynis era uma cabeça mais baixa que a mulher, tinha cabelo vermelho, sardas no rosto e nos braços e formosos dentes brancos. Seu sorriso parecia sincero.

Johanna foi convidada a entrar, mas declinou com a maior delicadeza possível, usando como pretexto o estado em que se encontrava.

Pediu a Glynis que saísse. Assim que a mulher MacLaurin fechou a porta atrás dela, Johanna se aproximou.

Glynis começou a caminhar e em seguida se deteve, pois o grunhido surdo de Dumfries a intimidou.

— Vim dizer que eu mesma inventei o apelido. Ninguém a chama de "Pura" — afirmou Johanna — O fiz por rancor, Glynis, e sinto muito. Sei que causei uma mágoa desnecessária, mas devo dizer em minha defesa que me propunha a lhe dar uma lição. É doloroso que as coisas se voltem contra nós, não é?

Glynis não respondeu, mas ficou pálida. Johanna assentiu.

— Sei que foi você que inventou esse apelido que me deram. Também sei que ao me chamar de "Valente", na realidade queria dizer covarde.

— Isso foi antes, milady — gaguejou Glynis.

— Antes do que?

— Antes que a conhecesse bem e compreendesse que você não é absolutamente covarde.

Johanna não se deixaria aplacar pelo elogio: tinha certeza que Glynis procurava sair de uma situação embaraçosa.

— Não me agradam esses joguinhos tolos. — afirmou com um gesto — O padre MacKechnie alardeou que os highlanders nunca ocultam seus sentimentos, que não são adeptos dos subterfúgios.

Teve que parar para explicar o que significava a palavra antes de continuar.

— Glynis, devo dizer que admiro essa característica. Se na verdade acha que sou covarde, tenha a coragem de me dizer isso cara a cara, não recorra a jogos tolos. Causam dor... E se parecem muito com o que os ingleses costumam fazer.

Johanna pensou que se Glynis sacudisse a cabeça com mais veemência lhe romperia o pescoço.

— Contou a nosso lorde? — perguntou.

Johanna negou com a cabeça.

— Não é um assunto que lhe diga respeito.

— Milady, deixarei de pôr apelidos. — prometeu Glynis — E peço perdão se a feri com minha crueldade.

— Sentiu-se ferida pela minha?

Glynis demorou uns momentos em responder e em seguida assentiu:

— Sim — murmurou.

— Então, estamos quites. E Augie não é tolo. — acrescentou — Na realidade, é muito inteligente. Se passasse um tempo com ele o comprovaria.

— Sim, milady.

— Bem. — exclamou Johanna — Resolvemos o problema. Bom dia, Glynis.

Fez uma inclinação e começou a voltar-se. Glynis a seguiu até a beira do caminho.

— Milady, a chamávamos de "Valente" até que você curou Dumfries. Depois, trocamos o apelido.

Johanna não queria perguntar, mas a curiosidade pôde mais.

— E agora, como me chamam? — disse, preparando-se para escutar uma ofensa.

— Tímida.

— Tímida?

— Sim, milady. Chamamos de "Tímida".

De repente, Johanna ficou de bom humor e não deixou de sorrir por todo o caminho de volta.

Chamavam-na de "Tímida": era um bom começo.

Capítulo 13

Johanna não viu seu marido até a hora do jantar. Quando desceu a escada para o salão, os homens já estavam sentados diante das duas mesas. Nenhum deles se levantou. Gabriel ainda não tinha chegado. Tampouco estavam Keith e o padre MacKechnie. Os serviçais colocavam compridas vasilhas com carne sobre a mesa; sentia-se no ambiente o cheiro de cordeiro e uma onda de náuseas pegou Johanna desprevenida. Acreditou que o súbito mal-estar se devia ao comportamento dos soldados: agarravam punhados de comida das vasilhas antes que as colocassem diante deles. Não esperaram que o lorde chegasse ou o sacerdote para benzer a comida.

Já era suficiente. Se a mãe de Johanna fosse testemunha de uma conduta tão lamentável teria um ataque do coração. Johanna não queria que a envergonhassem diante de sua querida mãe. "Morro antes! — pensou — Ou mato um par de MacLaurin!" Eram os piores, embora, certamente, os MacBain se esforçassem para ficarem no mesmo nível.

Megan viu a Senhora de pé na entrada do salão. Chamou-a e, pensando que Johanna não podia ouvi-la pela algazarra que faziam os homens, cruzou o salão para lhe falar.

— Tomará o jantar? — perguntou-lhe.

— Sim, claro.

— Milady, não tem bom aspecto. Sente-se bem? Está pálida como a farinha.

— Estou bem. — mentiu Johanna inspirando profundamente em uma tentativa de apaziguar seu estômago revoltado — Por favor, me traga uma tigela grande. Uma que esteja rachada.

— Para que, milady?

— Talvez tenha que quebrá-la.

Megan achou que tinha entendido mal e pediu que repetisse o

pedido. Johanna moveu a cabeça:

— Entendeu-me bem — lhe assegurou.

Megan correu à despensa, pegou uma pesada tigela de porcelana de uma prateleira e correu para levar a Senhora.

— Esta está trincada. — disse — Servirá?

Johanna fez um gesto afirmativo.

— Afaste-se, Megan: podem saltar lascas.

— Sêrio?

Johanna primeiro tentou chamar os soldados. Sabia que não a ouviriam por cima de semelhante algazarra, mas preferiu fazer uma tentativa de comportar-se como uma dama. Em seguida, bateu palmas, mas nenhum dos soldados levantou o olhar.

Desistiu de ser gentil. Ergueu a tigela e o jogou através do salão. Megan abafou uma exclamação. A tigela se espatifou contra as pedras da lareira e caiu no chão feita em pedaços.

O efeito foi o que Johanna esperava: todos os presentes se voltaram para ela. Olhavam-na silenciosos e surpresos, e Johanna se sentiu extramente satisfeita.

— Agora prestem atenção, queria lhes dar várias instruções.

Várias bocas se abriram e Calum começou a levantar-se, mas Johanna disse que ficasse sentado.

— Atirou a tigela de propósito? — perguntou Lindsay.

— Sim. — respondeu a senhora — Por favor, me escutem: esta é minha casa e lhes agradeceria se seguissem minhas regras. Primeiro e principal, nenhum de vocês começará a comer até que o lorde esteja sentado e lhe tenham servido a comida. Fui clara?

Quase todos os soldados assentiram embora alguns MacLaurin parecessem irritados. Johanna não fez conta. Viu que Calum sorria e também o ignorou.

— E se nosso lorde não vem jantar? — perguntou Niall.

— Nesse caso, esperarão que a Senhora esteja sentada e lhe sirvam sua comida antes de começar a comer — respondeu.

Depois do último enunciado, ouviram-se numerosos protestos e Johanna se propôs ter paciência.

Os homens voltaram para as tigelas.

— Não terminei de lhes dar minhas instruções — exclamou.

Outra vez, a voz da Senhora se viu abafada pela algazarra.

— Megan, vá me buscar outra tigela.

— Mas, milady...

— Por favor.

— Como quiser.

Em menos de um minuto, Megan lhe entregava uma segunda tigela e, imediatamente, Johanna o jogou contra a chaminé. O barulho incitou outra vez a atenção geral. A essa altura, vários dos soldados MacLaurin a olhavam hostis e Johanna pensou que um par de ameaças seria uma justa compensação.

— A próxima não jogarei contra a lareira. — afirmou — Se não prestarem atenção, atirarei na cabeça de um de vocês.

— Queremos comer, milady — gritou um soldado.

— Primeiro, quero que me escutem. — replicou a senhora — Escutem com atenção: quando uma dama entra no salão, os homens ficam de pé.

— Interrompeu o jantar para nos dizer isso? — gritou Lindsay com uma risadinha nervosa e dando uma cotovelada no seu vizinho de mesa.

Com as mãos na cintura, Johanna repetiu a instrução. Em seguida esperou. Satisfez comprovar que, por fim, todos os soldados estavam de pé.

Sorriu satisfeita:

— Podem sentar-se.

— Acaba de nos dizer que nos levantemos — murmurou outro MacLaurin.

Senhor, que lerdos eram! Tentou dissimular sua exasperação.

— Quando entra uma dama ficam de pé, e quando lhes dá permissão, voltam a sentar-se.

— E quando a dama entra e sai outra vez em seguida?

— Levantam-se e em seguida se sentam.

— Me parece um aborrecimento — assinalou outro MacLaurin.

— Ensinarei boas maneiras embora isso os mate — afirmou Johanna.

Calum começou a rir, mas um olhar severo da senhora o deteve.

— Por quê? — perguntou Niall — Para que precisamos bons maneiras?

— Para me agradar — alfinetou Johanna — Nas mesas de minha casa não haverá mais flatulências.

— Não podemos arrotar? — perguntou Calum, atônito.

— Não, não podem! — exclamou Johanna, quase gritando — Tampouco podem fazer outros ruídos grosseiros.

— Mas, milady, é um cumprimento. — explicou Niall — Significa que a bebida e a comida nos parecem boas.

— Se gostarem apreciarem a comida, se limitarão a dizer a seu anfitrião — indicou Johanna — E já que tocamos nesse assunto, direi que me resulta extremamente ofensivo ver que um de vocês rouba a comida do prato do vizinho. Isso terminará agora mesmo.

— Mas, milady...! — começou Lindsay.

Johanna o cortou:

— Não chocarão as taças entre si quando fizerem um brinde. —

afirmou — Assim se derrama cerveja.

— Fazemos de propósito — explicou Calum.

O semblante de Johanna expressou assombro e Niall se apressou a lhe explicar:

— Quando brindamos, queremos que parte da cerveja verta nas taças dos outros: desse modo, se em uma delas há veneno, todos morreremos. Não entende, milady? Fazemos para ter certeza de que ninguém nos armará uma trapaça.

Johanna não pôde acreditar no que ouvia. Acaso chegavam a tal ponto as suspeitas entre os MacLaurin e os MacBain?

Os MacLaurin tiveram a ousadia de lhe dar as costas e Johanna ficou furiosa pela grosseria. Além disso, elevaram a voz para abafar a da senhora.

— Megan!

— Já vou buscá-la, milady.

Johanna ergueu a jarra no ar, girou para a mesa dos MacLaurin e estava a ponto de jogá-la quando alguém a arrebatou. Ao voltar-se, viu Gabriel junto a ela, com Keith e o padre MacKechnie a seu lado.

Johanna não soube quanto tempo fazia que estavam ali, mas o semblante perplexo do padre MacKechnie indicou que devia fazer o suficiente.

Sentiu que ruborizava. A nenhuma esposa agradava ser surpreendida gritando como uma harpia nem jogando coisas para fazer com que prestassem atenção. Mas Johanna não deixaria que o desconforto a detivesse: já tinha começado e, Por Deus que terminaria!

— Em nome de Deus, esposa! O que é o que está fazendo?

O tom rouco e a expressão de Gabriel a fizeram encolher-se. Tomou fôlego e disse — Mantenha-se à margem. Estou dando instruções aos homens.

— Pelo jeito, ninguém lhe presta atenção, milady — assinalou Keith.

— Disse-me que não interferisse...? — começou Gabriel, muito atônito para continuar.

Johanna aproveitou o sentido do que Gabriel queria dizer.

— Certamente, não quero que interfira. — admitiu, para em seguida voltar-se para o Keith — Ou me prestam atenção ou sentirão meu aborrecimento.

— O que acontece quando se zanga? — perguntou o soldado MacLaurin.

A jovem não lhe ocorreu nenhuma resposta apropriada e em seguida recordou o que Gabriel tinha respondido à mesma pergunta.

— É provável que mate alguém — se gabou.

Tinha certeza de ter impressionado Keith com essa afirmação; acrescentou um gesto de assentimento para ocultar que estava alardeando e esperou a reação do homem.

Não foi a que esperava.

— Milady, colocou a túnica errada: hoje é sábado.

De repente, quis estrangular Keith. Atrás dela soou um forte arrote e Johanna reagiu como se lhe tivessem cravado algo nas costas. Soltou uma exclamação, arrebatou a jarra de mãos de Gabriel e girou para os homens.

Gabriel a deteve antes que pudesse causar dano. Jogou a jarra para Keith e fez girar a Johanna para que o olhasse.

— Pedi que não interferisse — murmurou Johanna.

— Johanna...

— Este é meu lar ou não?

— Sim, é.

— Obrigado.

— Por que me diz obrigado? — perguntou Gabriel, desconfiado: não tinha dúvida de que Johanna trazia uma carta na manga. O brilho de seus

olhos demonstrava isso.

— Aceitou me ajudar — disse a jovem.

— Não, não é assim.

— Sim o fez.

— Por quê?

— Porque esta é minha casa, não é verdade?

— Outra vez?

— Gabriel, queria ter as mãos livres com respeito ao manejo da casa, pode ser? — murmurou.

O homem exalou um suspiro. Maldição, não podia lhe negar nada! Nem sequer tinha certeza do que era que aceitava, mas assentiu.

— Quantas tigelas e jarras jogará?

— Todas as que forem necessárias — replicou Johanna.

Johanna girou e correu a colocar-se diante da cabeceira da mesa dos MacLaurin.

— Por favor, Keith, tome um extremo e, você, padre, se for tão amável, o outro. Eu me adiantarei e abrirei as portas. Cavalheiros, — acrescentou com o olhar fixo nos soldados sentados diante dessa mesa — por favor, colaborem levando seus bancos. Não demoraremos muito tempo.

— O que pretende fazer? — perguntou Keith.

— Levar a mesa para fora, ora.

— Por quê?

— Quero fazer os MacLaurin felizes. — explicou — Agora fazem parte do meu clã e desejo que se sintam à vontade.

— Não queremos ir para fora. — exclamou Lindsay — O que a fez pensar que era isso o que queríamos? Recentemente me outorgaram a honra de comer com o lorde. Quero ficar aqui.

— Não. — replicou Johanna sorrindo, coisa que confundiu ao soldado.

— Não?

— Fora se sentirão muito mais a vontade, pois ali não terão que obedecer nenhuma das regras da minha casa. Para falar a verdade, vocês comem como animais e bem podem comer junto com eles. Dumfries ficará contente de ter companhia.

Todos os MacLaurin olharam para Keith. Este olhou para o lorde, viu que fazia um gesto afirmativo e aclarou a voz. Keith teria que esclarecer as coisas para a Senhora.

— Milady, acredito que você não compreenda a situação. Este feudo pertenceu ao clã MacLaurin há tanto tempo já que ninguém lembra.

— Agora me pertence.

— Mas, milady... — começou Keith.

— O que quer dizer a senhora com a terra lhe pertence? — perguntou Niall.

Johanna juntou as mãos; Gabriel deu uns passos e se colocou ao lado dela.

— Terei grande prazer em explicar, mas só uma vez, de modo que, por favor, tratem de me acompanhar. — disse Johanna — Seu rei vendeu esta terra. Estão todos de acordo com isso?

Esperou os soldados assentirem.

— O rei John me entregou o feudo. Todos aceitam isso?

— Sim, é obvio. — disse Keith — Mas...

Johanna não o deixou terminar.

— Por favor, me perdoe que o interrompa, mas estou impaciente por concluir a explicação.

Dirigiu-se outra vez aos soldados.

— Vejamos... E prestem atenção, por favor. Não queria ter que repetir. Quando me casei com seu lorde, a terra passou a seu poder. Vêem que simples é?

Pousou o olhar sobre Lindsay e este assentiu para agradá-la. Johanna sorriu. De repente, o salão começou a girar e Johanna piscou tentando focar o olhar. Agarrou-se a borda da mesa para conservar o equilíbrio. Invadiu-a uma onda de náuseas que desapareceu tão rápido como tinha chegado. "Deve ser a carne. —pensou — Esse cheiro tão desagradável me adocece."

— O que dizia, moça? — insistiu o padre MacKechnie, radiante de satisfação pela coragem que demonstrava a Senhora diante aos homens.

— Pergunto-me o que é que a enfureceu tanto.

Johanna não soube quem tinha feito a pergunta, que veio da mesa dos MacBain. Girou o olhar para eles e respondeu:

— Outro dia, Megan disse algo que me surpreendeu. — disse — Pensei muito e ainda não compreendo por que fez semelhante comentário.

— O que foi que eu disse? — perguntou Megan, correndo a colocar-se no extremo oposto da mesa dos MacLaurin para estar de frente para a Senhora.

— Disse-me que a cozinheira faria com gosto algo que eu lhe pedisse, porque é uma MacBain e sabe que não deve queixar-se. É obvio, perguntei-me o que quis dizer, mas acho que agora compreendo. Na realidade acredita que Hilda agradece que lhe permita viver aqui, estou certa?

Megan assentiu.

— Na verdade, deveria estar agradecida.

Os soldados MacLaurin assentiram todos ao mesmo tempo.

Johanna moveu a cabeça.

— Acho que estão equivocados. — disse — Os MacLaurin não têm nenhum direito sobre o castelo nem as terras, e isso, cavalheiros, também é um fato. Acontece que meu marido é um MacBain, acaso esqueceram?

— O pai dele era o lorde dos MacLaurin — interveio Keith.

— Mesmo assim, é um MacBain. — repetiu Johanna — E foi muito tolerante. É muito mais paciente que eu. — acrescentou com ênfase — Mas, deixando isso de lado, acredito que os MacBain foram muito generosos ao permitir que vocês, os MacLaurin, ficassem. Na realidade, detesto tocar num assunto tão delicado, mas acabo de receber notícias importantes e tenho que pôr ordem em minha casa. Ficaria muito triste que partissem, mas se as regras forem tão difíceis de aceitar e se não puderem entender-se com os MacBain, acredito que não há muitas alternativas.

— Mas os estrangeiros são os MacBain — balbuciou Lindsay.

— Sim, é verdade — afirmou Keith.

— Eram. — disse Johanna — Já não são. Acaso não entendem?

Não entendiam. Johanna se perguntou se se mostravam teimosos ou só tolos e resolveu tentar explicar-lhe uma vez mais.

Mas Gabriel não permitiu: a fez retroceder e se adiantou.

— Aqui o lorde sou eu. — recordou aos soldados — Eu dito quem fica e quem vai.

Keith se apressou a assentir:

— Podemos falar com franqueza?

— Sim — respondeu Gabriel.

— Todos nós lhe juramos lealdade. — começou — Entretanto, não nos sentimos leais a seus seguidores. Estamos fartos da guerra e queremos nos refazer antes de ir outra vez à batalha. Mas um dos MacBain provocou uma guerra contra o clã MacInnes e agora se nega a manifestar-se e a admitir a transgressão. Isso é uma covardia.

Calum se levantou de um salto.

— Atreve-se a nos chamar de covardes?

"Deus querido! — pensou Johanna — O que foi o que desatei?" Outra vez se sentia chateada. Certamente, lamentava ter falado. Dois dos MacLaurin se levantaram e, pelo jeito, Gabriel tampouco tinha intenções de deter a discussão. Tinha uma expressão impávida, quase aborrecida, sem fazer caso da atmosfera ameaçadora.

Por fim se produzia um confronto e Gabriel estava satisfeito com isso. "Deixarei que cada guerreiro dê rédea solta à ira e em seguida lhes direi o que é que acontecerá. — pensou — Os que não estejam de acordo com minhas decisões poderão partir."

Por desgraça, Johanna parecia inquieta pelo que estava acontecendo. Tinha o rosto completamente branco e retorcia as mãos. Gabriel decidiu mudar a discussão para fora e estava a ponto de dar a ordem quando a esposa deu um passo adiante.

— Calum, Keith não o chamou de covarde. — gritou, voltando o olhar ao soldado MacLaurin — Você não sabe por que já tinha partido para a casa do pai de Clare MacKay. — disse precipitadamente — Meu marido perguntou a cada um de seus seguidores se havia... estado envolvido com Clare e todos negaram conhecer a moça.

— Mas todos disseram a verdade? — disse Keith.

— Em resposta, perguntarei algo. — replicou Johanna — Se lorde MacInnes culpasse um MacLaurin e todos vocês dessem sua palavra a seu lorde de que não eram responsáveis, esperariam que acreditasse?

Keith era bastante perspicaz para saber a que apontava a pergunta e assentiu a inapetência.

— Tanto meu marido quanto eu temos absoluta confiança nos MacBain. Se eles disseram que não tocaram Clare MacKay, assim deve ser. Não compreendo, senhor. Como pode dar mais valor à palavra de um tirano como MacInnes que a de um de nós?

Ninguém teve uma resposta imediata para essa pergunta. Johanna sacudiu outra vez a cabeça. Sentia-se muito mal. Ardia-lhe o rosto e tinha os braços arrepiados. Quis apoiar-se contra seu marido, mas se conteve, pois não queria que soubesse que não se sentia bem para não inquietá-lo. Por outro lado, tampouco queria passar o ano seguinte na cama, e conhecendo a obsessão de Gabriel pelo descanso tinha certeza de que era isso o que aconteceria.

Resolveu subir ao quarto e lavar o rosto. Sem dúvida, a água fria a reanimaria.

— Agradeceria que todos vocês refletissem sobre o que acabo de explicar. — pediu — Não posso aceitar brigas em minha casa. E agora, se me desculparem, irei para o quarto.

Virou-se, mas em seguida se deteve e girou outra vez.

— Quando uma dama sai do aposento, os homens ficam de pé.

— Já começamos outra vez! — sussurrou um MacLaurin em voz tão alta para que Johanna o ouvisse.

— E então?

Os homens se levantaram e a senhora sorriu, satisfeita. Virou-se para ir e, de repente, o salão começou a girar. Não tinha no que agarrar até que tudo ficasse em seu lugar, como devia estar.

— Chamou-me covarde, Keith — murmurou Calum.

— Calum, se isso for o que acredita, pois que acredite — replicou Keith.

— Quais são as importantes notícias que, segundo a senhora, acaba de receber?

— Gabriel? — chamou Johanna com voz débil, mas audível para Gabriel.

O lorde se voltou.

— Sim?

— Segure-me.

Capítulo 14

Gabriel a segurou antes que caísse ao chão. Todos começaram a gritar ao mesmo tempo. O padre MacKeehenzie achou que ele mesmo desmaiaria ao ver o aspecto doentio da senhora.

— Limpem a mesa! — gritou — A poremos ali!

Niall e Lindsay varreram a mesa com os braços e as tigelas e a comida saíram voando. Megan tirou a toalha de linho.

— Pelo amor de Deus! — gritou Niall — Que alguém procure um curandeiro! Minha senhora necessita ajuda.

— Ela é nossa curandeira — exclamou Calum.

— Por que desmaiou?

— Acho que foi por nossa culpa. — afirmou Lindsay — A deixamos zangada e isso foi muito para ela.

O único que não parecia muito preocupado era Gabriel. Embora a visse pálida, não acreditava que estivesse doente.

Notou quão nervosa ficou ao ver que os homens gritavam entre si; Johanna odiava brigas. Gabriel sabia e tirou a conclusão de que o desmaio era uma ardilosa ficção para distrair os homens da discussão.

Claro que tinha ido um pouco longe e pensava dizer-lhe assim que estivessem sozinhos.

— Sim, nós temos culpa, pois se viu obrigada a lançar tigelas para que lhe prestássemos atenção. — disse Niall — Quer que nos comportemos corretamente. Não sei por que, mas acredito que conviria colaborar um pouco mais.

— Sim. — admitiu outro soldado MacLaurin chamado Michael — Não podemos permitir que fique desmaiando. E se na próxima vez lorde MacBain não estiver perto o bastante para sustentá-la?

— Afastem-se, homens. — ordenou o padre MacKechnie — Abram espaço para respirar.

— Está respirando, não é?

— Sim, Calum, está respirando. — respondeu o sacerdote — Sua preocupação pela senhora é digna de louvor.

— Hoje é nossa ama — comentou Lindsay — Usa nossas cores.

— Hoje é sábado. — interveio Keith — Equivocou-se de manto.

— Pelo jeito, não consegue acertar, não é? — disse Calum.

— Por que vacila, MacBain? Ponha sobre a mesa. — disse o padre

MacKechnie — Homens, saiam do caminho do lorde.

Os homens retrocederam imediatamente. Assim que Gabriel apoiou Johanna sobre a mesa, voltaram a aproximar-se. Ao menos vinte rostos se inclinaram sobre ela e todos expressavam preocupação.

Gabriel teve vontade de sorrir. Certamente que os soldados tinham suas diferenças, mas nesse momento os unia a preocupação pela senhora. Johanna não era nem MacLaurin nem MacBain por nascimento: era inglesa. Se os homens eram capazes de oferecer lealdade, bem poderiam aprender a entender-se entre eles.

— Por que não abre os olhos? — perguntou Niall.

— Pelo jeito, ainda não voltou do desmaio — respondeu o clérigo.

— Padre, dará os últimos sacramentos?

— Não acho que seja necessário.

— Não deveríamos fazer algo? — perguntou Calum, olhando o lorde com semblante aflito. Era evidente que esperava que Gabriel fizesse algo para atender à esposa.

Gabriel moveu a cabeça.

— Recuperará em alguns minutos.

— Por que de repente pareceu como se uma abelha a tivesse picado no... braço? — Lindsay substituiu rapidamente a última palavra ao ver o semblante franzido do sacerdote.

— O que a fez desvanecer-se foram nossos maus modos — afirmou Bryan.

— Entretanto, pergunto-me uma coisa. — disse Lindsay — Até esta noite, milady não parecia preocupar-se por isso.

— Sua mãe virá de visita — anunciou o lorde. Ouviu-se um "Ah!" coletivo ante o anúncio.

— Não me estranha que queria nos ensinar boas maneiras — disse Michael, enfático.

— Pobre garota. — murmurou Keith — Deve temer que a envergonhemos diante da mãe.

— Parece-me que sim — disse Calum.

— Então, convirá que nos comportemos melhor — propôs Lindsay, suspirando — Além de tudo, a senhora matou a Mascote.

— E a outros três — recordou Keith.

Gabriel começava a perguntar-se quanto duraria o desmaio de Johanna quando de repente a jovem abriu os olhos.

Esteve a ponto de gritar, mas se conteve a tempo e deixou escapar uma exclamação abafada. Enquanto se esforçava por recuperar-se do sobressalto, observou os soldados a contemplavam.

Levou alguns minutos para notar que estava deitada sobre a mesa e não soube como tinha chegado até aí.

— Por que estou sobre a mesa?

— Porque estava mais perto que a cama — respondeu Calum.

— Desmaiou. — acrescentou Keith, se por acaso o tinha esquecido.

— Por que não nos disse que sua mãe viria visitá-la? — perguntou Niall.

Johanna tentou sentar-se antes de responder, mas o padre MacKechnie pôs a mão no seu ombro para impedi-la.

— Moça, será melhor que fique onde está. Seu marido adorará levá-la em seguida para a cama. Sente-se melhor agora?

— Sim, obrigado. — respondeu — É sério que desmaiei? Até agora nunca tinha me acontecido. Não sei por que...

Lindsay resolveu lhe dar uma explicação antes que perguntasse.

— Milady, nossas maneiras a perturbaram.

— Sim?

O soldado assentiu.

— Teria que ficar na cama ao menos uma semana — propôs Keith.

— Não posso ir para cama — protestou Johanna.

Ninguém fez conta.

— Eu acredito que teria que ficar duas semanas na cama. — afirmou Calum — É o único modo de nos assegurar que se recupere. Não esqueçam que é fraca.

Os homens fizeram gestos afirmativos e Johanna se enfureceu.

— Não sou fraca. — disse, quase gritando — Padre, me deixe levantar. Não posso ir para a cama. Tenho que iniciar meu turno junto a Clare MacKay.

— Eu ficarei com todo gosto. — se ofereceu Megan — Não me parece justo que só as mulheres MacBain a cuidem. Milady, não quererá você que as mulheres MacLaurin se sintam despeitadas, verdade?

— Megan, não é momento de preocupar-se com isso — murmurou Keith.

— As mulheres MacBain foram as únicas que se ofereceram para cuidar de Clare — explicou Johanna.

— Agora eu me ofereço — insistiu Megan.

— Agradeço-lhe, e aprecio sua ajuda.

Megan sorriu. Sem dúvida, estava contente pelo agradecimento da senhora.

Johanna deu por terminada a questão e dirigiu a atenção a seu marido. Tinha evitado olhá-lo, pois sabia que devia estar carrancudo e disposto a afligi-la lhe dizendo: "Eu te disse que é débil." Preparou-se para a discussão e girou o olhar. Não foi difícil distinguir Gabriel entre os soldados: estava à esquerda da mesa, atrás de Calum.

Viu-o sorrir e ficou perplexa. Tinha certeza de que o veria furioso ou ao menos preocupado. E embora devesse tê-la aliviado vê-lo de bom humor,

não foi assim. Afinal de contas, desmaiou e até o momento Gabriel tinha demonstrado afligir-se em excesso pelo bem-estar da esposa. Entretanto, parecia... feliz. Acaso o desmaio de Johanna era divertido?

Olhou-o com expressão zangada e Gabriel lhe deu uma piscada, coisa que a confundiu ainda mais.

— Quando sua mãe chegará? — perguntou então Keith.

Sem afastar o olhar do marido, Johanna respondeu o soldado MacLaurin.

— Dentro de dois ou três meses — calculou. Sorrindo ao padre MacKechnie, afastou-lhe com suavidade a mão do ombro para poder levantar-se.

Calum tratou de erguê-la nos braços e Keith, de ajudá-la do outro lado da mesa. De repente, Johanna se viu puxada para todos os lados.

Por fim, Gabriel interferiu. Afastou Calum do caminho e tomou à esposa nos braços.

— Apóie a cabeça em meu ombro — disse. Como não o fez rápido o bastante, empurrou-a contra o ombro.

Carregou-a através do salão e subiu com ela as escadas, enquanto Johanna protestava.

— Já me sinto bem, marido. Posso caminhar. Desça-me.

— Quero levá-la. — disse Gabriel — É o mínimo que posso fazer depois do esforço que fez para convencer meus homens.

— O mínimo que pode fazer?

— Sim.

Johanna não sabia do que falava e o sorriso de Gabriel a confundia ainda mais.

— Comporta-se como se meu desmaio o divertisse — alfinetou.

Gabriel abriu a porta do quarto e entrou.

— É verdade, diverti-me — admitiu.

O semblante de Johanna exibiu uma expressão de assombro.

— Geralmente, se preocupa muito por mim, me importuna para que descanse o dia todo. Pergunto-me o motivo desta brusca mudança de atitude.

— Eu não lhe importuno. As anciãs o fazem, não os guerreiros.

— Estava acostumado a me importunar — replicou a mulher sem poder evitar certa irritação. A aparente indiferença do marido a incomodava. Um marido teria que afligir-se um pouco por um desmaio da esposa, não é?

— Sua encenação deu resultado. — disse Gabriel — Meus homens esqueceram a discussão. Por isso fingiu desmaiar, não é verdade?

Jogou-a sobre a cama e Johanna ricocheteou um par de vezes antes de ficar deitada.

Johanna sentiu vontade de rir. Certamente, a invadiu o alívio ao compreender que, além de tudo, Gabriel não era um desalmado. Na verdade acreditava que tinha fingido o desmaio.

Johanna não queria lhe mentir, mas tampouco quis corrigir o engano. Se tivesse sabido que na realidade desmaiou, a teria obrigado a guardar repouso até a primavera seguinte.

Não afirmou nem negou. Se Gabriel preferia tomar seu silêncio como uma afirmação, pois bem, que assim fosse.

De todo modo, Gabriel atraiu a atenção de Johanna, pois começou a tirar as botas.

— Não se gabará de sua astúcia? — perguntou-lhe.

Atirou as botas no chão e começou a desatar o nó do cinturão sem afastar o olhar de Johanna.

— Milorde, os anciões se gabam. — respondeu a jovem, fixando o olhar na cintura do marido — As esposas dos guerreiros, não.

Senhor, quanto o encantava! Adorava a maneira como lhe devolvia suas próprias palavras. Johanna estava tornando-se atrevida e isso demonstrava que tinha superado o medo que sentia dele.

Mas ainda se ruborizava com facilidade: nesse momento estava ruborizada. Sem dúvida, adivinhava o que Gabriel pensava fazer. Para incomodá-la ainda mais, Gabriel decidiu anunciar. Ficaria encarnada... E quanto lhe agradava esse traço tão feminino!

Em pé junto à cama, disse-lhe com todos os detalhes o que pretendia fazer. As imagens que evocou na mente de Johanna com suas palavras eróticas fizeram arder o rosto da moça e acreditou que voltaria a desmaiar pelo modo como prometia lhe fazer o amor.

A expressão intensa e excitante do rosto de Gabriel a fez pensar que não brincava, mas quis ter certeza.

— De verdade os homens e as mulheres fazem amor dessa maneira?

Sem poder evitar, a voz lhe saiu em um sussurro. O coração lhe golpeava fortemente no peito e lutou contra sua própria excitação pensando se tal coisa era possível. As sugestões de Gabriel a escandalizavam e a excitavam ao mesmo tempo.

Gabriel a fez ficar de pé e começou a despi-la.

— Está zombando de mim, não é, marido?

Gabriel respondeu rindo:

— Não.

— A sério que os maridos...?

— Nós faremos — respondeu Gabriel com um sussurro áspero.

Johanna estremeceu.

— Para falar a verdade, nunca ouvi semelhante...

— Farei com que a satisfaça — prometeu o homem.

— Você gostaria...?

— Oh, sim!

— O que...?

A esposa não podia terminar suas frases. Era evidente que estava impressionada e Gabriel notou que ele também estava. Certamente, estava excitado. Com movimentos torpes, debatia-se com as pequenas cintas que seguravam a roupa íntima de Johanna.

Quando ao fim lhe tirou a última peça, soltou um suspiro de satisfação e a apertou com rudeza contra ele. Levantou-a de modo que a flagrante ereção se apertasse contra a união das coxas de Johanna.

De maneira instintiva, Johanna se moveu até que o membro do marido penetrou dentro dela e Gabriel gemeu de prazer.

Caíram juntos sobre a cama e Gabriel rodou até ficar em cima de Johanna. Apoiou os cotovelos de ambos os lados da mulher para sustentar seu próprio peso e se inclinou para apanhar a boca de Johanna em um beijo prolongado e embriagador. As línguas batalharam e se acariciaram e quando afinal o homem desceu e foi deixando um rastro de beijos pelo pescoço sedoso de Johanna, sentiu-a estremecer-se de prazer.

Johanna não tinha terminado de lhe fazer perguntas. Pensou que sem dúvida tinha escrúpulos e por isso necessitava uma explicação completa.

— Gabriel, pensa realmente me beijar... aí?

— Oh, sim! — sussurrou o homem com a boca contra o ouvido de Johanna. O fôlego doce e morno do homem sobre a pele tão sensível a fez tremer de desejo.

— Então eu... eu... o beijarei... aí.

Gabriel ficou imóvel e Johanna começou a preocupar-se. Um instante depois, Gabriel ergueu lentamente a cabeça e a olhou.

— Não tem que fazer isso — disse.

— Você quer que eu faça?

— Sim.

Deus, esse homem a subjugava! Sentiu-se como se já o tivesse agradado e lhe acariciou o rosto. Gabriel apoiou o rosto contra a mão de Johanna.

Agradava-lhe que a esposa o tocasse. Johanna compreendeu que ele também precisava dela... quase tanto quanto ela desejava que Gabriel a

acariciasse nesse momento.

Johanna exalou um suspiro e envolveu o pescoço do homem com os braços. Tentou atraí-lo para baixo para beijá-lo, mas Gabriel resistiu.

— Johanna, não tem que...

A jovem lhe sorriu.

— Farei com que te satisfaça — murmurou.

Gabriel acomodou a cabeça na curva do pescoço da esposa, mordeu-lhe o lóbulo da orelha e disse:

— Sei que eu gostarei, mas não sei se a ti...

Era a vez de Gabriel de não poder finalizar as frases, tudo por culpa dela. Johanna estendeu a mão e acariciou com suavidade o membro ereto do marido. Gabriel estremeceu e não pôde pensar com clareza.

Preocupava-o que não a agradasse saboreá-lo. Johanna começou com timidez, mas em seguida a perdeu e continuou com entusiasmo.

Fez-o enlouquecer. Sentiu como se o coração tivesse parado quando Johanna tomou em sua boca o membro ereto. Johanna, perdida toda inibição, acariciou-o com a boca e a língua... E Por Deus o enlouquecia!

Não pôde suportar muito tempo o êxtase e chegou ao orgasmo antes dela. Mas quando passaram os espasmos que lhe sacudiam o corpo, concentrou-se por inteiro em dar prazer à esposa.

Os gemidos de Johanna em seguida se converteram em gritos. A intensidade do orgasmo lhe cortou a respiração. Suplicou-lhe que cessasse essa maravilhosa agonia enquanto, ao mesmo tempo, agarrava-se a ele e se apertava contra o marido pedindo mais.

O sabor de Johanna lhe provocou uma ereção em poucos minutos. De súbito, desesperou-se por penetrá-la. Moveu-se, pressionou-a contra a cama e se ajoelhou entre as coxas da mulher. Segurou-lhe o traseiro com as mãos e no mesmo instante, penetrou-a com um só impulso.

Sentiu como se tivesse morrido e estivesse no paraíso. Johanna era tão apertada, tão doce e entregue que soube que nunca se sentiria completamente saciado dela.

A cama rangeu pelas fortes sacudidas. A respiração dos dois se tornou áspera e entrecortada e quando Johanna chegou ao clímax, seu grito ressonou nos ouvidos de Gabriel.

Ficou inteiramente satisfeito e se deixou cair sobre a mulher soltando um forte gemido.

Ouviu o coração de Johanna batendo forte dentro do peito. Com absoluta arrogância, se sentiu satisfeito por tê-la feito esquecer de si mesma. Johanna também o fez esquecer de si mesmo e, ao compreendê-lo, Gabriel franziu o semblante. Soube que era impossível afastar-se da esposa. Simplesmente, era incapaz de lhe fazer amor e em seguida voltar para suas tarefas afastando-a da mente. Tinha se tornado mais do que uma mulher com a qual unir-se durante a noite. Era a esposa, e muito mais que isso... Maldição!

Era o amor de sua vida.

— Demônios! — murmurou, e ergueu a cabeça para contemplá-la: estava completamente adormecida. Sentiu alívio ao saber que não teria que explicar sua expressão abatida pela blasfêmia que acabava de proferir.

Não pôde obrigar-se a deixá-la. Contemplou-a um longo momento e a achou linda. Mas não era a beleza de Johanna que o tinha feito perder a cabeça e apaixonar-se por ela... Que Deus o ajudasse! Não, era o caráter da mulher que o obrigou a deixar as defesas caírem. As aparências se perdiam com os anos, mas a beleza do coração e a alma de Johanna o maravilhavam mais a cada dia que passava.

Sim, Johanna o enfeitiçou, cegou-o, e já era muito tarde para proteger-se dela.

Só restava uma coisa a fazer: Johanna teria que amá-lo. Por Deus, não estava disposto a ficar em uma situação tão vulnerável sem fazer nada para ficar no mesmo nível!

Gabriel se sentiu melhor. O plano lhe pareceu sensato. Não sabia bem como faria para que Johanna se apaixonasse por ele, mas era um homem inteligente e algo lhe ocorreria.

Inclinou-se, beijou-lhe a testa e saiu da cama. Imaginou que o ato de amor a tinha fatigado. Isso o fez sorrir, até que bocejou e compreendeu que ele também estava fatigado.

Enquanto se vestia, não deixou de contemplá-la e ao terminar de vestir-se a agasalhou. Em seguida sentiu necessidade de beijá-la uma vez mais antes de sair do quarto. Seu próprio comportamento o envergonhava e pensou que o amor era um assunto capcioso. Talvez, com o tempo, conseguisse dominá-lo. Quase sem querer, começou a fechar a porta com uma batida, mas se conteve a tempo e fechou com suavidade.

Demônios, estava se tornando educado! Esse traço desprezível o fez menear a cabeça. Perguntou-se que outras surpresas o aguardavam depois de admitir que na verdade amava sua esposa. O futuro o inquietava. Se se transformasse em um marido carinhoso teria que matar alguém...

Sim, o amor era um assunto capcioso.

Johanna dormiu toda a noite. Gabriel saiu do quarto antes que ela despertasse e Johanna agradeceu a solidão. Sentia-se tão indisposta que quase não podia respirar sem sentir náuseas. Tentou levantar-se da cama, mas cada vez que tentava o quarto começava a girar e o estômago se agitava, protestando pelo movimento. Inspirou profunda e avidamente para sufocar as náuseas, mas foi em vão. Foi até o lavabo e colocou um pano úmido sobre a frente, mas isso tampouco funcionou. Por fim, Johanna desistiu de lutar e terminou por ajoelhar-se sobre o urinol, vomitando até que sentiu que voltaria a desmaiar.

Enquanto o fazia, pensou que sem dúvida morreria, mas ao terminar se sentia surpreendentemente aliviada. Ou a enfermidade, fosse qual fosse, tinha terminado de repente ou tinha sintomas estranhos. Não poderia fazer nenhum tratamento até saber o que era.

Johanna não estava acostumada a ser mimada, mas não pôde evitar a aflição. Pensou que o desmaio da noite anterior era devido a ter o estômago vazio e ao cheiro desagradável da carne assada. Mas essa manhã quase desmaiou outra vez e o único cheiro no quarto era do ar fresco que entrava pela janela aberta.

Tentou não pensar no mal-estar. Tinha perdido a missa e pensou que teria que falar à parte com o padre MacKechnie e lhe explicar que estava indisposta. Quando se vestiu, já tinha recuperado a cor. Trançou o cabelo, organizou o quarto e foi ver Clare MacKay.

Hilda abriu a porta. Johanna sorriu ao ver Clare sentada na cama. Ainda tinha o rosto muito inchado, e a lateral do rosto estava negra e azul, mas tinha os olhos limpos e o olhar claro e Johanna supôs que o golpe na cabeça não tinha causado danos irreparáveis.

— Clare, como se sente esta manhã? — perguntou.

— Melhor, obrigado — respondeu a mulher MacKay em voz débil e penosa.

— Comeu apenas um pouco da bandeja que lhe trouxe. — interveio Hilda — Diz que dói muito a garganta. Voltarei para a cozinha e prepararei um tônico.

Johanna assentiu sem deixar de observar Clare.

— Terá que comer para recuperar as forças.

Clare encolheu os ombros. Quando Hilda saiu, Johanna fechou a porta e foi sentar-se na borda da cama, perto da paciente.

— Quer ficar bem, não é?

Clare olhou Johana fixamente antes de responder.

— Presumo que tenho que me curar. — murmurou e em seguida tratou de mudar de assunto — Lady Johanna, foi muito bondoso de sua parte permitir que ficasse. Ainda não agradei como deveria.

— Não é necessário que me agradeça. — protestou Johanna — Por que disse com um tom tão triste que teria que se curar?

A mulher MacKay não respondeu. As mãos que retorciam a ponta da manta indicaram que estava nervosa.

— Meu pai virá aqui?

— Não sei. — respondeu Johanna apoiando a mão sobre a de Clare — Ficaria contente de vê-lo se ele viesse te visitar?

— Claro que sim — disse Clare precipitadamente.

Não parecia muito sincera e Johanna resolveu obter certas respostas, mas sem forçar a mulher ferida. Seria paciente e compreensiva. Chegado o momento, Clare lhe diria por que estava tão inquieta.

Tratou de tranquilizá-la.

— Sabe que não tem nada a temer. Aqui está a salvo. Ninguém lhe

fará mal. Depois que seu filho nascer e que se recupere, meu marido e eu lhe ajudaremos a decidir o que fazer. Pode ficar conosco todo o tempo que desejar: dou-lhe minha palavra.

Os olhos de Clare se encheram de lágrimas.

— Agora estou cansada e queria descansar.

Johanna se levantou imediatamente. Agasalhou a mulher como uma mãe atenciosa. Apoiou a mão sobre a testa de Clare para assegurar-se de que não tinha febre e em seguida comprovou se na jarra havia água suficiente para a paciente.

Quando Johanna saiu do quarto, Clare parecia profundamente adormecida. Hilda entrou outra vez para cuidá-la.

Mais tarde, Johanna tentou falar com Clare, mas assim que começou a lhe formular perguntas, afirmou estar cansada e voltou a dormir.

Nesta tarde, Megan substituiu Hilda junto a Clare para que a cozinheira pudesse ocupar-se do jantar. Johanna pensou em interrogar a paciente, mas quando se dirigia ao quarto, Gabriel entrou a passo largo no salão com seu filho.

Johanna acabava de tirar os pontos de Calum e tentava que lhe prestasse atenção enquanto lhe dava instruções. Comportava-se como um menino, impaciente por voltar a sair.

— Não sairá até que me prometa que aplicará este unguento todas as manhãs e noites, durante uma semana, Calum.

— Prometo — respondeu o soldado. Ficou de pé num salto e cruzou correndo o salão, deixando esquecido o pote com o unguento.

— Aqui estou! — gritou Alex se fazendo notar e abrindo os braços em um gesto dramático que fez o pai sorrir. Era evidente que o menino não duvidava de sua própria importância. Certamente, durante o caminho de volta Gabriel lhe tinha assegurado repetidas vezes que Johanna estava impaciente por vê-lo.

A reação de Johanna foi tão divertida quanto a de Alex: abafou uma exclamação, segurou as saias e correu pelo salão para receber Alex.

O pequeno se jogou nos braços da jovem e Johanna o abraçou

com força. O cocuruto de Alex só lhe chegava à cintura. Era um menino tão encantador e estava tão feliz de tê-lo em casa que os olhos se encheram de lágrimas.

Gabriel os deixou sozinhos e subiu para tentar falar outra vez com Clare MacKay. Estava resolvido a descobrir o nome do guerreiro que a tinha deixado grávida. Também queria lhe informar que o pai chegaria no dia seguinte para levá-la de volta para casa, se estivesse suficientemente recuperada, é obvio.

Minutos depois, Gabriel desceu. Clare ainda se sentia mal para responder a suas perguntas. Caramba, estava tão esgotada que adormeceu um instante depois de Gabriel lhe expor os motivos de sua presença!

Johanna e Alex o esperavam ao pé da escada.

— Marido, acontece algo ruim? — perguntou a mulher ao ver o semblante de Gabriel.

— Cada vez que tento falar com a mulher MacKay, adormece. Quanto tempo acha que levará até que esteja forte o bastante para responder minhas perguntas?

— Não sei, Gabriel. — respondeu a esposa — Lembra como estava o dia que chegou aqui? Levará tempo para que se cure. Tenha paciência com ela. — sugeriu, enfatizando com um gesto — É um milagre que esteja viva.

— Suponho que sim. — aceitou o homem — Johanna, o pai de Clare chegará amanhã para levá-la para casa.

Johanna não se alegrou de saber e sacudiu a cabeça.

— Clare não está em condições de ir: o pai terá que entender.

Gabriel não teve vontade de discutir, pois a alegria que apareceu no rosto de Johanna quando Alex correu para ela o tinha enchido de prazer e satisfação. Não queria estragar o reencontro com discussões. Nesta noite teriam tempo para discutir o futuro de Clare.

— Esposa, por que não leva Alex lá fora? É um dia muito bonito para ficar aqui dentro.

Contemplou seu filho: Alex, agarrado à mão de Johanna; olhava-a extasiado e Gabriel compreendeu o quanto o menino precisava de mãe. E também descobriu que Johanna precisava igualmente de Alex.

— Sim, é um lindo dia — disse Johanna. Os olhos de Gabriel adquiriram uma expressão de ternura. Sentiu-se indefeso: era notório o amor que sentia pelo filho.

Johanna estava sensível nesse dia. Sentiu vontade de chorar e se virou para que o marido não notasse. "Certamente ele não entenderia. — pensou — Os homens acreditam que as mulheres só choram quando estão infelizes ou quando dói algo." Mas as lágrimas de Johanna era a manifestação de um maravilhoso sentimento de felicidade e plenitude. Deus a tinha abençoado: embora fosse estéril, tinha um filho a quem amar. Sim, amaria Alex porque seu coração era incapaz de proteger-se diante de um menino tão inocente.

— Mamãe, podemos ir ver os cavalos?

Johanna rompeu em lágrimas, e Gabriel e o filho se horrorizaram.

— Johanna, o que é que acontece? — A inquietação fez Gabriel elevar a voz quase até o grito.

— Não é necessário que vejamos os cavalos — disse Alex precipitadamente, supondo que ele mesmo pudesse ser a causa da agitação de Johanna.

Johanna tentou controlar-se e secou os olhos com a ponta da túnica antes de dar explicações.

— Não me acontece nada — disse ao marido — Alex me chamou de "mamãe". Pegou-me desprevenida e, pelo jeito, hoje estou muito sensível.

— Papai me disse que a chamasse de mamãe porque isso a agradaria — disse Alex, fazendo uma careta.

Ao compreender que o menino estava aflito, Johanna se apressou a tranquilizá-lo.

— Seu pai estava certo: pode me chamar mamãe.

— E então, por que chora como uma menina? — perguntou Alex.

Johanna sorriu.

— Porque me fez feliz — respondeu — Alex, é um dia maravilhoso para ficar aqui dentro. Vamos ver os cavalos.

Fez gesto de partir, mas Gabriel a segurou pelos ombros.

— Antes, me agradeça por ter trazido seu filho para casa — disse.

Johanna imaginou que Gabriel desejava que o elogiasse.

— Milorde, agradecerei logo, quando estiver disposta.

Ficou na ponta dos pés e o beijou. Ouviu que Alex abafava uma exclamação e rompia a rir. Gabriel sorriu enquanto observava a esposa e o filho se afastarem. Seguiu-os, ficou de pé no primeiro degrau e continuou contemplando até que desapareceram colina abaixo.

— Lorde, o que é que o faz sorrir? — disse o padre MacKechnie subindo os degraus e detendo-se junto ao lorde.

— Estava contemplando a minha família — respondeu Gabriel.

O padre MacKechnie assentiu.

— Tem uma linda família, filho. Que Deus abençoe os três.

Embora Gabriel não se considerasse um indivíduo religioso, estava de acordo com a consideração do sacerdote. Quando era jovem e ignorante, desejava ter uma família e agora tinha Alex e Johanna. "O justo é justo, — pensou — e acredito que tenho que conceder o seu ao Criador. Afinal de contas, respondeu a minhas preces."

Nesse momento, as gargalhadas de Johanna ressoaram no pátio interrompendo os pensamentos de Gabriel, que sorriu sem se dar conta. Quanto o agradavam as expressões de alegria da mulher!

Johanna não tinha idéia de que seu marido estava escutando-a. Alex estava tão entusiasmado por estar ao ar livre que não podia caminhar devagar. Corria tão rápido que os calcanhares lhe golpeavam o traseiro e Johanna quase não conseguia segui-lo.

Passaram a tarde juntos. Primeiro viram os cavalos, e em seguida foram ao campo visitar Augie. O ancião guerreiro acabava de retornar da colina e parecia de mau humor.

— Augie, por que está carrancudo? — gritou Johanna.

Ao ver a expressão do ancião, Alex se escondeu atrás das saias de

Johanna.

— Não tema, Alex. — murmurou a jovem — Augie gosta de grunhir, mas tem bom coração.

— Como papai?

Johanna sorriu.

— Sim — respondeu, admirada pelo inteligente e perceptivo que Alex era.

Antes de explicar o motivo de seu mau humor, Augie esperou que a jovem e o menino se aproximassem.

— Estou disposto a abandonar este jogo. — anunciou, com gesto dramático — É inútil golpear as pedras para que alcancem certa distância. Quase todas se rompem pela força do golpe. Fazem-se pedacinhos no ar. Não tem sentido, não é? Quem é esse que se esconde atrás de você e me espiona com esses enormes olhos azuis?

— Este é Alex. — respondeu Johanna — Lembra do filho de Gabriel?

— Claro que lembro do menino. — respondeu Augie — Mas hoje estou de mau humor, Johanna. Não sou uma companhia agradável. Vá e me deixe com meu mau humor.

Johanna conteve a risada.

— Não teria uns minutos para mostrar a Alex como se golpeiam as pedras para que caiam nos buracos, aqui no campo?

— Não, não tenho uns minutos. — resmungou Augie embora, de qualquer modo, fez um gesto para que o menino se aproximasse — Este não é um jogo de meninos. Moço, quantos anos tem?

Alex segurava com todas suas forças na mão de Johanna e não queria mover-se de seu lado e foi necessário Johanna se aproximar de Augie junto com o menino.

— Alex não sabe sua idade. — explicou a jovem — Acredito que tem quatro ou cinco verões.

Pensativo, Augie esfregou o queixo.

— Abra a boca, menino. Deixe-me olhar os dentes e assim saberei quantos anos tem.

Johanna riu.

— Não é um cavalo.

— No que se refere aos dentes, é a mesma coisa, pelo menos quando são jovens.

Alex jogou a cabeça para trás e abriu a boca. Augie fez um gesto de aprovação.

— Cuidou bem dos dentes, não é mesmo?

— Papai me ensinou a esfregá-los com um galho verde de aveleira e a passar em seguida um pano de lã. — respondeu Alex — Só que algumas vezes esqueço.

Augie semicerrou os olhos para proteger do sol e se inclinou para olhar bem.

— Calculo que tem quase cinco. Não acredito que tenha mais, pois os primeiros dentes ainda são novos e firmes. — anunciou, depois de ter tentado mover os dentes dianteiros do menino — Muito pequeno para seis e muito grande para três. Sim, sem dúvida estará perto dos cinco. Apostaria meu jogo.

Por fim, Alex obteve permissão para fechar a boca e olhou Johanna:

— Tenho cinco anos?

— Quase. — respondeu a moça — Temos que escolher um dia para celebrar uma boa festa de aniversário, Alex. Assim, terá oficialmente cinco anos.

Alex superou o temor que o ancião de pele apergaminada lhe provocava e lhe rogou que o ensinasse o jogo e Augie passou quase duas horas fazendo isso. Alex não entendia o significado da palavra "concentração", e não parava de tagarelar. Augie teve infinita paciência com o menino, mas não deixava de lançar olhares severos na direção de Johanna. Alex não conseguia lembrar que tinha que ficar calado cada vez que Augie ia lançar a pedra.

Johanna os observava, sentada sobre a base da colina. Escutou que Augie relatava histórias do passado e foi evidente que Alex estava fascinado, pois pediu que contasse mais.

Quando começou a entardecer e Johanna pôs fim à diversão, Alex já estava bocejando. Johanna se levantou, arrumou as dobras da túnica e começou a agradecer a Augie.

Não lembrava o que aconteceu em seguida. Ao abrir os olhos, viu Augie e Alex inclinados sobre ela. Alex chorava e Augie batia suavemente no seu rosto, tentando ao mesmo tempo acalmar o menino.

Quase imediatamente Johanna compreendeu o que tinha acontecido.

— Oh, Senhor, voltei a desmaiar!

— Outra vez? — perguntou Augie com expressão aflita, ajudando à Senhora a levantar-se. Imediatamente, Alex sentou no colo de Johanna e se apoiou contra o peito da jovem. Johanna compreendeu que precisava tranquilizar-se e o abraçou.

— Já estou bem, Alex.

— Desmaiou outras vezes? — insistiu Augie.

Johanna assentiu e o movimento lhe provocou enjôos.

— Ontem à noite. — respondeu — Gabriel me sustentou. Aconteceu tão rápido que me surpreendeu.

— Não há dúvidas de que foi rápido. — admitiu Augie. Ficou de cócoras no chão, junto à Johanna, lhe sustentando as costas com os braços — Em um momento estava de pé e, um minuto depois, estendida sobre o chão como um cadáver.

Augie tentou falar com leveza e ocultar sua própria preocupação o melhor possível para não assustar o menino.

— Não sei o que me aconteceu — murmurou Johanna.

— Será melhor que vá ver Glynis. — aconselhou Augie — Ela sabe um pouco sobre curas.

— Deve ter certa experiência, pois queria curar o braço de Calum.
— assinalou Johanna — Sim, irei vê-la amanhã.

— Não. — replicou Augie — Irá agora mesmo. Eu levarei Alex de volta.

Ao ver o gesto decidido do ancião, Johanna compreendeu que seria inútil discutir.

— Certo — disse, voltando-se em seguida para o filho.

— Alex, não conte isto a seu pai. Não queremos preocupá-lo, não é?

— É uma vergonha que diga ao menino que não...!

— Augie, o que me importa agora é Gabriel. — argumentou Johanna — Não quero inquietá-lo.

Augie fez um gesto de aprovação, mas se reservou o direito de contar ao lorde o acontecido, e se a Senhora armasse um escândalo a faria ver que não lhe tinha arrancado a promessa de não dizer nada.

Alex e o ancião acompanharam Johanna até a porta da casa de Glynis, mas Augie não se foi até que bateu na porta e a mulher MacLaurin respondeu.

— Lady Johanna tem que lhe apresentar uma queixa. — anunciou Augie — Vamos, moço, é hora de seu jantar.

— Milady, fiz algo que a desgostou? — perguntou Glynis.

Johanna negou com a cabeça e caminhou até um rebordo de pedra afastado da entrada da cabana para que o marido do Glynis não ouvisse a conversa.

— Por favor, Glynis, sente-se. — pediu — Uma amiga minha está doente e queria que me aconselhasse como ajudá-la.

O alívio se manifestou imediatamente no semblante de Glynis, que se sentou na saliência, juntou as mãos sobre o colo e aguardou que Johanna continuasse.

— Esta mulher já desmaiou duas vezes sem motivos aparentes —

soltou Johanna. De pé diante da mulher MacLaurin, esperou uma resposta.

Glynis se limitou a assentir e Johanna não soube como interpretar essa reação.

— Está morrendo de alguma enfermidade grave? — disse Johanna, enquanto retorcia as mãos tentando ocultar a inquietação que sentia.

— Poderia ser. — repôs Glynis — Antes de aconselhar algum tratamento, precisaria conhecer mais detalhes, milady. A sua amiga é jovem ou velha?

— Jovem.

— Está casada?

— Sim.

Glynis voltou a fazer um gesto afirmativo.

— Tem outros sintomas evidentes?

— Eu... quero dizer, ela se levantou muito indisposta e vomitou. Sentiu o estômago revoltado quase toda a manhã. Mas quando não tem náuseas se sente bem.

— Milady, antes de dar minha opinião tenho que formular algumas perguntas pessoais — murmurou Glynis.

— Se conhecer as respostas, as darei.

— A sua amiga teve faltas do período menstrual?

Johanna assentiu.

— Teve duas faltas, mas isso não indica nada, pois é muito irregular.

Glynis tentou dissimular o sorriso.

— Pode ser que você saiba se sente os peitos inchados?

Johanna fez gesto de tocar-se antes de responder, mas se conteve a tempo.

— Um pouquinho, talvez. Não muito.

— Recentemente que está casada?

A pergunta pareceu estranha a Johanna. Assentiu.

— Acredita que o esforço que implica um casamento recente pode ter causado esses sintomas? Não acredito, Glynis, pois este não é o primeiro casamento da mulher em questão.

— Teve filhos do primeiro... ?

Johanna não a deixou terminar a pergunta.

— É estéril.

— Talvez o tenha sido com um homem — assinalou Glynis.

Essa afirmação desconcertou Johanna, mas Glynis lhe chamou a atenção com outra pergunta.

— Acaso você... quer dizer, sua amiga, dorme mais que de costume?

— Sim. — exclamou Johanna, surpresa pela perspicácia das perguntas do Glynis — Já conhecia esta enfermidade, não é?

— Certamente — respondeu Glynis.

— Minha amiga morrerá?

— Não, milady, não morrerá.

— E o que terei que fazer?

Johanna estava a beira das lágrimas e Glynis se apressou a tranquilizá-la, respondendo com um amplo sorriso:

— Teria que dizer ao marido que está esperando um filho.

Capítulo 15

Por sorte, Glynis era uma mulher forte e robusta. Também demonstrou ser veloz: amparou à Senhora antes que batesse a cabeça contra o muro de pedra.

A maravilhosa notícia tinha provocado um desmaio instantâneo em Johanna. Minutos depois, despertou na cama de Glynis e as primeiras palavras foram uma exclamação:

— Sou estéril!

Glynis lhe deu um tapinha na mão.

— Foi com um homem, mas não com nosso lorde. Você tem todos os sintomas, milady: sem dúvida, está grávida.

Johanna sacudiu a cabeça, pois sua mente não conseguia aceitar a possibilidade.

— As mulheres são infecundas. Os homens não.

Glynis soltou um bufo desdenhoso.

— Isso é o que eles dizem. — murmurou — Milady, embora você e eu tenhamos tido nossas diferenças, prefiro acreditar que chegamos a nos entender. Considero-a uma amiga, sobretudo nos dias que você usa as lindas cores dos MacLaurin — acrescentou com um sorriso.

— Alegra-me ter você como amiga, Glynis. — replicou Johanna, perguntando-se por que a mulher mencionava o assunto neste momento.

Glynis não demorou em explicar-lhe.

— As amigas confiam seus segredos. — disse — E eu queria lhe perguntar se seu primeiro marido se deitou com outra mulher. Milady, não é minha intenção envergonhá-la e sim esclarecer a verdade.

Johanna se sentou.

— Sim, deitou-se com outras mulheres. — admitiu — E não poucas: parecia resolvido a deitar-se com todas com as quais pudesse. Gostava de pavonear-se diante de mim com suas mulheres, mas não me importava — se apressou a acrescentar ao ver a expressão compassiva de Glynis — Não gostava de meu marido: era um homem perverso.

— O que na realidade queria saber, milady, é se, segundo seu conhecimento, desses pulos resultou alguma criança.

— Não, não nasceu nenhuma criança. — respondeu Johanna — Raulf me dizia que as mulheres empregavam uma poção para evitar a gravidez. Estava convencido de que eu também a usava, e todos os meses tinha um ataque de raiva acreditando que eu burlava suas tentativas de ter um filho.

— Existem tais poções. — respondeu Glynis — Certamente você está grávida, e podemos chegar à conclusão de que não é infecunda. Guardarei o segredo de tão agradável notícia. Você escolherá o momento de dizer a seu marido. Nosso lorde ficará alegre.

Minutos depois, Johanna se foi da cabana. Glynis a acompanhou até o muro de pedra. De súbito, Johanna se virou.

— Meu marido não me permitirá trabalhar nos campos — afirmou.

— Não, é obvio que não. — respondeu Glynis — Você é nossa Senhora e não tem que realizar tarefas pesadas.

— Posso costurar. — disse Johanna. E acrescentou com ênfase — Todas as noites sentarei junto ao fogo e bordarei a tapeçaria ou alguma outra coisa. Posso bordar flores.

— O que tenta me dizer, milady? Vamos, solte!

— Vi que vocês usam blusas de cor açafrão debaixo dos mantos e pensei que talvez vocês gostassem que eu lhes costurasse umas barras de flores.

Glynis adotou uma expressão de assombro.

— Por que faria...?

— Glynis, vocês trabalham o dia todo nos campos e eu gostaria de fazer algo para demonstrar que aprecio o esforço. Começarei a trabalhar esta mesma noite.

Johanna se sentia muito desconfortável para aguardar a resposta, sem compreender por que de repente se tornou tão tímida e insegura. Saudou com a mão enquanto corria pelo caminho que levava ao pátio do castelo.

Ao chegar à colina diminuiu o passo, voltou a tomar consciência

de sua condição e percorreu o resto do caminho como envolta na bruma.

Augie se encontrou com ela no centro do pátio.

— Esta noite virei jantar. — começou — Direi a seu marido... — Pretendia dizer que contaria a Gabriel que Johanna tinha tornado a desmaiar, mas se interrompeu ao ver a expressão da moça — Garota, o que é que a faz sorrir como se tivesse encontrado um pote de ouro?

Johanna moveu a cabeça.

— Direi esta noite. — prometeu — Embora faça um pouco mais de frio que o habitual, é um dia magnífico, não é, Augie?

— Bom, moça, será melhor que se inteire de certas coisas com respeito ao clima deste lugar.

Augie queria lhe dizer que, na verdade, o clima era bastante temperado para o começo do outono. Keith disse ao ancião que a senhora acreditava que nas Highlands era verão o ano todo. Não desejava que os soldados rissem da ingenuidade de Johanna à suas costas, mas a senhora passou junto dele com a mente perdida nas nuvens antes que pudesse corrigir a noção que Johanna tinha com respeito ao clima das Highlands. Augie compreendeu que teria que esperar até mais tarde para esclarecer-lhe.

Johanna se sentou junto a Alex enquanto o menino jantava: era muito pequeno para esperar os adultos. Quando terminou, mandou que lavasse o rosto e as mãos.

Johanna foi sentar-se junto ao fogo. Dumfries entrou saltando no salão. A jovem lhe deu uma palmada carinhosa e se acomodou na cadeira, disposta a costurar. Dumfries se deixou cair perto da cadeira e apoiou a cabeça sobre os sapatos de Johanna.

Menos de um minuto depois, Alex se aproximou: ainda tinha restos de molho no rosto. Johanna pegou um pano úmido e o limpou bem. O menino quis sentar-se junto à Johanna e esta se afastou para lhe dar espaço.

— Alex, quer ficar aqui com seu pai e comigo, ou sente falta de seus outros parentes?

— Quero ficar aqui — respondeu o menino. Soltou um forte bocejo e se apoiou sobre a Johanna, observando como enfiava a agulha.

— Eu também quero que fique — murmurou Johanna.

— Papai disse que senti falta de mim.

— É verdade, senti falta de você.

O peito do Alex se encheu de orgulho.

— Chorou como uma garotinha durante minha ausência?

O modo como o expressou fez Johanna sorrir.

— Certamente que sim. — mentiu — Você gostaria que contasse uma estória antes que vá para cama?

Alex assentiu.

— Augie lhe contou?

— Não. — respondeu Johanna — Quando eu era pequena minha mãe estava acostumada a me contar histórias; quando cresci aprendi a ler e...

— Por quê?

— Por que, o quê?

— Por que aprendeu a ler?

Como Johanna tinha o olhar fixo no rosto de Alex voltado para cima, não notou que o marido tinha entrado no salão. Gabriel se deteve no degrau superior e contemplou à esposa e o filho, esperando que notassem sua presença.

— Aprendi porque era proibido. — respondeu Johanna — Me disseram que era muito estúpida para ler e, por um tempo, acreditei nessa mentira. Em seguida, recuperei a iniciativa e soube que era tão inteligente quanto qualquer um e assim foi que aprendi a ler. Quando for maior, o ensinarei, Alex.

Enquanto a escutava, Alex apalpava a túnica de Johanna. De súbito, soltou um bocejo tão grande que exibiu a garganta. A jovem mostrou que tampasse a boca com a mão e começou a contar a estória que mais gostava quando menina.

Alex adormeceu menos de um minuto depois e deixou a cabeça pender sobre o peito de Johanna. Esta se sentiu tão feliz de ter o pequeno entre os

braços que fechou os olhos para elevar uma prece de agradecimento e adormeceu quase tão rápido quanto Alex.

Gabriel não soube a quem levar primeiro para a cama, e Calum veio em sua ajuda carregando Alex.

— MacBain, onde o deito? — perguntou num sussurro para não despertar o pequeno.

Gabriel não soube o que responder: Clare ocupava o segundo dormitório e não podia pôr o filho lá.

Tampouco queria que Alex dormisse com os soldados: era muito pequeno e precisava estar perto da mãe e do pai, se por acaso sentisse medo ou se desorientasse durante a noite.

— Por enquanto, ponha em minha cama. — indicou Gabriel — Mais tarde me ocorrerá algo melhor.

Esperou que Calum tirasse Alex do salão e em seguida se voltou para sua esposa. Ficou de cócoras junto à cadeira e já se dispunha a levantá-la quando Johanna abriu os olhos.

— Gabriel — disse, em um tom que para o homem soou como uma carícia.

— Por acaso estava sonhando comigo?

Embora brincasse, a voz de Gabriel estava enrouquecida de emoção. Quanto amava a esta mulher! Exalou um suspiro, e em seguida franziu o semblante em um esforço por controlar os pensamentos.

Queria deitar-se com ela, mas sabia que teria que esperar e se desforrou provocando-a.

— Deveria estar lá em cima, esposa: é evidente que está esgotada. Está trabalhando muito. Disse muitas vezes que descansasse, mas você...

Johanna estendeu a mão e lhe acariciou o rosto com a ponta dos dedos. É desnecessário dizer que isso o distraiu e Gabriel pensou que fazia de propósito.

— Não trabalho muito. — respondeu Johanna — Neste momento não estava dormindo. Cochilava e pensava em algo maravilhoso. Ainda não

consigo acreditar, Gabriel. Parece impossível, mas quando contar esta importante notícia...

Interrompeu-se abruptamente e olhou atrás do marido para assegurar-se de que estavam sozinhos: não queria que ninguém compartilhasse um momento tão especial.

No mesmo instante que Johanna notou que Alex não estava, Keith e outros três MacLaurin entraram a passos largos no salão.

— Vê? Estava dormindo. — disse Gabriel — Nem notou quando Calum levou meu filho para cima.

— Nosso filho — o corrigiu a mulher.

A expressão agradou ao Lorde: Johanna se tornava possessiva e para Gabriel isso era um bom sinal. Esperava que, com o tempo, a possessividade se estendesse a ele.

— Sim, é nosso filho. — aceitou — Agora, me conte a novidade.

— Terei que esperar até mais tarde.

— Diga-me agora.

— Não.

O homem exibiu uma expressão atônita. Levantou-se e a fez pôr de pé.

— Atreve-se a me negar isso?

Johanna sorriu.

— Meu marido, graças a você, ultimamente me atrevo a qualquer coisa.

Gabriel não compreendeu do que falava e preferiu esperar até mais tarde para insistir e obter uma explicação. Estava decidido a saber.

— Eu gostaria de saber o que é que a preocupava. Dirá isso agora mesmo. —exigiu.

Outra vez se mostrava arrogante. "Que o Céu me ajude! — pensou

Johanna — Começa a me agradar essa peculiaridade."

— Não estou preocupada. — disse — Direi quando estiver disposta, milorde. Não antes. Não quero que me apresse.

— Dirá ao lorde o que aconteceu lá embaixo, no campo? — gritou Augie da entrada. O velho guerreiro transpôs os degraus e começou a cruzar o salão. Dumfries soltou um grunhido e Augie o fez calar com outro.

— Sim. — disse Johanna — Direi depois do jantar.

— Se não o fizer, eu contarei amanhã, garota. Espere e verá.

— Que raios...?

Johanna interrompeu a fala do marido saudando o sacerdote em voz alta:

— Boa noite, padre. — disse baixo a Gabriel: — Agora, trate de ter paciência. Prometo que a recompensa valerá a pena.

Gabriel resmungou e Johanna não soube se a expressão do marido indicava que aceitava ou não esperar.

— Quero que estejamos sozinhos quando contar a importante novidade.

Por fim, Gabriel aceitou dissimulando um sorriso. Pensou que já tinha adivinhado o que queria lhe dizer. "Finalmente esta boboca compreendeu que me ama!", pensou.

Deixaria que conseguisse o que queria. Se queria confessar-lhe na intimidade do quarto, daria-lhe o gosto. Desejou que o jantar já tivesse terminado: estava impaciente por ficar a sós com Johanna. Até esse momento não tinha compreendido quão importante era para ele o amor de sua esposa. Não era imprescindível que as esposas amassem os maridos, mas Gabriel estava decidido que a sua o amasse. "Por Deus! — pensou — Se eu sofrer, que ela também seja infeliz."

— Os assuntos do coração são um tanto confusos — murmurou.

— O que diz? — perguntou Johanna, sem saber se tinha ouvido bem.

— Não tem importância.

— Milorde, seu temperamento é como o clima deste lugar. — afirmou Johanna — É imprevisível.

Gabriel encolheu os ombros. Johanna se distraiu com a chegada dos soldados ao salão.

Imediatamente, observou uma importante falta nos modos dos homens:

— Quando entram no salão, têm que fazer uma reverência ao lorde e a sua esposa.

Depois de dar a instrução, esperou para ver se os soldados concordavam em ser cortesês. Se resistissem, estava disposta a ordenar a Megan que fosse buscar mais tigelas.

Os homens inclinaram as cabeças e Johanna se sentiu satisfeita. Deixou o marido de pé junto à lareira e se aproximou da mesa dos MacBain. Dois jovens que nessa noite tinham o privilégio de jantar com o lorde já tinham sentado e Johanna lhes pediu que voltassem a levantar-se.

— Ninguém se senta até que o lorde e eu tenhamos ocupado nossos lugares. — explicou com paciência. A instrução suscitou certos protestos, mas ao fim todos cumpriram a exigência.

Johanna não queria provocar muito os soldados e por isso não os repreendeu quando falaram aos gritos durante o jantar. Estava muito satisfeita com os progressos obtidos: os homens se esforçavam por ser cortesês. Não escutou um só arrotto ao longo da refeição.

Augie perguntou ao lorde o que pensava fazer com o ouro líquido armazenado na caverna. Todos ficaram alerta, pois o ancião tinha falado em sussurros e acreditaram que se tratasse de um segredo.

Johanna ficou perplexa: na noite anterior não tinham dado atenção a seus gritos, mas ao captar o murmúrio de Augie todos ficaram em silêncio. Tomou nota desse fato para usá-lo no futuro.

— De que fala Augie? — perguntou Keith ao lorde.

Reclinando-se na cadeira, Gabriel contou a todos sobre os barris que havia na caverna. A notícia suscitou um estouro de clamores e aplausos, e

quando os homens se acalmaram Gabriel acrescentou que tinham que agradecer a Augie pelo tesouro.

— Vamos procurar alguns barris para beber esta noite — propôs Bryan com entusiasmo.

Johanna não deu tempo para que o marido aceitasse ou rechaçasse a proposta de Bryan: ficou de pé e fez um gesto negativo com a cabeça.

Em um impressionante desdobramento de boas maneiras, os soldados ficaram de pé imediatamente.

— Você vai ou fica? — perguntou Niall.

— Fico. Podem sentar-se, cavalheiros.

— Mas você ainda está de pé. — assinalou Lindsay — É uma artimanha, não é? Assim que nos sentemos, começará a nos jogar tigelas outra vez.

Johanna se conteve.

— Não farei tal coisa. — prometeu — Só me levantei para que prestem atenção.

— Por quê?

Olhou carrancuda para o soldado MacBain que tinha feito a pergunta.

— Se tiver um minuto de paciência, explicarei. Os barris não são para beber. A bebida é muito valiosa: usaremos para trocá-la pelos produtos que necessitamos.

Esperava uma discussão e não a desapontaram: todos começaram a gritar ao mesmo tempo. Só permaneceram calados o padre MacKechnie e Gabriel. Os dois observavam sorridentes a Johanna, que tentava apaziguar os soldados.

— Quando tiverem pensado, compreenderão que a troca é a única alternativa que resta.

— Mas, em nome de Deus! Por que quer trocá-la por outras coisas? — fez-se ouvir Keith por cima do barulho.

Johanna ouviu a pergunta e se voltou para responder.

— Roubar é pecaminoso, sabe? E se empregarmos...

Tentava explicar os motivos quando compreendeu que ninguém a escutava. Voltou-se para o marido e a expressão de Gabriel indicou que o comportamento de seus homens o divertia muito. Inclinou-se para ele para que pudesse ouvi-la sobre o ruído que faziam os MacLaurin e os MacBain e exigiu que lhes explicasse por que negociariam com os barris.

Gabriel fez um gesto afirmativo e Johanna agradeceu e se sentou novamente.

— Silêncio! — gritou Gabriel. Pareceu a Johanna uma conduta imprópria, mas demonstrou ser efetiva: imediatamente, os homens deixaram de discutir.

Gabriel fez um gesto de aprovação e se dirigiu à esposa:

— Agora pode explicar sua idéia a respeito do destino da bebida.

— Mas eu quero que você explique.

Gabriel negou com a cabeça.

— Você tem que tentar fazê-los entender. — ordenou — E de passagem fazer com que eu entenda.

Johanna ficou de pé outra vez.

— Isso significa que não concorda comigo?

— Não, não concordo.

Gabriel esperou que Johanna abandonasse a expressão escandalizada e prosseguiu:

— Até agora, o roubo deu bons resultados, Johanna. Não me olhe assim: não a trai.

— Padre, roubar é errado, não é verdade?

O sacerdote assentiu.

— A senhora diz a verdade, lorde. — Foi difícil ouvir as palavras

do sacerdote por causa do ruído dos bancos ao arrastar, pois os homens se levantaram outra vez.

— Decidirá de uma vez? — pediu Keith.

— Desta vez irá? — perguntou Niall em um sussurro tão alto que todos ouviram.

— Acredito que não vai — disse Calum arrastando as palavras.

— Oh, sentem-se — sussurrou Johanna, mas não a obedeceram até que ela mesma se sentou.

Sem deixar de olhar para o marido com expressão severa, disse:

— Agradaria-me, e devo acrescentar que também agradaria a Deus, que vocês deixassem de roubar e utilizassem os barris para trocá-los pelo que nosso clã precisa.

— Sim, agradaria a Deus — afirmou o padre MacKechnie — Peço perdão por interromper, mas queria sugerir algo.

— Do que se trata, padre? — perguntou Gabriel.

— Troque alguns dos barris para obter o que precisamos e deixe o resto para o clã.

Depois da sugestão do sacerdote surgiram novas discussões. A maioria dos MacLaurin estava de acordo, mas os MacBain teimavam em conservar todo o tesouro para si mesmos. Comportavam-se como meninos que não querem compartilhar os brinquedos. Por desgraça, Gabriel se uniu a este último grupo.

Johanna já não ocultava seu desgosto e Gabriel tentava não rir dela. Pelo jeito, o assunto era extremamente importante para a esposa e, finalmente, o lorde decidiu sacrificar a diversão de roubar para agradá-la.

— Faremos o que sugere o sacerdote — afirmou.

Johanna deixou escapar um suspiro de alívio e Gabriel deu uma piscadinha.

— Nem sempre conseguirá o que quer — advertiu.

— Não, claro que não — se apressou a admitir Johanna. Estava tão contente com seu marido que estendeu a mão para pegar a dele.

— Necessitaremos um provador — anunciou Augie.

Todos o olharam. Os mais jovens não sabiam a que se referia e Lindsay foi o primeiro a perguntar o que todos queriam saber.

— Augie, que demônios é um provador?

— Um perito. — respondeu com ênfase o ancião — Ele poderá nos dizer quais barris temos que conservar. Não queremos entregar os melhores, não é?

— Não, certamente que não — exclamou Niall.

— E um provador não beberia todo o licor que está provando? — perguntou Bryan.

— Eu tenho bom paladar para a bebida. — se gabou Lindsay — Eu poderia ser o provador.

Todos riram da proposta do soldado. Quando o ruído cessou, Augie explicou:

— Um provador não bebe o licor. Sente o cheiro. Pelo cheiro pode distinguir o que está azedo do bom.

— Se for assim, teríamos que conseguir o Spencer — propôs Calum — Tem o nariz maior dos MacLaurin e dos MacBain.

Augie sorriu.

— Filho, o que conta não é o tamanho e sim a experiência. O importante é a destreza. Pode-se ensinar a cheirar os licores, mas os melhores são os que têm um talento natural. Perto da ilhota de Islay há um provador que poderíamos chamar, se é que ainda vive, e ouvi falar de outro que vive no sul; está perto dos Lowlands e por isso acredito que deve ser um MacDonnell.

— Não podemos trazer um estranho aqui — protestou Calum — Assim que ver o tesouro, irá embora e contará a seu lorde. E em seguida todos os MacDonnell virão correndo.

Nesse momento, Johanna não prestava atenção à discussão, pois

pensava em seu abençoado estado. Essa noite, quando estivessem sozinhos na cama, contaria sobre a criança. Asseguraria que tivesse velas acesas para poder ver a expressão de assombro diante do anúncio. Posou a mão sobre o ventre. Deus querido, teria um filho!

— Então, estamos de acordo? — perguntou Gabriel. Todos gritavam que sim quando Johanna notou a expressão espantada do padre MacKechnie. Quando o sacerdote viu que Johanna lhe prestava atenção, fez um gesto com a cabeça para Gabriel.

Johanna adivinhou que o sacerdote não aprovava o que o marido acabava de decidir.

— O que é o que acordaram?

— Não prestou atenção à discussão?

— Não.

— MacBain. — gritou Calum — Não podemos enviar um mensageiro para pedir um provador: o clã ficaria sob suspeitas.

— Claro, perguntariam para que queremos um provador e o seguiriam — interveio Keith.

— Podemos seqüestrá-lo — propôs Augie.

— Como saberemos qual apanhar? — perguntou Lindsay.

— Se trouxermos Nevers, eu irei com vocês e o mostrarei.

— Nevers? Que tipo de nome é esse? — perguntou um dos MacLaurin.

— Gabriel, por favor, poderia me dizer o que é que foi decidido? — insistiu Johanna.

— Decidimos o que fazer com o provador — respondeu Calum pelo lorde — depois que tiver selecionado os barris com a melhor bebida.

— Sim — afirmou Keith.

— Então, estamos todos de acordo? — perguntou Augie — Raptamos Nevers?

Cada um vociferou sua opinião sobre o plano de Augie de raptar o provador, enquanto Johanna, impaciente, tamborilava com os dedos sobre a mesa.

— Por favor, me explique... — começou uma vez mais.

Ao mesmo tempo, Bryan perguntou:

— Não teríamos que trazer os barris ao salão?

— Onde é a caverna? — quis saber Keith.

Johanna não queria esperar muito mais uma resposta: o padre MacKechnie ainda parecia aflito e estava decidida a averiguar por que.

— Um minuto, por favor! — gritou — Keith, você disse que tinha decidido o que fazer com o provador...

— Todos decidimos — corrigiu.

— E? — insistiu-o Johanna.

— E o que, milady?

— O que é o que farão? O provador irá a sua casa, não?

— Não, moça, Por Deus! — disse Augie, fazendo uma careta.

— Não pode retornar para sua casa, milady.

— Por que não?

— Porque contaria a seu próprio lorde sobre os barris — explicou Keith.

— Não podemos permitir que o provador fale — interveio Bryan.

— Certamente que falaria — afirmou Niall — Em seu lugar, eu o faria.

Então, Keith tentou mudar de assunto, mas Johanna não deixou.

— Ainda não responderam minha pergunta. O que é o que pensam fazer com o sujeito?

— Vamos, Johanna, isso não te compete — disse Gabriel — Por que não se senta junto ao fogo e costura um pouco?

Tentava distrai-la e isso despertou ainda mais as suspeitas de Johanna.

— Não estou com vontade de costurar, milorde, e não me moverei daqui até que me respondam.

Gabriel exalou um suspiro.

— É uma mulher obstinada.

Todos os soldados assentiram, indubitavelmente de acordo com o chefe.

Como ninguém parecia disposto a dizer a verdade à senhora, o sacerdote se decidiu a fazê-lo.

— Pretendem matá-lo, moça.

Johanna não pôde dar crédito a seus ouvidos e fez o clérigo repetir. Abafou uma exclamação, ficou em pé de um salto e sacudiu a cabeça com veemência.

— Você esteve de acordo com esta solução? — perguntou-lhe ao marido.

— Milady, — disse Calum — o lorde não dá sua opinião. Ele espera que todos tenhamos feito nossas sugestões e em seguida decide a favor ou contra, entende?

— Então, Gabriel vetou essa idéia pecaminosa — afirmou Johanna.

— Por que faria semelhante coisa, milady? É um plano sensato — argumentou Michael.

Gabriel estava decidido a vetar o plano de matar o provador, pois lhe parecia indigno obter a colaboração do homem e em seguida compensá-lo de um modo tão espantoso, mas não lhe agradava a idéia de que a esposa lhe dissesse o que tinha que fazer. Ao mesmo tempo, tentava imaginar uma alternativa viável para o problema.

— Ninguém matará o provador.

Ouviram-se vários rosnados de protesto por parte dos soldados.

— Mas, milady — assinalou Keith — esta é a primeira vez que os MacLaurin e os MacBain estão de acordo em algo.

Johanna estava enfurecida. Com o olhar fixo no marido disse:

— Compreendi bem? Pensam aproveitar-se da habilidade do provador e matá-lo quando terminar de ajudá-los?

— Pelo jeito, isso é o que faremos — respondeu Calum em lugar do lorde, e em seguida teve a ousadia de sorrir.

— E é dessa maneira que vocês pagam um favor?

Ninguém respondeu. Johanna passeou o olhar pelos presentes e em seguida o posou no marido. Gabriel assentiu: estava de acordo com o funesto plano.

Johanna se esforçou por raciocinar com ele para convencê-lo.

— Gabriel, se roubar é pecado, o que acredita que será matar?

— Uma necessidade — respondeu o homem.

— Não.

Johanna estava encolerizada, e embora Gabriel soubesse que poderia acalmá-la se lhe dissesse que não permitiria que ninguém fizesse mal ao provador, divertia-se em vê-la zangada. E pensar que a tinha considerado tímida! Recordou como se comportou o dia em que a conheceu: tímida e também aterrorizada. Em pouco tempo sua mulherzinha tinha feito um considerável progresso. Claro que as mudanças eram favoráveis e lhe agradava pensar que ele tinha parte da responsabilidade nelas. Se Johanna não se sentia segura quando chegou aos Highlands, não havia dúvida de que agora sim se sentia a salvo ali. E confiava em Gabriel. Se ainda lhe temesse, não estaria destrambelhando dessa maneira.

— Gabriel, está sorrindo! Acaso perdeu a razão?

— Johanna, você me faz sorrir. Certamente mudou desde que nos casamos! Escondia seu temperamento sob uma máscara de indiferença. Deus é

testemunha de que me sinto orgulhoso de você quando me faz frente.

Johanna não podia acreditar que Gabriel a elogiasse nesse preciso momento, em meio a uma acalorada discussão que ela estava disposta a ganhar. Pensou que tentava enrolá-la. Sim, devia ser isso. Queria distraí-la com louvores.

Mas não o agradaria.

— Você também me faz sentir orgulhosa — alfinetou — Mesmo assim, não matará o provador. Será melhor que desista, pois não penso aceitá-lo. Mantereí-me firme até que o faça.

Parecia disposta a matar a alguém e Gabriel pensou que sem dúvida ele mesmo poderia ser o alvo.

— Decidi lhe agradar no assunto do intercâmbio, mas eu me mantereí mais firme ainda no que se refere ao provador.

Roucas exclamações de aprovação acompanharam a frase do lorde.

— Não podemos permitir que o sujeito retorne ao seu país. Voltaria com um exército para roubar os barris — explicou Keith ao ver que a Senhora o olhava carrancuda.

— Não, não podemos nos arriscar — gritou outro MacLaurin.

— Levantou-se outra vez — exclamou Bryan.

— Pelo amor de...! — murmuraram os homens enquanto ficavam de pé.

Johanna não fez conta.

— Gabriel, se o provador não souber onde está a caverna e não pode ver o caminho, não poderia guiar ninguém até onde guardamos os barris, não é? Portanto...

Deixou que o marido tirasse sua própria conclusão. Podia ser um bárbaro, mas era inteligente e imaginou o que Johanna lhe insinuava.

Calum deu uma palmada sobre a mesa.

— Por Deus, lorde, esse é um bom plano!

— É um tanto cruel — opinou Keith — Eu preferiria matá-lo, mas se nossa senhora está empenhada em manter vivo tal provador, tenho que admitir que é uma boa alternativa.

— Não há dúvida de que é uma garota inteligente — afirmou Augie, em tom orgulhoso.

Johanna não compreendeu do que falavam os homens. Tinha o olhar fixo sobre seu marido. Gabriel a contemplou um longo momento e disse:

— Não me deixará matá-lo, não é, moça?

Pareceu a Johanna decepcionado e não ocultou sua própria exasperação.

— Certamente, não o permitirei.

Gabriel soltou um suspiro um longo e dramático.

— Demônios!

Johanna interpretou a maldição como o sinal de que tinha vencido.

— Obrigado — murmurou — Sabia que podia ser razoável.

Tal foi o alívio que se deixou cair na cadeira e todos os homens se sentaram.

— Seguiremos seu plano — anunciou Gabriel.

— É cruel, mas justo — disse Keith, em tom elogioso.

— Cruel? — O que Keith dizia não tinha sentido para Johanna, e tampouco o brilho dos olhos de Gabriel. Estava feliz de ter perdido a discussão?

Jogou um olhar ao padre MacKechnie, para ver como reagia. Sem dúvida, estaria sorrindo, mas seguia com expressão aflita.

Imediatamente, Johanna ficou em guarda.

— Keith, o que é que te parece cruel?

— Cruel ou não, é um plano ardiloso — disse Calum.

— Que plano?

— Que você propôs. Não lembra?

— Tem problemas de cor — assinalou Keith — Nunca recorda em que dia está. Agora, por exemplo, tem a túnica posta equivocada.

— Por favor, alguém pode me explicar o plano?

— Cegaremo-lo.

Foi Keith quem deu a atroz explicação, que foi seguida de outra ronda de rosnados.

A senhora se levantou de um salto e todos os homens a imitaram imediatamente.

— Tenho uma idéia: atar a minha senhora à cadeira. — murmurou Augie — Estou farto de me sentar e me levantar cada minuto.

A essa altura, Johanna tinha uma terrível dor de cabeça: tinha esgotado a paciência. Quase gritando, ordenou aos homens que se sentassem.

Ao notar que tinha gritado se esforçou por acalmar-se. "Raciocina. — pensou — Sim, raciocina com estes selvagens."

— Homens, há mais de uma maneira de entrar em um castelo — começou, em voz rouca pelo esforço que fazia para controlar-se.

— Milady — a interrompeu Keith — Já falamos disso. Acaso ainda não está claro? Temos uma porta traseira e uma...

— Cale-se! — vociferou Johanna. Puxou o cabelo e baixou a voz — Deus é testemunha de que vocês me obrigam a gritar!

— Sim, milady — assinalou Lindsay — Está gritando.

Johanna inspirou profundamente. Por Deus, os faria serem razoáveis ou morreria tentando! Sem dúvida alguns deles compreendiam que esse plano era um pecado. Corresponhia a Johanna convencer a outros. Afinal de contas, eram membros de seu próprio clã e, portanto, tinha responsabilidade sobre eles.

— Que o Céu me ampare! — murmurou.

— O que disse? — perguntou Lindsay.

— Não posso acreditar que queiram cegar o pobre homem! — exclamou.

— Milady, você nos deu a idéia.

— Keith, juro que se tivesse à mão uma tigela...

— Está enfurecendo à senhora — advertiu Augie.

Johanna se dirigiu ao marido.

— Não cegarão esse homem. Não quero ouvir falar disso. Ao dizer que havia mais de uma entrada no castelo tentava lhes ensinar algo e... Por Deus, Keith, se tenta me explicar outra vez a quantidade de entradas, juro que te jogarei algo! O que quis dizer, marido, é que... Oh, Deus, perdi-me!

— Tentava lembrar como entrar no castelo — recordou Lindsay.

— Não. — alfinetou Johanna — Tentava ensinar algo, homens tolos. Não há somente uma maneira de limpar um pescado, entendem? Se não querem que o provador veja a localização da caverna, bastará tampar-lhe os olhos quando o conduzirem até ela.

— Nós não limpamos o pescado neste país. — disse Lindsay — O comemos inteiro.

Johanna sentiu vontade de matá-lo, mas se conformou em lhe lançar um olhar feroz.

— Está deixando-a nervosa. — gritou Augie — Está doente e isso lhe faz mal. Desculpe-se, moço — lhe ordenou.

— Gabriel, quero que me dê sua palavra de que não farão mal ao provador — exigiu Johanna.

Gabriel a olhava carrancudo. Lindsay gaguejava uma desculpa. Keith considerou necessário insistir na contagem das entradas do castelo e Calum perguntou em voz alta se os ingleses limpavam o pescado antes de comê-lo, pensando que eram ignorantes o bastante para fazer semelhante coisa.

— Milady, não deveria usar nossas cores hoje? — perguntou Michael, o mais jovem dos soldados MacLaurin, que acabava de notar o engano.

Keith assentiu e disse em tom resignado:

— Sim.

— Augie, a que se referia quando disse que minha esposa estava doente?

— Desmaiou esta tarde, lorde. — contou Augie — Sim, caiu como um cadáver.

O rugido de Gabriel ressoou em todo o salão e todos se calaram imediatamente.

Dois meses atrás, isso teria feito Johanna fugir: sim, a teria aterrorizado. "Progredi", pensou, pois a fúria de Gabriel não fez mais que irritá-la.

Cobriu as orelhas com as mãos e lançou um olhar carrancudo ao marido.

— Tem que fazer isso?

Gabriel não fez caso da repreensão.

— É verdade que desmaiou? Desta vez não fingia?

Johanna não respondeu.

— Por que todos gritam o tempo todo? Advirto-lhes, homens! — acrescentou, percorrendo os presentes com o olhar — Quando minha mãe chegar, ninguém falará mais que em um murmúrio respeitável.

Não obteve uma aceitação rápida o bastante e vociferou:

— Entenderam?

Os soldados todos assentiram e Johanna soltou uma exclamação satisfeita, muito pouco feminina. Então viu que o padre MacKechnie sorria e se distraiu, pois não compreendia o que lhe parecia tão divertido. Teve que pensar um momento. Gabriel não deixou que o ignorasse:

— Maldição, me responda!

Estava resolvido a obter uma resposta apropriada. Johanna deixou cair os ombros: imaginou-se deitada na cama durante os cinco ou seis meses seguintes e fez uma careta.

Compreendeu que seria conveniente apaziguá-lo. Afinal de contas era seu marido e se afligia muito se acreditasse que estava doente.

— Não é o que aparenta. — disse — Não estou doente.

— Desmaiou ou não?

Gabriel arrastou a cadeira ao levantar-se. Ergueu-se frente à mulher como o arcanjo vingador com o qual Johanna o identificava em suas próprias fantasias... E por Deus, estava magnífico! Gabriel se inclinou até que seu rosto ficou a poucos centímetros do de Johanna, com a evidente intenção de intimidá-la e obter uma resposta.

Johanna estendeu a mão e lhe acariciou o rosto.

— Prometa-me que não machucará o provador e em seguida explicarei o que aconteceu.

Antes de responder, o lorde lhe segurou a mão.

— Esposa minha, não estou com humor para negociar. Que motivo tinha para fingir um desvanecimento diante de Augie?

— Não foi um fingimento, lorde: eu o preveni.

— Terei supremo prazer em falar disto com você a sós — murmurou Johanna.

— Levei-a para ver Glynis para que a aconselhasse — afirmou Augie.

— Acaso o lorde acha que a Senhora fingiu desmaiar ontem à noite? — perguntou Bryan.

— É suficientemente astuta para tentar nos enganar — comentou Lindsay.

Calum concordou com o MacLaurin:

— Sim, é ardilosa.

Johanna se ofendeu com os insultos dos homens. Soltou bruscamente a mão do marido e virou para os soldados.

— Como podem dizer que sou ardilosa? — gritou.

— Porque é, milady — disse Bryan em tom alegre.

Johanna se voltou para Gabriel esperando que a defendesse. Este, por sua vez, esperava que Johanna lhe dissesse o que acontecia.

— Gabriel, como pode permitir que me difamem?

— Maldição, é um elogio! Quero que preste atenção. Quando formulo uma pergunta espero que me responda.

— Sim, certamente — admitiu Johanna tentando acalmá-lo — Só que este não é o momento... — Seguia concentrada no que os soldados haviam dito dela — Não posso acreditar que pensem que sou má! — exclamou.

— Você matou nossa mascote e a outros três — recordou Calum.

— Isso foi uma necessidade, não uma maldade.

— A você lhe ocorreu a idéia de cegar o provador — disse Keith.

— Cobrir-lhe os olhos — corrigiu Johanna.

— Você lançou uma flecha no soldado MacInnes.

— Isso foi maldade, milady.

— Faria outra vez — afirmou Johanna. Não estava disposta a fingir que lamentava ter ferido aquele soldado. — Esse sujeito quis dar um chute em Clare MacKay e não podia permiti-lo.

— Sim, claro que voltaria a fazê-lo — afirmou Keith — Por isso acreditam que é má, milady. É uma honra tê-la como Senhora.

O elogio de Keith foi seguido de resmungos de aprovação. Johanna ruborizou e jogou o cabelo sobre os ombros numa tentativa de disfarçar o quanto a tinha afetado os elogios de Keith.

— Talvez possa aceitar que me chamem de malvada, mas não quero que digam essas coisas diante de minha mãe. Ela não entenderia.

— Johanna! — gritou Gabriel. Johanna compreendeu que tinha esgotado sua paciência. Tinha esperado um longo momento que sua esposa

prestasse atenção. Voltou-se para ele e sorriu.

— Que deseja, milorde?

Gabriel piscou. Certamente tinha lhe esgotado a paciência! Johanna reuniu coragem e exclamou:

— O primeiro foi um desmaio autêntico, e esta tarde desmaiei outra vez. — Antes que Gabriel começasse a gritar outra vez, apressou a acrescentar: — Mas não estou doente. Glynis me explicou o que me acontecia.

— Irá para cama.

— Sabia que reagiria de maneira exagerada! — exclamou Johanna.

Gabriel a puxou pela mão e a levou arrastada através do salão, embora Johanna não colaborasse. Tentava resistir.

— Quanto tempo terei que ficar na cama?

— Até que se recupere de sua enfermidade. — afirmou o marido — Maldição, eu sabia que não era forte o bastante para suportar um ano inteiro!

A exclamação de Johanna ressoou por todo o salão. A afirmação de Gabriel a tinha exasperado. Todos os soldados observavam a cena sorrindo ao ouvir o comentário do lorde e a reação da esposa.

— Se me considerava tão desmilinguida, não deveria ter se casado comigo.

Gabriel riu. Johanna se soltou com um puxão e retrocedeu para que ele não pudesse voltar a agarrá-la.

— Aposto que brigará outra vez — disse Lindsay.

O padre MacKechnie moveu a cabeça.

— Com nosso lorde, não — disse o soldado — Sente afeto por MacBain.

— Neste momento não parece — disse Bryan — Tem a expressão tão carrancuda quanto a dele.

Johanna não prestava atenção nos murmúrios dos soldados, completamente concentrada nesse homem obstinado.

— Lamenta ter se casado comigo, não é?

Gabriel não respondeu imediatamente.

— Só se casou comigo para ficar com as terras, e quando eu tiver morrido se casará com uma mulher gigante, preferivelmente uma que possa arrotar tão forte quanto um homem.

A expressão do marido a fez calar.

— Você não morrerá. — Foi uma ordem dada em um sussurro áspero transbordante de angústia.

Johanna ficou atônita ao compreender que Gabriel estava aterrorizado.

— Não a perderei.

— Não, não me perderá.

Johanna se adiantou e pegou na sua mão. Os olhos encheram-se de lágrimas contemplando esse homem maravilhoso que tentava intimidá-la para que recuperasse a sensatez.

Gabriel a amava. Ainda não disse as palavras, mas os olhos demonstravam e Johanna se sentiu extasiada.

Subiram a escada juntos e a jovem percebeu que o marido tremia. Não queria que continuasse inquietando-se; o deteve no patamar das escadas que levavam ao dormitório.

Abaixo, os homens esticavam os pescoços para ver o que acontecia, mas estavam muito longe para ouvir a conversa.

— Gabriel, lembra minha preocupação antes que nos casássemos?

— Esposa minha, tinha muitas preocupações para que as recorde. Não me afaste. Carregarei você até lá em cima. Não compreende que se desmaiar enquanto sobe poderia quebrar o pescoço? Talvez não se preocupe com seu bem-estar, mas eu sim.

Gabriel soube que estava desnudando seu coração diante dela e não lhe agradeou sentir-se tão exposto.

— O que diria sua mãe se ao chegar soubesse que a filha está morta? — murmurou.

Johanna sorriu.

— Agradará a minha mãe, Gabriel.

O marido adotou uma expressão exasperada. Elevou-a nos braços e imediatamente Johanna o beijou.

— De qualquer modo irá para cama — afirmou.

— Na noite que nos casamos disse que era estéril.

— Não, Nicholas disse-me isso.

Johanna assentiu.

— Na nossa noite de núpcias eu repeti isso.

— Sim. — admitiu Gabriel — De fato, disse várias vezes.

Começou a subir. A jovem apoiou a cabeça no ombro e lhe acariciou a nuca.

Johanna se perguntou se o menino teria a aparência do marido. Pensou que seria agradável ter uma filha, mas em seguida chegou à conclusão de que também a faria feliz um garotinho.

— Não sou — suspirou.

Esperou que Gabriel entendesse, mas o homem não disse nada até que chegaram ao dormitório.

— Ouviu o que eu disse? Não sou estéril — repetiu.

— Que não é o que?

— Não sou infecunda.

Gabriel abriu a porta, mas se deteve na soleira e cravou o olhar na esposa. Depositou-a lentamente no chão.

— Acredita na verdade que isso me importa? Alex e você constituem toda a família que aspiro ter. Não necessito outro filho. Maldição, mulher! Acaso não compreendeu que... Significa para mim mais que... ?

Parecia infeliz. Johanna não sorriu, pois compreendeu que não agradava ao marido expressar seus sentimentos.

Os dois tinham a mesma característica.

— Gabriel...

— Não quero que volte a mencionar o fato de que é estéril, Johanna. Deixa de se preocupar.

Johanna entrou no dormitório.

— Milorde, talvez não precise de outro filho, mas asseguro que dentro de cinco ou seis meses o terá.

O homem não compreendeu. Sacudiu a cabeça e Johanna fez um gesto afirmativo.

— Teremos um filho.

Pela primeira vez na vida Gabriel MacBain ficou sem palavras. A Johanna pareceu uma reação coerente.

Afinal de contas, acabava de acontecer um milagre.

Capítulo 16

— Tem certeza? — perguntou Gabriel em um sussurro para não despertar o filho.

Alex dormia sobre um colchão no quarto. Sob a montanha de mantas que Johanna tinha colocado para que estivesse agasalhado, só se via o cocuruto.

O homem e a mulher estavam na cama. Gabriel estava abraçado a Johanna e a moça se sentiu tão aliviada que enfim ele tivesse reagido que suspirou. Já fazia uma hora que tinha contado e esperava que Gabriel lhe confessasse que o tinha feito feliz, mas até o momento não tinha dito uma palavra.

— Tenho todos os sintomas. — murmurou Johanna — Claro que a princípio não acreditei, pois por muito tempo me considerei incapaz de conceber. Gabriel, está feliz pela notícia do filho?

— Sim.

Johanna suspirou outra vez. No quarto estava muito escuro para ver o semblante de Gabriel, mas imaginou que estava sorrindo.

— Glynis me explicou que é possível que uma mulher não conceba com um homem e seja fértil com outro. Sabe o que isso significa?

— O quê?

— Que também é possível que os homens sejam estéreis.

Gabriel riu e Johanna o fez calar para que não despertasse Alex.

— Evidentemente, seu primeiro marido foi.

— Por que isso o alegra?

— Porque foi um canalha.

Johanna não pôde negar.

— Por que os homens não reconhecem que eles podem ser a parte estéril do casamento?

— Suponho que é por orgulho ferido. É mais fácil culpar às mulheres. Não é correto, mas é mais fácil.

Johanna soltou um sonoro bocejo. Gabriel lhe acariciava as costas e isso a deixava sonolenta. O marido perguntou algo, mas estava muito cansada para responder. Fechou os olhos e um minuto depois sumiu no mundo dos sonhos.

Gabriel dormiu uma hora depois. Com Johanna abraçada junto a si, pensava na criança: embora devesse preferir um filho varão em primeiro lugar, pois um homem necessitava muitos filhos que o ajudassem a construir um império, na realidade desejava uma menina. Teria o cabelo dourado e os olhos azuis, como a mãe e, se Deus desejasse recriar a perfeição, também seria tão insolente quanto a mãe.

Dormiu com um sorriso.

Na manhã seguinte, com Johanna de pé junto a ele sobre o primeiro degrau da entrada, lorde MacBain informou ao clã que teria um filho. Alex estava junto a Johanna. Tanto os MacLaurin como os MacBain receberam a notícia com ruidosa alegria. Johanna e Gabriel já tinham contado a Alex, mas o pequeno não pareceu muito interessado na perspectiva de ter um irmão e esse desinteresse convenceu os pais de que se sentia seguro.

O menino quase não podia conter a impaciência enquanto era feito o anúncio. O pai tinha prometido levá-lo para cavalgar e, para um menino de quatro anos, um minuto de espera representava uma hora.

Uma vez que Gabriel se despediu dos que tinham ido desejar felicidades, Johanna se dirigiu a Calum e a Keith.

— Me ocorreram vários nomes e eu gostaria que...

— Em nome de Deus, moça, não pode nos dizer o nome do menino! — horrorizou-se Keith.

Quando afinal pôde parar de balbuciar, Keith perguntou à senhora se ignorava que não devia jamais mencionar o nome do filho a outra pessoa antes do batismo e Johanna respondeu que não sabia.

— Jamais me preocuparam as tradições referentes aos recém-nascidos.

— Como é possível, milady? — perguntou Calum — Quase todas as mulheres casadas seguem meticulosamente a tradição.

— Eu achava que era estéril.

— Não é — assinalou Keith.

— Não, não sou. — confirmou Johanna com um sorriso.

— Nesse caso, faremos o melhor que pudermos para informá-la da importância da escolha do nome.

— O nome de um homem é muito importante — afirmou Calum.

Antes que Johanna pudesse perguntar o que significava essa afirmação, Keith lhe disse:

— Se alguém soubesse o nome do menino antes do batismo poderia utilizá-lo para lançar um encantamento sobre ele.

Calum fez um gesto afirmativo.

Os semblantes severos dos homens fizeram Johanna compreender que não brincavam: acreditavam com convicção em semelhantes crendices.

— O que me dizem é uma tradição ou uma superstição? — perguntou Johanna.

Glynis se aproximou para intervir na conversa, pois queria acrescentar uma importante informação de sua própria experiência.

— Milady, se o menino chorar durante a cerimônia de batismo significa que o diabo foi expulso. Você sabia?

Johanna negou com a cabeça: jamais tinha ouvido falar de semelhante despropósito e se absteve de sorrir para não ofender Glynis.

— Espero que o menino chore — disse.

— Para ter certeza, poderia dar um ligeiro beliscão — sugeriu Glynis.

— Algumas mães o fazem — conjecturou Keith.

— Certamente, se seu pequeno nascer à meia-noite ou ao entardecer, receberá o dom da clarividência. Mas que o Céu nos ajude se nascer à hora em que soam os sinos, pois nesse caso verá fantasmas e espíritos que as demais pessoas não vêem.

— Papai, ainda não está preparado? — perguntou Alex.

Gabriel assentiu. Inclinado sobre Johanna lhe ordenou que não se cansasse e em seguida ergueu o filho sobre um ombro e se encaminhou para os estábulos.

Leila cruzou o pátio, saudou o lorde ao passar e se aproximou correndo de Johanna para felicitá-la.

— É uma notícia maravilhosa — disse.

— Sim. — confirmou Glynis — Casualmente, oferecia-lhe à Senhora alguns conselhos — disse a Leila.

— Eu tentarei lembrá-los — prometeu Johanna.

Keith sacudiu a cabeça.

— Duvido que recorde. — disse — Esqueceu que dia é hoje — acrescentou — Outra vez está usando a túnica errada.

— A esta altura me pergunto se faz de propósito — assinalou Calum com um matiz divertido na voz. Quando o soldado MacLaurin falou, Leila lhe deu as costas. Johanna notou e ficou intrigada.

— Glynis, Megan me disse que tem boa mão para cortar o cabelo — disse Johanna.

— Sim: tenho habilidade para cortar o cabelo.

— Talvez Clare MacKay precise dessa habilidade. — disse Johanna — Os MacInnes o deixaram em um estado lamentável.

— Sei. — repôs Glynis — Fizeram isso para que todos os que a vejam se inteirem de sua desgraça.

Nesse momento, Johanna não desejava iniciar uma extensa

discussão a respeito de Clare MacKay.

— Sim, mas o pai de Clare chega aqui hoje e me perguntava se poderia...

— Não diga mais, milady. Com muito prazer procurarei minhas tesouras e tentarei deixar a moça mais apresentável.

— Obrigado. — disse Johanna — Por favor, Leila, ainda não vá — acrescentou ao ver que a jovem MacLaurin se virava para ir junto com Glynis.

— Como hoje lady Johanna usa as cores dos MacBain, suponho que é sua responsabilidade — disse Keith a Calum.

— Cavalheiros, posso me cuidar sozinha. — afirmou Johanna — Perdem tempo dando voltas ao meu redor.

Nenhum dos dois deu atenção ao protesto da senhora.

— Sim, é minha responsabilidade — disse Calum.

Johanna decidiu que falaria com Gabriel em relação a essa ordem tão absurda, pois os homens não deixariam de andar atrás dela até que o próprio lorde os eximisse da responsabilidade.

Keith fez uma reverência à Senhora e foi cumprir com suas obrigações. Calum estava a ponto de voltar a entrar, mas Johanna o deteve pondo a mão no seu braço.

— Calum, poderia me conceder um minuto? Queria apresentar Leila.

O homem a olhou como se achasse que tinha enlouquecido.

— Milady, faz tempo que conheço Leila — disse, sem lançar um olhar à mulher MacLaurin. Johanna se voltou para a moça, que mantinha o olhar fixo no chão.

— Leila, conhece Calum?

— Sabe que sim — murmurou Leila.

— Então, por favor, me expliquem por que se comportam como se não se conhecessem. Talvez seja um excesso de curiosidade de minha parte,

mas lhes asseguro que me move a melhor das intenções. Ao ver que faziam esforços por não se olharem, pensei que na realidade se interessassem muito um pelo outro.

— Ele é um MacBain.

— Ela é uma MacLaurin.

— Milady, desculpe-me, por favor. — disse Calum em tom firme e cortante — Há tarefas que requerem minha atenção. Não tenho tempo para bate-papos frívolos.

Partiu sem sequer saudar Leila, enquanto que a moça desviava o olhar. Johanna tocou-lhe o braço.

— Sinto muito. Não quis incomodar nenhum dos dois. Está interessada em Calum, não é mesmo?

Leila assentiu com violência.

— Tentei ignorar meus sentimentos, milady. — murmurou — Mas não posso.

— Leila, eu acho que Calum sente algo por você.

— Não. — replicou a moça — Jamais se permitiria sentir atração por uma MacLaurin.

— Não sabia que a separação entre os clãs chegava a esse ponto — observou Johanna.

— Como é possível que ignore? O modo como os homens apontam quando você se equivoca de manto deveria ser prova suficiente da importância que dão a esse assunto. Todos nos esforçamos para nos dar bem, mas ao mesmo tempo, mantemo-nos separados.

— Por que têm que manter-se separados?

Leila confessou que ignorava.

— Nós valorizamos a paciência de nosso lorde. Escutei o que você disse durante o jantar com respeito às terras pertencem agora aos MacBain. Milady, todos falavam disso. E embora alguns de nós o aceitemos, não agradou aos soldados MacLaurin escutá-lo.

— Sabe o que penso? Que dois mantos é demais.

— Sim, sim. — afirmou Leila — Mas por mais que você rogue, nenhum dos clãs vai querer deixar de lado suas cores.

— Não rogarei a ninguém. — disse Johanna — Poderia me responder uma pergunta, por favor? Se Calum fosse um MacLaurin, a cortejaria?

— Esperaria que o fizesse. — respondeu Leila — Mas não é um MacLaurin e, de qualquer modo, não sente nada por mim.

Johanna mudou de assunto.

— Você gostaria de voltar para o salão e colaborar sempre nas tarefas?

— Oh, sim, milady, eu adoraria! Poderia ver... — conteve-se antes de se trair.

Mas Johanna não se enganou.

— Sim, poderia ver Calum com mais frequência.

Leila se ruborizou.

— Nosso lorde não quer que eu...

— Claro que quer. — a interrompeu Johanna — Esta noite, venha na hora do jantar, Leila. Sentará a meu lado e, depois de comer, falaremos de suas tarefas.

— Para mim será uma honra me sentar junto à milady — murmurou Leila com voz trêmula de emoção.

— Agora tenho que entrar, pois é meu turno de cuidar de Clare. Vemo-nos esta noite, Leila.

Johanna subiu as escadas e foi direto para o quarto de Clare. Deu permissão a Megan para partir e se sentou para conversar com a convalescente.

— Milady, você subiu sozinha as escadas? — quis saber Megan.

— É obvio — respondeu Johanna, surpreendida pelo tom crítico da moça.

— Poderia cair. — replicou Megan — Não deveria correr semelhante risco.

— Megan, já há muitas pessoas que se preocupam comigo. Para ser sincera, acho que se me seguirem dia e noite ficarei louca. Segurei-me no corrimão — acrescentou ao ver que Megan ia protestar.

— Lady Johanna, está você doente? — perguntou Clare.

— Está grávida, como você — Megan deixou escapar. Fez um gesto afirmativo e partiu.

— Parabéns, milady. Espero que dê a seu marido um filho saudável.

Com certo esforço, Clare se sentou na cama. Johanna a agasalhou e em seguida voltou a sentar-se.

— Também nos alegrará ter uma filha.

Clare sacudiu a cabeça.

— Eu não gostaria de ter uma filha. Os varões têm muitos privilégios, mas às meninas só as utilizam para comercializar. Não é assim?

— Sim — admitiu Johanna. Juntou as mãos sobre o colo e sorriu à mulher MacKay.

Clare a olhou com o semblante franzido.

— E por que lhe agradaria ter uma filha? Nesse caso teria a preocupação de que seu marido a desse em casamento a um homem malvado e a moça passaria o resto de sua vida...

— Amedrontada?

Clare assentiu.

— E machucada — murmurou.

— Meu marido não entregaria sua filha a um monstro sabendo disso. — disse Johanna — Acaso seu pai sabia que MacInnes é um malvado?

Clare se encolheu de ombros.

— A única coisa que lhe importou foi unir os dois clãs.

Ao ouvi-la, Johanna se sentiu abatida.

— Seu pai a ama?

— Tanto quanto qualquer pai gosta de sua filha.

— As meninas são mais inteligentes. — assegurou Johanna — Até o padre MacKechnie está convencido disso.

— Mesmo assim, sofrem golpes e humilhações. Lady Johanna, você ignora quão afortunada é. Seu marido a trata bem.

Johanna se recostou na cadeira.

— Se não o fizesse, eu não ficaria aqui.

Clare adotou uma expressão cética.

— Como poderia partir? — perguntou.

— Acharia um modo. — disse Johanna — Clare, quando me casei pela primeira vez, com um inglês, eu rogava todas as noites para não conceber um filho. Não queria ter uma menina, pois sabia que o pai a maltrataria cada vez que quisesse descarregar sua própria cólera, e tampouco queria ter um menino, pois sabia que me tiraria e o educaria a sua própria imagem. Não queria que transmitissem atitudes tão horríveis para as mulheres, entende?

— Golpeava-a?

— Sim.

— Como morreu o inglês? Você o assassinou?

A pergunta surpreendeu Johanna e negou com a cabeça.

— Houve ocasiões em que desejei matá-lo, e tenho certeza de que irei para o inferno por admitir semelhante pecado, mas não cedi à fúria. Não queria ser como ele, Clare. Certamente me senti aprisionada, até que compreendi que era inteligente o bastante para encontrar um modo de fugir.

— Como esse homem morreu?

— O rei John me disse que caiu de um precipício, na água, perto

de uma cidade. Eu nem sequer sabia que tinha partido da Inglaterra.

Clare assentiu e Johanna decidiu mudar de assunto.

— Em poucos minutos, Glynis estará aqui com suas tesouras e tentará arrumar o seu cabelo.

— Quando meu pai chegará?

— Esperamos que chegue esta tarde.

— Não quero que me arrumem o cabelo. Até que o cortassem com uma faca de açougueiro eu o usava tão comprido quanto o seu. Quero que meu pai veja o que os MacInnes fizeram a sua filha.

— E sua mãe?

— Morreu. — respondeu Clare — Já faz quatro anos. Alegro-me que não esteja presente: ver-me neste estado lhe destroçaria o coração.

— Acredita que o filho que leva no ventre... seu pai...?

— Milady, agora estou cansada. Queria descansar.

Johanna olhou Clare fixamente um longo momento. A moça MacKay fechou os olhos e fingiu dormir.

— Clare, não pode continuar adiando isto por muito tempo mais. — disse Johanna — Terá que contar o que aconteceu.

— Johanna, estou dolorida. Acaso não tem piedade?

Johanna assentiu.

— Sei que está dolorida.

— Então, por favor...

— Clare. — Johanna a cortou — Meu marido está impaciente para que diga qual soldado MacBain...

— Não direi o nome.

Clare rompeu em lágrimas e Johanna pegou sua mão.

— Tudo ficará bem. — murmurou — Não tem nada a temer.

— Você me disse que se sentia aprisionada: eu me sinto do mesmo modo. Não podia me casar com esse miserável, não podia. Fiz algo que agora...

— Sim?

Clare moveu a cabeça.

— Não importa. — sussurrou — Logo serei descoberta. Por favor, agora me deixe descansar. Ainda não estou forte o bastante para lhe contar o que aconteceu.

Johanna se deu por vencida. Glynis bateu na porta e entrou com uma escova e umas tesouras na mão.

— Estou preparada para ver o que posso fazer — afirmou.

Johanna se levantou.

— Clare não quer que toquem no seu cabelo.

— Milady, isso significa que foi inútil todo o trabalho que tive para encontrar as tesouras?

— Na realidade não, Glynis. Eu queria utilizar seus serviços. Já faz tempo que desejo cortar meu cabelo. Venha ao meu quarto e assim poderá utilizar suas tesouras.

Glynis se animou: seus esforços não tinham sido em vão. Ela e Johanna discutiram a respeito do comprimento de cabelo que cortaria. Glynis não queria cortar muito, mas a senhora insistiu nisso.

Quando Glynis terminou, o cabelo de Johanna apenas lhe roçava os ombros.

— Milady, confesso que está encantadora.

— Não sabia que era tão encaracolado.

— O peso do cabelo esticava os cachos — explicou Glynis.

— Esse peso me dava dor de cabeça todos os dias. — acrescentou Johanna — Muito obrigado, Glynis. — passou os dedos pelo cabelo e riu — Não

sei que aparência tenho, mas a sensação é maravilhosa.

— Você acredita que MacBain terá um ataque quando vir o que lhe fiz?

O sorriso de Glynis disse a Johanna que estava brincando.

— Não acredito que note.

— Certamente notará. Nada do que se refere a senhora lhe passa despercebido. Nós sorrimos ao ver como a olha, milady: nosso chefe a ama.

— Espero que esta noite continue me amando. Sem dúvida, quando eu for jantar se irritará comigo. Tenho certeza de que todos ficarão impressionados ao ver a decisão que tomei.

É obvio, Glynis sentiu curiosidade.

— O que é que pensa fazer?

— Não posso dizer. — respondeu Johanna — Terá que esperar para saber.

Glynis importunou à senhora uns minutos mas desistiu.

— Descerá as escadas agora? A segurarei pelo braço para ter certeza de que não caia.

— Ficarei aqui. — replicou Johanna — Me emprestaria as tesouras? Esta noite lhe devolverei.

— Guarde-as aqui — disse Glynis — Quando Clare quiser que lhe corte o cabelo, saberei onde procurar. Bom dia, milady.

Glynis já apoiava a mão sobre o trinco da porta quando Johanna a deteve perguntando:

— Todas as mulheres têm os mesmos sintomas quando estão grávidas?

Glynis se voltou.

— A maioria. — respondeu — Por que pergunta?

— Tinha curiosidade — respondeu Johanna — Quando começa a

notar?

— Depende — respondeu Glynis — Em algumas mulheres, no quarto mês, em outras, mais adiante. No seu caso, já deveria estar perdendo a cintura. É assim?

— Sim.

Agradeceu outra vez a Glynis. Assim que a mulher saiu e fechou a porta, Johanna começou a preparar a surpresa. Estendeu a túnica MacBain sobre a cama e a cortou pela metade. Em seguida fez o mesmo com a dos MacLaurin. Sentou-se sobre a cama com as duas metades e as uniu com uma costura. Quando terminou, não dava pra notar onde começava a túnica dos MacBain e onde começava a dos MacLaurin.

Quando Keith visse o que tinha feito, teria que ficar na cama por uma semana. Johanna sabia que provocaria um escândalo, mas não lhe importava. Já era hora de que todos deixassem de lado suas diferenças e se unissem para formar um só clã sob a liderança de Gabriel.

Pensou que talvez devesse ter dito a seu esposo o que faria. Pregou os retalhos que restaram e os colocou debaixo da cama. Também escondeu ali a nova túnica que tinha costurado. Não a colocaria até essa noite.

Ao completar a tarefa já estava bocejando: precisava de um cochilo. Tirou a túnica e o cinturão, deixou-os sobre uma cadeira e se deitou sobre a cama. Só descansaria uns minutos.

Johanna dormiu pensando em Clare MacKay. A moça começou a lhe contar algo que tinha feito, e em seguida voltou atrás: parecia amedrontada.

Certamente, era um enigma. O que quis dizer com logo seria descoberta?

Johanna dormiu três horas. Quando abriu os olhos viu Alex junto a ela, profundamente adormecido, apoiado sobre seu braço. Certamente tinha sono pesado e Johanna esperava que o irmãozinho compartilhasse essa característica.

Sentou-se, cuidando para não incomodar Alex e esteve a ponto de soltar uma gargalhada ao ver Dumfries dormindo aos pés da cama.

Não podia ordenar ao cão que saísse sem despertar Alex. Saiu da cama, lavou-se e colocou outra vez a túnica MacBain. As náuseas tornaram a

tarefa interminável e Johanna teve que sentar-se várias vezes para que o mal-estar passasse.

Gabriel abriu a porta no mesmo instante em que Johanna ajustava o cinturão. Viu o filho adormecido e fez um gesto a Johanna para que saísse ao corredor.

Pareceu a Johanna que observava seu cabelo com expressão de desgosto. "Logo passará", pensou. Correu para o corredor com um sorriso. Gabriel fechou a porta e virou para a esposa.

— Está muito pálida — murmurou.

— E por isso franze a testa, milorde?

Gabriel assentiu. Johanna se beliscou as bochechas para lhes dar um pouco de cor.

— Por acaso, notou outra coisa?

— Divisaram o pai de Clare subindo pela colina.

Ao ouvir a notícia Johanna desistiu de tentar receber um elogio do marido a respeito de seu novo corte de cabelo.

— Quero que você e Alex fiquem em nosso quarto até que lorde MacKay e seus homens se forem.

— Com quantos homens veio o lorde?

Gabriel se encolheu de ombros e respondeu:

— Muitos.

Ao ver que o marido se voltava, Johanna moveu a cabeça.

— Queria falar com o pai de Clare — anunciou Johanna.

— Johanna, não acho que esteja com ânimo para ser cortês. Faz o que te ordenei.

— O lorde está furioso com o clã MacInnes, não conosco — recordou a jovem.

— Não. A fúria de MacKay se dirige à todos os MacBain. Joga-nos

a culpa da desgraça da filha.

Em um instante o semblante de Johanna sofreu uma mudança dramática: já não estava pálida e sim vermelha de fúria. Não perguntou ao marido como soube: se Gabriel dizia que lorde MacKay os culpava, devia ser verdade. Gabriel não estava acostumado a tirar conclusões sem conhecer antes todos os fatos.

— Quem está cuidando de Clare agora?

— Hilda. — respondeu Gabriel — Entre. — ordenou — Não quero que nada da fúria dos MacKay recaia sobre você.

Como Johanna não disse nada, o marido supôs que obedeceria. Certamente, entrou no quarto, mas só por uns instantes até assegurar-se de que Gabriel tinha tornado a descer para esperar o pai de Clare MacKay. Em seguida, correu pelo corredor até o quarto de Clare e enviou Hilda para cuidar de Alex.

— Clare, seu pai chegará aqui em poucos minutos. Quer vê-lo a sós ou prefere que fique com você?

Com esforço, Clare se sentou na cama e soltou um gemido. Johanna não soube se era de dor ou pelo que acabava de anunciar. Era angustiante ver o medo refletido no rosto da moça.

— Por favor, fique.

Johanna arrumou as mantas da cama, mas mais para dissimular seu próprio nervosismo que para comodidade de Clare.

— Não sei o que lhe dizer.

— Diga o que ocorreu — aconselhou Johanna.

Os olhos do Clare se encheram de lágrimas.

— Não posso! — soluçou.

De súbito, Johanna percebeu a verdade. Por sorte estava perto de uma cadeira e pôde sentar-se antes de cair.

— Você não entende, Johanna.

— Oh, Deus, acho que entendo sim! Inventou tudo, não é mesmo?

Nenhum MacBain te seduziu... Não está grávida...

Clare começou a chorar e sacudiu a cabeça numa tentativa de negar a acusação de Johanna, mas sua expressão temerosa tornou inútil insistir na mentira.

— Está enganada — protestou.

— Sério? — perguntou Johanna — Cada vez que algum de nós tentava te interrogar, fingia-se de cansada.

— Estava cansada — se defendeu Clare, sem deixá-la continuar.

Johanna percebeu o pânico de Clare e, embora sentisse vontade de consolá-la, não o fez. Endureceu-se diante da dor da outra, resolvida a lhe arrancar a verdade. Só ao sabê-lo poderia ajudar Clare.

— Revelou-se, sabe?

— Não.

— Disse-me que se sentia aprisionada e que tinha feito algo que sem dúvida logo se revelaria. O que se descobriria a qualquer momento é que não vai ter um filho, não é? Acaso não compreendeu que daria pra notar se não engordasse?

A essas alturas, Clare soluçava abertamente.

— Não pensei absolutamente — confessou.

Com gestos lentos, Johanna se reclinou na cadeira.

— Em nome de Deus! Como sairemos desta confusão?

— Sairemos, diz? Serei eu a sofrer as consequências quando meu pai descobrir que menti.

— Por que inventou semelhante história?

— Estava desesperada. — admitiu Clare — Não pode entendê-lo? Era horrível viver lá e cada dia era pior.

— Entendo. — disse Johanna — Mas...

Clare a interrompeu, impaciente por explicar por que Johanna não

deveria condená-la.

— Meu pai me colocou na casa dos MacInnes para me treinar. Seis meses depois eu devia me casar com o filho, mas não levou muito tempo para perceber que nesse lar todos eram terríveis. Você sabe que o lorde tem duas filhas mais velhas? Nasceram antes que seu precioso filho — acrescentou precipitadamente — Uma das criadas me contou que cada vez que o lorde se inteirava de que a esposa tinha dado a luz a uma menina, ia ao quarto e golpeava a pobre mulher. Morreu depois do nascimento do filho e talvez tenha recebido a morte como uma bênção. Eu sei que se tivesse estado casada com semelhante monstro me alegraria de morrer.

— E o filho é igual ao pai, não é? — Johanna já conhecia a resposta. Tinha uma nítida lembrança do filho do lorde de pé perto de Clare com os punhos fechados.

— É pior que o pai — disse Clare com voz vibrante de desprezo — Não podia tolerar a idéia de me casar com ele. Tentei falar com meu pai, mas não me escutou. Fugi da minha casa, você sabe? Mas...

Por vários minutos, Clare não pôde continuar, sacudida por soluções dilaceradores. A Johanna custou um grande esforço manter a compostura: Clare não só tinha sido abandonada nas mãos de um monstro, mas também, além disso, traída por seu próprio pai. A Johanna pareceu inconcebível, pois seu próprio pai teria assassinado Raulf se estivesse vivo e soubesse as angústias que a filha tinha sofrido.

— Clare, seu pai a levou outra vez ao clã MacInnes, não é mesmo?

— Sim. — murmurou a moça — Acho que nunca me senti tão abandonada... Tão desesperada. Poucos dias depois ouvi os soldados MacInnes dizerem que tinham visto guerreiros que usavam a túnica dos MacBain cruzando a fronteira.

— E foi então quando te ocorreu a mentira?

Clare negou com a cabeça.

— Os soldados não sabiam que eu os estava ouvindo. Pude perceber o temor em suas vozes quando mencionaram seu marido. Nesse momento decidi que procuraria esses soldados embora não soubesse o que aconteceria quando os encontrasse. Não tinha nenhum plano, Johanna: só queria conseguir ajuda.

— Sim. — respondeu Johanna em voz baixa e serena. Deu à Clare um lenço de linho para enxugar o rosto e pegou na sua mão — Eu teria feito o mesmo.

— Sim?

— Sim.

A convicção de Johanna tranquilizou Clare. Johanna se sentia unida à mulher, pois a lembrança dos pesadelos passados as ligava contra as atrocidades que um punhado de homens altivos e atemorizados infligia às mulheres.

— Uma vez já me golpearam por ser insolente. — disse Clare — E sabia que isso voltaria a acontecer uma e outra vez. Nunca encontrei os soldados MacBain e, quando abandonei a busca, já começava a escurecer. Fiquei a noite toda na cabana abandonada de um camponês. Deus querido, o quanto estava assustada! Aterrorizava-me retornar ao castelo dos MacInnes, e também ficar sozinha. — acrescentou — Me encontraram na manhã seguinte. — Clare apertou com tanta força a mão de Johanna que lhe deixou marcas.

— Sentiu-se indefesa, não é?

— Oh, sim! — respondeu Clare — Ainda não tinha me ocorrido o que inventar. Passaram-se três meses e então, uma manhã, o lorde anunciou que tinha decidido mudar a data do casamento: Robert e eu nos casaríamos no sábado seguinte.

A voz de Clare soava estrangulada pelo esforço e pelo pranto, e Johanna quis levantar-se para buscar água, mas Clare não soltou sua mão.

— Eu tinha inventado a história com antecipação. — disse — Juntei coragem, apresentei-me diante de Robert e lhe disse que nunca me casaria com ele. Ficou furioso: é um homem possessivo e ciumento. Eu sabia que se o fizesse acreditar que tinha me entregue a um homem por minha própria vontade não ia me querer. Lembrei-me dos soldados MacBain que tinham cruzado a fronteira e de que os MacInness temiam seu lorde, e assim foi que me ocorreu a mentira. Sei que o que fiz está errado e lamento ter mentido. Você foi muito bondosa comigo, Johanna. Hilda me contou o que fez a Robert: queria que a flecha tivesse cravado em seu negro coração. Deus querido, quanto o odeio! Odeio a todos os homens, até meu pai.

— Tem bons motivos para desprezar Robert. — disse Johanna —

Mas com o tempo superará o ódio. É até possível que sinta compaixão por esse sujeito.

— Não é tão fácil perdoar.

— Clare, sei que não está com ânimo para me escutar, mas de qualquer modo te asseguro que não pode culpar a todos os homens pelos pecados de alguns.

— Odiava seu primeiro marido?

Johanna suspirou

— Sim. — admitiu — Mas não detestava todos os homens. Se meu pai estivesse vivo teria me protegido de Raulf. Teria encontrado refúgio na casa de meus pais. Meu irmão Nicholas veio em meu auxílio quando soube o que acontecia.

— Quando soube? Não lhe contou na primeira surra?

— É difícil explicar, Clare. — respondeu Johanna — Raulf não era como Robert, e naquela época eu era muitíssimo mais jovem. As surras não começaram logo depois das bodas. A princípio, o barão se dedicou a minar minha confiança. Eu era ingênua e estava assustada, e se uma pessoa te diz que você é ignorante e indigna, alguém que na realidade deveria te amar e proteger, chega um momento em que uma parte de você começa a acreditar nessas afirmações. Não disse a meu irmão porque estava muito envergonhada. Estava convencida de que as coisas se resolveriam. Quase acreditei que merecia semelhante tratamento até que, em um dado momento, compreendi que Raulf jamais mudaria. Então soube que teria que achar um modo de fugir. Estava disposta a recorrer a Nicholas, mas não foi necessário, pois meu marido foi assassinado.

Johanna fez uma pausa e inspirou uma golfada de ar para acalmar-se.

— Se conhecesse Nicholas, não o odiaria. Graças a ele casei com Gabriel. — adicionou — E não é possível que deteste meu marido. Para ser sincera, não acredito que alguém possa odiá-lo.

— Não. — disse Clare — Ele me protegeu e estou grata, embora na realidade me assuste. É evidente que você não nota o quanto é enorme, milady, nem tampouco que tem maneiras um tanto... bruscas.

— Sei que pode intimidar se permitir. — replicou Johanna, em tom alegre — Clare, demonstrou uma coragem incrível ao enfrentar Robert. Sem dúvida sabia o que poderia ocorrer: quase lhe mataram.

— Meu jogo acabou, não é mesmo? Prometo que direi a verdade a meu pai.

— Retornaria para os MacInnes?

— Não sei. — disse Clare — Meu pai quer aliar-se com eles.

Johanna se sentiu horrorizada. Simplesmente não tolerava a idéia de que uma mulher se visse obrigada a cair outra vez nas garras de Robert. Só tinha certeza de uma coisa: não permitiria.

— Não confesse ainda a verdade a seu pai. — disse — Tenho que pensar. Não posso deixar que retorne. Não, não posso permitir! Nós duas, encontraremos uma solução.

— Milady, por que se incomoda? Ao me proteger, se coloca em perigo. Sua compaixão lhe trará problemas. Meu pai...

Johanna não a deixou terminar.

— Clare, eu estou convencida de que já se saiu bem do desafio mais difícil.

— Qual, Johanna?

— Estava em uma posição insustentável e deu o primeiro passo, o mais importante. Talvez eu não tivesse feito desse modo, mas isso não importa agora: o importante é que resolveu a situação. Agora não pode voltar atrás, não entende?

— E o que acontecerá quando os soldados de meu pai lutarem contra os MacBain por causa da minha mentira?

Johanna sacudiu a cabeça:

— Encontraremos uma maneira de evitar o conflito.

— Como?

— Ainda não sei, mas você e eu somos inteligentes e saberemos

encontrar uma maneira de solucionar esta confusão.

— Mas por que colocará seu clã em semelhante situação?

— Não acredito nisso de que tem que sacrificar-se pelos outros. — disse Johanna — Estou convencida de que cada mulher tem a responsabilidade de ajudar às outras. Quando uma de nós sofre, acaso não sofremos todas?

Johanna sabia que o que dizia parecia absurdo. Era difícil expressar seus sentimentos de maneira coerente.

— Alguns homens desprezam as mulheres e há membros de nossa Igreja que nos consideram inferiores. Mas Deus não. Lembre-se disso, é muito importante, Clare. Levei muito tempo para compreendê-lo. Os que fazem as leis são os homens, não as mulheres. Dizem-nos que são eles que interpretam as idéias de Deus, e nos consideram tão ingênuas a ponto de acreditar. Não somos inferiores. — disse, com convicção — Como mulheres, temos que permanecer unidas... Como irmãs, e quando vemos uma injustiça devemos intervir. Juntas... Se formos muitas e estivermos unidas, poderemos nos ajudar. As atitudes podem mudar.

— E por onde começamos? Por nossos filhos?

— Começemos por nos ajudar entre nós. — explicou Johanna — Mais adiante, quando tivermos filhos, os ensinaremos a amar e respeitar uns aos outros. Tanto os homens quanto as mulheres foram feitos a imagem e semelhança de Deus.

Ao ouvir que os homens se aproximavam pelo corredor, a conversa cessou. Ao ver que Clare já não parecia atemorizada, Johanna se surpreendeu. Soltou-lhe a mão, endireitou os ombros e alisou as mantas.

No mesmo instante em que a porta se abria, Clare sussurrou:

— Juntas.

Johanna assentiu e repetiu a promessa:

— Juntas

Gabriel foi o primeiro a entrar no quarto. Não pareceu muito feliz ao ver Johanna ali e sacudiu a cabeça. Johanna fingiu ignorá-lo.

O padre MacKechnie fez lorde MacKay entrar, saudou Johanna com uma inclinação e se dirigiu a Clare:

— Hoje está com uma aparência melhor — disse.

Lorde MacKay se afastou do sacerdote para poder ver a filha. Avançou e em seguida se deteve bruscamente.

— Deus querido! — murmurou, embora todos os presentes no quarto o escutassem.

A imagem do rosto da filha cheio de hematomas o deixou angustiado. Johanna estava disposta a detestar o homem, pois negou-se a escutar os apelos da filha, deixando-a outra vez nas mãos dos MacInnes. Mas a reação do homem ao ver a filha a fez mudar de opinião. Talvez o homem não tivesse compreendido o horror da situação de Clare.

"Não, — pensou Johanna — não lhe darei o benefício da dúvida. Para mim, é tão responsável por quase matarem Clare quanto o próprio Robert MacInnes."

MacKay não era um sujeito de aparência muito atraente. Era de estatura mediana, comparado com Gabriel, que era muito mais alto que ele, e além disso, tinha quase o dobro da idade do marido, pois o cabelo castanho estava mesclado de cinza. Tinha profundas rugas nos cantos da boca e dos olhos, que eram castanhos, como os da filha, mas o traço mais marcante era o nariz, grande e curvado. Por sorte, Clare não tinha herdado esse traço do pai.

Gabriel ficou ao lado de Johanna. A janela ficava atrás deles. Tinham tirado a pele que a cobria e uma suave brisa lhe acariciava as costas.

— Bom dia, pai.

Por fim, lorde MacKay se recuperou da surpresa inicial. Aproximou-se da lateral da cama, inclinou-se e pegou a mão da filha.

— Clare, o que fez?

Embora a voz do homem demonstrasse sua aflição, a pergunta

pareceu vergonhosa à Johanna e ela viu tudo vermelho. Aproximou-se e se interpôs entre o pai e a filha. O lorde soltou a mão de Clare, retrocedeu e ao ver a expressão furiosa de Johanna, retrocedeu um pouco mais.

— O que é que fez, pergunta você? Realmente acredita que ela mesma se fez essas marcas?

O semblante do lorde expressou assombro, e deu outro passo para trás, como escapando da cólera de Johanna que parecia derramar-se sobre ele como água fervendo.

— Não, não acredito — respondeu.

— Os culpados são Robert MacInnes e o pai... E você, lorde MacKay. — afirmou Johanna — Sim, você também é responsável.

O pai de Clare se voltou para Gabriel.

— Quem é esta mulher? — gritou.

Gabriel ficou mais perto de Johanna.

— É minha esposa. — disse em tom firme — E não permitirei que eleve a voz na presença dela.

— Não é deste país — comentou lorde MacKay em tom muito mais suave.

— Veio da Inglaterra.

— Acaso às filhas da Inglaterra é permitido falar com os mais velhos em tom tão desrespeitoso?

Gabriel se voltou para Johanna pensando que, sem dúvida, morria de vontade de responder a pergunta de MacKay.

— Minha esposa falará por si mesma.

Johanna manteve o olhar fixo em MacKay.

— Certamente, à maioria das moças inglesas são incentivadas a dar sua opinião. Os pais ingleses amam e cuidam de suas filhas, sabia? Também as protegem, diferente de certos lordes que colocam as alianças acima da segurança e da felicidade de suas filhas.

O rosto de MacKay ficou vermelho e Johanna compreendeu que estava enfurecendo-o, mas não se importou.

— Você ama sua filha? — perguntou.

— É obvio. — repôs o lorde — E sou carinhoso com a garota.

Johanna assentiu.

— Senhor, sabe que sua filha esteve próxima da morte?

O lorde moveu a cabeça.

— Não sabia — admitiu.

O padre MacKechnie pigarreou para chamar a atenção dos presentes.

— Talvez eu possa explicar em que estado Clare chegou até nós.

Esperou um gesto afirmativo do lorde e em seguida descreveu as circunstâncias da chegada de Clare. Contou que a tinham despido e em seguida envolto em um saco de juta. O sacerdote não economizou nenhum detalhe e até contou que Robert MacInnes tinha cuspidos nela.

— Estava disposto a lhe dar um grande pontapé, — acrescentou o padre MacKechnie — mas a flecha de lady Johanna o impediu.

Enquanto escutava o arrepiante relato do sacerdote, o pai do Clare permaneceu com as mãos cruzadas às costas, embora com o semblante impassível. Entretanto, os olhos diziam outra coisa, pois brilhavam de lágrimas contidas.

— O clã MacInnes pagará pelos pecados que cometeu contra minha filha. — afirmou MacKay com voz trêmula de raiva — Refiro-me a uma guerra, MacBain, não a uma aliança. O seu primeiro comandante me disse que vocês também queriam vingar-se. Qual é seu motivo?

— Robert MacInnes se atreveu a brandir uma faca e a teria lançado em minha esposa se eu não o detivesse.

Johanna ignorava que o marido pensava declarar guerra ao clã MacInnes. A fúria que percebeu na voz de Gabriel enquanto explicava seus motivos de vingança lhe comprimiu o estômago.

— Mas não a tocou — alfinetou MacKay.

— O que é que tenta insinuar, MacKay?

— Robert me pertence. — replicou o lorde — Tenho direito de vingar minha filha.

Gabriel relutou em admiti-lo.

— Tenho que pensar nisso — murmurou.

Lorde MacKay assentiu e voltou a atenção para a filha. Johanna lhe obstruía a visão e o lorde andou até a lateral para poder vê-la.

— Eu pensei que tinha exagerado as circunstâncias. Sabia que não queria se casar com Robert e, estúpido, pensei que com o tempo chegaria a se dar bem com ele. Jamais me passou pela mente que os MacInnes a tratariam com semelhante brutalidade. É um insulto imperdoável... E o meu para com você também, moça. Devia ter te escutado. A senhora de MacBain tem razão: eu também sou responsável.

— Oh, papai! — murmurou Clare — Lamento. Envergonhei-te com mi... — Os soluços a impediram de continuar, e Johanna alcançou um lenço.

— Basta — ordenou o pai a Clare — Não quero te ver chorar.

— Lamento. — disse a moça — Não posso evitar.

O lorde moveu a cabeça.

— Filha, quando escapou e foi para casa, tinha que ter me obrigado a escutá-la em lugar de se deixar seduzir por um MacBain. Ficar grávida não era a solução. Dirá o nome desse canalha e eu ajustarei as contas.

— Peço desculpas por interromper — disse Johanna — mas acho que Clare foi até você depois da primeira surra, não é assim?

— Não tinha machucados. — replicou o lorde — E eu pensei que tinha inventado para que eu me compadecesse. Sou capaz de admitir meus erros quando me engano — disse com ênfase.

Agradou ao padre MacKechnie escutar a confissão do lorde.

— É um bom começo — assinalou.

— Clare, me diga o nome.

— Pai, lamento tê-lo decepcionado. Não tem que culpar aos MacBain, pois o erro é completamente meu.

— Filha, quero o nome.

A Johanna não agradou a dureza da voz do lorde e se interpôs outra vez entre pai e filha.

Ao ver a expressão da esposa Gabriel se apressou a segurá-la pelo braço. Lorde MacKay também adivinhou o que Johanna pretendia.

— Quer proteger minha filha de mim? — perguntou, atônito.

Johanna não respondeu e tentou desviá-lo do assunto.

— Julguei-o mau, senhor, porque agora vejo que ama sua filha. Mas Clare precisa descansar. Recebeu vários golpes na cabeça e está muito fraca. Olhe: até lhe custa manter os olhos abertos.

Rogou que Clare captasse a insinuação. Assentiu para enfatizar a mentira e se afastou para que o lorde pudesse ver a filha.

Certamente, Clare tinha compreendido. Tinha os olhos fechados e parecia adormecida. Em voz mais baixa, Johanna disse:

— Veja lorde? Para curar-se precisa descansar. Para falar a verdade, ainda corre perigo de morrer.

— Eu queria levá-la de volta comigo — sussurrou o lorde.

— Lorde, aqui a cuidamos muito bem. — interveio o padre MacKechnie — Não acredito que sua filha esteja forte o bastante para levantar-se. Convém deixá-la tranqüila. Está sob o amparo de lorde MacBain: quer melhor que isso?

— Tem algo melhor: — interveio Gabriel — o amparo de minha esposa.

Lorde MacKay sorriu pela primeira vez.

— Já vi.

— Sugiros que desçamos para falar deste assunto tão delicado. — propôs o padre MacKechnie — A questão de quem é o pai pode esperar, não lhes parece?

— O homem se casará com minha filha. Quero que me assegure isso, MacBain.

Gabriel franziu o semblante.

— Fiz a pergunta a cada um...

Johanna o interrompeu.

— Interrogou a alguns dos soldados, mas não a todos. São... tantos, e alguns deles não retornaram de suas missões. Não é assim, marido?

Gabriel aceitou a mentira da esposa sem uma piscada.

— Sim.

— Mas queria saber se você me apóia nesta questão do casamento, lorde. — murmurou MacKay — Obrigará o homem que seduziu Clare a casar-se?

— Sim o farei.

MacKay se mostrou satisfeito. O sacerdote foi abrir a porta. Lorde MacKay deu à filha uma leve palmada no ombro e se dispôs a sair. Antes de seguir o pai de Clare, Gabriel olhou Johanna como dizendo: "espere e verá".

— MacBain, você recebeu minha filha, protegeu-a, e sua esposa lhe demonstrou compaixão. Se marcar um casamento, não lutarei contra você. E mais, poderíamos articular uma aliança conveniente...

O padre MacKechnie fechou a porta, deixando as palavras de lorde MacKay para trás.

Johanna se deixou cair na cadeira soltando um suspiro.

— Clare, já pode abrir os olhos.

— Johanna, o que faremos? Tenho que dizer a verdade a meu pai.

Enquanto pensava, Johanna mordeu o lábio inferior.

— Ao menos agora sabemos que seu pai não a deixará outra vez com os MacInnes. Talvez tenha ficado cego pela ansiedade de articular uma aliança, mas agora abriu os olhos. Convenceu-se ao ver seu rosto cheio de hematomas. Seu pai a ama, Clare.

— Eu também o amo. — disse Clare — Quando disse que o odiava foi porque estava... zangada. Oh, que confusão armei! Não sei o que meu pai fará quando descobrir que não vou ter um filho.

Fez-se um silêncio que durou vários minutos. Em seguida, Johanna se ergueu.

— Há uma solução para o problema.

— Sei. — disse Clare, pensando que Johanna a aconselharia a dizer a verdade — Devo...

Johanna sorriu:

— Deve se casar.

— O que?

— Não se surpreenda tanto, Clare. É uma solução sensata.

— Quem me aceitaria? Não esqueça que acham que estou grávida.

— Somos astutas o suficientes para pensar em algo. — insistiu Johanna — Encontraremos o homem adequado.

— Não quero me casar.

— Diz sinceramente ou por obstinação?

— Acho que pelas duas coisas. — admitiu a moça — A perspectiva de me casar com alguém que se pareça em algo com Robert MacInnes revolve-me o estômago.

— Certamente, mas se encontramos alguém que compreenda quanto vale e a trate com respeito, acaso não seria feliz de casar-se com ele?

— Não existe um homem assim.

— Meu marido é assim.

Clare sorriu:

— Mas já está casado.

— Sim. Mas existem homens quase tão perfeitos quanto ele — acrescentou Johanna.

— Johanna, é tão afortunada...

— Por que diz isso, Clare?

— Ama seu marido.

Johanna deixou passar um um longo intervalo antes de reagir diante dessa verdade. Em seguida, reclinou-se na cadeira e desprezou toda indecisão e insegurança.

— Sim, eu o amo.

O tom encantado de Johanna fez Clare sorrir.

— Deu-se conta neste momento?

Johanna moveu a cabeça.

— Amo-o. — repetiu — Mas agora compreendo que o amo há muito tempo. Não é estranho que não aceitasse esse sentimento nem sequer para mim mesma? Cometi a tolice de me defender. — acrescentou com ênfase — A ninguém agrada sentir-se vulnerável. Bom Deus, o amo com todo meu coração!

A risada da jovem ressoou pelo quarto e estava tão transbordante de felicidade que Clare se contagiou.

— Imagino que nunca lhe disse o que sente — assinalou Clare.

— Não.

— E o que responde quando ele diz que a ama?

— Gabriel nunca me confessou que me amava. Ainda não tomou consciência disso. Em algum momento o admitirá, mas duvido que me diga isso.

— Voltou a rir — Agradeço a Deus, pois meu marido é muito diferente dos barões ingleses. Os homens que conheci na Inglaterra costumam cantar doces canções para damas que lhes interessam. Pagam os poetas para que escrevam palavras de amor e em seguida eles recitam discursos floridos. Claro que a maior parte disso é falso, mas os barões se acham muito refinados. Têm um elevado conceito do cortejo amoroso.

A curiosidade atiçou Clare e fez mais perguntas a Johanna a respeito dos homens ingleses. Passaram uma hora inteira conversando até que por fim Johanna insistiu para que a moça descansasse um pouco.

— Agora que seu pai a viu, pode deixar que Glynis corte seu cabelo.

— Dirá a seu marido a verdade a meu respeito? — perguntou Clare.

— Sim. — respondeu Johanna — Caso necessário — acrescentou precipitadamente — Devo escolher o momento apropriado.

— O que ele fará?

Antes de responder, Johanna abriu a porta.

— Imagino que resmungará coisas terríveis e em seguida me ajudará a pensar no que fazer.

Hilda vinha pelo corredor com uma bandeja com comida para a convalescente e Johanna se pôs a um lado para deixá-la passar.

— Lorde MacKay se foi. — anunciou Hilda — Moça, a deixará aqui até que esteja recuperada para retornar com ele. Lady Johanna, a esperam para jantar e será melhor que se apresse pois os homens estão famintos.

Hilda apoiou a bandeja sobre o colo de Clare.

— Moça, comerá tudo o que eu trouxer e ficarei aqui até que termine. Precisa recuperar as energias — disse com ênfase.

Johanna ia sair, mas se deteve de repente.

— Senhoras, se alguma de vocês ouvirem um alvoroço no salão, por favor, não se preocupem. Preparei uma pequena surpresa, sabe, e talvez, alguns dos soldados fiquem um pouco nervosos.

Tanto Hilda quanto Clare perguntaram qual era a surpresa, mas Johanna negou com a cabeça.

— Logo saberão — prometeu.

Johanna não se deixou convencer. Foi ao seu próprio quarto e colocou a túnica que tinha ocultado sob a cama. Alex entrou no quarto no momento em que Johanna ajustava as dobras sob o cinturão.

— Rápido, feche a porta — indicou Johanna.

— Para que? — perguntou Alex.

Mas não queria uma explicação, pois não tinha notado nada diferente na túnica de Johanna. Correu até sua cama, levantou a manta e tirou uma larga espada de madeira.

— Augie ensinará a me defender — anunciou.

— Já jantou? — perguntou Johanna.

— Comi com Augie — respondeu o pequeno correndo para a porta.

— Um momento, por favor.

O menino se deteve de repente.

— Venha e me dê um beijo de despedida — exigiu a mulher.

— Não quero que vá embora — exclamou, preocupado, e Johanna se apressou a tranquilizá-lo.

— Não vou a lugar nenhum.

Alex não se convenceu. Deixou a espada cair e correu para ela.

— Não quero que vá embora — repetiu.

"Senhor! — pensou Johanna — o que fiz?"

— Alex, agora que sou sua mãe quero que me dê um beijo cada vez que sai, entende? Disse-me que iria com Augie e por isso pedi um beijo antes que saísse.

Levou vários minutos para convencer o pequeno e acariciou suas costas até que estivesse disposto a deixá-la.

— Não vou embora. — disse Alex — Só saio lá fora.

— Bom, por isso pedi um beijo. — inclinou-se até ficar à altura do menino, que lhe estampou um beijo úmido na bochecha.

Alex levantou a espada e correu para a porta.

— Mamãe, papai disse que tinha que sentar junto ao fogo para costurar.

— E acha isso bom?

Alex abriu a porta.

— Sim. — respondeu — Papai disse.

— Que mais seu pai disse?

Alex se voltou e observou:

— Disse que tinha que ficar onde a pusessem, não lembra?

Johanna pensou que deveria ter uma conversa com Gabriel a respeito das coisas absurdas que dizia ao filho de ambos.

— Lembro. — respondeu — Agora, vá. Não faça Augie esperar.

Alex esqueceu de fechar a porta. Johanna terminou de arrumar a túnica, inspirou profundamente e desceu as escadas.

Nesse momento, Megan subia a procura da Senhora e esteve a ponto de cair sobre o corrimão ao ver o que Johanna tinha colocado.

— Milady, não acredito que esteja com tanto frio a ponto de usar duas túnicas. Se aqui dentro está sufocante!

— Não coloquei duas túnicas — replicou Johanna — É somente uma.

Megan subiu alguns degraus para olhar de perto.

— Bom Deus, fez uma túnica nova! Nosso lorde sabe?

— Ainda não.

Megan fez o sinal da cruz e Johanna tentou fazê-la entender:

— Estou convencida que meu marido me apoiará. Dá importância a minhas opiniões e sugestões. Sim, tenho certeza de que nesta questão me dará seu completo apoio.

Megan voltou a fazer o sinal da cruz era evidente que não estava convencida. Johanna se irritou.

— Não haverá problemas. — prometeu — Deixe de fazer isso — acrescentou ao ver que a mão de Megan começava a desenhar outra vez o sinal da cruz.

— Ninguém a viu ainda — resmungou Megan — Tem tempo de mudar.

— Não diga disparates! — replicou, esforçando-se por manter uma expressão serena. Na verdade, a reação de Megan a tinha posto um tanto nervosa. Ergueu os ombros e continuou descendo a escada. Megan segurou a saia e correu atrás dela.

— Aonde vai? — perguntou-lhe Johanna ao ver que Megan rumava pelo corredor que levava a parte traseira do castelo.

— Vou procurar umas tigelas, milady. Tenho a impressão que precisará pelo menos cinco para obter a aprovação dos homens.

Megan desapareceu depois da curva antes que Johanna tivesse tempo de lhe dizer que não pretendia jogar nada, mas o padre MacKechnie que entrava nesse momento a distraiu. Ao vê-la, ficou boquiaberto.

Johanna ficou quieta no último degrau esperando que o sacerdote se recuperasse da surpresa.

— Caramba! — murmurou o clérigo — Caramba!

— Boa noite, padre.

O sacerdote não respondeu à saudação, pois parecia estupefato. A reação do homem a intimidou.

— Você acredita que meu marido e os soldados se irritarão muito

comigo?

O padre MacKechnie esboçou um amplo sorriso.

— Estarei a seu lado quando averiguarmos isso. — disse — Me sentirei honrado de acompanhá-la até onde está seu marido.

Pegou-a pelo braço, mas Johanna não notou.

— Suponho que no começo ficarão um pouco perturbados — explicou — Um pouco.

— Sim. — admitiu o sacerdote — Diga-me moça, quando foi a última vez que se confessou?

— Por que pergunta?

— É melhor receber a absolvição antes que se apresente diante do Criador.

O sorriso de Johanna foi forçado.

— Acredito que exagera as reações dos homens. Ninguém me fará mal.

— Não pensava nos homens e sim na reação de seu marido. Vamos, moça. Estou impaciente por presenciar a batalha que vai desencadear.

— Superarão o aborrecimento.

— No devido tempo. — refletiu o sacerdote — Johanna, para os highlanders a túnica é sagrada.

— Oh, Deus, não teria que ter...!

— Não, está bem o que fez — replicou o sacerdote enquanto tentava arrancar a mão de Johanna do corrimão.

— Padre, aprova ou não a mudança de túnica?

— Aprovo. — respondeu o clérigo, e rompeu em gargalhadas — Hoje quase fiquei fazendo penitência e agora me alegro de não havê-lo feito. Teria perdido...

Não concluiu a frase, pois Johanna soltou um gemido.

— Está me pondo muito nervosa — confessou.

— Perdoe-me, garota, não quis inquietá-la. Em algum momento terá que soltar desse corrimão.

— Farei de conta que não há nada fora do comum. — exclamou — O que acha?

— É uma tolice, moça.

— Sim, é isso que farei. — Johanna se soltou do corrimão e agarrou o braço do padre MacKechnie — Me farei de tola. Obrigado por essa idéia maravilhosa.

— No seu lugar, eu me fingiria de louco. — Assim que as palavras escaparam de sua boca, o sacerdote se arrependeu. E teve que pagar por esse comentário apressado, pois se viu obrigado a arrastar à senhora.

— Estarei do seu lado. — prometeu — Não se aflija. Tudo sairá bem.

Todos os soldados estavam de pé perto das mesas. Gabriel estava perto da despensa falando com Calum e com Keith e viu Johanna antes de todos.

Observou-a com a cabeça inclinada, fechou os olhos e voltou a olhá-la. Enquanto se encaminhava para seu lugar à mesa, Johanna sorriu.

Keith e Calum se voltaram para mesmo tempo.

— Meu Deus! O que fez com a nossa túnica? — vociferou Calum.

— Estou vendo o que vejo? — perguntou Keith, também gritando, quase em uníssono.

Nesse instante, todos se voltaram para Johanna e deixaram escapar uma exclamação coletiva.

Johanna fingiu ignorar as expressões horrorizadas dos homens.

— Disse-lhe o que resultaria — sussurrou ao sacerdote.

Gabriel se apoiou contra a parede e continuou observando à esposa.

— MacBain, antes que se desate um pandemônio será melhor que faça algo.

Gabriel moveu a cabeça.

— Já é tarde. — assinalou — Por outro lado, já era tempo que um de nós fizesse algo assim.

O rosto do Keith ficou rubro.

— Lady Johanna, o que fez?

— Tento agradá-lo, Keith.

Keith teve uma reação tardia.

— Acaso supõe que unir a túnica dos MacBain a minha me agrada? Como pode pensar... Como lhe ocorre que eu? — quase cuspiu.

Johanna desejou que fosse de surpresa e não de indignação.

— Sabe que não consigo lembrar bem os dias. Você notou essa falta, não é?

— Falta?

— Minha má memória. — esclareceu Johanna — Keith, venha sentar-se a meu lado e lhe explicarei o motivo da minha audácia. Calum, você ocupa o lugar de Keith na outra mesa.

A cada instante, Johanna lançava olhares cautelosos em direção a seu marido que, até o momento, não tinha manifestado nenhuma reação visível.

— Gabriel, está preparado para se sentar? — perguntou-lhe, agarrando com todas as suas forças o braço do padre MacKechnie. Este lhe deu uma palmadinha na mão para convencê-la de que o soltasse.

— Moça, onde quer que me sente?

— À esquerda de Gabriel, — respondeu Johanna — em frente a mim. Se for necessário, será mais fácil me administrar os últimos sacramentos — acrescentou em um sussurro.

— Não lembrou em que dia estávamos e por isso usou as duas

túnicas? — quis saber Lindsay.

— É uma só. — esclareceu Johanna — Cortei-as pela metade e as costurei juntas formando uma só. As cores combinam muito bem.

Johanna se aproximou de sua cadeira e girou para Gabriel, que continuava observando-a, apoiado contra a parede.

O silêncio do marido a pôs mais nervosa.

— Gabriel.

O homem não respondeu. Johanna não podia conter a impaciência para que lhe dissesse o que pensava de sua audácia.

— Por favor, me diga o que pensa da mudança.

Gabriel se afastou da parede e disse em voz dura e colérica:

— Estou muito aborrecido.

Johanna se voltou para os demais presentes, esforçando-se por ocultar a desilusão. Claro que esperava o apoio de Gabriel, a sua desaprovação a desconcertou.

Ouviram-se algumas exclamações aprobatórias e Johanna não elevou o olhar para ver quem eram os ofensores.

Gabriel se aproximou da mesa, ergueu-lhe o queixo e em seguida pôs as mãos sobre seus ombros.

— Johanna, lamento que isto não tenha me ocorrido.

A jovem levou um instante para entender que estava lhe dando sua aprovação.

— Você é muito mais perspicaz que eu — acrescentou Gabriel.

Johanna tentou lhe agradecer, mas não pôde, pois rompeu a chorar.

Todos começaram a gritar ao mesmo tempo. Keith acusava Calum de que sua exaltada reação era o motivo do estado da senhora. Calum afirmava com igual ênfase que lady Johanna chorava por causa dos constantes

rodeios de Keith.

Gabriel parecia o único a não ser afetado pelas lágrimas da esposa. Ordenou-lhe que se sentasse e em seguida se colocou de pé atrás dela, apoiou a mão seu ombro e se dirigiu aos soldados.

— Ver minha esposa envolta nas duas túnicas me abriu os olhos. Só agora compreendo até onde Johanna chegou no esforço para adaptar-se a todos vocês. Disseram-lhe que túnica devia vestir, em que cadeira devia sentar-se, com quem passear, e mesmo assim foi suficientemente generosa para tentar agradá-los. Desde o dia em que chegou aceitou a todos vocês, fossem MacLaurin ou MacBain. Tratou Calum e Keith com o mesmo carinho. Ofereceu a todos seu afeto e sua lealdade. E a recompensaram com críticas e desprezos. Alguém inclusive a chamou de covarde, e mesmo assim, não foi até mim com uma só queixa. Suportou a humilhação em silêncio demonstrando, sem sombra de dúvidas, que é muito mais compreensiva e indulgente do que eu jamais poderia ser.

Depois do discurso do lorde fez-se silêncio. Antes de prosseguir, Gabriel apertou o ombro da esposa.

— Sim, foi tolerante em excesso. — repetiu — E eu também. — acrescentou em tom duro e zangado — Tentei ser paciente com vocês, mas era um esforço porque na realidade não sou um homem paciente. Já estou farto deste conflito e é óbvio que minha esposa também. A partir deste momento, formamos um só clã. Terão que aceitarem-se entre si. Aqueles que não se sintam capazes de fazê-lo têm minha permissão para partir com as primeiras luzes do dia.

Seguiram alguns minutos de silêncio e em seguida Lindsay deu um passo diante.

— Lorde MacBain, que túnica devemos usar?

Gabriel se voltou para o soldado MacLaurin.

— Prometeu-me lealdade, e eu sou um MacBain. Usará minhas cores.

— Mas seu pai foi um MacLaurin — recordou Keith.

Gabriel se voltou para seu primeiro comandante.

— Meu pai nunca me reconheceu nem me deu seu sobrenome. — replicou — E eu não o reconheço: sou um MacBain. Se me seguir, usará minhas cores.

Keith assentiu:

— Estou com você, lorde.

— Eu também, lorde — exclamou Lindsay — Mas me pergunto o que faremos com os mantos MacLaurin.

Gabriel pensou em propor que os queimassem, mas afinal disse:

— A túnica pertence a seu passado. — afirmou — As entregarão aos seus filhos quando relatar sua história. As cores MacBain que usará amanhã constituem o futuro. Unidos seremos invencíveis.

A última frase do lorde quebrou a tensão no salão e se elevou um forte clamor.

— Isto merece uma celebração — afirmou o padre MacKechnie.

— Um brinde — propôs Gabriel.

— Sem derramar — advertiu Johanna.

Por alguma estranha razão, a advertência de Johanna pareceu muito graciosa aos homens. Não compreendeu por que interpretavam desse modo e pensou que talvez o alívio os fizesse rir. Durante o discurso de Gabriel houve momentos inquietantes, ao menos para Johanna.

A jovem secou os olhos com o lenço de linho, envergonhada porque não podia evitar o pranto.

"Deus querido! — pensou — agradeço por ter me casado com Gabriel. Minha vida era sombria e desolada e não conheci a alegria até que ele chegou a minha vida."

Esses pensamentos redobram o pranto de Johanna. Mas nesse instante ninguém lhe prestava atenção. Ouviu Keith murmurar que essa indigna explosão de emoções se devia ao estado da senhora e viu que Calum assentia.

Johanna levantou o olhar e viu Leila em pé na entrada. Imediatamente, ficou de pé e lhe fez gestos para que se aproximasse.

Leila vacilou. Todos os homens estavam de pé com as taças nas mãos e a jarra passava de mão em mão para que cada um se servisse. Johanna os rodeou e se reuniu com Leila no centro do salão.

— Escutou...?

— Oh, sim milady. — Leila a interrompeu — O discurso de seu marido foi magnífico.

— Venha e sente-se a meu lado, Leila.

— Mas sou uma MacLaurin. — murmurou — Ao menos era até uns minutos atrás.

A jovem se ruborizou e Johanna sorriu.

— Ainda é, mas também é uma MacBain. Calum já não tem pretextos para não te cortejar — acrescentou baixo.

O rubor da Leila se acentuou. Johanna a pegou pela mão e a levou com ela.

Os soldados acabavam de concluir um brinde pelo lorde e pelo futuro de todos e já foram sentar se quando Johanna lhes pediu atenção.

— Eu gostaria de fazer algumas mudanças na situação — começou.

— Nós gostamos da arrumação da mesa, senhora — disse Michael.

Johanna não fez conta.

— O apropriado é que os dois comandantes se sentem junto ao lorde. Keith se colocará à esquerda do lorde e Calum à direita. Gabriel negou com a cabeça.

— Por quê não?

— Você sentará a meu lado — disse, inflexível.

— De acordo. — disse Johanna — Calum, você se sentará junto a mim. Venha Leila: sentará ao lado de Calum.

E isso não foi tudo: quando Johanna terminou, nas duas mesas alternavam um MacBain com um MacLaurin.

O padre MacKechnie se sentou à cabeceira da segunda mesa, que estava acostumado a ser o lugar de Keith. O sacerdote estava aflito pela honra que lhe dispensava. A julgar pelo sorriso, Keith também estava encantado de sentar-se junto ao lorde.

— Que importância tem onde nos sentemos? — perguntou Lindsay à Senhora.

Johanna não pretendia lhe dizer que o que na realidade queria era eliminar completamente a divisão entre os clãs. Não desejava ver novamente os MacLaurin amontoados junto a uma mesa e aos MacBain em outra.

Ao não receber uma resposta imediata, o soldado repetiu a pergunta e a Johanna não lhe ocorreu nenhum motivo lógico para lhe dar. Então, deu-lhe uma resposta ilógica:

— Porque minha mãe vem. Por isso.

Lindsay assentiu e em seguida repetiu a explicação ao soldado MacBain que estava a seu lado.

— Vem a mãe da senhora e milady quer que tudo seja feito desta maneira.

O soldado MacBain assentiu.

— Sim, sim.

Johanna se voltou para a mesa para que todos os homens vissem que sorria. Quis rir ante a ingenuidade de Lindsay, mas se conteve.

Graças à nova disposição, o jantar foi um êxito maravilhoso. No começo, Calum e Leila estavam rígidos como tábuas, mas ao final da refeição, conversavam aos murmúrios. Esforçava-se por ouvir o que diziam quando Gabriel a surpreendeu e a aproximou dele.

— Logo haverá um casamento — afirmou Gabriel fazendo um gesto em direção a Calum.

— Sim — murmurou Johanna, sorrindo.

Ante a menção das bodas, lembrou de Clare. A mulher MacKay necessitava um marido e, na opinião de Johanna, entre os homens sentados à mesa havia vários possíveis candidatos.

— Keith, considerou você...? — começou Johanna, com a intenção de lhe perguntar a respeito de seu futuro.

Keith não a deixou terminar.

— Esperava que trouxesse para confrontação — disse.

Johanna abriu os olhos, surpresa.

— Sério?

— Era meu dever dizer a seu marido, milady. Tentei cumprir minha promessa e até me senti um pouco aliviado, pois me considerava responsável pelas ofensas das mulheres MacLaurin, mas não passou um dia inteiro sem que compreendesse que em primeiro lugar minha lealdade se deve a MacBain.

— Do que fala? — Até esse momento, Johanna nunca tinha visto um homem adulto ruborizar-se: Keith estava ruborizado.

— Não importa, milady.

Mas Johanna insistiu.

— O que é que disse a meu marido?

Gabriel lhe respondeu:

— Contou-me sobre os apelidos, Johanna, e que Glynis inventou...

Johanna não o deixou terminar.

— Marido, Glynis se arrependeu. Não tem que recriminá-la. Prometa-me que não lhe dirá nada a respeito.

Gabriel já tinha falado com Glynis e não teve inconveniente em prometé-lo.

Johanna se sentiu satisfeita.

— Perguntava-me onde teria ouvido que me chamavam de

covarde — disse, voltando-se em seguida para Keith — Nunca imaginei que diria a meu marido. Pensei que outra pessoa ouviu Glynis dizer e foi contar a Gabriel.

— Keith tinha o dever de me dizer — afirmou Gabriel — Deveria agradecer-lhe esposa, não criticá-lo.

— Tudo se foi com a lavagem — disse Johanna.

— Que raios significa isso? — perguntou Gabriel.

— Trata-se de outra lição da senhora, lorde — esclareceu Keith, sorrindo.

— Entendo.

— Não, lorde, não entende. As lições de sua esposa não têm nem pé nem cabeça.

Johanna pensou em explicar-lhe, mas Alex que entrava correndo no salão a distraiu. Viu-o assustado e se levantou imediatamente.

Alex deu a volta na mesa e se jogou nos braços de Johanna, ocultando o rosto na túnica dela.

— O que aconteceu, Alex? — perguntou Johanna com evidente preocupação — Teve um sonho ruim?

— Há algo debaixo de minha cama. Eu ouvi. Exasperado, Gabriel revirou os olhos e se esticou para afastar o filho de Johanna. Mas Alex não a soltou até que o pai ordenou.

— Alex, está dormindo sobre um colchão no chão — disse Gabriel — Não pode ter nada embaixo.

— Não, papai. — argumentou Alex — deitei na sua cama. Está ali embaixo. Se fechar os olhos, me pegará.

— Alex...! — começou o pai.

— Marido, será melhor que suba com ele e olhe debaixo da cama. É o único modo de convencê-lo. Além disso, é provável que na realidade haja algo aí.

— Há algo — insistiu Alex.

Gabriel soltou um suspiro e se preparou para cumprir os desejos de sua família. Ficou em pé, pegou o filho nos braços e saiu do salão.

Johanna se sentou outra vez e sorriu para Keith. Estava encantada de poder lhe falar sem a presença de Gabriel, pois sem dúvida o marido teria interferido na conversa.

— As crianças — disse Johanna com lentidão — são uma benção. Quando você se casar e tiver sua própria família entenderá o que digo. Em algum momento se casará, não é mesmo, Keith?

— Sim, milady. — respondeu o homem — De fato, Erigid McCoy aceitou ser minha esposa no próximo verão.

— Ah. — Johanna não pôde dissimular a desilusão. Percorreu a mesa com o olhar e o posou em Michael.

O jovem a surpreendeu observando-o e sorriu. Johanna começou:

— As crianças são uma benção. São maravilhosas, não acha Michael?

— Se você o diz, milady.

— Oh, sim. — a senhora respondeu — Quando se casar compreenderá. Pretende se casar algum dia, não é mesmo, Michael?

— Em algum momento.

— Pensou em alguém?

— Milady, está se fazendo de casamenteira? — perguntou Keith.

— Por que pergunta?

— Quando estiver preparado me casarei com Helen. — interveio Michael — Já falei com ela e está de acordo em esperar.

Johanna franziu o semblante. As possibilidades se faziam mais limitadas. Voltou-se para Niall. — As crianças... — começou.

— Está se fazendo de casamenteira — lhe confiou Keith.

Foi como se tivesse avisado que estavam sendo sitiados, pois os

soldados quase saltaram de seus assentos. Fizeram reverências a Johanna e no transcurso de um minuto tinham saído do salão. Não lhe deram tempo de ordenar que voltassem para seus respectivos lugares.

Só ficaram aqueles com os quais já tinha falado. E o padre MacKechnie, certamente, mas os sacerdotes não podiam casar-se e, portanto não era um candidato possível.

Quando Gabriel retornou, o salão estava quase vazio. Confuso, olhou ao redor, encolheu os ombros e se sentou para terminar o jantar. Sorriu para a esposa.

— E então?

Com ar contrito, o homem disse:

— Havia algo debaixo da cama.

Johanna riu, achando que zombava dela, mas Gabriel informou:

— Dumfries se meteu ali.

Leila e Calum ficaram de pé. Leila saudou o lorde com uma reverência.

— Agradeço-lhe a honra de jantar com o lorde — disse.

Gabriel assentiu e Leila se ruborizou.

— Agradeço a você também, milady.

— Está escuro — anunciou Calum.

Não sabia mais o que dizer, e Johanna conteve um sorriso.

— Deveria acompanhar Leila até em casa — insinuou.

Calum fez um gesto a Leila de que saísse com ele. Johanna se voltou para seu marido e nesse momento viu que Keith tinha uma expressão de assombro. Pelo jeito acabava de notar que se iniciava um romance entre Leila e Calum.

De repente, sorriu. Ficou de pé, fez uma reverência ao lorde e disse em voz forte:

— Espere, Calum. Irei com você.

Johanna percebeu o tom divertido do homem, mas Calum não se entusiasmou com o oferecimento.

— Não é necessário que...

— Quero fazê-lo. — disse Keith, apressando-se em alcançar o casal — Lá fora está escuro.

Leila continuou caminhando e Calum tentou afastar Keith, mas este o impediu. Saíram do salão empurrando-se um ao outro.

— Pergunto-me se estes dois aprenderão a dar-se bem — disse Johanna.

O padre MacKechnie se sentia sozinho. Pegou a taça e passou ao lugar que Keith ocupava na outra mesa.

— Só se trata de uma pequena rivalidade entre dois comandantes. — assinalou o sacerdote — Lorde, esta noite pronunciou um estupendo discurso.

— Sim. — confirmou Johanna — De qualquer modo, queria te perguntar algo: por que esperou tanto tempo? Por que não fez esse discurso há um ou dois meses? Teria me poupado muitos aborrecimentos, marido.

Gabriel se reclinou na cadeira.

— Johanna, ainda não estavam preparados.

— Mas esta noite sim. — interveio o sacerdote com gesto enfático.

Johanna ainda tentava entender.

— O que fez com que esta noite estivessem preparados?

— Não se trata de algo, moça, mas sim de alguém.

Johanna não compreendeu. Gabriel fez um gesto afirmativo e em seus olhos apareceu um calor.

— Você os preparou para aceitar a mudança.

— Como? — perguntou.

— Está procurando elogios — disse Gabriel ao sacerdote.

— Parece que sim — brincou o padre MacKechnie.

— O que quero é entender — replicou Johanna.

— Foi seu desafio silencioso — explicou em fim Gabriel.

Johanna continuava sem saber a que se referia embora o clérigo sim, pois fez vários gestos de assentimento.

— Explique-me isso de desafio silencioso.

Gabriel riu.

— Jamais me convencerá de que não podia lembrar de qual túnica usar cada dia. Esquecia de propósito, não é verdade?

— Gabriel, ninguém esquece por vontade — argumentou a jovem.

— Não tinha interesse em recordá-lo — disse o sacerdote.

Johanna suspirou.

— Isso é verdade. — admitiu — Me parecia uma tolice, mas...

— Desafio silencioso. — repetiu Gabriel — O mesmo que a impulsionou a aprender a ler, não é mesmo?

— Sim, mas isto era diferente.

— Não, não era.

Johanna exalou um suspiro. Sabia que deveria esclarecer ao marido que não tinha errado de propósito os mantos só para fazer os homens compreenderem que se comportavam como tolos quando teimavam em manter-se separados. "Não é honesto aceitar um elogio por algo que não fiz", pensou.

— Não sou tão ardilosa — assinalou.

— Sim, é. — afirmou o marido — Convenceu lorde MacKay a esperar algumas semanas antes de levar a filha.

— Clare não está preparada para uma longa viagem.

— E me impediu de dizer a MacKay que nenhum de meus homens havia tocado sua filha. Sei que adiou para que Clare pudesse ficar aqui e não disse nada — acrescentou — Mas quando MacKay retornar, terei que lhe dizer a verdade.

— E ela também confessará. — disse Johanna — Então já estará recuperada. — "E espero que também esteja casada, — pensou — se encontro um bom candidato."

Talvez Gabriel pudesse ajudá-la.

— Marido, parece-me digno que tenha tanta fé em seus soldados, que esteja convencido de que nenhum deles tocou Clare...

— De onde tirou essa idéia?

— De ti — respondeu Johanna, surpreendida pela pergunta.

— Vamos, Johanna, não acredita que meus homens não tomariam o que lhes oferecesse.

— Entretanto, você os defendeu e me fez acreditar que nenhum deles a havia tocado.

Gabriel se irritou.

— Estamos falando de duas coisas diferentes. Não acredito que nenhum de meus homens rejeitasse a possibilidade de deitar-se com uma mulher que se oferecesse. — disse — em que pese a isso, tenho certeza que se algum de meus homens a houvesse tocado não a deixaria abandonada: a traria consigo.

— Também sabemos que teria admitido que deitou com a garota. Não mentiria ao lorde — acrescentou o padre MacKechnie.

Gabriel assentiu.

— É essa a questão central, compreende?

Johanna não compreendia, mas não quis discutir com o marido. No seu entender, Gabriel fazia a questão mais complicada do que na realidade era.

O padre MacKechnie se levantou para partir. Elogiou uma vez mais o discurso de Gabriel e em seguida fez uma reverência a Johanna.

— Moça, dá-se conta de que salvou os MacLaurin de um exílio certo? Empregou um ardil para obrigá-los a colaborar e, além disso, ganhou seu carinho.

Johanna se sentiu incômoda pela opinião do sacerdote. Em um murmúrio, agradeceu por suas amáveis palavras e pensou que sem dúvida no dia seguinte mudaria de idéia. Os MacLaurin cooperaram por Gabriel, e certamente o sacerdote logo notaria.

O padre MacKechnie saiu. Johanna e Gabriel permaneceram sentados: por fim estavam sozinhos. De repente, Johanna se sentiu tímida e envergonhada pelos elogios recebidos.

— Amanhã confessarei a verdade ao padre MacKechnie.

— Que verdade?

— Que é por você que os MacLaurin finalmente decidiram cooperar.

Gabriel ficou de pé e fez Johanna levantar.

— Terá que aprender a aceitar um elogio quando o recebe.

— Mas a verdade...

Gabriel não a deixou terminar. Levantou-lhe o queixo para que o olhasse e disse:

— Moça, a verdade é simples de compreender: converteu-te na divina salvadora dos MacLaurin.

A Johanna pareceu o mais lindo que Gabriel já tinha dito. Os olhos encheram-se de lágrimas e pensou que não choraria de modo algum. Não se acreditava tão frouxa.

Então, Gabriel a fez esquecer tudo sobre uma conduta digna:

— E para mim também, Johanna. Também é minha divina salvadora.

Capítulo 18

Na manhã seguinte, Gabriel saiu do feudo sem explicar muito no que consistia sua missão. Johanna se mostrou desconfiada e exigiu que lhe dissesse se pretendia roubar. É obvio, Gabriel se ofendeu e começaram a discutir.

— Dei-te minha palavra de que não roubaria. — disse — Mulher, será melhor que aprenda a não me ofender com suas acusações.

— É que me preocupo por sua segurança. — replicou Johanna — Me sentiria muito infeliz se algo te acontecesse enquanto está... caçando.

— Esse é outro insulto. — afirmou Gabriel, embora com menos dureza — Acaso me tem tão pouca fé? Quando meus homens e eu pegamos o que precisamos somos muito silenciosos e cuidamos para que não nos ouçam. Entramos e saímos dos armazéns antes que os animais sequer nos cheirem.

A arrogância de Gabriel não impressionou a esposa e soltou uma bufada muito pouco elegante.

— Na verdade, tenho absoluta confiança em ti. — murmurou — É que tenho curiosidade de saber aonde vai. Isso era tudo o que perguntava. Mas se não quiser dizer não o faça.

Não disse. Quando a jovem descobriu que pensava ausentar-se ao menos por duas semanas, possivelmente até três, sentiu mais curiosidade ainda.

Mas não o importunou, não porque se acreditasse acima de tal conduta, mas sim porque Gabriel não lhe deu tempo. Anunciou que ia, discutiu com ela uns minutos, deu-lhe um beijo fervoroso e partiu.

Não lhe disse aonde ia porque não queria preocupá-la. Gabriel, com um contingente completo de soldados, uniria-se ao lorde MacKay na guerra contra o clã MacInnes, e uma vez derrotados esses hereges, MacBain planejava dirigir-se ao feudo de lorde Gillevrey. Tinha chegado outro pedido de audiência com Johanna de parte do barão Goode: certamente, o inglês não conhecia o significado da palavra "não". Gabriel tinha a intenção de lhe afirmar em pessoa e de maneira categórica que deixasse de insistir. Queria ter certeza de que esse barão ignorante soubesse o que lhe aconteceria se se atrevesse a incomodar novamente Johanna. Rogou que o barão não tivesse enviado um vassalo.

A esposa estaria atarefada com Alex, Clare MacKay e os assuntos domésticos cotidianos. Glynis cortou o cabelo de Clare; depois de duas semanas

de repouso no quarto, a mulher MacKay estava recuperada o suficiente para jantar junto com Johanna no salão grande.

A cada dia que passava Clare ficava mais bonita. Quando os hematomas se foram e os traços faciais da moça já não estavam deformados pelo inchaço, revelou-se uma mulher surpreendentemente bela. Tinha um maravilhoso senso de humor e um acento atraente que a Johanna soava musical e que, para diversão de Clare, tentava imitar.

Johanna se esforçou em concentrar-se nos preparativos para receber à mãe. Embora estivesse ansiosa por vê-la, preferia que sua mãe não chegasse até alguns meses depois. Johanna tinha certeza de que se insistisse um pouco, a mãe ficaria até o nascimento da criança.

Embora a cintura de Johanna começasse a engrossar, ainda não se notava. Ultimamente dormia muito. Fazia uma sesta pela tarde e de noite se deitava cedo: tinha os mesmos horários que Alex. Levá-lo para cama todas as noites se converteu em um ritual. Depois que o menininho se lavava e limpava os dentes, os dois se ajoelhavam juntos ao pé da cama e diziam as orações noturnas.

Quando as preces terminavam, Johanna já estava cabeceando. Mas como Alex queria retardar a hora de ir para cama, incluía a todos os conhecidos nas preces. Oravam primeiro pelo próprio Alex, em seguida pelos parentes de Alex e os de Johanna e quando acabava a lista de familiares Johanna insistia para que rezassem por Arthur, o sobrinho do rei John. Quando Alex perguntava o motivo, Johanna explicava que Arthur deveria ter sido rei, e como esse direito foi negado, oravam para que fosse para o Céu.

Gabriel retornou minutos depois que Johanna tinha levado Alex para cima, mas na hora que terminou de escutar o relatório de Keith e jantou, a esposa e o filho estavam profundamente adormecidos.

No quarto fazia um calor infernal. O outono tinha chegado cedo as Highlands e soprava uma brisa gelada que Johanna não suportava. A janela estava coberta com peles e a esposa de Gabriel estava oculta sob uma pilha de mantas. Alex não estava dormindo sobre o colchão e Gabriel supôs que também devia estar em alguma parte, debaixo desse montão de mantas.

Encontrou o filho aos pés da cama e o levou para sua cama. Alex devia ter tido um dia exaustivo, pois nem abriu os olhos enquanto o pai o passava de uma cama a outra.

Gabriel quase não fez ruído enquanto se preparava para deitar-se. Despiu-se, lavou-se e começou a afastar as mantas para encontrar sua esposa.

Johanna estava adormecida no centro da cama. Gabriel se deitou junto a ela e a abraçou com suavidade.

Essa noite precisava dela. "Demônios, sempre precisava dela!", disse a si mesmo. Durante o tempo que ficaram separados, não passou uma hora sem que pensasse nela. Estava adquirindo um hábito vergonhoso: parecia um marido doente de amor que só desejava ficar em casa, com a esposa.

As alegrias da vida familiar lhe tinham tirado o prazer da luta.

Johanna usava uma camisola comprida, que Gabriel detestava: queria sentir o corpo suave da mulher apertado contra si. Levantou-lhe a vestimenta sobre as coxas e começou a acariciá-la enquanto lhe beijava o pescoço.

Johanna demorou a despertar, mas isso não deteve Gabriel, e quando Johanna tomou consciência de onde estava e o que o marido estava fazendo, respondeu com entusiasmo.

Evitar que Johanna soltasse exclamações excitadas que Gabriel tanto gostava era uma tarefa ingrata, pois não queria que Alex despertasse, e selou a boca de Johanna com beijos prolongados e ardentes. Quando alcançou o clímax, Johanna se apertou ao redor de Gabriel e deixou escapar um suave gemido.

Mas Gabriel, ao alcançar seu próprio orgasmo, não pôde conter um grito.

— Papai?

Gabriel sentiu que Johanna ficava rígida entre seus braços e tampou-lhe a boca para sufocar a risada.

— Não é nada, Alex. Volte a dormir.

— Boa noite, papai.

— Boa noite, filho.

Gabriel acomodou a cabeça na curva do pescoço de Johanna e a mulher se voltou para lhe morder a orelha.

— Bem-vindo ao lar, marido.

Ao ouvir que lhe respondia com um grunhido, Johanna sorriu. Dormiu abraçada fortemente a ele. Gabriel, por sua parte, dormiu desejando ter energias para voltar a lhe fazer amor.

Foi uma recepção muito prazeroza.

Nicholas chegou ao final da tarde seguinte. Gabriel, de pé sobre a escada da frente, esperou que o cunhado desmontasse. Calum estava junto a lorde e percebeu a expressão desgostosa do chefe.

— Desta vez o matará? — perguntou.

Gabriel sacudiu a cabeça.

— Não posso. — replicou, em tom abatido — Faria minha esposa infeliz e Deus é testemunha que esse é o único motivo pelo qual seu irmão continua respirando.

Calum ocultou um sorriso malicioso. Sabia que a cólera do lorde era pura ficção. Voltou-se para observar ao visitante.

— MacBain, há algo que não está bem. O barão não tem seu costumeiro sorriso tolo.

O irmão de Johanna estava sozinho. Pelo jeito, tinha pressa para encontrar-se com MacBain, pois passou a perna sobre o cavalo e desmontou antes que o cavalo parasse. A pelagem do cavalo estava coberta de espuma, sinal de que o tinham esporeado muito.

Certamente, algo de ruim acontecia: Nicholas não costumava maltratar seu cavalo.

— Ocupe-se do cavalo — ordenou Gabriel ao Calum. Desceu os degraus e caminhou ao encontro do cunhado.

Nenhum dos dois guerreiros era muito afeto às saudações formais. Nicholas foi o primeiro a romper o silêncio.

— As coisas vão mal, MacBain.

Gabriel não lhe fez perguntas e se limitou a esperar.

— Onde está Johanna?

— Vamos, preparando Alex para deitar-se.

— Um gole cairia bem.

Gabriel conteve a impaciência. Seguiu Nicholas para dentro, ordenou a Megan que estava preparando as mesas para o jantar que saísse, de modo a poder ficar a sós com seu cunhado e esperou junto à despensa enquanto o irmão de Johanna se servia de uma bebida.

— Será melhor que sente para ouvir as novidades. — sugeriu Nicholas — Trata-se de uma terrível confusão e Johanna está no meio dela.

Johanna descia a escada quando ouviu a voz do irmão. A cólera da voz de Nicholas e suas palavras inquietantes fizeram com que em lugar de recolher as saias e correr ao encontro do irmão, ficasse imóvel esperando ouvir o resto antes de interrompê-los.

Sabia que não era cortês escutar às escondidas, mas a preocupação e a curiosidade a fizeram esquecer as boas maneiras, e também sabia que assim que os interrompesse mudariam de assunto. Tanto o marido quanto o irmão protegiam os sentimentos de Johanna. Sim, sem dúvida mudariam de assunto e teria que importuná-los muito para obter uma resposta de qualquer dos dois. Talvez escutar às escondidas não fosse correto, mas era efetivo. Além disso, ao ouvir seu próprio nome soube que estava envolvida em algum conflito. Avançou um pouco mais e aguardou para escutar as palavras seguintes do irmão.

— Nicholas, diga de uma vez — insistiu Gabriel.

Johanna assentiu: estava plenamente de acordo com o marido e tão impaciente quanto ele.

— O barão Raulf retornou da morte e reclama a esposa.

Johanna não pôde ouvir a reação de Gabriel, pois ficou estupefata. Sentiu como se houvessem lhe dado um forte golpe e um grito lutou para brotar de sua garganta. Retrocedeu e se agarrou ao corrimão para não precipitar-se para frente. Negou com a cabeça: não podia ser verdade. Raulf tinha caído de um precipício. Havia testemunhas. Estava morto.

— Acaso os demônios não ficam no inferno?

Então correu sem saber aonde ia. Só queria encontrar um lugar onde ficar a sós e dominar o pânico e o temor.

Avançou pelo corredor para o fundo, mas ao chegar à porta que dava para o exterior compreendeu o que fazia e por que: o medo foi imediato e instintivo. "É um resquício sombrio do passado, — pensou — e no passado permitiu que o medo me controlasse, mas agora não consentirei."

Sentou-se sobre o banco, recostou-se contra a parede e fez várias inspirações profundas para acalmar-se. Em poucos minutos o pânico começou a ceder e o medo desapareceu.

"Agora sou uma mulher diferente. Descobri minha coragem e minhas energias e ninguém, nem mesmo um demônio, me arrebatará isso."

Apoiou a mão sobre o ventre em gesto protetor e os olhos lhe encheram de lágrimas que não eram de apreensão, mas sim de alegria, pelo milagre que gerava em seu interior.

Elevou uma prece de agradecimento pelas bênçãos que Deus lhe tinha outorgado. Agradeceu a Deus por lhe dar Gabriel, Alex e a criança que dormia dentro dela, e também por oferecer um refúgio seguro onde se achava livre da dor e podia aprender a amar e, finalmente, agradeceu ao Senhor por tê-la feito forte e inteligente.

A inteligência lhe permitiria achar um modo de sair da confusão.

Johanna permaneceu sentada na escuridão quase uma hora, mas quando afinal se levantou tinha um plano em mente. Sentia-se em paz, quase serena e, o mais importante, completamente controlada.

"Sim, sem dúvida fiz grandes progressos", disse-se, sorrindo por seu próprio elogio e sacudiu a cabeça diante de semelhante tolice. Não estava louca: acreditava que tudo se resolveria. No caso de chegar à situação em que fosse palavra contra palavra, Raulf não teria possibilidades diante de Johanna. Esta considerava os homens que golpeavam as mulheres uns ignorantes. E não só isso, mas também fracos e inseguros. Raulf tinha todas essas características. Sim, sairia vitoriosa se a batalha tivesse lugar nas Cortes de Londres, com ameaças e acusações. Utilizaria os pecados do barão para condená-lo.

Mas se Raulf resolvesse empregar os punhos e a espada para dar-

se bem, Johanna sabia que não tinha força suficiente para suportar o ataque. Mas não importava: embora Raulf reunisse um exército para ajudá-lo, Johanna sairia vitoriosa. Por Gabriel. Porque era seu campeão, seu protetor, sua benção salvadora. Tinha uma fé absoluta na capacidade de Gabriel de manter a família a salvo. Raulf não era um oponente digno de Gabriel.

Afinal, um arcanjo podia esmagar sem dificuldades a um demônio.

Johanna exalou um suspiro. Estava preparada para que o marido a consolasse. Segurou as saias e correu para ele.

Nicholas a interceptou no centro do salão. Elevou-a em seus braços e a levantou do chão.

— Oh, Nicholas, estou tão feliz de te ver! — exclamou.

— Maldição, desça-a! — vociferou Gabriel — E tire as mãos de cima dela. Minha esposa não está em condições de que a jogue no ar como se fosse um tronco.

Nem Johanna nem Nicholas fizeram caso das ordens de Gabriel. A moça beijou e abraçou com força o irmão. Por fim, Nicholas a deixou no chão e passou o braço pelos ombros.

— MacBain, talvez minha irmã tenha aparência delicada, mas sem dúvida já notou que na verdade é forte como um boi.

— O que notei é que ainda não a soltou — alfinetou Gabriel — Johanna, venha aqui. Tem que estar junto de seu marido.

Apesar de falar em tom azedo, o brilho de seus olhos mostrou a Johanna que o alegrava vê-la feliz. Também supôs que na realidade gostava de Nicholas, mas era capaz de morrer antes de admiti-lo. Johanna tinha aprendido que os homens eram uma espécie de pessoas complicadas.

Separou-se do irmão e se aproximou do marido. Imediatamente, Gabriel lhe rodeou os ombros com o braço e a aproximou dele.

— Nicholas, por que mamãe não veio com você? Sua companhia a teria agradado e pensa vir nos visitar, não é mesmo, marido?

Gabriel assentiu.

— Sim, Nicholas, por que não a trouxe?

— Neste momento não estava pronta para sair da Inglaterra — respondeu Nicholas — Além disso, surgiu certo problema, Johanna...

Gabriel não o deixou terminar.

— Sua mãe virá no mês que vem.

— Por favor, me fale do problema que mencionou — pediu Johanna.

Os dois homens adotaram uma expressão cautelosa e Johanna pensou que não sabiam como lhe dar a má notícia. Mas depois de insistir uns minutos, compreendeu que nenhum dos dois estava disposto a falar de Raulf.

Gabriel não podia pensar em deixar Johanna ir. Quando se sentaram à mesa, manteve-se perto dela lhe segurando a mão.

Nicholas se sentou junto a Gabriel, em frente a sua irmã, e Keith, junto a Nicholas. Poucos minutos depois Clare se reuniu a eles, e se sentou ao lado de Johanna.

Quando Clare entrou, Nicholas e Gabriel se levantaram e Johanna teve que fazer um gesto aos outros soldados para que ficassem de pé.

Nicholas fixou o olhar na linda mulher que se aproximava dele e Gabriel o observou, esperando detectar alguma indicação de reconhecimento.

— Nicholas, conhece esta mulher? — perguntou.

Ao cunhado não lhe agradou o tom em que lhe falava.

— Como demônios quer que a conheça?

Johanna se apressou a apresentá-los. Clare fez uma reverência, mas não sorriu, pois Nicholas estava carrancudo.

Mas Gabriel ainda não estava disposto a admitir a derrota. Acreditava ter pensado bastante no assunto e ter chegado à única conclusão possível: tinham visto a túnica dos MacBain perto das terras dos MacInnes. Na última viagem de volta a Inglaterra Nicholas tinha usado a túnica dos MacBain. Como nenhum dos soldados tinha estado perto daquele feudo, Nicholas devia ser o responsável pelo estado de Clare.

— Afirma que nenhuma vez antes viu Clare MacKay? — perguntou.

— Isso é o que digo — afirmou Nicholas, marcando as palavras.

— Demônios!

— Gabriel, o que acontece? — exclamou Johanna — Meu irmão jamais abandonaria...

— Era a conclusão lógica — se defendeu Gabriel.

— É uma conclusão vergonhosa — replicou Johanna.

Nicholas tentava seguir a incipiente discussão. Entendia que Gabriel queria culpá-lo de algo e que Johanna assumia sua defesa, mas não tinha idéia do cerne da questão.

— De que me considera responsável? — perguntou a Gabriel.

— Nicholas, isto não te concerne — disse Johanna.

— Como que não lhe concerne? — perguntou Gabriel — Se for o pai...

A mulher não o deixou terminar.

— Não é — exclamou.

A expressão de Gabriel se tornou horripilante.

— Entendo — disse. Sentou-se, indicou que Nicholas fizesse o mesmo e se voltou para sua esposa.

— Isso significa que você conhece o homem, não é assim, Johanna?

Johanna assentiu. Embora tivesse toda a intenção de explicar o estado das coisas ao marido, preferia esperar que estivessem a sós.

— Não estamos sozinhos — murmurou, na esperança de que Gabriel compreendesse que não queria falar de um assunto tão delicado diante de terceiros.

Mas Gabriel não captou a insinuação.

— Dará-me o nome — exigiu.

Johanna suspirou, enquanto Clare estudava com atenção a mesa com a cabeça curvada e os punhos apertados sobre o colo. Levantou o olhar quando o marido de Johanna exigiu uma resposta, tomou fôlego e disse:

— Não existe tal homem, lorde MacBain.

Gabriel não estava preparado para semelhante resposta. Reclinou-se na cadeira e contemplou a mulher MacKay um longo momento antes de voltar-se para a esposa.

Imediatamente, Johanna assentiu e repetiu a afirmação de Clare.

Sem deixar de observar o marido, Johanna se esticou e pegou a mão de Clare.

— Será melhor que se prepare — murmurou.

— Que me prepare para que, milady? — murmurou Clare por sua vez.

— Para os rosnados.

Gabriel ignorou a brincadeira, pois ainda tentava digerir a novidade. As implicações eram impressionantes e não entendia por que a mulher se colocou em semelhante situação por uma mentira.

Moveu a cabeça e Johanna assentiu.

— É uma notícia maravilhosa, Gabriel — observou.

O rosto de Gabriel ficou rubro e Johanna compreendeu que não lhe parecia maravilhosa. Claramente amedrontada, Clare retorcia as mãos e Johanna se voltou para ela.

— Não tem nada a temer — disse — Meu marido não te fará mal. O que acontece é que se surpreendeu, isso é tudo, e em poucos minutos superará.

— Alguém poderia me explicar que raios está acontecendo? — perguntou Nicholas.

— Não! — exclamaram em uníssono Gabriel, Johanna e Clare.

Johanna foi primeira a notar que tinham sido rudes com o irmão.

— Gabriel, podemos falar deste assunto mais tarde, por favor? — suplicou, ao ver que se preparava para discutir.

Finalmente, o marido aceitou e Johanna acrescentou:

— Na mesa só deveríamos conversar de coisas agradáveis. Não acha, Clare?

— Sim — respondeu a moça soltando a mão de Johanna e endireitando — Contou a seu irmão a boa nova?

— Meu marido disse — respondeu Johanna.

— Não, não o fiz — replicou Gabriel.

Ainda parecia irritado, mas a Johanna não inquietou.

— Por que não disse?

— Pensei que você preferia dizer.

Johanna sorriu e, é obvio, Nicholas se sentiu atizado pela curiosidade.

— Qual é a boa nova?

— Quero que você diga — insistiu Johanna.

— Me dizer o que? — perguntou Nicholas.

— Seu irmão é muito impaciente — observou Clare — Todos os ingleses o são, não é?

— Não, não é verdade — replicou Nicholas — Johanna, diga-me.

Clare se sobressaltou pela dureza do tom do Nicholas. Ergueu mais os ombros e olhou carrancuda para o homem que agora considerava como um caipira.

— Sua irmã não é estéril — anunciou Gabriel, sorridente. Imediatamente, todos os soldados assentiram ao mesmo tempo.

— É verdade: não é estéril — repetiu Keith.

Os homens voltaram a assentir. Nesse momento entraram Calum e Leila, de mãos dadas. Quando desceram os degraus, Leila lhe soltou a mão. Johanna sorriu ao ver o feliz casal e em seguida se voltou para seu irmão que parecia continuar sem entender.

— Nicholas, vou ter um filho.

— Como é possível?

Johanna se ruborizou e Gabriel riu, divertido com o desconforto de sua esposa. Embora estivesse decidido a repreendê-la por não ter dito a verdade a respeito de Clare MacKay, em consideração ao estado delicado de Johanna não elevaria a voz ao deixar claro descontentamento.

— Está casada com um highlander. — respondeu Gabriel à ridícula pergunta do Nicholas — Por isso é possível.

Nicholas riu. Deu um golpe amistoso no ombro de Gabriel, felicitou-o e em seguida se dirigiu à irmã.

— É uma notícia maravilhosa. — disse com a voz tremente de emoção — Nossa mãe ficará muito feliz.

A Johanna lhe encheram os olhos de lágrimas e tirou o lenço de linho que tinha metido na manga da blusa.

— Sim, mamãe ficará feliz — disse, enquanto enxugava as lágrimas com a ponta do tecido — Nicholas, não esqueça de dizer-lhe quando retornar a Inglaterra. Vai querer começar a costurar roupinhas para a criança.

— Agora compreende por que não quero inquietar minha esposa com notícias desagradáveis? — perguntou Gabriel.

— Compreendo — respondeu Nicholas.

Johanna já não teve a menor dúvida de que não lhe diriam nada a respeito de Raulf. Os dois queriam evitar preocupações. Claro que, chegado o momento, diriam, e se perguntou quanto tempo seriam capazes de guardar segredo.

Mesmo reconhecendo que tinham boas intenções, Johanna não estava disposta a permitir que a tratassem como uma menina. Por outro lado, teriam que falar da situação. Tinha idealizado um plano eficaz para impedir que Raulf causasse dificuldades e queria comentá-lo com Gabriel.

O marido parecia aflito e Nicholas também estava imerso em seus próprios pensamentos. Os dois homens se mostravam carrancudos e não comiam.

Johanna não quis trazer para a refeição o assunto até que os homens terminassem de jantar e resolveu dar um giro à conversa falando de assuntos cotidianos.

— Nicholas, observou que o muro está quase terminado? Os homens adiantaram bastante desde sua visita anterior.

Nicholas assentiu.

— Keith, disse-lhe que lhe assenta muito bem a túnica MacBain?

O soldado sorriu.

— Sim, milady, hoje me disse isso ao menos dez vezes.

— Disse que meus ombros pareciam mais largos e mais fortes com a túnica dos MacBain — interveio Michael.

— A mim, que parecia mais alto — exclamou Lindsay.

— E todos são elogios sinceros — afirmou Johanna — Todos vocês ficam melhores com a túnica dos MacBain.

Os soldados riram.

— Milady, já aceitamos as cores de nosso lorde. Não tem que preocupar-se mais.

— Não me preocupo — se defendeu Johanna.

— E por que de repente nos faz elogios, pois? — perguntou Keith.

A senhora encolheu os ombros: aos soldados divertia sua reação e Johanna preferiu falar de um assunto menos embaraçoso. Os soldados não faziam caso de Nicholas; quando um deles mencionou o incidente dos lobos, competiram para ver qual deles relatava a história da audácia da senhora.

Johanna protestou dizendo que ao irmão não lhe interessava essa história, mas a ignoraram. Gabriel pegou sua mão. Os soldados riam e gritavam

e, em meio desse caos, inclinou-se para sua esposa.

— Sabe que sempre te protegerei, não é? — sussurrou.

Johanna se inclinou para o lado da cadeira e o beijou.

— Sei.

Nicholas viu o gesto de ternura entre Johanna e Gabriel e fez um gesto de satisfação: fez bem em insistir em que se casasse com o lorde.

Nesse momento, Calum fez uma pergunta ao lorde. Johanna se jogou para trás e se voltou para Clare.

— Sente-se bem? — sussurrou.

— Sim, milady — respondeu Clare.

Johanna não se convenceu: Clare tinha apenas tocado a comida e se manteve silenciosa durante todo o jantar. Pensou que a presença de Nicholas devia ser a causa do acanhamento de Clare. Por algum motivo ambos haviam sentido uma imediata antipatia em relação ao outro. Se a moça não se sentia mal, então o motivo de sua conduta seria Nicholas. Os dois se olhavam fixamente, e quando um surpreendia o outro observando, ficava carrancudo.

Esse comportamento era estranho e inquietante, pois Johanna se afeiçoou a Clare e queria que sua família agradasse a jovem.

Deixou de pensar no assunto quando os homens pediram permissão para se retirar.

— Onde está o padre MacKechnie? — perguntou Johanna.

Keith se levantou antes de responder.

— Augie queria que provasse uma amostra da nova bebida.

— Se o encontrar, por favor, diga que gostaria de falar com ele.

— Do que quer falar com ele? — perguntou Gabriel.

— De um assunto importante.

— Falará comigo desse assunto importante — exigiu o homem.

— É obvio que sim. Mas também queria escutar a opinião do padre MacKechnie.

Antes que o marido continuasse interrogando-a voltou-se para Clare.

— O que acha do meu irmão? É charmoso, não é?

— Charmoso? É inglês, milady — murmurou Clare.

Johanna riu e se dirigiu ao irmão.

— Nicholas, a Clare não agrada os ingleses.

— Não tem sentido detestar todos os homens de um país — observou o irmão.

— Não sou uma mulher incapaz de raciocinar. — se defendeu Clare — Se eu fosse inglesa, talvez seu irmão me parecesse charmoso.

Não estava disposta a conceder mais e, pelo jeito, a Nicholas não importou a opinião da jovem. Mas a fingida indiferença do irmão não enganou Johanna: Clare MacKay lhe interessava embora tentasse dissimulá-lo.

Clare estava um tanto na defensiva. De súbito, Johanna se ergueu e Gabriel viu que o semblante da esposa expressava assombro. Quis saber o que lhe acontecia.

Johanna deu uma palmadinha na mão com suavidade e disse que não gostava do tom que empregava, embora deixasse a pergunta sem responder.

— Nicholas.

— O que, Johanna?

— Quando se casará?

Nicholas não estava preparado para uma pergunta tão abrupta e riu.

— Penso demorar o máximo possível — admitiu.

— Por quê?

— Tenho coisas mais importantes no que pensar.

— E tem alguém em mente para quando decidir fazê-lo?

Nicholas fez um gesto negativo.

— Na realidade, não pensei. Quando estiver preparado, me casarei. E agora, basta desta conversa.

Mas Johanna ainda não estava disposta a abandonar o assunto.

— Quando fizer a escolha, um dote grandioso será importante para você?

Nicholas suspirou.

— Não. Não preciso de um rico dote.

Johanna sorriu e repetiu a Clare:

— Não precisa de um dote grandioso.

Por uns instantes, Clare ficou perplexa, franziu o semblante e em seguida compreendeu as intenções de Johanna. Fez uma expressão de assombro e moveu a cabeça com gesto veemente.

— Não estará pensando que considere um inglês, não é?

Johanna a tranquilizou:

— Não pedi que considerasse nada — disse. É obvio que era uma mentira flagrante, mas tinha boas intenções e não acreditava estar cometendo um pecado. Contudo, tinha alcançado seu objetivo, pois tudo o que queria era semear a idéia na mente de Clare.

— Meu pai morreria.

— Recuperará.

— Como alguém se recupera da morte? — perguntou Gabriel.

Johanna ignorou a pergunta.

— Ninguém a obrigará a fazer nada que não deseje — disse a Clare e acrescentou, dirigindo-se ao marido — Não é mesmo, Gabriel?

— O que, Johanna? Não sei do que está falando.

Johanna não se alterou diante da exasperação do marido.

— Quando o pai de Clare virá aqui outra vez?

— Amanhã ou depois de amanhã.

Nicholas tinha o olhar fixo sobre Clare e o angustiava a expressão no rosto da moça. Quando Clare escutou que o pai viria, os olhos lhe encheram de lágrimas e pareceu assustada. Nicholas não entendia o que se passava: quase não conhecia a mulher e pensou que o desagradava, mas sentiu o impulso de ajudá-la.

— Não quer ver seu pai? — perguntou-lhe.

— É obvio que quero vê-lo — respondeu Clare.

— Amanhã ou depois Clare ainda não estará forte para ir — disse Johanna ao marido.

— Johanna...! — advertiu-lhe Gabriel.

— Parece-me sã — observou Nicholas, perguntando-se do que fariam — Esteve doente? — perguntou a Clare.

Clare negou com a cabeça e Johanna assentiu. Nicholas se exasperou.

— Clare esteve muito doente. — disse Johanna — Necessita tempo para recuperar as energias.

— Por isso tem o cabelo cortado como o de um moço — observou Nicholas — Contraiu febre não é mesmo?

— Não — respondeu Johanna — Gabriel, insisto para que diga a lorde MacKay que a filha ainda não está preparada para uma viagem.

— Não acredito que possa adiá-lo — respondeu Gabriel e olhou zangado para Nicholas — É uma pena que você não lhe tenha feito um filho — murmurou — Isso resolveria todos os nossos problemas.

Nicholas abriu a boca para dizer algo, mas estava absolutamente estupefato.

— Não posso acreditar que considere meu irmão tão desonesto — disse Johanna.

— Era lógico, maldição! — replicou o marido.

— E como resolveria o problema? — quis saber Johanna.

— Nicholas está aqui — respondeu Gabriel — O sacerdote poderia casá-los. Sabe que prometi a MacKay que haveria um casamento, não é verdade?

— Eu não poderia me casar com ele.

Como Clare indicava Nicholas enquanto afirmava com ênfase, o homem chegou à conclusão que se referia a casar-se com ele.

—É claro que não poderia! — alfinetou — Também deveria observar que não te ofereci casamento.

Clare ficou de pé.

— Por favor, me desculpem — balbuciou — De repente, sinto necessidade de ar fresco.

Gabriel assentiu e Clare saiu imediatamente do salão. Nicholas a viu afastar-se e se voltou para sua irmã, que o olhava carrancuda.

— Por favor, alguém poderia me explicar que raios acontece?

— Nicholas, perturbou Clare. Será melhor que vá procurá-la e se desculpe.

— Como é que a perturbei?

— Negou-se a casar com ela — esclareceu Johanna — Não é verdade, Gabriel?

O marido desfrutava a suas largas da confusão do Nicholas.

— Sim, rejeitou-a — disse, só pelo prazer de provocar o cunhado.

— Expliquem-me — isso exigiu Nicholas.

— Não seria correto que nós falássemos do problema de Clare — disse Johanna — Quando ela estiver disposta, lhe dirá. Nicholas, para que veio?

A mudança de assunto o surpreendeu e não pôde dar uma resposta rápida. Voltou-se para o Gabriel em busca de auxílio.

Sem querer, o padre MacKechnie veio em auxílio de Gabriel e de Nicholas, pois entrou precipitadamente no salão.

— Milady, Keith me disse que queria falar comigo — exclamou — Agora é um bom momento ou prefere que retorne mais tarde?

Gabriel e Nicholas aproveitaram a oportunidade de distrair a Johanna.

— Venha, padre, sente-se conosco! — exclamou Gabriel.

— Alegra-me voltar a vê-lo — disse Nicholas ao mesmo tempo.

Se o sacerdote se surpreendeu pelo recebimento entusiasta dos guerreiros não o demonstrou.

— Nicholas, soube que estava de volta — disse o padre MacKechnie — Veio ver como está sua irmã? Como pôde comprová-lo, está feliz — acrescentou com ênfase.

— Esse foi o motivo de sua viagem? — perguntou Johanna.

Por vergonhoso que fosse admiti-lo, Johanna divertia-se com o desconforto do irmão. Ao ver a expressão de Nicholas soube que era difícil lhe mentir. Tendo em conta o inocente da pergunta, o semblante franzido de Nicholas era muito significativo.

Gabriel foi a seu resgate.

— Padre, já jantou? Johanna, o que houve com suas maneiras? Não ordenou aos criados que lhe sirvam.

— Já comi — informou o padre. Sentou-se junto à Johanna, rejeitou uma bebida e começou a falar em detalhe da última safra de bebida preparada por Augie.

— É bastante forte — afirmou — Bebe-se um gole e sai voando pelo pátio.

Johanna riu do exagero do sacerdote.

— Esquentará-nos quando chegar as longas... — O padre estava a ponto de dizer que a bebida lhes daria calor quando as longas noites de inverno chegassem, mas se apressou a mudar a frase — Se é que fica algo.

— As longas o que? —perguntou Johanna.

— As noites longas e temperadas do inverno — balbuciou o clérigo, lançando um olhar severo a Nicholas. Certamente, ainda culpava Nicholas por ter mentido para Johanna a respeito do clima quente das Highlands.

Nicholas espantava-se que ainda ocultassem a verdade de sua irmã e teve vontade de rir, mas reprimiu a tempo.

— Nicholas, sabe que desde que estou aqui o clima é imprevisível? Se até faz frio de noite!

— Não, moça, nunca faz frio. — argumentou Gabriel.

— Vamos, Johanna... — começou Nicholas.

— Dirá por que veio? Nicholas, é evidente que surgiu algum problema, pois do contrário teria esperado para vir com mamãe.

— Filho, a que veio? — quis saber o sacerdote.

A pressão sobre Nicholas foi intensa.

— O clima. — afirmou ao final de uns instantes — Johanna, não suportava continuar vivendo na mentira. Vim aqui para te dizer a verdade.

As gargalhadas de Johanna anunciaram que não acreditava, mas já tinha começado a inventar e não podia deter-se.

— Menti. Ai está. Já disse o que vim confessar.

— Mentiu-me sobre o clima?

Nicholas sorriu. A risada de Johanna era contagiosa e também sua perspicácia. De repente compreendeu que a irmã nunca se deixou enganar.

Inclinou-se para frente e a apontou com o dedo.

— Soube... sempre, não é mesmo?

A irmã assentiu.

— Usou um manto de lã, Nicholas. Claro que sabia.

— Então, moça, cada vez que algum de nós se referia ao tempo estar mais frio do que o habitual você sabia a verdade? — disse o sacerdote, desconcertado.

Johanna assentiu.

— Padre, foi bondoso de sua parte sustentar a mentira de meu irmão, pois você o fazia por minha felicidade.

— Tem senso de humor, esposa — disse Gabriel.

— Tão distorcido quanto um escudo que ficou muito tempo sob a chuva — acrescentou Nicholas.

Johanna riu e os homens souberam que as brincadeiras não a incomodavam. Bocejou, desculpou-se e Gabriel lhe ordenou que fosse deitar.

— Primeiro queria falar de algo com todos vocês. — disse Johanna — Depois irei deitar me.

— Do que quer falar? — perguntou Nicholas.

— Eu ajudarei, se puder — atravessou o sacerdote.

— Tenho um problema — começou Johanna.

— Diga do que se trata, moça — insistiu o padre MacKechnie.

Enquanto respondia, Johanna fixou o olhar em Gabriel.

— Pelo jeito, tenho dois maridos.

Capítulo 19

— Tem um só marido, Johanna.

O tom de Gabriel sugeriu a Johanna que não discutisse e a jovem pegou na sua mão e assentiu.

— Johanna, ouviu quando eu contava a seu marido a respeito de Raulf?

— Sim.

— Garota, isso não está certo — afirmou o marido.

Johanna fez um gesto negativo.

— O que não está certo é que pensasse em me ocultar uma notícia tão importante.

— Estou tentando entender. — disse o padre — Estão querendo dizer que o barão Raulf está vivo?

— Sim — respondeu Nicholas.

— Grande Deus dos Céus! — murmurou o sacerdote — Onde esteve todo este tempo?

— Encerrado em uma masmorra, do outro lado do oceano. — respondeu Nicholas — Foi enviado ao outro extremo do mundo como representante do rei John, para negociar um acordo comercial. Raulf partiu da Inglaterra antes que John começasse a briga com a Igreja. Neste momento, ao rei não interessa a mínima aplacar o Papa.

Concluída a explicação, voltou-se para a irmã.

— Quanto foi o que ouviu?

— Tudo — mentiu Johanna.

— Maldição!

Johanna não fez caso do palavrão.

— Por favor, expliquem ao padre em que confusão estou metida.

Nicholas levantou a taça e esvaziou o conteúdo de uma só vez. De repente, Johanna sentiu a necessidade de estar mais perto de Gabriel. Levantou-se e se colocou junto a ele e o homem lhe rodeou a cintura e a aproximou. Johanna passou o braço pelo seu pescoço e se apoiou nele.

— O barão Raulf caiu de um precipício e todos acreditaram que tinha morrido.

— Quando aconteceu, eu estava na Inglaterra. — recordou o sacerdote.

— Sim, pois bem, não morreu. — murmurou — Está de volta a Inglaterra e está louco como uma cabra porque ficou sem a esposa e sem as terras. O rei quer apaziguar esse miserável, só Deus sabe por que. John ordenou que Johanna voltasse para Raulf e, em uma tentativa de acalmar os MacBain e evitar uma guerra, aceitou deixá-lo conservar estas terras.

O padre MacKechnie murmurou algo baixinho.

— Filho, não tem nenhuma importância o que o rei quer. O casamento anterior de Johanna foi anulado, e isso é um fato. O próprio Papa assinou o decreto. Acaso não foi isso o que me disse, moça?

Johanna fez um gesto afirmativo.

— Exato. Na realidade eu não acreditei necessitar de uma anulação. Só a pedi para ganhar tempo antes que o rei me obrigasse a casar outra vez.

— John decidiu tornar-se Papa. Desde que começou a brigar com a Igreja, quase todos seus vínculos com o Santo Padre foram cortados. Os sacerdotes já fugiram para as Lowlands antecipando-se à interdição, pois John tem certeza que será excomungado.

— De modo que seu rei acredita que pode mudar esposas com apenas um estalar de dedos? — perguntou Gabriel ao cunhado.

— É nisso que acredita. Não atende a razão. Eu tentei convencê-lo, mas está teimando em agradar Raulf. Eu gostaria de saber por que.

— O que acontecerá se nosso lorde se negar a deixar que Johanna se vá? — perguntou o sacerdote.

— John atribuirá tropas a Raulf.

— Para que? — perguntou o clérigo.

— Para a guerra — disseram Nicholas e Gabriel em uníssono.

— Não posso permitir. — murmurou Johanna — Gabriel, acabamos de reconstruir nossa casa. Não deixarei que destruam tudo outra vez.

— Não acredito que possa fazer nada para impedir, Johanna — disse Nicholas.

— Viu Raulf? — perguntou a jovem.

— Se o tivesse visto, o teria assassinado pelo que te fez! Não, não o vi.

Johanna negou com a cabeça.

— Não pode matá-lo, pois o rei se voltaria contra ti.

— Escuta-a, filho. — aconselhou o sacerdote, lançando um suspiro de preocupação — Temos nas mãos um grave problema.

— Quanto tempo Gabriel tem para tomar uma decisão?

— Johanna, não acha que te deixarei ir... — murmurou o marido.

— Amanhã ou depois chegarão dois mensageiros escoltados por quatro soldados para entregar ao seu marido as exigências do rei John.

— E onde está Raulf? — perguntou Johanna.

— Fiz o rei prometer que Raulf permaneceria na corte até que isto fosse solucionado.

Johanna se apoiou contra o marido. Imediatamente, Gabriel puxou a cadeira para trás e a fez sentar no seu colo.

— Isso não nos dá muito tempo para formular um plano de ação. — disse o padre MacKechnie.

— Sim, dá-nos tempo. — argumentou Gabriel — Os mensageiros terão que retornar a Inglaterra com a resposta de que rejeito o pedido. Isso nos dará tempo suficiente.

— Tempo para que? — perguntou Johanna.

— Para nos preparar — respondeu Nicholas.

Johanna mudou de assunto.

— O que ouviu dizer a respeito de Arthur? Disseram-nos que o sobrinho do rei foi assassinado. Soube alguma coisa?

Ao ver que a irmã mudava abruptamente de assunto, Nicholas franziu o semblante. Mas Johanna parecia exausta e supôs que o que queria era falar de algo um pouco menos perturbador.

— Apareceram informações contraditórias. — respondeu Nicholas — O barão Goode jurou que descobriria o que tinha acontecido a Arthur e não deixaria pedra sobre pedra. Cada vez mais gente acredita que Arthur foi assassinado. Era um rival para o trono — explicou ao padre MacKechnie — e uma ameaça real para a posição de John. Goode não era o único que apoiava o sobrinho. Havia todo um exército que sustentava as pretensões de Arthur.

— O que diz o rei a respeito deste mistério? — perguntou Johanna.

— Afirma não saber como o sobrinho morreu. — respondeu Nicholas — A suspeita generalizada é que alguns partidários fanáticos do rei John capturaram Arthur, ameaçaram castrando-o e que morreu de medo.

— Isso poderia ser — especulou Gabriel.

— Ainda correm muitos rumores. — disse Nicholas — Asseguro que se qualquer dos barões tivesse provas de que John está envolvido na morte do sobrinho, a Inglaterra cairia na rebelião. Os barões pendurariam John pelos... — Nicholas se conteve antes de dizer algo que ofenderia Johanna e se apressou a substituir por uma palavra mais apropriada — ... os pés.

Johanna soltou outro sonoro bocejo. Desculpou-se perante os homens e em seguida disse:

— Dão-se conta? É por isso que o rei John quer manter Raulf satisfeito.

Gabriel imaginou o que Johanna ia dizer antes que acrescentasse mais uma palavra. Nesse momento, todas as peças encaixavam: Johanna não só sabia que Arthur tinha sido assassinado, mas também quem o tinha feito.

— Johanna, explique o que quis dizer. — pediu Nicholas — Sabe por que John quer apaziguar Raulf?

Ia responder, mas Gabriel lhe deu um suave apertão.

— É um de seus cortesãos preferidos — disse a jovem.

Gabriel afrouxou o apertão e a mulher soube que sua resposta o tinha agradado. Esperaria até que estivessem sozinhos para perguntar por que não queria que dissesse nada mais na presença de Nicholas.

— John não quer que Raulf fique contente. — disse Gabriel então — O que quer é fazê-lo assassinar. E por isso o mandará contra mim, entendem?

A discussão se intensificou, mas Johanna estava muito cansada para ficar escutando o que diziam o marido e o irmão a respeito do que teria que fazer.

O padre MacKechnie solicitou a honra de acompanhar à senhora até o dormitório. O que na realidade queria era ficar a sós com ela e assim que saíram do salão segurou lhe a mão e perguntou se pensava afligir-se pelas notícias ou deixaria o assunto nas mãos de Deus e descansaria tranqüila como a moça inteligente que era.

Gabriel também se afligia com a possibilidade de que Johanna se preocupasse até adoecer e estava disposto a acalmar os temores de sua esposa, mas descobriu que não era necessário. Não conseguiu despertá-la nem para lhe dar o beijo de boa noite. Estava ausente do mundo e dormia como uma inocente sem aflição alguma.

Johanna despertou no meio da noite sentindo um peso que circundava seus pés e que a sobressaltou. Assim que se moveu, Gabriel se levantou. Viu seu filho aos pés da cama e lhe ordenou que fosse para seu próprio leito imediatamente.

— Não o desperte. — murmurou Johanna — Faz mais de uma hora que está em nossa cama. Só o tire de cima do meu pé, por favor.

O homem soltou um suspiro suficiente para despertar um morto,

mas Alex não se moveu. Tampouco despertou enquanto o pai o trasladava para sua cama.

— Tem cobertas suficientes? — murmurou Johanna — Aqui faz frio.

Gabriel retornou à cama e estreitou à esposa entre os braços.

— É meu filho. O frio não o afeta.

Johanna achou ilógica a afirmação do marido e estava a ponto de dizer-lhe quando Gabriel exigiu em tom resmungão que lhe desse um beijo.

Só pensava lhe dar um beijo breve, mas o sabor de seus lábios e a resposta entusiasmada de Johanna o impulsionaram a desejar mais. Deu-lhe outro beijo, intenso e prolongado... E então decidiu que queria tudo.

Fazer amor sem ruído era uma tortura, e o último pensamento coerente de Gabriel antes que a esposa o fizesse perder o controle foi que se sentiria feliz quando Alex tivesse seu próprio quarto.

Gostava do modo como Johanna se aconchegava contra ele depois de fazer amor. "Demônios! — pensou — Gosto de tudo nela!"

— Gabriel?

— O que?

— Queria te dizer algo. — murmurou Johanna na escuridão — Eu sei por que o rei John quer livrar-se de Raulf.

— Agora descanse, Johanna. Falaremos disso manhã.

— Quero dizer agora.

Gabriel se rendeu.

— Certo. Mas se ficar nervosa deixaremos para amanhã.

Johanna não deu atenção.

— Queria dizer isso antes — começou.

— Também ia dizer a Nicholas, não é mesmo?

— Sim. Por que me impediu?

— Porque Nicholas não é só seu irmão, mas também um barão inglês. Se se inteirasse do comportamento do monarca poderia ver-se obrigado a tomar uma atitude em consequência disso. Neste momento, ninguém destronará John, e se Nicholas tentasse, o matariam.

A mulher não tinha levado em consideração a possibilidade de que Nicholas se visse obrigado a desafiar o rei e agora agradecia que Gabriel a tivesse impedido de dizer-lhe.

— Como adivinhou... ?

O marido não a deixou terminar.

— Tenho uma só pergunta a fazer, Johanna, e sua resposta não sairá deste aposento.

— Direi tudo o que quiser saber.

— Foi o rei que matou Arthur, ou foi Raulf?

Johanna respondeu sem vacilar:

— Acredito que Raulf o matou, mas a ordem veio do rei John.

— Tem certeza?

— Oh, sim! — murmurou Johanna — Tenho certeza.

Sentiu um alívio tão intenso ao poder compartilhar essa carga que os olhos lhe encheram de lágrimas.

— Como soube?

— Ouvi quando o mensageiro do rei lia a ordem. Raulf não sabia que eu estava escutando, mas o mensageiro me viu na entrada. Não sei se disse a meu marido ou não, mas tenho certeza de que disse ao rei. Pouco depois da Páscoa, Raulf partiu e não retornou até a metade do verão. Menos de um mês depois, ouvi o rumor de que Arthur tinha desaparecido. Anos mais tarde, ao saber da morte de Raulf, ordenaram que eu fosse a Londres e me prenderam. O rei foi visitar-me em várias ocasiões e sempre mencionava Arthur.

— Tentava descobrir o que sabia — refletiu Gabriel.

— E certamente, eu fingi ignorância.

— Quem era o mensageiro que o rei enviou a Raulf com a ordem de matar Arthur?

— O barão Williams. — respondeu Johanna — John não teria acreditado em um mensageiro da corte e além disso, Williams e Raulf eram os confidentes mais próximos do rei. Mas não confiavam um no outro.

— Foi muito afortunada pelo rei não ter te matado. Ao te deixar com vida, face ao que sabia, correu um grande risco.

— Não tinha certeza de que eu soubesse algo. — argumentou Johanna — Por outro lado, sabia que eu não podia testemunhar contra ele. As mulheres não podem apresentar acusações perante a corte, salvo contra seus próprios maridos, e isso só em poucos casos de delitos menores.

— O barão Goode acredita que você sabe algo, não é mesmo? Por isso tenta falar com você.

— Sim. Todos os barões conhecem a relação que existe entre o rei e seus dois favoritos, Raulf e Williams. Como sabemos agora, Raulf saiu da Inglaterra pouco antes do desaparecimento de Arthur. Goode deve supor que há algum vínculo entre os dois. Talvez queira me interrogar a respeito das respectivas datas. É impossível que saiba que eu escutei algo.

— Quero que preste atenção. — exigiu Gabriel — Não dirá a ninguém o que escutou, nem mesmo a seu irmão. Prometa-me isso Johanna.

— Mas há uma pessoa com quem na realidade tenho que falar.

— Quem é?

— O rei John.

Gabriel se conteve para não gritar:

— Isso, nem pensar.

— Eu acredito que poderia fazê-lo ser razoável. É a única maneira, marido. Não quero que haja uma guerra.

Gabriel resolveu empregar a lógica para fazê-la entender o perigo que corria.

— Acaba de me dizer que não pode atestar contra o rei. Se imaginar que pode ameaçá-lo contando aos barões o que sabe e desse modo acender a rebelião contra a Coroa, John te silenciara antes que possa levar o plano a cabo.

Durante um minuto, fez-se silêncio e Gabriel acreditou que por fim Johanna tinha compreendido o absurdo de sua intenção de falar com o rei.

— Não tinha me ocorrido essa situação — murmurou Johanna.

— E então, qual era seu plano? Acreditava poder conquistar a simpatia do John?

— Não. — disse Johanna — Pensei em mencionar a mensagem que enviou a Raulf.

— E isso do que serviria?

— Gabriel, o rei enviou uma mensagem de próprio punho e letra. Raulf acredita que o queimou.

Gabriel ficou tenso:

— Não o fez?

— Depois de ler para Raulf a ordem, Williams a deixou sobre a mesa e se foi. Nesse momento me viu. Eu o saudei e segui meu caminho pelo corredor dos fundos. Queria fazer Williams acreditar que acabava de entrar, entende?

— E em seguida? — insistiu-a Gabriel, impaciente por ouvir o resto.

— Raulf acompanhou Williams à saída. Ao voltar para o salão, pegou o pergaminho, jogou-o no fogo e ficou aí até que ardeu completamente.

No semblante de Gabriel apareceu o começo de um sorriso: Deus, estava casado com uma mulher muito ardilosa!

— O que foi que queimou?

— Um dos pomposos sermões do bispo Hallwick a respeito da inferioridade das mulheres.

— Raulf não sabia que você podia ler, não é?

— Oh, não sabia! — respondeu precipitadamente a mulher — Se soubesse que eu tinha mostrado que estava errado, teria me batido, pois não deixava de repetir que eu era muito ignorante para aprender. Claro que também me batia por ser ignorante, de modo que não acredito...

Era a primeira vez que Johanna falava com franqueza das surras, e embora Gabriel soubesse há muito tempo, ao escutar sentiu-se estremecer.

— Não acredita o que? — perguntou, com voz rouca de emoção.

Johanna se apertou mais contra o marido e respondeu:

— Que precisasse de um motivo para me bater.

— Jamais voltará a te tocar — prometeu Gabriel em um tom tão furioso que dava calafrios.

— Sei que sempre estarei a salvo com você — disse a mulher.

— Sem a menor dúvida — afirmou o homem.

A áspera reação de Gabriel não inquietou Johanna, mas sim a consolou, pois estava furioso pelo que ela tinha sofrido.

— Quando trocou os rolos de pergaminho correu um grande risco — disse Gabriel — E se Raulf resolvesse reler a mensagem do rei?

— Considerei que o risco valia a pena. — replicou Johanna — Era um documento importante e tinha que conservá-lo. Ao pé aparece a assinatura de John e está lacrado.

— Foi um idiota ao pôr seu nome.

— Acreditava que era invencível — disse Johanna — E penso que sabia que sem uma ordem escrita Raulf não acreditaria em Williams. Eu não sei bem por que, mas o tempo era importante e por esse motivo o rei não convocou Raulf para ir a Londres para lhe dar a ordem pessoalmente.

— Onde está o rolo?

— Envolvi-o em tecidos suaves de algodão e o ocultei dentro do altar da capela que Raulf tinha construído para o bispo. Está metido entre duas

tábuas de mármore.

Gabriel a sentiu tremer e a abraçou com mais força.

— Sabe que quase o destruí quando me disseram que Raulf tinha morrido? Depois mudei de idéia.

— Por quê?

— Queria que no futuro alguém o achasse e soubesse a verdade.

— Johanna, me importa mais que você esteja a salvo. Não permitirei que fale com o rei John.

— Não quero a guerra — sussurrou a jovem, aponto de chorar. Gabriel lhe beijou a testa e disse que deixasse de preocupar-se.

— Convencerei o rei da Inglaterra a nos deixar em paz.

Johanna tentou discutir:

— Não pode pensar em ir à Inglaterra?

Gabriel não respondeu.

— Já é tarde, Johanna. É hora de dormir.

Venceu a fadiga e resolveu esperar até o dia seguinte para tentar convencer o marido. De uma coisa tinha certeza: não deixaria que Gabriel enfrentasse o rei John nem Raulf sem ter definido antes um plano seguro. Exigiria que pelo menos formasse uma liga com os outros highlanders.

Mas à manhã seguinte foi tarde para insistir que Gabriel tivesse sensatez. Quando Johanna se vestiu e desceu em busca do marido, Nicholas lhe informou que Gabriel já tinha saído do castelo.

Johanna precisou de toda força de vontade para não se desesperar. Esteve agitada o dia todo, preocupada e na hora do jantar tinha os nervos em frangalhos.

A pedido de Johanna, o padre MacKechnie se sentou à cabeceira da mesa. Johanna se sentou à direita do sacerdote, junto a Clare e Nicholas, em frente de sua irmã.

Somente a idéia de comer revolia o estômago de Johanna e apenas suportava ver os outros comerem. Não disse uma palavra até que retiraram as travessas da mesa.

— Nicholas, por que o deixou partir? — exclamou.

— Que eu o deixei, diz? Expus-lhe argumentos contundentes, mas o obstinado de seu marido não me escutou.

Johanna tentou acalmar-se.

— Isso significa que você também compreende o perigo...

Nicholas moveu a cabeça.

— Não tentei fazê-lo desistir, mas sim convencê-lo a me deixar ir com ele.

— Não levou soldados suficientes.

— Sabe o que faz — defendeu Nicholas.

— Não tem tempo para esboçar um plano. Não pode irromper sem mais nem menos na corte de John e exigir uma audiência.

Nicholas sorriu.

— Sim, pode. — replicou — Quando quer, seu marido pode ser muito persuasivo. Certamente conseguirá a audiência.

— Deveria ter ido, Nicholas. — afirmou Clare — É um barão: o rei o teria escutado.

Nicholas voltou sua atenção para a linda mulher que o olhava com expressão indignada.

— Foi isso o que eu lhe disse.

Johanna moveu a cabeça.

— Só Gabriel pode conseguir que o rei seja razoável.

Nicholas tombou para trás.

— Por que diz isso, Johanna?

Johanna se arrependeu de ter dito.

— Porque é meu marido. — replicou — Além disso, ontem à noite disse que já tinha tentado falar com o rei e que não te escutou.

— Mesmo assim, deveria ter acompanhado Gabriel — disse o irmão.

— Por que não o fez? — perguntou Clare.

— Pediu-me que ficasse. — respondeu o jovem — Johanna, Gabriel me fez responsável por você e se sentirá muito infeliz quando retornar e souber que adoeceu de angústia.

— Se voltar... — murmurou Johanna.

— Com semelhantes comentários, envergonha Gabriel. — disse Nicholas — Deveria confiar em sua destreza.

Johanna rompeu em lágrimas. O padre MacKechnie deixou de lado a parte de pão que estava mastigando e deu palmadinhas no ombro de Johanna.

— Bem, bem, moça. Tudo sairá bem.

Enquanto o sacerdote consolava à senhora, Clare atacou Nicholas em defesa de Johanna.

— Ela ama o marido. — exclamou — Como se atreve a criticá-la? Está preocupada com a segurança do marido e certamente não precisa que você a faça se sentir culpada ou envergonhada! — A essas alturas Clare estava gritando. Ficou de pé, cruzou os braços sobre o peito e lançou a Nicholas um olhar furioso.

Nicholas se mostrou imperturbável. Para falar a verdade, não estava ofendido e sim, pelo contrário, parecia-lhe admirável que Clare defendesse Johanna.

— Como é que minha irmã conquistou sua lealdade em tão pouco tempo? — disse em tom amável e sereno. Imediatamente, Clare perdeu toda audácia. Deixou-se cair outra vez no assento, arrumou a túnica sobre o ombro, tirou-se uma mecha de cabelo que tinha sobre os olhos e em seguida voltou a olhar para Nicholas.

Este lhe sorria. Clare pensou que era um homem charmoso e a ternura que expressavam seus olhos produziu uma sensação de fraqueza em seu interior. Sacudiu a cabeça para afastar esses pensamentos e tentou lembrar da pergunta.

— Sua irmã me salvou a vida.

Johanna enxugou os olhos, agradeceu ao sacerdote o consolo e se voltou para Clare.

— Clare, você salvou a si mesma.

— Você a ajudou — atravessou o padre MacKechnie.

Alex apareceu na entrada passando o peso do corpo de um pé ao outro enquanto esperava que notassem sua presença.

Ao vê-lo, imediatamente Johanna apresentou suas desculpas e se levantou da mesa.

— Tenho que agasalhá-lo — se desculpou.

— Voltará? — perguntou Clare.

— Esta noite estou muito cansada — respondeu Johanna — Acho que irei para cama.

— Subirei com você. — disse Clare. Levantou-se, saudou o sacerdote e disse a Nicholas — Não quis gritar.

Nicholas tinha ficado de pé quando a irmã levantou-se. Clare tinha rodeado a mesa para sair do salão, mas se deteve ao chegar perto do homem.

Nicholas era muito mais alto e Clare jogou a cabeça para atrás para olhá-lo nos olhos. "São lindos — pensou a moça — ... para um inglês".

— Já me desculpei, barão. Não tem nada que me responder?

— Para que volte a me repreender? Pelo jeito, se aborrece com tudo o que eu digo, Clare MacKay.

— Eu não o repreendi — se defendeu a moça.

Nicholas sorriu e o padre MacKechnie riu.

— Moça, ele te pegou. Acaba de demonstrar que tinha razão.

Clare não sabia se Nicholas zombava dela ou não. Sentiu que ruborizava sem entender por que: não tinha feito nada para sentir-se incômoda.

Pensou que já tinha perdido muito tempo tentando compreender o estranho inglês. Voltou-se para o sacerdote, deu-lhe boa noite e também a Nicholas, mas em um murmúrio.

— Durma bem, Clare.

A voz acariciadora do barão causou impacto em Clare e ela ergueu os olhos para olhá-lo.

Nicholas lhe piscou o olho.

Clare não saiu correndo do salão e sim caminhando com ar senhorial e conteve o sorriso até chegar à entrada. Em seguida, não deixou de sorrir e suspirar enquanto subia a escada. "Que o Céu me ampare! — disse a si mesma — O barão é inaceitável para mim, mas começa a me agradar!"

Nicholas a observou afastar-se. O padre MacKechnie pediu que se sentasse outra vez.

— Não se vá ainda, compartilhe um pouco de bebida comigo. Na aflição que estamos, nenhum de nós poderá dormir muito esta noite.

Nicholas pegou a jarra e encheu a taça do sacerdote.

— Clare me intriga — comentou.

— É obvio. — afirmou o padre MacKechnie — É uma garota encantadora, não é mesmo?

Nicholas assentiu.

— Estava aqui quando ela chegou?

— Sim.

Nicholas esperou que o padre MacKechnie dissesse alguma coisa, mas pelo jeito estava sem ânimo.

— Enquanto Clare estiver aqui, também sou responsável por sua

segurança, padre.

— Sim.

— MacBain me disse que o pai viria procurá-la amanhã ou depois.

— Não sabia. — respondeu o sacerdote — O que fará? Deixará que se vá?

— Terá que me contar o que aconteceu à mulher. Até conhecer a história não posso tomar uma decisão. Clare pareceu inquietar-se pelas notícias.

— Porque o pai virá procurá-la, diz?

Nicholas assentiu e o sacerdote soltou um suspiro.

— Será melhor que saiba o que aconteceu a pobre garota. Clare MacKay chegou aqui tão ensangüentada e machucada que parecia que os lobos a tinham atacado. É um milagre que não lhe tenham ficado cicatrizes no rosto. É até um milagre que esteja viva. — acrescentou, para que Nicholas compreendesse que não exagerava.

Bebeu um grande gole de sua taça e contou ao barão toda a história. Nicholas ficou furioso e essa reação agradou o padre MacKechnie.

— De modo que leva em seu ventre o filho de um MacBain? — perguntou Nicholas quando o clérigo terminou o relato.

— Não, filho, não está grávida. Inventou-o, e na outra noite confessou toda a verdade ao lorde, sabe? Esta manhã me disse isso, embora não em confissão, de modo que tenho liberdade para comentá-lo. — esclareceu precipitadamente — Me disse que se sentia aliviada. É uma mulher orgulhosa e não lhe agrada mentir.

— E por que o fez?

— Foi o único modo que lhe ocorreu de escapar dos MacInnes. Fez algo extremo: poderiam tê-la matado.

— Segundo o que você me contou dos ferimentos, esteve a um passo de morrer — observou Nicholas.

O clérigo fez um gesto afirmativo.

— O único que ainda não sabe a verdade é o pai de Clare. Espera conhecer o pai do filho de Clare e marcar a data do casamento.

De repente, a estranha conversa dessa noite começou a ter sentido para Nicholas.

— MacBain insistiu em me perguntar se eu reconhecia Clare. Pensou que eu era o responsável.

— Filho, agora ninguém te acusa. Teria sido conveniente que fosse você, ou pelo menos suponho que assim o pensa nosso lorde.

Nicholas sacudiu a cabeça.

— Filho da...! — conteve-se a tempo — O que o pai de Clare fará quando descobrir que a filha mentiu?

— Não quero nem pensar. — respondeu o sacerdote — É obvio que tratarei de interceder se o homem perder o controle, mas para falar a verdade, temo pela garota. Lorde MacKay é um homem duro. Embora ame a filha, quando descobrir que mentiu será capaz de casá-la com o primeiro homem solteiro que houver no clã. Um futuro árduo aguarda a moça.

Nicholas ficou pensando no que o sacerdote disse.

— Eu não pude salvar Johanna — disse em um suave murmúrio, como se estivesse confessando-se.

O padre MacKechnie deixou a taça e o olhou.

— Não pode se sentir culpado pelo que aconteceu a Johanna. Ela me contou que ocultou a verdade porque lhe dava vergonha.

— Eu tinha que ter sabido o que acontecia. — murmurou Nicholas — Raulf a mantinha oculta e eu devia ter sido perspicaz o bastante para imaginar seus motivos. Deus querido, gostaria de ser eu a matá-lo!

O padre MacKechnie quis distrai-lo desses pensamentos.

— Seria conveniente que decidisse o que fará quando lorde MacKay chegar aqui. Johanna não quer que Clare se vá. Advirto-lhe filho, não só terá que enfrentar o pai de Clare, mas também sua irmã. Além disso, os mensageiros do rei virão com a ordem de levar Johanna de volta à Inglaterra.

— John me assegurou que só enviaria os mensageiros e as quatro escoltas. —disse Nicholas — Levará alguns minutos para dar a resposta de Gabriel e mandá-los de volta.

— Meu lorde está seguro de que pode fazer o rei mudar de idéia, não é mesmo?

— Sim.

— Pergunto-me como pensa obtê-lo — disse o padre MacKechnie.

Nicholas moveu a cabeça.

— Gabriel confiava em conseguir que o rei retirasse seu apoio ao barão Raulf, mas não me disse o que pensava lhe dizer.

— Está sem opção, verdade? Não pode convocar seus próprios vassalos para lutar com você, pois agora está nas Highlands e a batalha poderia ser contra seu próprio rei.

— Vivemos tempos difíceis. — disse Nicholas — É inconcebível que um vassalo perca a fé e a confiança em seu monarca. A maioria dos barões ingleses está farto dos despropósitos de John e se fala muito de rebelião.

— É compreensível. — assinalou o clérigo — Seu rei ganhou mais inimigos que aliados.

— Isso é verdade. — afirmou Nicholas — Até colocou contra ele o Santo Papa. Padre, a mudança está no ar, e se John não mudar suas atitudes chegará o momento em que se verá obrigado a entregar o poder só para continuar no trono.

— Um rei sem poderes? Como é possível?

— John deverá outorgar direitos específicos aos barões — explicou Nicholas.

O padre MacKechnie jamais tinha ouvido falar de algo semelhante, mas tampouco, em seus muitos anos, tinha visto um líder tão inepto quanto John. As histórias que tinha ouvido sobre o rei John não podiam ser todas exageradas, e se algumas delas eram verdadeiras não havia dúvida de que o monarca da Inglaterra teria muito que explicar quando se apresentasse diante do Criador.

— Confia em seu rei?

— Continuarei servindo o monarca até que ultrapasse os limites. Sou seu vassalo.

— Mas, confia nele?

Nicholas não disse mais nada. Arrastou a cadeira para trás, deu boa noite ao padre MacKechnie e saiu do salão.

O silêncio foi sua resposta.

Capítulo 20

No dia seguinte, desatou-se o inferno.

O clima foi o prelúdio do desastre. Pouco depois da alvorada se desencadeou uma violenta tempestade de relâmpagos. Um caiu sobre a cabana do curtureiro e outro quase destruiu o telhado da cozinha. Os trovões sacudiam os muros do castelo e a tormenta parecia não ter fim.

Alex ficou grudado em Johanna, pois o barulho o assustava: cada vez que soava outro, tentava ocultar-se sob as saias da mulher.

Quando a tormenta amainou, Johanna e Alex estavam exaustos e dormiram quase toda a manhã.

Clare sacudiu Johanna para despertá-la.

— Johanna, por favor, se levante. Tenho que falar com você. Meu pai está subindo a última colina. O que lhe direi? Ficará furioso. Não sei o que fazer. Oh, Alex, por favor não chore! Não quis te assustar.

Johanna se ergueu na cama a tempo de receber o filho, que se precipitou em seus braços.

Primeiro, tranquilizou o pequeno e quando afinal o fez entender que nenhum dos dois estava em perigo, Alex deixou de chorar. Tinha estado inquieto desde a partida do pai e Johanna supôs que era provável que ela mesma tivesse culpa. Tinha contagiado o pequeno com seu medo e soube que teria que

ficar mais alerta para ocultar suas próprias preocupações.

— Clare, ajude Alex a vestir-se, por favor. Eu devo ir depressa falar com Nicholas antes que seu pai chegue. O que fiz com minha túnica?

Johanna se vestiu a toda velocidade, agradecida que já tivessem passado os mal-estares matutinos. Nesse momento não tinha tempo de lutar contra um ataque de náuseas. Lavou o rosto com água fria e limpou os dentes, mas não perdeu tempo em pentear-se. Enquanto avançava pelo corredor, passou os dedos pelo cabelo para desembaraçá-lo um pouco.

— Mamãe, espere! — gritou Alex.

Johanna se deteve no topo da escada, Alex correu para ela e pegou na sua mão.

— Você gostaria de visitar Augie esta manhã? Lindsay o levará a cabana do ancião: ficará contente de te ver.

Alex ficou encantado: Augie tinha se convertido em um de seus companheiros preferidos. Assentiu ansioso, soltou a mão de Johanna e correu escada abaixo chamando Lindsay aos gritos.

Nicholas não estava no salão grande. Clare chamou Johanna e indicou que se aproximasse da porta, que tinha aberto pela metade.

— Meu pai chegou. — sussurrou — Nicholas está esperando-o.

— Fique aqui dentro, Clare. — lhe ordenou Johanna — Tentarei que meu irmão...

— Eu vou com você — afirmou Clare.

Johanna não discutiu. Clare abriu totalmente a porta e saíram para o exterior.

O tempo estava frio e úmido. Havia nuvens cinza e caía uma garoa fina.

Lorde MacKay avistou a filha imediatamente e lhe fez um gesto de saudação. Não tinha desmontado e trazia com ele uns vinte membros do clã.

— Onde está MacBain? — gritou o lorde.

Nicholas esperou que o pai de Clare desmontasse e lhe respondeu:

— Partiu ontem para atender um assunto muito importante. Sugiro-lhe que volte dentro de duas ou três semanas, pois então MacBain terá retornado.

Lorde MacKay adotou uma expressão zangada.

— Clare MacKay! — gritou.

— Sim, pai?

— Já se casou?

Clare desceu os degraus, começou a cruzar o pátio e respondeu com um matiz de medo na voz:

— Não, pai.

— Isso significa guerra — gritou lorde MacKay, enquanto lhe inchavam as veias do pescoço.

Nicholas moveu a cabeça.

— MacBain não tem tempo de brigar contra você. — afirmou — Tem nas mãos uma batalha mais importante.

MacKay não soube se se sentia insultado ou não.

— Contra quem está lutando? Contra os Gillevrey ou contra os O'Donnell? São uns tipos escorregadios. Embora não importa qual dos clãs se trata, pois os dois estão mal treinados e pode derrotá-los em um dia.

— Lorde MacBain foi à guerra contra a Inglaterra, papai — mentiu Clare.

Isso fez com que o pai lhe prestasse toda sua atenção.

— Bom, nesse caso está bem.

— Lorde MacKay, está ensopado. Não gostaria de entrar e esquentar-se junto ao fogo? — disse Johanna no papel de anfitriã amável, tratando de acalmar o ancião — Depois de uma viagem tão longa deve estar faminto — acrescentou, enquanto descia os degraus.

— Não tenho fome e não sei por que precisaria me esquentar. Hoje faz tanto calor como sempre.

— Pai, entre, por favor.

Lorde MacKay negou com a cabeça.

— Não me moverei daqui até escutar o nome do homem que te fez cair em desgraça, Clare. Quero saber agora mesmo quem é meu genro. Moça, quem é o MacBain que te envergonhou?

— Não se trata de nenhum MacBain — respondeu Clare com voz tremula. Johanna tentou silenciá-la antes que dissesse outra coisa.

Clare moveu a cabeça.

— Tem que sabê-lo — murmurou.

— O que disse? Não foi um MacBain? — perguntou o pai.

— Pai, por favor me escute. — implorou Clare — Devo explicar o que aconteceu.

— O único que quero escutar é o nome do homem com o qual vai casar.

Enquanto durou a discussão entre pai e filha, Nicholas não disse uma palavra: parecia totalmente desinteressado. Mas quando Clare passou junto a ele para aproximar-se do pai, o barão a segurou pelo braço para impedi-la de seguir.

— Nicholas! — sussurrou Johanna.

— Diabos! — murmurou Nicholas.

A atitude de Nicholas confundiu Clare.

— Por favor, me solte. Este assunto não lhe compete.

— Oh, sim — replicou o jovem.

Clare negou com a cabeça. Nicholas assentiu.

— Clare MacKay, sou responsável por você, e me deve obediência. Não dei permissão para ir a lugar algum. Fique atrás de mim e não

se mova — disse em tom autoritário e duro.

Clare ficou tão estupefata que não tentou discutir e se voltou para Johanna em busca de auxílio, mas a irmã de Nicholas encolheu os ombros. Parecia tão confusa quanto Clare pela atitude do irmão.

— Obedeça.

Sem tempo de pensar, Clare obedeceu. Situou-se atrás de Nicholas e ficou nas pontas dos pés para lhe sussurrar:

— Não é responsável por mim.

Nicholas lhe respondeu em outro sussurro:

— Serei.

Clare não compreendeu o que Nicholas dizia, mas Johanna sim e se aproximou do irmão. Keith apareceu de algum lugar e lhe obstruiu a passagem. Era evidente que não queria que Johanna se aproximasse de lorde MacKay.

Johanna ignorou a interferência do soldado.

— Nicholas, tem certeza de que quer fazer isto?

O irmão não respondeu. Lorde MacKay deu um passo adiante e tentou agarrar à filha.

— MacBain me prometeu um casamento. — afirmou — E não é homem de quebrar suas promessas.

— Não, é verdade. — afirmou Nicholas — Haverá um casamento.

O lorde se apaziguou. Resmungou baixinho e fez um brusco gesto de assentimento.

— Papai, não há...

— Moça, cale-se enquanto eu arrumo os detalhes — ordenou o pai, sem afastar o olhar de Nicholas — E quem é meu futuro genro?

— Eu.

Lorde MacKay ficou com a boca aberta e pareceu que os olhos iam saltar das órbitas. Negou com a cabeça e retrocedeu um passo afastando do inglês.

— Não! — vociferou.

Nicholas não o deixou retroceder.

— Sim! — respondeu com ênfase.

Clare agarrou o casaco de Nicholas tentando afastá-lo.

— Você está louco? — perguntou.

Johanna afastou Keith do caminho e ficou junto a Clare.

— Solte-o — ordenou.

Clare começou a protestar contra a absurda afirmação que Nicholas acabava de fazer ao seu pai, mas Johanna a conteve segurando-lhe a mão e sussurrando que esperasse até mais tarde para discutir.

— É um artifício? — perguntou Clare, acreditando que Nicholas se precipitava a fazer uma promessa para ganhar tempo.

— É possível — concedeu Johanna, sabendo que o irmão nunca dizia algo que não estivesse convencido. Certamente, casaria-se com Clare MacKay e a expressão decidida do irmão era indicação de que ninguém o impediria, nem mesmo uma noiva relutante.

— Você é inglês! — gritou o lorde — Nem pensar!

Nicholas não se alterou diante da fúria do velho. Pelo contrário, sorriu e disse:

— Não necessito um dote substancial.

— Clare MacKay! Por que não enfia uma adaga e as clavas no coração de seu pai? — gemeu o lorde.

— Mas, pai...!

— Silêncio — ordenou Nicholas sem tirar o olhar do pai de Clare. Esperava que o homem se lançasse sobre ele ou se controlasse.

Johanna tentou acalmar Clare, mas era difícil fazê-lo ao mesmo tempo em que prestava atenção ao lorde. A reação desse homem a assombrava. Os lordes não estavam acostumados a chorar, mas o pai de Clare parecia a ponto de fazê-lo. Não tinha dúvida de que lhe custava aceitar o anúncio de Nicholas.

— Um barão inglês casado com minha filha? Antes morreria!

Johanna deixou de esfregar o ombro de Clare e se adiantou.

— É um barão muito rico — exclamou.

O lorde a olhou com uma expressão que a Johanna pareceu indignada.

— Nesta situação a riqueza não está em discussão. — murmurou — É muito rico?

Uma hora depois, Nicholas e Clare estavam casados.

Não houve tempo para celebrações. O padre MacKechnie acabava de benzer a união quando Michael entrou correndo no salão em busca de Keith ou de Nicholas para lhes informar das novas.

Viu primeiro o barão.

— Um de nossos soldados que estava patrulhando a fronteira acaba de chegar. — disse — Avistaram soldados ingleses que avançam para cá. É um exército, barão, e estão a uma hora de viagem.

— Quantos são? — perguntou Keith.

— Muitos para contá-los — respondeu Michael.

Nicholas soltou um grito tão violento e transbordante de fúria que deve ter sido ouvido até nas Lowlands.

O rei o tinha traído: o laço entre vassalo e monarca estava destruído. John tinha mentido, pois em lugar de mandar um mensageiro com sua escolta tinha enviado um exército.

Em menos de uma hora o castelo seria sitiado. Imediatamente, Keith se encarregou de preparar a área para um ataque posicionando guardas ao

longo dos muros, e Nicholas assumiu a responsabilidade de comandar um contingente de homens até a colina para sair ao encontro dos soldados ingleses pela lateral.

Disseram ao lorde MacKay que fosse para seu feudo antes que começasse a batalha, mas se negou e montou a cavalo para combater junto ao genro. Ordenou a seus homens que cavalgassem com a velocidade de um raio para seu próprio castelo e que reunissem às tropas. Nicholas não pôde menos que agradecer a intervenção do lorde: sabia que necessitaria cada soldado que estivesse disponível.

Clare não conseguia decidir entre se desesperar porque casou com um inglês ou ajudar na batalha contra os invasores. Quando Nicholas se dispunha a sair, Clare segurou as saias e correu atrás dele.

— Barão, não se atreva a me deixar viúva! — exigiu — Quero uma anulação, não um funeral.

Nicholas agarrou o potro, segurou as rédeas em uma das mãos e se voltou para a noiva:

— Não obterá nenhuma das duas coisas — afirmou.

Clare não soube o que dizer. Nicholas a contemplou um longo momento e em seguida decidiu que não tinha mais tempo a perder com a recente noiva e se dispôs a partir.

— Espere.

— Sim?

As palavras lhe escapavam e simplesmente se jogou nos braços do noivo. Nicholas soube o que tinha que fazer: soltou as rédeas, rodeou com os braços a noiva tremula e lhe deu um beijo transbordante de promessas, compromisso e uma boa dose de luxúria.

— Clare MacKay, com o cabelo curto parece um moço, mas não há dúvida de que beija como uma mulher!

Clare perdeu o fôlego e não conseguiu recuperar-se até que viu que o marido se afastava.

— Cuide do papai! — gritou.

— Farei isso, moça. Fique lá dentro e não saia.

Ao dar a volta para obedecê-lo Clare viu Johanna que corria pelo pátio.

— Johanna, aonde vai? Aqui corre perigo.

Johanna não a escutou e continuou correndo para a cabana de Augie, ao mesmo tempo em que chorava.

Assim que a viu, Alex começou a soluçar. Johanna pegou o menino e o abraçou com força.

— Augie, leve Alex ao meu quarto. Faça-o responsável por ele. Não deixe que lhe aconteça nada de ruim: prometa-me isso.

— Prometo. — disse o ancião — E onde você estará enquanto eu cuido do pequeno?

— Não tenho tempo de explicar. — respondeu Johanna — O rei John enviou um exército quatro vezes mais numeroso que o nosso.

— Garota, em outras ocasiões sobrevivemos e agora também o faremos.

Johanna não podia ser razoável, pois o custo era muito alto para ela. Não queria que morresse um só homem por seu próprio conflito com o rei da Inglaterra. Estava convencida de que era a única capaz de impedir o massacre.

— O rei traiu meu irmão. Armou uma cilada, Augie, e eu usarei a verdade para deter a luta antes que seja tarde.

Johanna beijou Alex e o deixou ir com Augie.

— Vá. — lhe murmurou — Preciso saber que os dois estarão a salvo.

— Se a situação se tornar muito ameaçadora, me esconderei junto com o menininho. Trarei-o de volta quando tudo terminar.

— Como sairá fora do recinto?

— Eu tenho meus recursos. — se gabou Augie — Moço, deixe de

chorar. Teremos aventuras. Procuremos sua espada de madeira e liberemos nossa própria batalha.

Johanna permaneceu um momento na cabana de Augie; ajoelhou-se e rezou para ter coragem.

Terminou as preces, fez o sinal da cruz e se levantou. Clare e Keith estavam na porta observando-a.

— Milady, as colinas formigam de ingleses. — informou Keith — Acharemos um modo de tirá-la daqui: não poderemos resistir contra um exército tão numeroso.

Clare se esforçava para não chorar.

— Matarão papai e Nicholas. Johanna: nunca vi tantos soldados. Não sei o que vamos fazer.

—Tenho um plano. — afirmou Johanna — Virão me buscar, não é mesmo? E você, Keith, simplesmente me entregará.

Keith moveu a cabeça.

— Não posso, milady.

— Não tem alternativa nesta questão. — replicou a mulher — Escute com atenção: pegaram-nos de surpresa, não é?

Esperou Keith assentir e continuou:

— Se tivéssemos tido tempo de nos preparar, o que você teria feito?

— Chamado nossos aliados. — respondeu Keith — E quando chegassem, superaríamos em número o inimigo. Neste mesmo instante corre a notícia pelas Highlands, pois a notícia de que há um exército tão abundante se estenderá como o fogo. Mas a maioria de nossos aliados está no norte, e possivelmente se inteirem agora das notícias. Virão.

— Mas será tarde, não?

— Sempre há esperanças, milady.

— Também há um plano melhor. — respondeu a senhora — Se eu

me entregar por minha própria vontade aos soldados ingleses, estes retrocederão.

— Mas a levarão de volta a Inglaterra! — exclamou Clare.

— Farão, se Keith não conseguir organizar um ataque a tempo. Quanto tempo levará reunir homens suficientes?

— Um dia inteiro — respondeu o soldado.

— Gabriel ainda não deve ter chegado à Inglaterra: saberá. Agregue-o a suas forças.

Johanna continuou tentando convencer o comandante, mas Keith não estava de acordo com esse plano e insistia em que daria sua vida para salvá-la.

Então, Johanna recorreu a um estratagema para conseguir o que queria: fingiu dar-se por vencida. Keith pediu que voltasse para salão grande e aguardasse ali com Clare até que ele enviasse homens para tirar as duas às escondidas do castelo.

Johanna assentiu. Começou a ascender à colina junto com Clare, mas assim que Keith voltou a montar e se afastou, virou para a amiga.

— Terá que me ajudar. — lhe disse — Sabe que é o único modo, Clare: não me farão mal.

— Não pode saber, Johanna. — sussurrou Clare, assustada — E o que me diz de seu filho?

— Estaremos bem. Raulf não sabe que estou grávida e as dobras da túnica dissimulam. — Fez um gesto decidido — Estaremos bem.

— E se o barão Raulf conduz o exército? Como evitará que a machuque?

— Não esqueci como me proteger. — respondeu Johanna com voz transbordante de tristeza — Tratarei de não incitar a fúria do barão. Clare, eu amo meu irmão e todos esses bons homens que estão ali. Não posso permitir que morram por minha causa.

— Deus amado, não sei o que fazer!

— Por favor, me ajude.

Por fim, Clare se rendeu e fez um breve gesto de assentimento.

— Não está assustada, Johanna?

— Oh, sim. — respondeu — Mas o temor não me domina. No fundo, sei que meu plano é efetivo. Gabriel me encontrará.

As lágrimas rolaram pelo rosto de Clare e esboçou um sorriso forçado para dissimular seu terror.

— Queria ter alguém como Gabriel a quem pudesse amar e em quem pudesse confiar.

— Oh, Clare, você tem! Nicholas é tão gentil e bondoso quanto meu marido.

Então, o sorriso da amiga se tornou autêntica.

— Senhor, esqueci que estou casada! — exclamou — Vamos, temos que sair daqui antes que eu também esqueça que tenho coragem.

As duas mulheres mudaram de direção e correram para a entrada dos estábulos. Vinte minutos após, depois de vários subterfúgios e enganos, Johanna saía do castelo e descia a colina.

Retornava ao inferno. Mas quando avistou Raulf cavalcando em sua direção, o coração não parou e o estômago não se contraiu de terror.

Johanna já não estava assustada e sim decidida: tinha um plano sólido.

Tinha Gabriel.

Capítulo 21

Levaram-na para o feudo Gillevrey. Assim que cruzaram a fronteira das terras do clã, Raulf e seu exército foram atacados. Embora os soldados das Highlands fossem valentes para a luta, a predição de lorde MacKay era correta: estavam mal preparados e os hereges ingleses não precisaram mais

que um dia para conquistar as terras e o castelo.

Lorde Gillevrey e trinta de seus homens foram encerrados nas masmorras debaixo do salão e os outros membros do clã, nos quartéis dos soldados, na parte baixa do recinto amuralhado.

A rendição de Johanna foi rápida. Cavalgou colina abaixo diretamente ao encontro do inimigo e a rodearam imediatamente.

Embora estivesse a poucos centímetros de Raulf não lhe dirigiu a palavra. Permaneceu impávida, sentada sobre a montaria com as mãos sobre o colo, esperando para ver o que o homem faria.

Raulf usava a armadura de batalha completa, mas cobria a cabeça com um elmo antigo aberto, de forma cônica. Preferia esse em lugar do elmo moderno, fechado, pois dizia que lhe dava melhor visão. Mas Johanna achava que o verdadeiro motivo era a vaidade.

Era difícil para Johanna olhá-lo. Não tinha mudado muito. Os olhos continuavam sendo verdes, a cútis não exibia cicatrizes e só umas poucas rugas apareciam nas bochechas magras. Mas quando tirou o elmo, Johanna viu que tinha sofrido uma mudança dramática: o cabelo, da cor do trigo a última vez que o viu, estava agora completamente branco.

— Agora retornaremos ao nosso lar, Johanna, e tudo que aconteceu ficará para trás.

— Sim — aceitou Johanna imediatamente.

A resposta satisfez o homem. Aproximou seu cavalo de Johanna e se esticou para lhe tocar o rosto.

— Está mais bonita. — assinalou — Senti sua falta, meu amor.

Johanna não pôde olhá-lo, pois tinha certeza de que se o fizesse veria o desagrado em seus olhos e inclinou a cabeça em um gesto que esperava fosse interpretado como submissão.

Pelo jeito, Raulf estava satisfeito. Voltou a colocar o elmo, fez girar a sua cavalgadura e deu a ordem de partir.

Não se detiveram para beber água nem para descansar e chegaram a Gillevrey no final da tarde.

Imediatamente, Johanna afirmou que estava exausta e Raulf a acompanhou para dentro. A entrada era estreita. Frente a Johanna estavam os degraus que conduziam ao piso superior. À direita ficava o salão, que era um aposento grande e quadrado, rodeado por um terraço em todos os seus lados. Ao notá-lo, Johanna desanimou, pois sabia que se a encerravam acima não poderia escapar sem ser vista pelos guardas que estavam no salão.

Deram-lhe o terceiro quarto, cuja porta dava no centro do terraço. Raulf lhe abriu a porta. Com a cabeça encurvada, Johanna tentou passar rapidamente junto a ele, mas o homem a segurou pelo braço e tentou beijá-la. A mulher afastou o rosto e o impediu.

Pegou-a com rudeza entre os braços e a estreitou. Manuseou-lhe o cabelo.

— Obrigaram-lhe a cortar o cabelo?

Johanna não respondeu.

— Claro que o fizeram. — concluiu o homem — Você nunca o teria feito por sua própria vontade, pois sem dúvida lembra do quanto eu gostava.

— Lembro — murmurou a jovem.

Raulf suspirou.

— Crescerá outra vez.

— Sim.

De súbito, Raulf a estreitou com mais força.

— Por que pediu anulação do nosso casamento?

A dor que lhe provocou a fez encolher-se.

— O rei queria me casar com o barão Williams e eu pedi a anulação para ganhar tempo. Nunca acreditei que estivesse morto.

A resposta satisfez Raulf.

— John não me disse que Williams a queria como esposa. Esse canalha a desejava, não é mesmo? E nunca o agradei muito.

— Tenho muito sono. — exclamou Johanna — Não me sinto muito bem.

Por fim, Raulf a soltou.

— Foi muita excitação para você. Sempre foi débil, Johanna, e só eu sei como cuidar de você. Agora vá para cama, esta noite não a incomodarei. Deixei um de seus vestidos sobre a cama: amanhã o colocará. Quando descer as escadas para se reunir a mim, terei uma surpresa para você.

Por fim, deixou-a sozinha. A porta tinha fechadura, mas tinham tirado a chave e Johanna pensou que devia encontrar algo para travar a porta. Não confiava em que Raulf a deixasse em paz, e se deslizesse às escondidas para o quarto durante a noite, estaria preparada. Se tentasse tocá-la, o mataria... Ou morreria tentando.

Até esse momento, Johanna tinha controlado as emoções e embora o esforço a tenha esgotado, sentia-se orgulhosa de si mesma, pois não permitiu que a ira nem o medo a dominassem. Seu principal dever consistia em proteger o filho de todo dano até que Gabriel fosse resgatá-la. Sim, essa era sua principal obrigação.

Os mensageiros tinham partido em busca de Gabriel assim que o exército inglês foi avistado e Johanna rogou que os homens do clã não tivessem que ir até Londres para encontrá-lo.

Johanna pensou que sem dúvida os aliados de MacBain também se preparavam para a partida nesse momento. Na noite seguinte ou o mais tardar na outra, resgatariam-na!

Johanna se dispôs a defender o pequeno quarto contra um possível ataque. Empurrou um cofre vazio até a porta para travá-la. Sabia que isso não impediria que jogassem a porta abaixo, mas confiou que o ruído do cofre ao ser arrastado a despertaria se chegava a dormir.

Correu até a janela, tirou a pele que a cobria, olhou para baixo e soltou um palavrão. Não havia fuga possível por ali: havia dois pisos para baixo e a parede de pedra era muito lisa para encontrar onde agarrar-se.

O quarto estava frio e úmido. De repente, sentiu-se tão abatida que teve que sentar-se. Tirou o cinturão e se envolveu na túnica. Em seguida foi até a cama.

Então viu o vestido sobre a cama e o reconheceu imediatamente. A aflição foi substituída por uma fúria tão intensa como jamais tinha experimentado. A ira lhe provocou vontade de gritar com tanta força quanto um guerreiro em uma batalha.

Era seu vestido de noiva. Também estavam os sapatos que tinha usado e as fitas... Deus querido: as fitas com as quais trançou o cabelo estavam estendidas sobre a cama!

— Esse sujeito está demente — murmurou.

"E decidido", acrescentou para si. Tinha lhe dito que na manhã seguinte haveria uma surpresa para Johanna e nesse instante a jovem compreendeu o que planejava: esse idiota na realidade acreditava que Johanna se casaria outra vez com ele.

Quando estendeu a mão para pegar o vestido, Johanna tremia de fúria. Jogou-o no outro extremo do quarto, e atrás dele voaram os sapatos e as fitas.

O rompante de cólera lhe tirou as forças que restavam. Johanna se deitou na cama, levantou a túnica sobre a cabeça, tirou da bainha a adaga que tinha amarrado com uma corda em volta da coxa e sustentou a arma com ambas as mãos.

Minutos mais tarde adormeceu.

O ruído que fez o cofre ao ser empurrado sobre o chão de pedra a despertou. Pelos lados da pele que cobria a janela entrava a luz do sol abundantemente. Enquanto dormia, Johanna tinha deixado cair a adaga. Encontrou-a entre as dobras da túnica e quando se sentou estava pronta para atacar.

— Milady, posso entrar? — perguntou uma anciã sussurrando. Levava nas mãos uma bandeja, mas se deteve na entrada até que recebeu permissão para passar.

— Adiante — disse Johanna.

A mulher entrou e fechou a porta com o pé.

— O barão Raulf me ordenou que lhe servisse. — disse, aproximando-se.

— Você é do clã Gillevrey. — adivinhou Johanna ao ver as cores da túnica.

— Sim. — respondeu a anciã — E você é a esposa de lorde MacBain, não é?

— Sim. — respondeu Johanna em voz aguda, pois tinha pressa de obter todas as respostas que a mulher Gillevrey pudesse lhe dar — Há guardas posicionados diante da porta?

— Um — respondeu a criada.

— E no salão de baixo?

— Muitos. — respondeu a mulher. Deixou a bandeja aos pés da cama — Meu lorde está encerrado no porão, milady, e o tratam como um ladrão vulgar. Envia a você uma mensagem importante. Cedo, pela manhã me permitiram levar mantimentos e me disse em voz baixa as palavras que quer que lhe repita.

— Qual é a mensagem?

— MacBain vingará esta atrocidade.

Johanna sorriu e viu que a anciã estava espectador.

— Seu lorde espera uma resposta?

— Sim.

— Diga que sim, que sem dúvida MacBain vingará esta atrocidade.

A mulher fez um breve gesto afirmativo.

— Assim se fará — murmurou, como se rezasse uma prece.

— Qual é seu nome? — perguntou Johanna.

— Lucy.

Johanna saiu da cama, sustentou a túnica com uma das mãos e estendeu a outra à mulher.

— Lucy, você é uma mulher boa e valente. — sussurrou — Tenho

que lhe pedir um favor.

— Farei o que for para ajudá-la, milady. Embora seja velha e débil, esforçarei-me por servi-la no que puder.

— Preciso encontrar uma forma de ficar neste quarto todo o tempo que for possível. Você sabe mentir?

— Quando é necessário... — respondeu Lucy.

— Diga ao barão que ainda estou profundamente adormecida. Que me deixou a bandeja, mas não me despertou.

— Farei isso. — prometeu Lucy — O barão não parece ter pressa em fazê-la descer, milady. Mas está impaciente porque não chegou ainda o homem que mandou procurar.

— Que homem?

— Não escutei o nome. — disse Lucy — Mas sim que é um bispo e vive perto das Lowlands.

— O bispo Hallwick?

— Por favor, milady, baixe a voz ou o guarda a ouvirá! Não entendi o nome do bispo.

Os batimentos do coração de Johanna aceleraram.

— Claro que é Hallwick — murmurou.

— O bispo a ajudará, milady?

— Não. — respondeu Johanna — É um homem malvado, Lucy. Se com isso conseguisse ouro, seria capaz de ajudar ao próprio Lúcifer. Diga uma coisa, por favor: como sabe que o barão Raulf mandou procurar alguém?

— Como sou velha, ninguém presta atenção em mim. Quando me proponho, posso me fazer de tola. Quando irromperam os soldados para apoderar-se da casa de nosso lorde eu estava de pé em um canto do salão. O barão não perdeu um minuto e começou a dar ordens. Enviou seis de seus homens as Lowlands e eles tinham que trazer o bispo.

Johanna esfregou os braços para afugentar o frio que sentiu. Raulf

era muito metódico em seus planos e se perguntou que outras surpresas teriam reservadas.

— Será melhor que desça antes que o barão note que estive muito tempo aqui, e que você se meta sob as cobertas para que o guarda ache que está adormecida quando eu abrir a porta.

Johanna agradeceu à criada e se apressou a fazer o que lhe sugeria. Permaneceu um longo tempo na cama esperando que fossem procurá-la.

Raulf a deixou tranqüila e a bendita trégua durou até a tarde seguinte. Johanna passou boa parte do tempo olhando pela janela. As colinas estavam cobertas de soldados ingleses e Johanna calculou que deviam rodear o castelo por todos os lados.

Como Gabriel faria para resgatá-la?

Endireitou os ombros. "Esse é problema dele, — pensou — não meu. Mas, Por Deus, que se apresse!"

Nas últimas horas dessa tarde, Lucy foi novamente ao quarto com outra bandeja de comida.

— Estiveram indo e vindo todo o dia, milady. Agora os homens estão trazendo baldes de água quente e uma banheira de madeira, pois o barão ordenou que preparassem um banho para você. Não entendo por que se preocupa com seu conforto.

— Acredita que vou me casar com ele. — lhe explicou Johanna — O bispo está aqui, não é?

— Sim. — respondeu Lucy — Também há outro barão. Ouvi o nome: chama-se Williams. É um sujeito muito feio, de cabelo encaracolado, opaco e olhos negros. Williams e o barão estiveram discutindo acaloradamente quase toda a tarde. Não seria uma bênção que se matassem entre si e economizassem o trabalho a seu marido?

Johanna sorriu.

— Sim, seria uma bênção. Lucy, por favor, fique apoiada contra a porta enquanto me banho.

— Isso significa que agradecerá a esse sujeito perverso?

— Quero estar o mais linda possível para meu marido. — respondeu Johanna — Chegará a qualquer momento.

— Usará o vestido inglês? — perguntou Lucy, apontando o canto onde Johanna tinha jogado o objeto.

— Usarei minha túnica.

Lucy assentiu.

— Enquanto procuro o sabão e as toalhas, conseguirei roupa íntima limpa.

Johanna se fortaleceu na decisão de usar a túnica. Sabia que Raulf ficaria furioso, mas tinha certeza de que não se atreveria a golpeá-la diante de testemunhas. Teria que assegurar-se de não ficar nunca a sós com ele e não sabia como obteria esse milagre... Onde demônios estaria Gabriel?

Negou-se a considerar a possibilidade de que o marido não pudesse chegar a tempo para resgatá-la, e cada vez que surgia uma idéia inquietante a afastava de sua mente.

Banhou-se sem pressa e até lavou o cabelo. Em seguida se sentou na borda da cama para secá-lo com os panos que Lucy lhe deu. A faxineira insistiu em lhe escovar o cabelo e quando terminou e os cachos se derramaram sobre os ombros de Johanna, Lucy declarou que estava linda como uma princesa.

A ordem de descer chegou uma hora depois e Lucy a comunicou retorcendo as mãos. Johanna, em troca, estava muito serena. Compreendeu que não poderia adiar mais o confronto.

Suplicou ao Criador que ajudasse Gabriel a chegar a tempo; colocou a adaga no cinturão, cobriu-a com uma dobra da túnica e desceu as escadas.

Fizeram-na esperar quase dez minutos na entrada antes de convidá-la a entrar no salão. De pé diante de uma mesa redonda, no extremo oposto do quarto estavam Raulf e Williams discutindo a respeito de um documento que Williams agitava na mão.

Embora os dois barões fossem de aparência oposta tinham um caráter similar. Um com sua juba de cabelos brancos, o outro com essas mechas

castanhas e sua alma negra, gritavam-se como cães enfurecidos. A Johanna os dois pareceram detestáveis.

Também estava o bispo Hallwick sentado em uma cadeira de respaldo alto, no centro do salão. Tinha nas mãos um rolo de pergaminho e parecia estar relendo-o uma e outra vez. Cada tanto, sacudia a cabeça com expressão confusa.

Nos últimos anos, o bispo tinha envelhecido de maneira notável. Além disso, parecia doente, pois tinha o rosto amarelado. "Lúcifer deve estar saltando de impaciência", pensou Johanna. Hallwick estava velho e doente, e não passaria muito tempo antes que o diabo lhe desse as boas-vindas.

Johanna notou movimentos abaixo. Elevou o olhar e viu que Lucy saía ao terraço. A criada se detinha em cada quarto e abria a porta antes de passar ao seguinte e Johanna pensou que tinham lhe ordenado ventilar os aposentos.

— Mas deixarei estabelecido que este casamento é só uma formalidade, uma renovação dos votos, se quer — afirmava Raulf em um tom tão alto e colérico que Johanna o ouviu.

Williams assentiu.

— Sim. Uma renovação. Assim que o Papa e nosso rei resolvam suas diferenças, enviaremos estas explicações a Roma. De qualquer modo, duvido que Inocêncio intervenha nesta questão.

Nesse momento, Raulf virou-se e viu Johanna de pé na entrada. Ao notar o que estava usando franziu o cenho.

Williams ordenou a Johanna que se adiantasse e Johanna obedeceu. Mas não cruzou todo o salão, mas sim se deteve a uns passos do bispo Hallwick.

O bispo a saudou, mas Johanna o ignorou e Williams notou o deslize.

— Lady Johanna, esqueceu que terá que ficar de joelhos em presença de um homem de Deus?

O desdém do tom repeliu Johanna.

— Não vejo nenhum homem de Deus neste quarto. Só vejo um

fantoches patéticos disfarçados com o traje negro de um sacerdote.

Os dois barões ficaram atônitos e Williams foi o primeiro a recuperar-se. Avançou um passo.

— Como se atreve a falar com o bispo Hallwick com semelhante falta de respeito?

Raulf fez um gesto afirmativo e em seus olhos apareceu uma expressão de fúria arrepiante.

— Johanna, assim que o santo bispo escutar sua confissão e me diga qual é a penitência, lamentará este precipitado rompante.

Pela extremidade do olho Johanna viu que Hallwick fazia um gesto de assentimento. Mas se negou a olhar para o bispo e manteve o olhar fixo em Raulf.

— Hallwick não é santo. — afirmou — E nunca me ajoelharei diante dele nem lhe darei minha confissão. Não tem influência sobre mim, Raulf. Ensina blasfêmias contra as mulheres. De fato, é um déspota e malvado. Não, nunca me ajoelharei diante dele!

— Mulher, pagará por seus pecados — disse o bispo com voz gasta e maliciosa.

Por fim, Johanna se voltou para o ancião.

— E você pagará pelos terríveis castigos que infligiu a todas as mulheres honradas que foram a você em busca de conselho e cuja única falta consistiu em acreditar que você era o representante de Deus. Não sabiam, como eu sei, que classe de monstro é. Hallwick, pergunto-me se o medo o deixa dormir de noite; tenho certeza de que deve senti-lo. Está velho e doente. Logo morrerá e então, por tudo o que é na verdade sagrado, terá que responder por todas as torturas que infligiu.

Cambaleante, o bispo ficou de pé.

— Está pronunciando heresias! — gritou.

— Digo a verdade — replicou a jovem.

— Esta noite aprenderá que é conveniente reservar suas opiniões — afirmou Raulf. Fez um gesto a Williams e avançou para a Johanna.

Johanna não retrocedeu.

— É um tolo, Raulf. Não aceitarei nenhuma farsa de me casar outra vez com você. Já tenho um marido: pelo jeito acha conveniente esquecer esse fato.

— É impossível que queira ficar com o bárbaro. — disse Williams — Roubaram-lhe a razão, Raulf. Por isso os demônios falam por sua boca.

Raulf se deteve.

— Está possuída por um espírito maligno?

O bispo se agarrou a essa possibilidade e assentiu com veemência. Deu a volta e se dirigiu para uma porta lateral que nesse momento estava bloqueada pelo barão Williams.

— Antes de renovar seus votos, terá que ser purificada. — declarou o bispo — Barão, irei procurar a água benta e a vara. Terá que golpeá-la até fazer os demônios saírem de dentro dela. Eu não tenho força suficiente.

Quando terminou sua exortação, o bispo estava sem fôlego. Cruzou o salão como um raio. Johanna permaneceu imperturbável diante das ameaças e se manteve o mais serena possível.

Raulf a observava com muita atenção.

— Não parece atemorizada pelo que te acontecerá — disse.

Johanna se voltou para ele e ao vê-lo zangado e perplexo pôs-se a rir.

— É você o que está possuído, Raulf, se acredita que eu poderia preferir a ti em lugar de meu lorde.

— É impossível que ame esse selvagem — exclamou Williams.

Johanna respondeu sem tirar o olhar de Raulf:

— Oh, sim, eu o amo! — replicou em tom enfático.

— Será castigada pelas afirmações traiçoeiras e desleais que fez sobre mim — a ameaçou Raulf.

Johanna não se impressionou nem se assustou. Inclinou a cabeça e observou o indivíduo que tanto a tinha apavorado no passado. Inspirava-lhe compaixão e de repente sentiu tanta aversão que quase se descompôs.

Esse indivíduo jamais poderia destruí-la. Jamais!

— De verdade acredita que você, Williams e Hallwick, são superiores a um só highlander? Em realidade, são uns tolos — acrescentou, sacudindo a cabeça.

— Somos os conselheiros mais próximos ao rei — gritou Williams, com arrogância.

— Ah, sim, o rei John! — zombou Johanna — Os três lhes fazem digna companhia.

O desprezo do tom de Johanna foi como uma bofetada para o orgulho de Raulf. O homem tremia de raiva.

— O que te aconteceu? — perguntou em um áspero sussurro — Antes nunca me falou com tão pouco respeito. Acaso se sente segura porque está na Escócia? É isso, Johanna? Ou imagina que estou tão feliz de ter te recuperado que passarei por cima de seus insultos? Faria bem em recordar a dor que sofreu pelos indispensáveis castigos que me obrigou a inflingir-te. Sim, faria bem em recordá-lo.

Johanna não se intimidou e esse comportamento confundiu Raulf, pois nos olhos da mulher não via temor e sim desafio.

— Esta noite te demonstrarei o que acontece a uma esposa que esquece qual é seu lugar — ameaçou Raulf, com intenção de aterrorizá-la, mas viu que não conseguia, pois Johanna moveu a cabeça.

— O que te aconteceu? — perguntou-lhe.

— É muito néscio para entender o que foi o que me aconteceu — replicou a jovem.

— Os highlanders lhe fizeram isto! — gritou Williams.

Raulf assentiu.

— Não existem semelhanças entre nós e o lixo escocês — murmurou.

Johanna assentiu e isso fez Raulf calar-se. Em seguida, a mulher lhe esclareceu:

— É a primeira verdade que pronuncia. Não existem semelhanças entre você e meu Gabriel, e dou graças a Deus por isso. Em outros tempos, jurou-me mil vezes que me amava e em seguida, golpeava-me com os punhos para me demonstrar o quanto. Gabriel nunca me disse, mas eu sei que me ama. Jamais levantaria a mão contra mim, nem contra nenhuma outra mulher. É honrado e valente e tem um coração e uma alma tão puras quanto os de um arcanjo. Oh, não, não lhes parecem em nada!

— Como se atreve a pronunciar semelhante blasfêmia! — vociferou Raulf, com as veias do pescoço inchadas.

Embora Johanna soubesse que estava provocando a cólera do homem não pôde deter-se: enfurecia-a que se atrevesse a comparar-se com qualquer highlander. Equivocava-se na valorização de si mesmo, e Johanna estava disposta a corrigi-lo.

— "Me diga com quem anda e te direi quem é." Minha mãe me ensinou essa valorosa lição, mas não acredito que nenhum de vocês compreenda o que há por trás dessa frase. No que me diz respeito, tenho muito boa companhia. Meu clã é minha família e cada um de nós estaria disposto a dar sua vida para salvar os outros. Todos são homens e mulheres honrados.

Sacudiu a cabeça e, dirigindo-se aos dois barões em tom transbordante de repugnância, prosseguiu:

— Não, não poderiam compreender. Ignoram o que é a honra. Olhem a nossos companheiros: não podem dar as costas por temor a que o outro os clave uma faca entre os ombros. Matariam seus próprios pais se isso lhes outorgasse mais poder. Você, Raulf, infringiu todos os mandamentos, igual a seu monarca. Conspirou com Williams e com o rei para cometer os crimes mais odiosos. Algum dia pagará por seus pecados, e muito em breve pagará por ter me obrigado a deixar meu lar. Se acreditar que esta atrocidade ficará impune, está louco. Se meu marido tiver um defeito é o de ser muito possessivo. Certamente Gabriel virá me resgatar, pois se atreveu a apoderar-se da mulher que ama! Não terá piedade de ti; e quando morrer acredito que tampouco Deus a terá. É um demônio, Raulf, e Gabriel é meu arcanjo. O esmagará.

A fúria do Raulf se tornou incontrollável e seus rugidos ressoaram no salão. Johanna se preparou para o ataque e tirou a adaga.

Raulf correu para ela e a poucos passos de distância elevou o punho disposto a dar o primeiro golpe.

Uma flecha deteve seu avanço, lhe atravessando o punho fechado. O bramido de Raulf se converteu em um grito de agonia. Cambaleou para trás e elevou o olhar para descobrir o atacante.

Estavam por toda parte.

O terraço estava cheio de guerreiros que usavam a túnica dos MacBain. Rodeavam por inteiro o salão. Quase todos os soldados tinham flechas preparadas nos arcos e ao barão Raulf em suas miras.

Antes de morrer, apareceu uma fugaz expressão de reconhecimento nos olhos de Raulf ao contemplar o guerreiro gigante que estava diretamente em cima de Johanna. O olhar de Gabriel estava fixo sobre o barão enquanto esticava com lentidão a mão para trás para pegar outra flecha do alforje.

A morte apareceu no semblante apavorado de Raulf. A flecha seguinte acabou com a vida do barão, cravando-se no meio da fronte. E em seguida, uma chuva de flechas atravessou a quietude para atingir o alvo. A força de todos os projéteis, lançados ao mesmo tempo, sacudiu o corpo de Raulf em todas as direções, e quando por fim caiu ao chão tinha ao menos cinquenta cravadas em todas as partes.

Lúcifer tinha se apropriado de sua alma.

Johanna girou, ergueu o olhar e viu Gabriel acima dela. Nicholas estava junto a ele. Os dois entregaram os arcos e os alforjes aos soldados que estavam detrás deles e desceram as escadas. Todos os outros homens do clã tinham flechas dispostas nos arcos. O alvo agora era o barão Williams, que estava escondido em um canto do salão.

Johanna não esperou que Gabriel se aproximasse dela: assim que apareceu na entrada do salão, deixou cair a adaga e correu para ele.

Gabriel não se deixou abraçar, nem sequer a olhou: tinha o olhar fixo no barão Williams.

— Isto ainda não terminou. — disse em tom áspero. Empurrou-a com suavidade detrás de si — Mais tarde receberei suas manifestações de carinho, esposa.

Sem dúvida, a frase seguinte de Johanna salvou a vida de Williams. Gabriel se adiantou, mas para ouvir o sussurro da mulher se deteve em seco:

— E você me explicará por que demorou tanto, milorde.

Um lento sorriso dissipou o semblante de Gabriel. Continuou cruzando o salão, agarrou Williams pelos ombros até colocá-lo de pé e lhe estreitou o punho no rosto.

— Deixo-o viver com um só objetivo: — afirmou Gabriel — que leve uma mensagem ao rei e me economize a viagem. Estive separado muito tempo de minha esposa e a idéia de ver o rei John me revolve o estômago.

Do nariz quebrado do barão Williams emanava sangue.

— Sim, sim — gaguejou — darei a mensagem que você desejar.

Gabriel arrastou o barão sobre a mesa e o jogou em uma cadeira. Falou-lhe em voz tão baixa que Johanna não pôde ouvir o que lhe dizia.

Tentou aproximar-se, mas imediatamente ficou rodeada de soldados que lhe fecharam o caminho.

Nicholas também queria saber o que Gabriel dizia ao barão, mas os soldados tampouco o deixaram aproximar-se. Ao dar a volta até a irmã, viu que Johanna contemplava Raulf e imediatamente se colocou diante dela.

— Não olhe. — ordenou Nicholas — Já não pode te fazer mais mal: está morto.

Considerando que o corpo do Raulf estava coberto de flechas da cabeça aos pés, era uma exigência ridícula. Johanna estava a ponto de destacar-lhe quando o irmão voltou a falar:

— Eu o matei — se gabou.

Keith se adiantou.

— Não, Nicholas, eu o matei — exclamou, quase gritando.

De repente, todos os soldados começaram a alardear que cada um tinha acabado com a vida do barão Raulf. Johanna não compreendeu o que acontecia nem por que era tão importante determinar quem era o responsável

pela morte do barão.

Nesse momento, Nicholas sorriu. Advertiu a confusão da irmã e se apressou a lhe explicar:

— Johanna, seu marido me protege de meu próprio rei. Embora Gabriel jamais o admitisse, assegura-se de que não possam me acusar de matar outro barão. Todos os seus homens continuarão gabando-se de tê-lo matado. Não obstante — acrescentou ao ver que Keith assentia — o fato é que eu o matei.

— Não, moço, eu o matei — gritou lorde MacKay do terraço.

Então, tudo começou outra vez. Quando Gabriel terminou com o barão Williams, o salão retumbava com os gritos. O lorde fez o barão levantar e esboçou um gesto de satisfação. Esperou que terminasse o vozerio, e disse a Williams:

— Dirá ao rei que no mínimo sessenta homens se atribuem a morte de seu barão favorito.

— Sim — respondeu Williams — Direi.

— E depois de ter transmitido minha outra mensagem, sugiro-lhe que faça uma coisa para me agradar.

— O que for — prometeu Williams — Farei.

Gabriel observou o homem por um longo momento antes de lhe dar a indicação final:

— Esconda-se.

Não foi necessário que acrescentasse nada: Williams entendeu perfeitamente. Assentiu e saiu correndo do salão.

Gabriel o observou partir e em seguida se voltou. Ordenou a dois dos soldados que retirassem o cadáver do quarto. Lindsay e Michael se adiantaram para encarregar-se da tarefa.

Nicholas e Johanna estavam juntos no outro extremo do salão, com Keith e Calum.

— Acabou-se, irmãzinha — murmurou Nicholas. Passou-lhe o braço pelos ombros e a aproximou dele — Nunca voltará a te machucar.

— Sim. — respondeu Johanna — Acabou e agora poderá deixar de lado a culpa. Nunca foi responsável pelo que me aconteceu no passado. Mesmo naquela época difícil, eu fui responsável por meu próprio destino.

O irmão negou com a cabeça.

— Tinha que ter sabido — disse — Tinha que ter te protegido.

A jovem elevou a cabeça e o olhou:

— Por isso se casou com Clare, não é? Para protegê-la.

— Alguém tinha que fazê-lo — admitiu Nicholas.

Johanna sorriu, pensando que não tinha importância por que Nicholas se casou com Clare. O que na verdade importava era o futuro compartilhado de ambos. Johanna estava convencida de que com o tempo Clare se apaixonaria por Nicholas, pois era um homem bondoso e de bom coração. E Clare chegaria a compreender sua boa sorte. Também Nicholas chegaria a amá-la, pois Clare era uma mulher doce. "Sim — pensou Johanna — será um bom casamento".

Gabriel a contemplava. A seu lado estava lorde MacKay que agitava as mãos enquanto falava com o marido de Johanna. Cada tanto, Gabriel movia a cabeça.

— O que será que inquieta tanto ao lorde MacKay?— disse Johanna.

— É provável que queira percorrer o castelo antes de ir ao porão tirar Gillevrey dali — respondeu Nicholas.

Johanna não podia afastar o olhar do marido. Por que demorava tanto em aproximar-se dela? Não sabia quanto necessitava de seu consolo?

— Por que Gabriel não me presta atenção? — perguntou-lhe o irmão.

— Não posso lhe adivinhar o pensamento. — respondeu Nicholas — Suponho que quer acalmar-se antes de falar com você. Deu-lhe um susto terrível. Aconselho-te que tenha uma desculpa preparada. Em seu lugar, eu me mostraria humilde — lhe sugeriu.

— Não vejo por que teria que oferecer uma desculpa.

Keith deu um passo adiante e lhe respondeu:

— Não ficou onde a colocaram, milady.

Nicholas conteve a risada. Pela expressão da irmã soube que não lhe agradava a explicação: se os olhares pudessem ferir, nesse momento Keith estaria estirado sobre o chão, preso de agudas dores.

Johanna se separou do irmão. — Fiz o que era necessário — disse a Keith.

—O que acredita ser necessário — a corrigiu Nicholas.

Do outro lado do salão, Gabriel assentiu, demonstrando que estava ouvindo a conversa e Johanna disse, elevando a voz:

— Ao partir, estava protegendo meu clã.

— Cada um de nós está disposto a morrer para proteger os outros — interveio Calum sorrindo a Johanna e repetindo suas palavras. Ficou em evidência que tinha estado escondido em uma das entradas do terraço durante o confronto de Johanna com Raulf.

— Quanto foi que ouviu? — perguntou a jovem.

— Tudo — respondeu Calum.

Keith assentiu:

— Somos bons companheiros. Todos aprendemos a lição que nos deu, milady.

Ao ver que Johanna se ruborizava, Nicholas pensou que lhe dava pudor a evidente adoração que os soldados sentiam por ela: tanto Keith quanto Calum pareciam dispostos a prostrar-se diante de Johanna para lhe render homenagens.

— Estamos muito orgulhosos de você, milady — sussurrou Calum com voz trêmula de emoção.

Johanna se ruborizou mais ainda: sabia que se continuassem elogiando-a começaria a chorar... E isso sim seria embaraçoso! Não podia permiti-lo e se precipitou a mudar de assunto. Elevou o olhar para o terraço e em seguida se voltou para Keith.

— Das janelas até o chão há uma grande distancia. Como fez para entrar?

Keith riu.

— Me surpreende que pergunte isso.

— Pergunto — replicou Johanna, sem saber no que consistia a graça do assunto — Por favor, me explique como entrou.

— Lady Johanna, sempre há mais de uma maneira de entrar em um castelo.

Johanna rompeu em gargalhadas e sua risada estava tão repleta de alegria que todo o corpo de Gabriel reagiu a ela. A garganta fechou, o coração saltou a um galope furioso e lhe custou respirar. Soube que se não a tomasse em seguida nos braços se voltaria louco. Mas necessitava que estivessem sozinhos, pois assim que a tocasse já não poderia deter-se.

"Deus querido! — pensou — quanto a amo!"

Começou a avançar para a esposa, mas em seguida se deteve. "Primeiro tenho que fazê-la compreender o inferno pelo que me fez passar. — pensou — É como se me tivesse tirado vinte anos de vida." Quando os homens de Gabriel o encontraram e lhe disseram que estava nas mãos do barão Raulf, sentiu que a mente, o coração e a alma inundavam de um terror até então desconhecido para ele. Sentiu morrer mil vezes no trajeto até o feudo de Gillevrey. Deixaria abraçá-lo só quando Johanna lhe promettesse que nunca mais voltaria a correr semelhante risco.

Gabriel pediu a MacKay que descesse para liberar o lorde da prisão e em seguida se voltou para Johanna.

— Johanna, MacBain quer que preste atenção — murmurou Nicholas.

Johanna olhou para seu marido. Gabriel fez um gesto com o dedo flexionado indicando que se aproximasse dele. A expressão do marido foi para a Johanna uma clara indicação de que faria um alvoroço, mas ela não queria perder tempo escutando-o gritar e repreendê-la com respeito aos perigos que tinha corrido: tinha acabado e ela estava a salvo. Isso era o mais importante. Por outro lado, Johanna necessitava consolo e já tinha esperado muito: lhe acabava a paciência, desejava as carícias do marido.

O único modo que Johanna tinha de obter o que queria era surpreender o marido com a guarda baixa e lhe fazer esquecer a cólera.

Deu um passo para Gabriel e se deteve. Compôs um semblante sério e cruzou os braços sobre o peito, esperando parecer desgostosa.

Gabriel ficou estupefato.

— Johanna? — disse em um tom vacilante, que fez sorrir a Johanna. Mas não se atreveu, pois desejava acalmá-lo e não enfurecê-lo.

— Sim, Gabriel?

— Venha aqui.

— Um momento, milorde — respondeu em um tom tão doce quanto a primeira brisa do verão — quero te fazer uma pergunta.

— Do que se trata?

— A expressão "muito tempo", significa algo para você?

Gabriel quis sorrir, mas a olhou com expressão severa. Sabia o que Johanna estava fazendo: queria fazê-lo sentir-se culpado por não ter chegado antes para resgatá-la.

Mas não a deixaria voltar a situação contra ele. Por Deus, se alguém teria que pedir desculpas seria esta mulher obstinada e caprichosa!

Gabriel moveu a cabeça, avançou outro passo e anunciou:

— Levará toda uma vida para acalmar meu aborrecimento.

Embora Johanna não quisesse contradizê-lo, tinha certeza de que só levaria alguns minutos. Adiantou-se até ficar diante dele.

Enlaçou as mãos e sorriu. Contemplou-o com esses subjulgantes olhos azuis e Gabriel soube que essa noite já não haveria nenhuma conversa a respeito de segurança.

— Levará toda uma vida para dizer a sua esposa que a ama? — disse, ao mesmo tempo em que esticava a mão e lhe acariciava o rosto. Em seguida acrescentou com voz repleta de ternura — Te amo, Gabriel MacBain.

A voz de Gabriel tremeu quando declarou:

— Não tanto quanto eu amo você, Johanna MacBain.

Imediatamente, Johanna estava nos braços de Gabriel que a beijava e lhe dizia em sussurros quebrados quanto a amava, que sabia que não era digno dela, que isso não importava, pois nunca a deixaria ir porque tinha se convertido no centro de sua vida.

Compreendeu que delirava, mas não se importou. Parte do que dizia tinha sentido e parte não, mas a Johanna tampouco importava: ela chorava e também delirava, derramando sobre o marido todas as palavras de amor que tinha guardado em seu interior.

Os beijos se fizeram ardentes e, quando por fim Gabriel se afastou, Johanna tremia. Soltou-a um segundo e em seguida pegou sua mão e saíram juntos do salão. Enquanto passavam diante de Nicholas e dos membros do clã, Johanna, ruborizada, manteve a cabeça encurvada. Gabriel diminuiu o passo quando subiam a escada para que Johanna pudesse segui-lo e em seguida abriu caminho entre o grupo de homens que estavam no terraço, até que chegaram ao primeiro quarto. Fez a esposa entrar, fechou a porta e em seguida tomou-a outra vez nos braços.

A roupa se converteu em um obstáculo. Gabriel não queria deixar de beijá-la o tempo necessário para despi-la e tratou de fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Com muita dificuldade chegaram à cama e fizeram amor com tal intensidade que os dois ficaram tremendo. Gabriel se mostrou suave; Johanna, exigente, mas ambos ficaram plenamente satisfeitos.

Gabriel permaneceu dentro de Johanna um longo momento depois do orgasmo, cobrindo-a por inteiro com seu próprio corpo, e apoiado sobre os cotovelos para não esmagá-la. Beijou-lhe diante, a ponte do nariz e, por fim, o queixo.

Johanna soltou um bocejo ruidoso. Gabriel se deitou de lado, cobriu a mulher com a túnica e a atraiu para seus braços.

— Agora deveria dormir — murmurou.

— Não sou tão fraca, Gabriel.

O homem sorriu na escuridão.

— Não, não é fraca. — admitiu — É forte, valente e honrada. — inclinou-se para lhe beijar o cocuruto e acrescentou:— Mas está grávida, meu amor. Tem que descansar, pela criança. Sem você, Alex e eu estaríamos perdidos. Johanna, é o pilar de nossa família. Faz tempo que sei, e acredito que por isso fui tão superprotetor. Queria ter te trancado sob chave para que não te acontecesse nada.

Com um matiz risonho na voz, Johanna lhe respondeu:

— Permitiu-me costurar.

— Diga outra vez que me ama: agrada-me ouvir isso.

A jovem se aconchegou contra o marido.

— Amo-te. — murmurou — Quase desde o começo. No mesmo dia em que nos conhecemos meu coração se derreteu por você.

— Não. — replicou o homem — Tinha medo.

— Isso foi até que me fez uma promessa — o corrigiu Johanna.

— Que promessa te fiz?

— Que não me morderia.

— Mesmo assim, estava atemorizada.

— Talvez um pouco. — admitiu — Mas em seguida Deus me deu um sinal e soube que tudo resultaria bem.

— Explique isso — disse Gabriel, intrigado.

— Rirá.

— Não.

— Trata-se de seu nome. — sussurrou a jovem — Antes da cerimônia nupcial eu não sabia. Nicholas te chamava MacBain, o mesmo que seus homens. Mas deu ao sacerdote seu nome completo e nesse instante soube que eu estaria a salvo.

Gabriel rompeu a promessa e riu, mas a Johanna não incomodou.

Quando o marido cessou de rir, disse:

— Tem o mesmo nome que o mais elevado dos anjos. — explicou
— Minha mãe me ensinou a rezar ao arcanjo Gabriel. Sabe por quê?

— Não, meu amor, não sei por quê.

— Porque é o protetor dos inocentes, o vingador das maldades.
Cuida das mulheres e das crianças e é nosso guardião.

— Se isso fosse verdade e não uma fantasia, não te cuidou muito bem. — disse Gabriel, recordando os anos penosos que Johanna tinha passado sob o controle de Raulf e imediatamente se encolerizou outra vez.

— Oh, mas o arcanjo me protegeu! — insistiu Johanna.

— Como?

— Permitiu que conhecesse você.

Esticou-se e lhe beijou o queixo.

— Não importa se me entende ou se acha que estou louca,
Gabriel. Só me ame.

— Amo-te, moça. Sabe o orgulhoso que senti quando ouvi como me elogiava esta noite?

— Refere-se ao que disse quando você estava no terraço?

— Sim.

— Era importante que Raulf soubesse a verdade. — disse Johanna
— Não sabia o que é o amor autêntico. — acrescentou, sorrindo ao marido — Eu sei quando compreendeu que me amava. — alardeou — Foi quando me encontrou na árvore e viu os lobos mortos.

Gabriel moveu a cabeça.

— Não. Foi muito antes desse incidente espantoso.

Johanna lhe pediu explicações.

— Foi ao ver que aceitou Alex imediatamente. Recorda o que disse quando perguntou se eu tinha dado um presente de casamento? Eu recordo

palavra por palavra. Disse: "Deu-me um filho." Foi nesse momento que entrou em meu coração, só que levou um tempo para que eu compreendesse.

Ante a menção do filho, Johanna ficou carrancuda.

— Sem dúvida, Alex deve estar inquieto. Quero retornar a casa... Com você. Não quero que vá para a Inglaterra.

— Não é necessário que vá — respondeu Gabriel — Williams levará minha mensagem ao rei John.

— O que lhe dirá?

— Que nos deixe em paz.

— Informou Williams sobre o pergaminho oculto na capela?

— Não.

Johanna se surpreendeu.

— Eu pensei que...

— Raulf está morto. — explicou Gabriel — O rei já não tem nenhum motivo para nos incomodar. Se resolvesse enviar mais tropas por qualquer razão, então falaríamos dessa maldita evidência.

Johanna refletiu um bom momento sobre a explicação do marido e finalmente chegou à conclusão de que tinha razão. O rei não tinha por que saber que ela tinha conservado o documento.

— Quer que o rei acredite que tudo terminou.

— Sim.

— Alguma vez alguém saberá a verdade a respeito de Arthur?

— Já há muitos barões que suspeitam que o rei esteve envolvido no assassinato. — disse Gabriel — Incluso Nicholas tem seu próprio suspeito e tem outra razão para estar contra o monarca.

— Qual?

— John traiu a confiança de Nicholas. Deu-lhe sua palavra de que só mandaria um mensageiro com escolta, e de que reteria Raulf em Londres.

— Mentiu.

— Sim.

— O que Nicholas fará?

— Se unirá ao barão Goode e aos outros.

— É a rebelião?

Gabriel detectou a preocupação na voz de Johanna.

— Não. — respondeu — Mas o poder de um rei sem vassalos leais, embora tenha um exército, é escasso. Nicholas me disse que os barões pensam obrigar John a fazer certas concessões imprescindíveis. Sabe por que Nicholas a entregou para mim?

Ao ouvir as palavras com que Gabriel se expressava, Johanna sorriu.

— Não me entregou a você. — sussurrou — Só se fez de casamenteiro.

— Nicholas te ama.

Johanna não compreendeu.

— É meu irmão: é obvio que me ama.

— Quando você nasceu ele já estava ali e te viu crescer, mas me disse que partiu para brigar em favor do rei quando você só tinha nove ou dez anos e retornou vários anos mais tarde.

— Sim. Retornou poucos meses antes que eu me casasse com Raulf.

— Tinha se convertido em uma mulher muito bela. — disse Gabriel — E de repente Nicholas compreendeu que tinha idéias muito pouco fraternais a seu respeito.

Johanna se ergueu na cama.

— Esse foi o assunto da discussão no dia de nosso casamento? Lembro que você se zangou e mandou Nicholas embora.

Gabriel assentiu.

— Quando soube o nome completo, compreendi que não tinham laços de sangue, e já tinha percebido que era muito superprotetor para tratar-se de um irmão.

Johanna moveu a cabeça.

— Está enganado.

— Enquanto esteve casada com Raulf, poucas vezes foi te ver e se sente culpado por essa falta, pois se não estivesse obcecado por ocultar o que sentia teria podido ver como lhe tratava esse miserável.

Johanna negou outra vez, mas Gabriel não discutiria com ela. Ergueu-a em cima dele e a rodeou com os braços.

— Acredito que já superou essa inquietação.

— Nunca se inquietou. — replicou Johanna — Além disso, agora está casado.

— Nicholas?

Johanna sorriu: Gabriel parecia estupefato.

— Sim, Nicholas. Casou-se com Clare MacKay. Deixa de rir, assim posso contar isso. Quando Clare superar o fato de que Nicholas é inglês, serão felizes juntos.

As gargalhadas de Gabriel ressoaram no quarto e a vibração de seu peito quase fez com que a cabeça de Johanna betesse contra o ombro do marido.

— Perguntava-me por que lorde MacKay lutou a nosso lado — disse Gabriel.

— Não lhe disse isso?

— Só disse que estava protegendo seus próprios interesses, mas não mencionou o casamento. É provável que se tivesse querido explicar isso eu não lhe teria prestado atenção. Estava obcecado por te encontrar.

— Levou bastante tempo.

— Não me levou quase nada de tempo. — replicou o homem — Quando meus homens me alcançaram e me informaram que estava presa, eu já tinha dado a volta e retornava ao nosso lar.

— Já estava retornando? Isso significa que se inteirou de que vinha um exército, não é?

— Sim. Um dos soldados MacDonald me disse.

— Gabriel, enquanto estive no terraço não te ouvi nem te vi. Você e seus homens foram tão sigilosos quanto os ladrões. — o elogiou.

— Somos ladrões — lhe recordou.

— Foram. — o corrigiu Johanna — Já não são. O pai de meus filhos não rouba, mas sim comercializa para obter o que necessita.

— Eu tenho tudo o que poderia desejar. — murmurou — Johanna... Essas coisas que disse sobre mim... Ouvi-la dizer isso... Saber que acreditava...

— Sim?

— Não sei expressar muito bem o que sinto.

— Sim, sabe. — murmurou Johanna — Disse que me amava. Não necessito nem desejo nada mais. Gosto de você tal como é.

Johanna fechou os olhos e exalou um suspiro de contente.

— Daqui em diante jamais voltará a correr riscos desnecessários — disse o marido.

— Tem idéia da angústia que me causou? — disse Gabriel, supondo que Johanna não tinha idéia. Esperou um minuto para que lhe respondesse, mas em seguida soube que estava dormindo.

Instantes depois, saiu do quarto para agradecer lorde Gillevrey pela sua hospitalidade. Os soldados ingleses se esparramaram pelas colinas como ratos sob o olhar vigilante dos aliados de Gabriel, chegados do norte. Nesse momento, os highlanders eram três vezes mais numerosos que o inimigo e suas presenças se faziam sentir. Seria uma estupidez que tivesse ocorrido ao barão

Williams atacar, e embora Gabriel tivesse certeza de que iria imediatamente ver John, não quis correr riscos. Duplicou o número de guardas com o passar do perímetro do castelo e insistiu em que os aliados permanecessem ali enquanto Johanna estivesse dentro.

Johanna dormiu doze horas. À manhã seguinte estava completamente recuperada dos maus momentos que passou e impaciente para retornar ao lar. Mas quando estavam a ponto de partir, pediu para voltar ao salão grande. Gabriel não pensava perdê-la de vista: seguiu-a e se posicionou na entrada.

A esposa procurou uma das criadas e a levou até o lorde.

— Não posso partir sem antes lhe dizer que Lucy é uma mulher magnífica e valente. — começou Johanna — Lorde Gillevrey, não tem você uma servidora mais leal que ela — acrescentou.

Passou uns cinco minutos elogiando a criada e quando terminou, o lorde ficou de pé e sorriu para Lucy.

— Será bem recompensada — anunciou.

Johanna ficou satisfeita de ter completado esse dever. Fez uma reverência ao lorde, agradeceu outra vez a Lucy sua ajuda e seu consolo e se voltou para partir, mas se deteve de súbito.

Viu o bispo Hallwick, que estava de pé junto a uma das entradas laterais do salão e a observava. Johanna o olhou uns segundos e foi suficiente para ver a expressão do bispo, transbordante de ódio e desprezo.

O ancião levava as vestimentas vermelhas de cardeal e Johanna se perguntou se durante a noite teria decidido elevar-se de categoria. Tinha os sacos de viagem a seus pés e o custodiavam dois dos soldados de Gillevrey. Johanna supôs que o acompanhariam até a casa em que vivia.

Ao vê-lo, lhe arrepiou a pele. Estava a ponto de partir sem reconhecer a presença desse profano, mas ao voltar-se viu um rolo longo e estreito que sobressaía de um dos sacos e compreendeu que não poderia ir sem cumprir um último e importante dever.

Caminhou lentamente para o bispo com o olhar fixo no objeto de sua cólera. Antes que Hallwick pudesse detê-la, Johanna arrebatou a vara de castigos e se colocou diante do ancião.

Hallwick retrocedeu e tentou escapar, mas os soldados Gillevrey lhe impediram a saída.

Com gestos lentos, Johanna elevou a vara diante dos olhos de Hallwicke e o ódio no olhar do velho se converteu em temor.

Johanna permaneceu aí um minuto sem dizer uma palavra. Observou a vara que tinha nas mãos enquanto Hallwick a observava. No quarto se fez um silêncio tenso. Alguns dos presente deviam imaginar que Johanna golpearia o bispo, mas Gabriel soube que não era assim. Aproximou-se da esposa e estava a alguns passos de distância atrás de Johanna. De súbito, Johanna agarrou a vara de outra maneira. Tomou por um extremo com a mão esquerda e outro com a direita e sustentou a arma outra vez frente ao bispo. Segurava-a com ferocidade e decisão e as mãos lhe doíam pelo esforço que fazia tentando quebrar a vara em dois.

A madeira era muito grossa e fresca, mas Johanna não se rendeu. Quebraria o bastão ainda que levasse o dia todo. Tremeram-lhe os braços ao exercer toda a força de que era capaz.

De repente, sentiu a força de vinte pessoas: Gabriel lhe tinha apoiado as mãos sobre os ombros. Esperou até que Johanna assentiu dando permissão.

A vara de castigos partiu pela metade e o rangido ressoou como uma explosão no salão silencioso. Gabriel o soltou e retrocedeu. Johanna continuou segurando o bastão quebrado uns instantes mais e em seguida jogou as duas metades aos pés do bispo. Girou, pegou a mão do marido e saiu caminhando junto com ele.

Sem olhar para trás.

A noite era a hora preferida de Gabriel. Gostava de ficar de bate-papo comentando os acontecimentos do dia e os planos para o seguinte com os soldados, embora na realidade nunca prestasse atenção às sugestões ou afirmações de seus homens. Certamente que fingia fazê-lo, mas enquanto isso contemplava Johanna.

Três meses atrás, Nicholas e Clare partiram para a Inglaterra. Clare não queria abandonar as Highlands e Nicholas precisou fazer uso de todo seu tempo e sua paciência para convencê-la.

Um membro da família ia, mas outro chegava. Esperava-se a chegada da mãe de Johanna em um dia ou dois. No momento em que receberam a notícia de que estava a caminho, Gabriel enviou uma escolta para aguardá-la no limite de suas terras.

Duas semanas depois Gabriel partiria para assistir à primeira reunião do conselho com os outros lordes. Não se ausentaria muito tempo, pois esperavam o nascimento do menino um mês mais tarde.

Augie e Keith tinham raptado o provador do clã Kirkcaldy. Lorde Gillevrey lhes falou desse homem e comentou que era o melhor provador em todas as Highlands. Augie manteve o sujeito encerrado tempo bastante depois que selecionou as melhores bebidas. O provador se chamava Giddy e era inofensivo. Depois de alguns meses, aborrecido, Augie teve piedade dele e lhe permitiu tentar a sorte no jogo de golpear pedras. Em uma semana, Giddy foi apanhado pela febre. Agora havia dois fanáticos cavando buracos por todo o pátio, o campo e o vale ao pé das colinas, e Gabriel suspeitava que quando tivesse concluído a negociação com os barris e Giddy pudesse partir, era provável que ficasse. Augie e Giddy ficaram amigos rapidamente, e quando não estavam jogando arrastavam recipientes de cobre até a cabana de Augie para convertê-los em aparelhos mais eficientes para preparar as bebidas.

Durante todas as noites Johanna sentava junto ao fogo e trabalhava na tapeçaria. Dumfries esperava que se sentasse e em seguida se acomodava aos pés da senhora. Tornou-se um costume que Alex se aconchegasse perto da mãe e adormecesse ouvindo as histórias de Johanna sobre ferozes guerreiros e donzelas loiras. Os contos de Johanna tinham uma linha única, pois nenhuma das heroínas de seus relatos necessitava que um cavaleiro de armadura brilhante fosse resgatá-la: com mais frequência, era a donzela que resgatava o cavaleiro.

Gabriel não podia contradizê-la: o que contava a Alex era verdade. Era um fato comprovado que existiam donzelas capazes de resgatar guerreiros poderosos e arrogantes. Certamente que Johanna o tinha resgatado de uma vida fria e desolada! Tinha-lhe dado uma família e um lar. Era seu amor, sua alegria, sua companheira.

Era sua benção salvadora.

Traduzido e corrigido por

Projeto_romances

Projeto_romances@yahoo.com.br

Epílogo

Inglaterra, 1210

O cheiro da carne moribunda imperava na atmosfera fechada e densa da antecâmara. O quarto estava cheia de sacerdotes e estudantes que rodeavam o leito por todos os lados. Sustentavam círios e entoavam preces pelo bem amado bispo.

Hallwick estava morrendo e sua respiração era superficial e irregular. Não tinha forças para abrir os olhos. Em um extremo do quarto havia uma mesa redonda coberta de moedas que os sacerdotes tinham arrecadado entre a congregação, para pagar indulgências ao bispo. Pensavam comprar a entrada no Céu, e o ouro seria entregue à Igreja para assegurar que qualquer dos pecados que pudesse ter cometido o santo homem no passado fosse perdoado.

Hallwick nunca tentou ocultar seu ódio e sua repugnância para com as mulheres, mas os sacerdotes que ele educou jamais acreditaram que esse ponto de vista fosse pecaminoso. Aceitavam como feitos cada uma das afirmações do bispo e estavam resolvidos a pregar a boa palavra do professor a seus próprios alunos, para que passasse de geração em geração.

Entretanto, o bispo se contradisse: morreu clamando o nome de sua mãe.

FIM